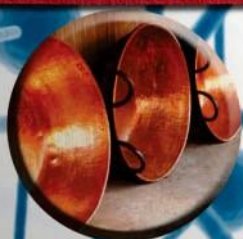


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - 2011
LUANA MOREIRA MARQUES



A FESTA EM NÓS

fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia - Uberlândia/MG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRARIA
Área de Concentração: Planejamento e Gestão dos Espaços Rural e Urbano

A FESTA EM NÓS
fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de
Martinésia – Uberlândia/MG

LUANA MOREIRA MARQUES

UBERLÂNDIA - MG

2011

LUANA MOREIRA MARQUES

A FESTA EM NÓS

fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia/MG

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos.
Co-Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral

UBERLÂNDIA - MG

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M357f Marques, Luana Moreira, 1985-
2011 A festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no distrito de Martinésia – Uberlândia/MG / Luana Moreira Marques. - 2011.
237 f.: il.

Orientador: Rosselvelt José Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui bibliografia.

1. Geografia - Teses. 2. Cultura popular – Uberlândia (MG) - Teses. 3. Folia de Reis – Uberlândia (MG) – Teses. I. Santos, Rosselvelt José. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

LUANA MOREIRA MARQUES

A FESTA EM NÓS

**fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia –
Uberlândia/MG**

Uberlândia, dezembro de 2011

Banca examinadora

Prof. Dr. Rosselvelt José Santos (orientador) – (IG - UFU)

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão – (IG / UFU)

Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos – (UEG/Quirinópolis)

Profa. Dra. Maria Clara Tomas Machado – (INHIS - UFU)

*Àqueles que me ensinaram a entender os cheiros,
as cores e os sabores da festa. De forma sutil,
teceram sobre outras geografias, as minhas, as
suas e as nossas. A eles, os mestres na/da vida,
os meus professores, o povo da festa.*

AGRADECIMENTOS

Dizem que a vida é composta por fases. Na escola aprendemos que cada ser nasce, cresce, se reproduz e morre. Esse entendimento não deixa espaço para a diversão, para a filosofia de boteco, para o drama e até mesmo para a festa. Por isso, prefiro ver a vida de outra forma, como um entreposto de emoções, trocas, processo em que realmente crescemos, mas o fazemos enquanto ser de poesia. O previsível, enquadrado, regrado, não encanta... O bom é ver e viver a vida com os olhos de Pollyanna¹, jogar o jogo do contente a todo tempo e em todo espaço. Foi assim que vivi a pesquisa, num misto de sentimentos que a cada momento mostrava minha humanidade, composta de fraquezas, dúvidas e novas possibilidades. Percorri um longo caminho, mas nunca o fiz sozinha. Pelos lugares da vida e da festa encontrei pessoas... sujeitos... cada qual me tocou de uma forma diferente e única. A eles devo meu eterno reconhecimento, respeito e gratidão.

O texto é resultado dessas interações. Fui redatora, compilei as palavras e as organizei em orações, parágrafos e capítulos numa tentativa de traduzir em palavras os processos, gestos e emoções vividos no tempo e espaço festivo. Mas não fui articuladora única. Ainda que a responsabilidade formal fosse minha, reconheço outros autores dessa saga – aqueles que compunham o cenário da festa. Agradeço, em especial, a cada um.

Aos foliões: Augusto Alves Ferreira, Francisco Almeida (Calango, *in memorian*), Adenídio Ribeiro da Silva, Derso Pereira Dias, Divino José de Souza (Zinho), Ednamar, Gino (*in memorian*), Luis Gustavo Silva, Otacílio, Paulo Henrique Dias da Silva (Boião), Reyner Ferreira Rocha, Rubens Gonçalves Moreira, Silvio Ribeiro, Waldemar Fagundes dos Santos (Soninho).

Aos sujeitos da festa: Abadia Aparecida Ferreira, Adilon Rodrigues, Alda de Fátima Vieira, Antônio Dolla, Benedito Donizete Ferreira, Celina Mendes da Cruz, Cesar Calábria, Cezimar dos Reis Januário, Cibele Bianca de Souza, Ciro Humberto Almeida Alvares, Derci Rosa da Silva, Delinei Borges Pacheco, Dovenir Domingues, Eduardo Borges Resende, Elaino Braga da Silva, Elizângela Moreira Pinto, Emidio Barbosa (*in memorian*), Enestina Silva Nascimento (Dona Nestina), Fabrício Almeida, Francisco de Almeida Filho, Geraldo Bezerra de Medeiros, Helena Maria

¹ Personagem do livro homônimo de Eleanor H. Porter, clássico da literatura infanto-juvenil.

² Modelo do questionário disponível no apêndice do trabalho.

Reginaldo, Ilma Marques Silva, Isabel de Lourdes Dias Pereira, Isabel Divina de Queiroz, Jairo Amâncio, Janaina Mendes, Janeides Maria Silva Domingues Golveia, João Guilherme Calábria, José Adolfo de Almeida Neto, José Geraldo Pacheco, José Januário (Zequinha), Leda Márcia Pacheco, Linda Mary Jacó Espíndola, Lindalva Mendes Rosa Vieira, Linton Roberto Rosa, Luzia Alves Borges, Marcus Paulo Vieira, Margarida Alves Borges, Maria de Lourdes Silva Ferreira, Maria Esmeraldina de Almeida, Maria Januária (Dona Fia, *in memoriam*), Maria Olímpia Mendes, Mariele Vieira, Marina Abadia Santos de Medeiros, Miralva Calábria, Mônica Rosa dos Santos, Neila Fernandes Justino, Nilson Costa, Odilom Rodrigues, Oswandir Antônio Januário, Pedro Henrique da Silva Correia, Pedro Vieira, Renan Vieira, Renan Vieira Júnior, Rogéria Aparecida de Souza, Rubens Vieira, Sandro Biasi, Silvana Dias Silva, Telma Donizete Ferreira, Ualda Martins Januário, Valéria Cristina Santos Barbosa Cintra, Vivian Almeida Alvares, Wilmar Resende, Zuleide Janúrio.

Aos anfitriões da folia que me receberam durante os giros e ao Sr. Alair José Rabelo, pela atuação frente à Associação de Folias de Reis de Uberlândia.

Um abraço especial no meu orientador, Professor Rosselvelt José dos Santos, que sempre me fez buscar além do que estava aparente, apontando os caminhos e possibilidades da investigação científica. Meu respeito à Rita (de Cássia de Mello Peixoto) Amaral, co-orientadora da pesquisa, que me inspirou a entender a festa à Brasileira.

Aos meus professores e aos membros das bancas (de qualificação e defesa final) que sempre foram receptivos e fizeram ótimos apontamentos no sentido da construção e amadurecimento da pesquisa: Beatriz Ribeiro Soares, Carlos Rodrigues Brandão, Christian Dennis Oliveira, Jean Carlos Vieira Santos, Marcelo Cervo Chelotti, Maria Clara Tomaz Machado, Mirlei Fachini Vicente Pereira, Roberto Rosa, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde, Vicente de Paulo da Silva.

Aos colegas (de ontem e de hoje) do Laboratório de Geografia Cultural e turismo: Antônio Miranda de Oliveira, Arlete Mendes da Silva, Arley Haley Faria, Cássio Alexandre da Silva, Cláudia Costa, Edevaldo Aparecido, Fernando Braconaro, Hebert Canela Salgado, Jaqueline Borges Inácio, Jean Carlos Vieira Santos, Leomar Tiradentes, Mônica Arruda Zuffi, Nelson Dantas Cruz, Paulo Henrique Lima de Oliveira, Paulo Irineu Barreto Fernandes, Ricardo da Silva Costa, Rodrigo Borges de Andrade, Ronaldo Milani Zanzarini.

Aos companheiros de trabalho na Universidade de Uberaba, que sempre me apoiaram e incentivaram: Aline Turatti Alves, Christian Ramalho, Galsione Cruvinel Silva, Guilherme Laguardia de Oliveira, Joceli Pereira Roberto, Maria das Graças Martins Bibiano, Mônica Valle Caetano, Vagner Limiro Coelho. Agradeço, também, aos meus alunos do curso de licenciatura, que sempre questionavam sobre a pesquisa e me desafiavam a compreender a geografia da festa.

Agradeço a todo o pessoal do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, sobretudo, pela assistência nas questões burocráticas. Cito aqui as secretárias Cynara Costa Machado e Dilza Côrtes Ramos que sempre me receberam com muito carinho e os coordenadores do Programa de Pós Graduação em Geografia: Samuel do Carmo Lima e Rita de Cássia Souza.

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de Geografia pelo ensino de qualidade e por possibilitarem o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão desde os tempos de graduação, contribuindo diretamente com minha formação enquanto estudante e cidadã.

À Capes, pelo financiamento da pesquisa por meio de bolsa de estudos.

Agradeço à minha família, pessoas de fé que me ensinaram a importância do ser, enquanto ser... que vive, tem dúvidas, angústias e alegrias. Saúdo, principalmente, minha mãe, Silvania de Sousa Moreira Marques, meu pai, Leonaldo Marques de Ávila e minha irmã, Suélen Moreira Marques, os dois primeiros por me colocarem em contato com o santo, e a última por nunca entender a cantoria da folia.

Oportunamente homenageio meus avós paternos, Dirce Ávila Borges e Leoventino Marques Fernandes. Saudade dos meus avós maternos, Helena Maria de Sousa Moreira e Valdomiro Montalvão Moreira, que se foram e deixaram boas lembranças. Ambos serão sempre grandes exemplos de vida e de trabalho em equipe.

Agradeço, também, aos meus amigos, por me fazerem entender que as experiências são mais ricas e divertidas se forem acompanhadas: Adriana Silva, Alécio Perini, Ana Paula Dias, André Victor Santos, Angélica Santos, Antônio Cunha, Aristóteles Teobaldo Neto, Basileu Júnior, Cintia Colósio, Diones Carlos Almeida, Eduardo Santos, Ellen Cristina Moreira, Fernando Mesquita, Flávia Araújo, Geraldo Inácio Martins, Gisela Gasques, Graziela Ribeiro, Hebert Escobedo, Hélio Carlos Miranda, Jorge Carlos López Morán, Juliana Zarate, Karlla Bianca, Leonardo

Leucas, Lucas Franco, Marcelo Carvalho, Marcelo Ribeiro, Marcus Paulo Borges, Maria Clara Assunção Mendonça, Marinela Oliveira, Marise Carrijo, Milena Ricken, Otávio Cardona, Patrícia Freitas, Raquel Berti, Reinan Miranda, Rosielli Araújo, Sara Giffoni, Solange Martins Franco, Vívian Resende. Um abraço especial aos geógrafos, com quem podia (fazer e) discutir a festa.

Em especial aos que auxiliaram na leitura, correção e discussão do texto integral: Diones Carlos Almeida, Geraldo Inácio Martins, e Maria das Graças Bibiano. Ao Arlei Teodoro Queiroz pela assistência com os mapas. Ao Daniel Sobreira pela conversão das minhas ideias malucas na capa desse trabalho. E aos amigos que participaram da aplicação dos quase 400 questionários: Arlei Teodoro Queiroz, Jaqueline Borges Inácio, João Drigo, Kênia Alessandra da Silva, Naiara Vinaud, Rosielli Santos Araújo, Selma Sousa Moreira, Suélen Moreira Marques, Thalita Mara dos Santos.

Finalmente e principalmente, agradeço a Deus por me inspirar durante toda a pesquisa. A cada dia o senti mais perto de mim. Isso me deu força e vontade de fazer a diferença na vida das pessoas.

“Onde vou a festa é reconhecida, todo lugar que vou e falo que sou de Martinésia, o povo pergunta ‘É lá que tem uma festa muito boa?’ Fico muito orgulhosa, porque sou daqui!” Luzia Alves Borges

RESUMO

As festas populares são estruturas sociais que reproduzem crenças, signos e valores. São permeadas pelas trocas e pela realização do homem enquanto sujeito social. Nelas os voluntários e espectadores se encontram, compartilhando práticas e símbolos coletivos. No interior do Brasil algumas manifestações culturais se mantêm, como é o caso das Festas de Santos Reis. Em geral, esse tipo de festividade conta com a reprodução do tradicional entremeada pelas práticas modernas. Considerando as dinâmicas, alterações e adaptações da Festa de Santos Reis através do tempo e do espaço, tornaram-se estudo de caso as festas do Distrito de Martinésia – Uberlândia, Minas Gerais. A evolução da festa nesse lugar se impregnou de novos valores, movimentos, objetos e sujeitos, ao mesmo tempo em que abandonou parte de suas práticas e representações. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo central investigar tais dinâmicas e entender suas consequências no lugar e como seus sujeitos percebem as metamorfoses em questão. Para isso, foram realizadas incursões a campo entre os anos de 2009 e 2011, com destaque à participação efetiva, coleta de entrevistas e aplicação de questionários durante as festas dos anos de 2010 e 2011. As leituras e reflexões teóricas auxiliaram o entendimento do vivido, permitindo desconstruir as ideias pré-concebidas e repensar a festa enquanto fluxo social reproduzido no lugar. A partir dos estudos teóricos e da experiência empírica, foi possível verificar que as Festas de Santos Reis de Martinésia são estruturas fluidas, compostas por sujeitos múltiplos que, em sua multiplicidade produzem o autêntico, mesmo em meio ao espetáculo. Os cheiros, as cores, os sorrisos e sabores vivenciados nunca se repetem, porque o fluxo não permite que as práticas, expressões e elementos sejam idênticos. Nessa perspectiva, a festa muda cotidianamente, pois o sujeito é ser de transformação. Cria-se um corpo único, dinâmico que mescla o passageiro e a tradição, o fluxo e o fixo – elementos que se entremeiam ao sujeito e permitem o movimento da cultura. Desse modo, entende-se que as festas são expressões da vida social e se transmutam, adaptam e ressignificam de acordo com as necessidades e pretensões de seus sujeitos e do tempo e espaço em que existem.

Palavras chave: festa, Santos Reis, lugar, Martinésia, transformações.

ABSTRACT

The popular celebrations are social structures that reproduce beliefs, symbols and values and are permeated by the exchanges and the realization of man as a social subject. In that space-time the volunteers and spectators are and stay together, sharing practices and collective symbols. In Brazil's interior are still some cultural events, such as *Festas de Santos Reis*. In general, this type of festival has permeated the traditional reproduction by modern practices. Considering the dynamics, changes and adaptations of *Festa de Santos Reis* through time and space, it was established as a case of study at Martinésia District – located in Uberlandia, Minas Gerais, Brazil. The evolution of the feast in this place was imbued with new values, movements, objects and subjects, in the same time that left part of their practices and representations. Therefore, this study aimed, mainly, to investigate such dynamics and understand its consequences in place and how their subjects perceive the issue metamorphosis. For this to happen, there were incursions into the field between the years 2009 and 2011, with emphasis on effective participation, collect of interviews and application of questionnaires during the 2010 and 2011 feasts. The readings and theoretical reflections helped the understanding of the lived, allowing deconstructs preconceived ideas and rethink the festival while social flow that are reproduced in the place. From the theoretical and empirical experience, it was verified that *Festas de Santos Reis* realized in Martinésia are fluid structures, composed of multiple subjects that, in its multiplicity, produce the real thing, even amid the spectacle. The smells, colors, smiles and flavors experienced never repeats, because the flow does not allow that the practices, expressions and elements be identical. From this perspective, the popular celebration changes daily, as the subject is creature of transformation. It forms a unique organism that combines the passenger and the tradition, the flow and the fixed - all of which intertwine the subject and allow the movement of culture. Thus, it is understood that the festivals are expressions of social life and transmuted, resignify and adapt according to the needs and claims of its subjects at the time and space that exists.

Keywords: feast (festivals), Santos Reis, place, Martinésia, transformations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1: Relações culturais.	42
Figura 2: Martinésia, levantamento dos equipamentos da vida distrital, 2006.	66
Figura 3: Ciclo anual da festa.	71
Figura 4: Reportagem sobre a festa em mídia digital.	76
Figura 5: Disposição da folia.	108
Figura 6: Processo de espetacularização da festa.	172
Figura 7: Modelo do alvará de licença para "giro" da folia e da carteira do folião.	176

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Demografia Martinésia (1950 - 2000).	62
Gráfico 2: Proporção do crescimento da população urbana em relação à população rural no Brasil entre os anos de 1940 e 2000.	63
Gráfico 3: Proporção do crescimento da população urbana em relação à população rural no município de Uberlândia entre os anos de 1970 e 2000.	64
Gráfico 4: Meios de divulgação da festa.	78
Gráfico 5: Motivação dos visitantes.	157
Gráfico 6: Devotos que lembraram o nome dos Três Reis Santos.	193
Gráfico 7: Devoção aos Santos Reis por faixa etária.	193
Gráfico 8: Frequência dos entrevistados na festa de Martinésia.	199
Gráfico 9: Local de residência da população amostral.	200
Gráfico 10: Idade dos entrevistados.	203
Gráfico 11: Renda dos entrevistados.	204
Gráfico 12: Religião dos entrevistados.	205

Lista de Mapas

Mapa 1: Localização de Uberlândia e de seus distritos..	23
Mapa 2: Distrito de Martinésia.	59
Mapa 3: Festas de Santos Reis da região de Martinésia - Uberlândia, MG.	80
Mapa 4: Origem dos visitantes da Festa de Santos Reis de Martinésia – Uberlândia, MG.	202

Lista de Mosaicos de Fotos

Mosaico de fotos 1: Respeito à bandeira.	45
Mosaico de fotos 2: Veículos midiáticos de divulgação da festa.	77
Mosaico de fotos 3: Estrutura fixa da festa.	86
Mosaico de fotos 4: Transformações da festa no tempo e espaço.	93
Mosaico de fotos 5: Diferentes formas de recebimento/adoração da bandeira.	101

Mosaico de fotos 6: Paisagens do giro da folia.	104
Mosaico de fotos 7: Diferentes presépios observados durante o giro da folia.	105
Mosaico de fotos 8: Ordem espacial da folia.	108
Mosaico de fotos 9: Caminhos da folia.	109
Mosaico de fotos 10: Ruralidades no urbano e urbanidades no rural.	110
Mosaico de fotos 11: Encontro de folias em áreas centrais do município de Uberlândia.	112
Mosaico de fotos 12: Sabores da cozinha do dia a dia.	119
Mosaico de fotos 13: Processo de cozimento do doce de leite.	120
Mosaico de fotos 14: Mutirão para preparo da carne bovina.	122
Mosaico de fotos 15: Processo de fabricação das almôndegas.	123
Mosaico de fotos 16: Conservação dos doces e numeração dos baldes.	129
Mosaico de fotos 17: Selagem da fornalha com massa de saibro.	130
Mosaico de fotos 18: Preparo do tutu de feijão com roseta elétrica adaptada.	130
Mosaico de fotos 19: Resfriamento do doce com jarro adaptado.	131
Mosaico de fotos 20: Tecnologias da festa.	132
Mosaico de fotos 21: Cozimento do arroz.	133
Mosaico de fotos 22: Missa sertaneja.	134
Mosaico de fotos 23: Festa posterior à missa sertaneja.	135
Mosaico de fotos 24: Preparativos para a festa.	136
Mosaico de fotos 25: Barracas para comercialização de bens e serviços durante a festa.	139
Mosaico de fotos 26: Territórios marginais no "além festa".	141
Mosaico de fotos 27: Alternativas de financiamento da festa.	142
Mosaico de fotos 28: Procissão de chegada da bandeira.	144
Mosaico de fotos 29: Distribuição de alimentos na festa.	145
Mosaico de fotos 30: Coexistências.	161

SUMÁRIO

APRESENTANDO: A FÁBRICA DE DOCES	16
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – DA CULTURA AO LUGAR FESTIVO	37
1.1 As festas populares como categoria de análise cultural	43
1.2 O catolicismo popular	51
1.3 Martinésia: um entreposto de trocas	55
CAPÍTULO 2 - SANTOS REIS VISITA (E SE ESTABELECE EM) MARTINÉSIA	68
2.1 Romper, relacionar, (r)existir, renovar...	73
CAPÍTULO 3 – A FESTA NO ESPAÇO-TEMPO: MARTINÉSIA, 2010	99
3.1 É cantando que se reza: a folia de Santos Reis	99
3.2 “Estrela de Belém”: a folia na rede da festa	107
3.3 Os arranjos da festa	113
3.4 As inovações no dia de Reis	133
3.5 O lugar da festa nos usos e apropriações	136
CAPÍTULO 4 – EM E ENTRE NÓS A FESTA COEXISTE	153
4.1 A heterogeneidade da festa e o lugar do espetáculo	154
4.2 Os usos: duas festas em uma só	156
4.3 As apropriações da festa: o processo de espetacularização?	167
CAPÍTULO 5 – OS SUJEITOS MÚLTIPLOS E SEU DIREITO À FESTA	183
5.1 Festa, identidade e pertencimentos	193
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	221
REFERÊNCIAS	225
APÊNDICE	236
A. Questionário aplicado durante a pesquisa	236

APRESENTANDO: A FÁBRICA DE DOCES

Antes de iniciar a leitura desse trabalho, proponho uma viagem...

Imagine uma senhora que sempre recebeu elogios pelo sabor de seus doces. Um dia ela decide separar parte de sua produção caseira para venda. Imediatamente o produto é bem aceito e a produção aumenta, gerando trabalho a toda a família.

Com o passar do tempo, a demanda pelos doces cresce e a família decide se especializar. O patriarca aluga um espaço, compra máquinas e contrata mão-de-obra. Os doces deixam de ser vendidos exclusivamente aos conhecidos e passam a ser comercializados em toda a região.

Visando conquistar um mercado maior, a produção se especializa ainda mais. A matriarca deixa de ser a cozinheira principal e passa a coordenar as frentes de trabalho. Agora o processo ganha um caráter industrial e é dividido em áreas. Nesse contexto, pergunta-se: o doce ainda é o mesmo?

A história dessa fábrica de doces é uma analogia aos processos observados na Festa de Santos Reis realizada em Martinésia. O exemplo foi citado por meu orientador, Professor Dr. Rosselvelt José Santos, em um dos nossos encontros. Lembro que aquele era um período de grandes dúvidas e angústias. Um exemplo banal permitiu que eu organizasse minhas observações e percepções registradas durante toda a pesquisa. Espero que o entendimento das relações imaginadas para uma fábrica de doces também auxilie o interlocutor durante os momentos de reflexões e questionamentos trazidos à tona nessa pesquisa.

Encontro

A festa é encontro

Encontro do lugar com o ser

Do pensar com o agir

Festar e cantar

Contar e rezar

Pessoas

Banquetes

O santo e o baile

Encontros marcados

Desencontros eventuais

Acasos que se tornam casos

Junção do velho e do novo que fazem...

Fazem do encontro algo diferente

Lugares... pessoas... geografias

Bem vindo à festa.

Bem vindo ao encontro.



Luana Moreira Marques

INTRODUÇÃO

No rádio tocam músicas que em nada lembram a toada dos foliões de Santos Reis. Penso em como escrever a introdução desse trabalho de forma mais científica... Percebo que o excesso de formalidade e de palavras rebuscadas não combina comigo, nem com meu trabalho. Envolvi-me de tal forma que, por vezes, não consigo separar quem sou e o que é a pesquisa. A festa tem desses poderes, nos permite aproximar dos sujeitos, viajar por lugares, tocar a história de uma comunidade, viver tempos passados, perceber relatos de lamento e esperança, e, principalmente, nos ensina a ouvir.

“A festa em nós” pode ser pensada como uma manifestação cultural que habita nosso ser individual, mas também deve ser entendida como parte de uma rede social que cria nós, vínculos, teias e estabelecem relações no tempo e espaço. Trata-se de um fenômeno que envolve fluxos, coexistências e contradições que modificam o espaço e seus sujeitos. Nesse sentido, a festa abre inúmeras possibilidades para ser discutida e trabalhada na ciência geográfica.

A geografia é uma área do conhecimento que estuda o espaço e suas relações. Ela interliga elementos ambientais, sociais, econômicos, culturais, entre outros. Considerando que os indivíduos se relacionam entre si e com o meio, esta ciência incita a realização de amplas análises e interpretações das práticas sociais no espaço, ou seja, permite que se tenham discussões contextualizadas no espaço e no tempo. Partindo de categorias de análise como lugar, território, redes, espaço e paisagem, a geografia busca entender as relações do homem com o meio, assim como seus fenômenos, elementos e interações procedentes.

Sobre a temática, La Blache afirma:

Há um campo comum onde as ciências sociológicas se encontram com a geografia já que, no estudo que faz da terra, esta não saberia se desinteressar do homem. Nas lições proferidas nesta Escola, muitas vezes nos dedicamos a manifestar o que há de geográfico em certos fatos sociais. Inúmeros são os exemplos que nos mostram causas geográficas agindo através de outras causas, e pode-se mesmo dizer que, em nossas sociedades avançadas, é raro que os fenômenos se apresentem de outro modo senão em estado de combinação e repercussão recíprocos. Assim, se convém estudar os fatos em sua complexidade real, é necessário não esquecer porém que, a despeito de seus frequentes e inevitáveis encontros, as

ciências sociológicas e as ciências geográficas são de ordem diferente. Para elas, seria lastimável ignorarem-se mutuamente; contudo, devem guardar consciência de sua autonomia e levar em conta tanto as diferenças que as separam quanto as afinidades que as unem. Esse é o preço pela reciprocidade de seus serviços. (LA BLACHE, 2010, p. 01)

É possível afirmar, portanto, que a geografia está em todas as relações. Ela se ocupa do espaço perpassado pelo tempo, pelas relações e técnicas. Massey (2000, p. 178) destaca que “[...] A compreensão do tempo-espaço refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso. [...]” Diante disso, o estudo da festa no contexto espaço-tempo só foi possível por meio da observação das relações entre sujeitos, espaço, lugar, território e redes, sendo que a paisagem é testemunha das modificações históricas que deram movimento e permitiram a continuidade da manifestação.

Observar o espaço e determinar se ali há um lugar, um território, entre outras categorias balizadoras, depende da maneira com que ele é ocupado, das ações e relações que ali são engendradas. Uma área pode ser considerada simultaneamente espaço, lugar e território. O espaço da festa, por exemplo, pode ser o lugar dos voluntários e o território do festeiro. Uma categoria não exclui a outra, elas coexistem, assim como as relações sociais. Neste contexto, torna-se importante traçar alguns apontamentos iniciais sobre os termos “lugar”, “espaço”, “território” e “redes”.

O lugar é onde acontecem as relações, onde ocorrem as apropriações emocionais, físicas, simbólicas que permitem a formação da identidade. O “lugar da festa” pressupõe identificação/pertencimento com a área em que essa manifestação é vivida, independente de extensão territorial ou domínio legal. Carlos (1996) afirma que

O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos [...] é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se

reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. (CARLOS, 1996, p. 22)

O espaço, por outro lado, é uma categoria que denota maior amplitude, pois se refere ao meio, a seus elementos (naturais, culturais, sociais) e às relações estabelecidas entre eles. O espaço não deve ser visualizado pelos pesquisadores das humanidades simplesmente como área, isto é, uma porção territorial demarcada por pontos limítrofes e sem interferências, dicotomias e interações com o ambiente, pois esta perspectiva conceitual leva à perda das observações relacionais e ações provocadas pelo indivíduo no meio.

Portanto, o espaço pode ser definido, de maneira didática e simplificada, como tudo que se localiza na superfície terrestre. Ele incorpora os elementos tangíveis e intangíveis, sendo paulatinamente transformado pelos eventos naturais e por aqueles provocados pelo homem. O espaço está sujeito à interferência do homem, porém, não se limita à ação humana, este “responde” à intervenção dos sujeitos e revela o passado que se pôs em determinado tempo.

O território, por sua vez, é um espaço marcado pelas relações de poder, conforme aponta Raffestin (1993, p. 144): “[...] o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder.”

O território não deve ser entendido apenas por sua relação com o poder. Ele pressupõe reconhecimento, identificação e construção. Desse modo, um espaço onde são observadas diversas relações sociais não pode ser simplesmente submetido ao domínio de um sujeito ou instituição, pois há nele sujeitos que exercem resistências e diálogos entre si e com o lugar. Enquanto o lugar se apresenta como individual, espaço vivido, o território se constrói como algo coletivo. Ele existe a partir do reconhecimento do outro, pressupondo legitimação.

Muitas vezes, os territórios se dão de maneira velada e extra-oficial. Basta lembrar os territórios da prostituição e do tráfico de drogas – áreas “controladas” por grupos que, embora marginalizados, existem e se organizam no espaço. Nesse contexto, Rosendahl (2005) afirma que o território é constituído por significados, símbolos e imagens num espaço apropriado e controlado por algum agente social.

Nos diferentes espaços as redes se organizam. Os sujeitos se movimentam e se conectam produzindo relações, às quais se conjugam e formam nós na teia social. Para entender as redes, emprestamos de Castells (1999) a definição por ele proposta:

[...] redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, p. 499)

Portanto, as redes são conjuntos de nós interconectados. Um nó é um ponto de ligação que permite as conexões. Cada casa visitada pelo giro da folia torna-se um nó numa grande teia formada pelas relações consolidadas na festa. Relações que envolvem e mediam os sujeitos, as instituições (igreja, governo, família...), o mítico e o espaço, criando simbolismos e representações materializados na festa.

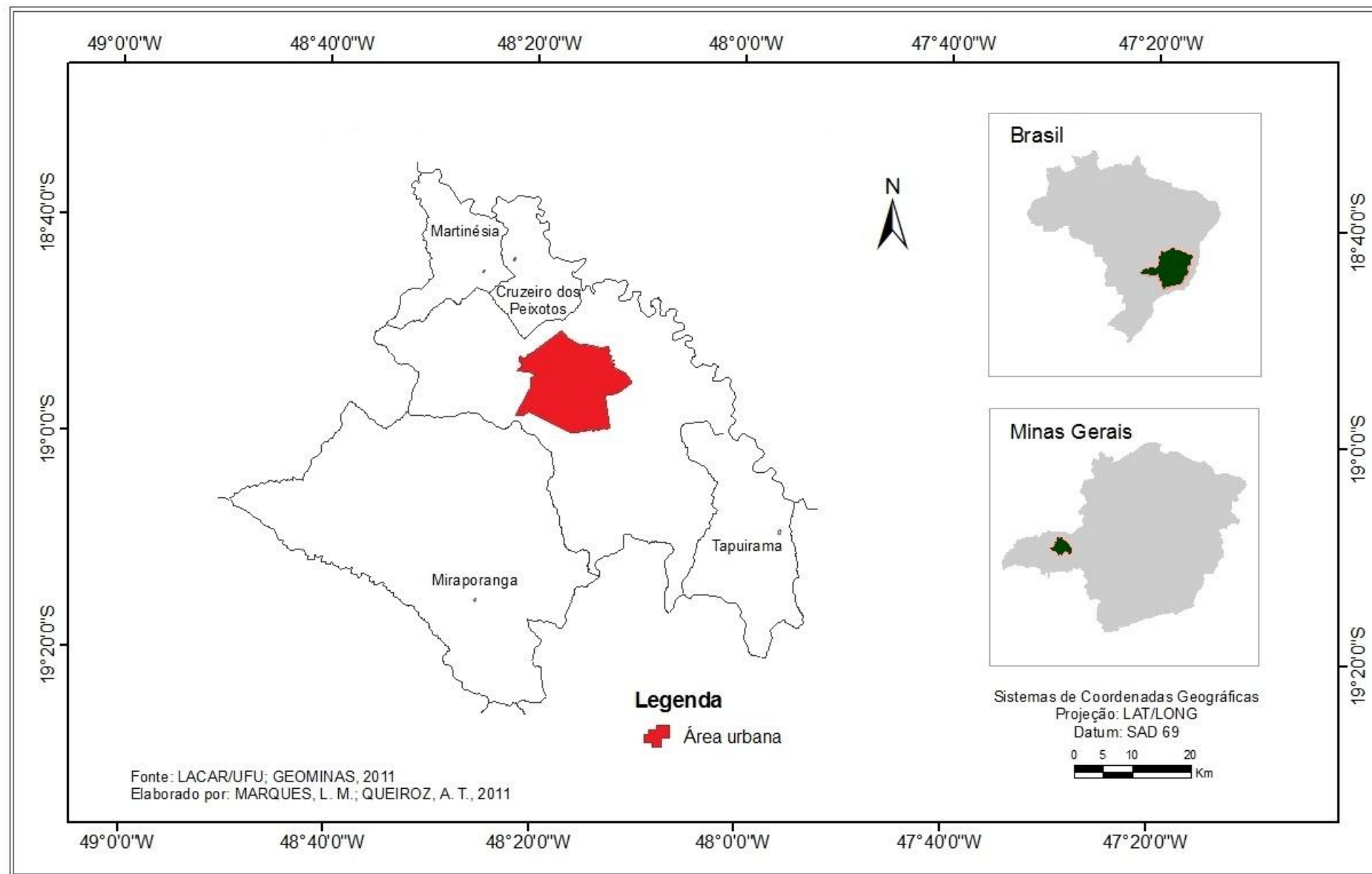
Destaca-se que o presente trabalho analisa as festas populares a partir do lugar, categoria entendida como o espaço identificado, aquele em que cada indivíduo tem algum tipo de ligação, afetividade, identidade. Ao longo do texto outras categorias também aparecem, como as redes e os territórios. As redes, por exemplo, se mostram como conexões entre os sujeitos sociais, enquanto o território é tido como espaço das relações sociais, incluindo as de poder (não se trata do território político, de fronteiras físicas, mas daquele sem marcas fixas, sem rigidez espacial, que é temporal e também cultural).

A partir da vivência empírica, da observação do espaço, das relações, das falas, olhares e comportamentos dos sujeitos, as categorias surgem. Para isso é necessário lançar mão de sentimentos e percepções subjetivas, conjugando-os à geografia cultural. Claval (1997, p. 92) observa que:

A geografia cultural moderna, ao fazer do homem o centro de sua análise, foi obrigada a desenvolver novas abordagens. Ela se construiu em torno de três eixos que são igualmente necessários e complementares: primeiro, ela parte das sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois, compreendida como uma criação coletiva;

terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva. (CLAVALL, 1997, p. 92)

O coletivo festeja; se sociabiliza pelo encontro. Sagrado e profano, fluxos e fixos, tradição e modernidade, trabalho e lazer... Elementos que juntos compõem a festa e modificam o espaço, permitindo-se, ainda, a modificação que o espaço lhes impõe. Trata-se do contraditório, complementar e antagônico que permitem a realização do homem enquanto sujeito social, cujo qual cria redes, estabelece territórios e vive sua humanidade no lugar. A festa é, portanto, criação e realização do humano. Como produção social, ela permite uma infinidade de estudos e abordagens. Nessa perspectiva, torna-se necessário estabelecer um recorte têmporo-espacial para o desenvolvimento da pesquisa. Optei por investigar a Festa de Santos Reis realizada no distrito de Martinésia, município de Uberlândia, Minas Gerais (mapa 1).



Mapa 1: Localização de Uberlândia e de seus distritos.
Elaborado por: MARQUES, L. M.; QUEIROZ, A. T., 2011.

As Festas de Santos Reis são manifestações sacro-profanas que representam a peregrinação dos Três Reis Magos até o menino Jesus. Conta a Bíblia Sagrada – livro norteador da religião Cristã – que Três Reis saíram de suas terras e empreenderam uma viagem até Nazaré, onde Jesus Cristo nascera. Lá eles presentearam o recém nascido com ouro, mirra e incenso. Embora os Três Reis não tenham sido oficialmente canonizados pela Igreja Católica Apostólica Romana, eles são considerados santos por milhares de devotos que todos os anos lhes dedicam votos, promessas e intenções.

Em geral, as Festas de Santos Reis são produzidas *pela* e *para* a comunidade. Tais manifestações contam com práticas e elementos tradicionais como mutirões, alimentação farta, socialização de causos, troca de favores, realização de “forrós”, entre outros. Esse tipo de festa ocupou boa parte da minha infância. Sempre via meus familiares se reunindo na produção do evento. Avô, avó, pai, mãe, tias, madrinhas, padrinhos, todos devotos de Belchior, Gaspar e Baltazar – os Três Reis Magos.

A fé nos Três Reis Santos (re)une pessoas e permite que elas vivam, nos dias da festa, uma rotina diferente e renovadora. O esgotamento físico de diversos dias de trabalho voluntário é recompensado pela diversão. É isso que conduz os sujeitos da festa. A fé enaltece o santo e rege o coletivo, juntamente com as relações de compadrio.

Na minha infância a festa tinha um lugar: a roça. Os giros da folia combinavam com as estradas de terra e quitandas feitas com ovos de galinha caipira. Mas em certa ocasião participei de uma festa na cidade. Asfalto, energia elétrica, convidados na rua, placas de trânsito. Como era possível a festa naquele lugar? Imediatamente senti que a estranheza da paisagem fez com que a festa não se reconhecesse em si, nos seus participantes, desencontrado-se de sua própria identidade. Entretanto, anos mais tarde entendi que o lugar confere significado à manifestação. No meu tempo-espço infantil a festa na cidade não tinha sentido, mas continuava como representação para o outro, no lugar do outro.

Por vezes, foi difícil não deixar transparecer certo saudosismo das festas do meu tempo de criança: é a razão lutando contra a emoção. Diferentes tempos e espaços que se encontram numa pessoa. Eu queria rever a folia girando a pé, os fornos de barro espalhados pelo chão de terra batida, o trabalho cantado e a

devoção dos convidados. Mas me deparei com um cenário diferente. Por isso, encontrar a essência festiva no lugar não foi algo instantâneo. Em um primeiro momento só conseguia enxergar movimentos de espetacularização da cultura, mas ao longo dos capítulos pude perceber que o texto cresce e amadurece, assim como aconteceu comigo e com o meu olhar em relação à festa. Se a sociedade muda, transformando-se no tempo e no espaço, por que seria a festa obrigada a se manter inalterada?

O recorte espacial no distrito de Martinésia foi definido espontaneamente. Busquei uma festa que tivesse tradição, ainda pensando que isso pudesse me levar a um tempo-espaço onde os processos se mantivessem como no passado, inalterados. Mas, na realidade, vi outro cenário. Percebi uma festa extremamente alterada. Confesso que não recebi as mudanças de bom agrado. A tradição estava lá, mas modificada, diferente dos meus tempos de infância.

Em princípio, não aceitava o que via e sentia. Aquela não era a festa. Chegara a Martinésia a partir de um comentário remoto. Encontro casual com uma senhora que contava sobre o distrito e sua famosa festa. Meses adiante passei a ter Martinésia como o lugar da (minha) festa; prática que se deu em mim depois que me doe a ela.

Durante a graduação e principalmente a partir das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia, entendi a importância da realização de um bom trabalho de campo. Aprendi que as respostas costumam se esconder nas situações mais simples, que o silêncio pode dizer mais que discursos prontos (o dito pelo não dito) e que a leitura do contexto transforma um cenário. Com meu orientador, professor Rosselvelt José Santos, compreendi que

Cada momento da pesquisa pode abrir um campo ilimitado de possibilidades de descobertas, trazendo como consequência um conhecimento profundo da realidade que se estuda e uma reflexão que a elucide nos seus detalhes mais importantes. Para o pesquisador, este viés aponta para uma mudança no sentido da pesquisa, pois trata-se de um caminho em que não se reconhecem mais os traços hierárquicos que separam pesquisado de pesquisador, observador de observado. (SANTOS, 1999, p. 121)

Portanto, em campo, observar não foi suficiente. Vivi o trabalho e senti a festa. Enrolei almôndegas, ajudei com os doces, lavei louça, entrevistei pessoas, ouvi os sujeitos, falei pouco, varri o chão, dormi, rezei. Ri muito... Interagi com a pesquisa viva, aquela que pulsa e respira.

A primeira incursão a Martinésia se deu em meados de 2009, com a sondagem da festa do ano, assim como de seus responsáveis. Retornei ao distrito em 24 de dezembro de 2009 para acompanhar a organização do evento. Dias depois percebi muito mais que aplicações teóricas num espaço. Aprendi a entender as ações, comportamentos e valores a partir do trabalho, da participação efetiva.

Foram 17 dias participando da organização da festa de 2010 (entre 24 de dezembro, com a saída da folia, e 09 de janeiro, data de encerramento do evento). Em geral, chegava em Martinésia pela manhã e acompanhava os trabalhos até a noite. A fase de reconhecimento e inserção no lugar foi dura, conjugando minha pouca experiência à estranheza do espaço e das pessoas. Mas paulatinamente fui me inserindo no cotidiano daqueles sujeitos, que me acolheram com tanto carinho e boa vontade.

Por três dias acompanhei o capitão Divino José (mais conhecido como Zinho) e seus foliões entre estradas de terra e asfalto, era parte do giro da folia. Juntos, percorremos diferentes paisagens urbanas e rurais. Nos dias posteriores participei dos preparativos da festa no barracão – espaço comunitário construído para sediar eventos no distrito. Lá, doceiras, cozinheiras, fiéis, visitantes, enfim, os sujeitos da festa se encontram, estabelecendo trocas, constituindo as redes e nós daquela prática social.

Durante o tempo de organização do evento foram colhidos depoimentos, receitas das preparações culinárias, e estabelecida uma série de diálogos com os sujeitos da festa. Isso permitiu desvendar suas características genuínas, entender e reconstruir formalmente sua história. As observações foram registradas em diários de campo, gravações em vídeo e imagens fotográficas. A partir de então, estabeleceu-se um paralelo entre os resultados obtidos em campo e os estudos teóricos.

É importante lembrar que a observação participante não se restringiu à festa de 2010, apesar do texto, por vezes, deter-se neste momento. Entre 2009 e 2011 voltei ao distrito dezenas de vezes. Gravei depoimentos, vídeos, capturei imagens e participei de outras festas (em Martinésia e também na área urbana de Uberlândia).

Além disso, as gravações em vídeo feitas em Martinésia durante a Festa de Santos Reis de 2011 foram editadas para dar origem a um documentário sobre os bastidores do evento.

A linguagem visual estabelecida pelas fotografias e esquemas foi utilizada para facilitar a percepção das manifestações no espaço. Durante a preparação da festa de 2010 capturei quase 1.500 imagens, além de alguns registros em vídeo. Parte das fotografias reforça a descrição e fundamenta a reflexão sobre o evento.

Destaca-se que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permitiu sentir a festa como vetor de estudo e interagir com ela. Pude ler a paisagem, espacializar a pesquisa e decifrar/desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e buscando respostas aos questionamentos levantados. Em alguns momentos, o inesperado se impôs, fazendo-me reavaliar o cenário posto. Como a incursão a campo superou as barreiras da observação e passou a ser feita por participação, em muitos momentos o texto é apresentado como uma narrativa dos fatos e percepções.

No dia da festa parte do público espectador respondeu a questionários que permitiram investigar quem são esses sujeitos, de onde eles vieram, qual sua situação sócio-econômica e a relação com aquela manifestação cultural, dentre outras características que auxiliaram o entendimento da festa como espaço-tempo da tessitura de sociabilidades.

Destaca-se que uma das grandes dificuldades encontradas deu-se pela definição de quantas pessoas participariam da pesquisa. Qual o tamanho da amostra forneceria efetiva confiabilidade quanto aos resultados obtidos? A resposta foi dada a partir de princípios estatísticos. Por outro lado, permiti-me, também, pensar a realização da festa a partir de elementos não mensuráveis. Para além dos números e quantidades, a festa se realiza no interior do sujeito, na sua emoção, no seu envolvimento e na realização do seu tempo livre, do seu flunar.

Ainda que alguns possam questionar o uso da estatística em uma pesquisa que se quer qualitativa, resolvi não abandonar esta fase do projeto, pela importante contribuição sobre a compreensão da festa que sua aplicação proporcionou-me. Portanto, entendo que esta pode ser uma importante etapa da leitura e da elucidação, do que seja a manifestação em questão, também para o interlocutor. Primeiramente, foi determinada a fórmula para o cálculo do tamanho amostral (FONSECA e MARTINS, 1996):

$$n = \frac{z^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N}{e^2 \cdot (N-1) + z^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}}$$

Sendo que:

n = tamanho da amostra

z = coeficiente da normal

e = erro padrão

N = tamanho da população/universo

\hat{p} = proporção amostral favorável

\hat{q} = proporção amostral não favorável

O segundo passo foi marcado pela aplicação da fórmula utilizando os seguintes dados:

$$n = ???$$

$$z = 1,96$$

$$e = 0,05$$

$$N = 8.000$$

$$\hat{p} = 0,5$$

$$\hat{q} = 0,5$$

Sendo que “ z ” corresponde a 1,96; “ e ” é o erro padrão pré-determinado nas tabelas estatísticas; “ n ” corresponde à quantidade de participantes da festa de 2010 (o número foi super estimado antes do evento para garantir uma margem de erro inferior a 5%); já a proporção da amostra favorável e não favorável (“ \hat{p} ” e “ \hat{q} ”, respectivamente) foi escolhida a partir da viabilidade da pesquisa e da alta confiabilidade, ou seja, significa que os resultados podem ter um erro de 5% para mais ou para menos.

Tem-se, então, o seguinte cálculo:

$$n = \frac{1,96^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot 8000}{0,05^2 \cdot (8000 - 1) + 1,96^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5}$$

$$n = \frac{7683,2}{20,9579}$$

$$n = 366,6016$$

Considerando que o público da festa de 2010 foi de 6.000 pessoas (na superestimação considerou-se 8.000) e com um erro menor que 5% para mais ou para menos, chega-se ao valor equivalente a 366,6 pessoas. Ao arredondar tem-se 367 pessoas. Para facilitar os cálculos estatísticos, será acrescentada uma pessoa à amostra. Portanto o número de indivíduos que responderão aos questionários é de 368 pessoas.

Definido o tamanho da amostra e o modelo do questionário², passou-se para a fase de teste, averiguação e adaptação do formulário proposto. Para isso, foram aplicados 15 questionários em parte do público presente na Festa de Santos Reis da Capela dos Martins – área rural do município de Uberlândia. O evento foi realizado no dia 02 de janeiro de 2010, exatamente uma semana antes da festa de Martinésia.

O teste do questionário permitiu corrigir alguns detalhes do texto, mudar a disposição das questões e também alterar a redação de duas perguntas. A partir dessa ação, pôde-se estabelecer uma média de quatro minutos para aplicação de cada formulário. Esse tempo contemplou o convite e explicação sobre a participação na pesquisa e o preenchimento do questionário.

Destaca-se que não houve dificuldade de abordagem e aplicação dos questionários-teste. Todas as pessoas convidadas se dispuseram a responder as perguntas apresentadas.

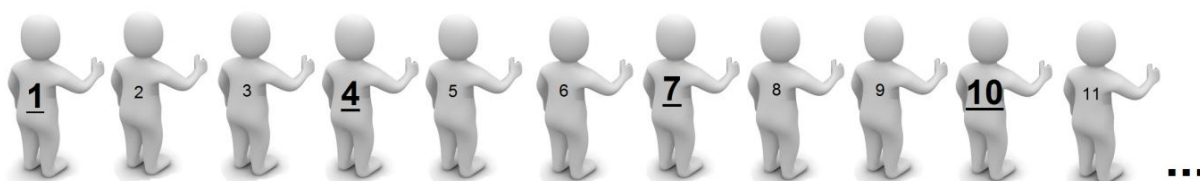
A próxima etapa consistiu na impressão de 400 questionários e no recrutamento de alguns voluntários para a coleta dos dados. Foram convidadas nove pessoas para a função, além da mestranda, totalizando dez pesquisadores. Todos eles são ligados à academia (estudantes de geografia, engenharia e uma professora de língua portuguesa) e receberam treinamento para a aplicação dos questionários.

² Modelo do questionário disponível no apêndice do trabalho.

Durante o treinamento foi explicado o critério de seleção das pessoas a serem abordadas: a partir de uma amostragem probabilística sistemática. Esse tipo de amostra é caracterizada pelo ordenamento e escolha dos indivíduos questionados em períodos pré-determinados.

Um dos pontos-chave da Festa de Santos Reis é o momento da refeição coletiva, quando se serve um jantar a todos os participantes do evento. Tal acontecimento dura algumas horas e é marcada pela formação de grandes filas para a retirada das refeições e da sobremesa. Nesse período os pesquisadores se dirigiram às filas e selecionaram os indivíduos a serem questionados. Os primeiros convites foram feitos aleatoriamente às pessoas localizadas no meio das filas. A partir de então os pesquisadores utilizaram um período/intervalo equivalente a “dois” para escolha do próximo indivíduo. Assim, a cada duas pessoas alocadas na fila, a terceira foi convidada a responder o questionário, e assim por diante. Caso o terceiro indivíduo tenha recusado participar da pesquisa, o período continuou a ser respeitado, ou seja, a próxima terceira pessoa foi indicada a responder o questionário.

Diante disso, estabeleceu-se uma progressão aritmética de razão igual a dois para recrutar os sujeitos pesquisados, como na sequência abaixo:



A sequência representa uma possível disposição de pessoas em fila. Cada número em destaque equivale ao indivíduo convidado a participar da pesquisa, no caso da Progressão Aritmética (P.A.) de razão equivalente a dois.

Ao final da coleta dos dados, todos os documentos foram reunidos, tabulados em planilhas do Microsoft Office Excel e parte dos resultados apresentados em alguns gráficos dispostos ao longo do texto. Apesar do questionário ter abordado diversos aspectos sobre o sujeito da festa, nem todos os dados coletados foram utilizados, pois os objetivos da pesquisa se modificaram ao longo da investigação empírica.

Há certa resistência em estudar aspectos sociais a partir de pesquisas quantitativas. Todavia, se aliadas às ferramentas qualitativas, as investigações fechadas e exatas (quantitativas) permitem traçar parâmetros e tendências de determinados elementos e situações sociais. No presente estudo, enquanto os questionários possibilitavam a investigação do perfil e das características dos sujeitos, as entrevistas/depoimentos tratavam de identificar suas percepções e valores sociais.

Em determinados casos, uma investigação qualitativa com coleta de depoimentos, reconstrução da história de vida e observação direta é suficiente para responder aos questionamentos levantados no início da pesquisa. Outras vezes é importante unir tais metodologias com levantamentos quantitativos para ampliar a compreensão em relação ao objeto de pesquisa. Assim, não há uma receita/forma adequada ou correta para o desenvolvimento de um estudo. Mas quando apontadas, as técnicas devem ser utilizadas com critério e precisão.

É importante destacar que a pesquisa passou pelo “crivo” da Comissão de Ética de Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia. Um dos pontos observados pela instituição é a proteção da identidade dos sujeitos pesquisados. Para cumprir a exigência, nenhum participante da pesquisa foi identificado no texto da dissertação e nem em possíveis trabalhos decorrentes dela, salvo os casos em que o indivíduo permitiu que seu nome acompanhasse o depoimento concedido. A utilização das imagens capturadas também seguiu o mesmo princípio, isto é, as feições dos indivíduos foram distorcidas para resguardá-los, exceto em caso de autorização de uso de imagem. Nas exceções colocadas, os sujeitos autorizaram a divulgação da própria identidade mediante termos de Cessão de Uso de Imagem e Depoimento.

Confesso que descrever e comentar a vivência empírica foi uma das tarefas mais difíceis de toda a pesquisa, pois em mim as práticas se consolidaram de uma maneira tão interligada que se tornou angustiante saber por onde começar e qual o caminho deveria seguir. Entendi que não há uma maneira ideal de fazê-lo, pois cada olhar sobre um fenômeno é diferente.

Se cada olhar é diferente e, considerando que a carga subjetiva do investigador intervém diretamente no trabalho empírico, não há como negar que a pesquisa tem muito de mim. Por isso, o texto é entrelaçado por passagens em primeira pessoa às quais suscitam lembranças e reflexões. Há também o uso de

reticências. Elas foram inseridas para estimular a observação e criticidade do interlocutor que acaba tornando-se um sujeito da festa, pois participa dela, mesmo que indiretamente. Assim, cada indivíduo pode se ver no tempo-espaço festivo, pensando e ponderando sobre as práticas culturais do lugar.

Existem ilimitadas possibilidades de olhar e trabalhar as festas populares. As proposições feitas nesse estudo se deram a partir da subjetividade do pesquisador, aliada à objetividade científica. A primeira não pode ser descartada, uma vez que a festa se manifesta em cada indivíduo num contexto coletivo. Já a segunda, permite uma reflexão centrada no teórico, filosófico, ontológico. É certo que as reflexões se fundamentaram na ciência geográfica, mas não se restringiram à dialética do sagrado e profano, do rural e urbano, também não trataram apenas da festa contemporânea. Elas investigaram a construção da festa ao longo do espaço e do tempo. Isso permitiu entender que a riqueza das transformações sofridas pelas festas garante a elas singularidades e particularidades que as tornam únicas. Portanto, estudar uma manifestação cultural como as Festas de Reis de Martinésia embriaga o sujeito (pesquisador, pesquisado, leitor...) de novas possibilidades e sentimentos. A junção da subjetividade maleável e da firmeza científica permite observar e pensar a riqueza das práticas, das falas, dos olhares, nuances e sentimentos estabelecidos durante as festas.

Em princípio, a pesquisa tinha como objetivo principal entender como uma festa genuinamente rural se desenvolvia num contexto urbano, mas com o passar dos meses e o início efetivo do trabalho empírico, o texto e contexto mudaram. Novos enigmas surgiram e o estudo foi redirecionado.

A condução da pesquisa (aqui não se pode negligenciar a importância das orientações feitas pelo professor Rosselvelt José Santos) permitiu o redirecionamento e reformulação do projeto original. Não fui a campo com o intuito primaz de validar hipóteses e forçar cenários inexistentes. A observação participante possibilitou o contato com a essência festiva e seus sujeitos, direcionando o trabalho na busca do entendimento sobre a dinâmica da Festa de Santos Reis realizada em Martinésia. Trata-se, portanto, de investigar a produção da festa no lugar.

Se antes eu pensava que tal manifestação se descaracterizara pela inserção do capital na cultura, o trabalho empírico suscitou novos olhares. As redes e seus nós (como conexões) foram estabelecidos entre nós (sujeitos da festa). No fim, que não é um final definitivo, não existia uma relação exclusiva entre pesquisadora e

pesquisado, mas de indivíduos que estavam *na* e faziam *a* festa. Para compreender o objeto de pesquisa, me vi inserida nele e foi daí que extraí a essência do texto dissertativo.

Diante disso, o presente trabalho desvenda parte do movimento, das práticas e desdobramentos da festa. Traçando uma analogia sobre tal afirmação, é como se esse estudo buscasse entender o contexto, a subjetividade, os meandros e as entrelinhas da produção de uma fotografia ou paisagem e seu autor. Sabe-se que essas imagens são duras, imutáveis, estáticas, fatuais, mas sua produção vem carregada de sinuosidades, valores, preceitos, conjunturas, enfim, impregnada de humanidades, possíveis de diversas leituras e releituras.

A evolução da Festa de Reis em Martinésia se impregnou de novos valores, práticas, objetos e sujeitos, ao mesmo tempo em que abandonou outros elementos, ou seja, ela se (re)inventou e (re)significou diante das temporalidades e espacialidades sociais. Como se deram e quais as consequências dessas mudanças para a festa e para o lugar? De que forma a manifestação continuou (e continua)? Quem são seus sujeitos? Qual o papel das instituições e do mercado na festa? Estes são alguns dos questionamentos que serviram de fio condutor da pesquisa.

Martinésia passou, então, a ser o lugar de estudo do sujeito, da festa; tempo no qual os encontros e desencontros se teciam cotidianamente; espaço de transformação, (re)significação, humanidades, contradições e fluxos. Desvendar a festa no lugar se tornou o escopo da pesquisa e é onde reside seu ineditismo.

O trabalho foi elaborado em cinco capítulos que se orientam pela linha do tempo desde a gênese da festa no Distrito de Martinésia até a festa do momento presente, com seus sujeitos e fluxos. No capítulo 1 se chega ao lugar da festa. O texto parte de uma abordagem teórica sobre a cultura, o popular, as festas, o catolicismo rústico e chega à formação territorial do município de Uberlândia. Observa-se que Martinésia nasce como um entreposto de trocas comerciais, tendo seu auge em meados do século XX e sofrendo, posteriormente, as consequências do êxodo rural e da modernização brasileira, quando o distrito perde população e espaço econômico para a cidade de Uberlândia.

Contudo, a intensa migração não suprimiu algumas práticas culturais do lugar, sobretudo as populares. As festas religiosas, os jogos de futebol, as conversas de fim de tarde nas calçadas, o cultivo de hortaliças e criação de animais de pequeno

porte – sobretudo galinhas e patos – entre outras ações permaneceram. Uma delas é a Festa de Santos Reis realizada nos meses de janeiro³.

O permanecimento da festa foi entremeado por uma gama de rupturas – assunto tratado no capítulo 2. Dentre os diversos elementos que geraram clivagens destacam-se cinco pontos: o asfaltamento da estrada que liga a cidade de Uberlândia ao distrito de Martinésia, a atuação das mídias na divulgação do evento, a comercialização de bens e serviços no espaço-tempo festivo, a construção de um barracão comunitário (novo *lócus* da festa), e a modernização das técnicas e tecnologias inseridas na festa.

As rupturas modificaram definitivamente a reprodução do evento, que deixou de ser reproduzida nas fazendas da região para se estabelecer na área urbana de Martinésia configurando, assim, o rompimento com o lugar.

No texto, a festa foi reconstruída por meio de depoimentos e imagens. A discussão foi norteadada por alguns questionamentos: que festa é essa? Em que contexto ela surgiu e se desenvolveu? Quais fatores a fizeram transformar? Como se deram as alterações e ressignificações da festa no lugar?

O capítulo embasa-se em reflexões, estudos e falas que abordam a construção temporal-espacial da Festa de Santos Reis realizada em Martinésia. Entende-se que traçar uma linearidade das práticas sociais neste local, questionando suas rupturas, trocas e (re)invenções, facilita a compreensão do tempo presente. Para entender tal dinâmica é necessário “viajar” no tempo e investigar as construções e desconstruções da cultura no espaço.

No terceiro capítulo apresenta-se a festa do momento, vivida em 2010. Nele foi relatada a dinâmica de organização do evento, desde a saída da bandeira em 24 de dezembro de 2009, até a coroação dos novos festeiros em 09 de janeiro de 2010.

Durante a narrativa, foi possível estabelecer um paralelo entre a festa de ontem e de hoje. Quais são as influências? Houve um rompimento com as tradições? A manifestação se adaptou à contemporaneidade? Existe movimento nessa manifestação cultural? Como ela existe no lugar?

O capítulo nasce como um convite de incursão à festa vivida. Sobre isso, recorro das conversas com a Professora Rita (de Cássia de Mello Peixoto) Amaral, que me apresentou à etnografia. Apesar do texto não se restringir à descrição das

³ No distrito também são produzidas festas fora de época, como no mês de setembro, mas a principal festividade de Santos Reis é a realizada nos meses de janeiro.

práticas e cenários sociais, tal disciplina foi fundamental para a prática empírica. Em campo, procurei ir além do superficial, buscando entender as entrelinhas dos discursos e das sociabilidades no espaço que formavam, ininterruptamente, redes e territórios no lugar.

Após o entendimento da festa (capítulo 1) construída no espaço (capítulo 2) e no tempo (capítulo 3), busquei, no capítulo 4, refletir sobre a espetacularização da cultura. Tal característica modifica a essência da tradição? Qual a dimensão do espetáculo na festa de Martinésia? O domínio do evento ainda reside na comunidade? Como a festa deixa de ser um evento local e passa a ser algo global e institucionalizado?

A partir desses questionamentos é possível entender as coexistências da festa. O sagrado atua em conjunto com o profano, a tradição e devoção com o comércio e lazer... Enfim, os antagonismos coabitam no tempo e espaço festivo, conferindo dinamismo às práticas culturais.

No quinto e último capítulo, trago o sujeito da festa para mais perto do interlocutor. Compreender a participação e o discurso desses indivíduos completa o “quebra-cabeça” da festa. As falas esclarecem o vivido no lugar e permitem o entendimento das práticas num fluxo contínuo de espaço e tempo. Nelas o sujeito aparece como é: simples e complexo, homem de diversão e de devoção, doador e receptor, enfim, o diálogo permite verificar a construção das sociabilidades a partir das humanidades.

O sujeito aparece, então, como aquele que vive e transforma a festa – dona Ualda, Lindalva, as irmãs Pacheco, os foliões, seu Calango, entre tantos outros... Todos são partes da manifestação, como um mosaico formado por peças de diferentes formas, cores e materiais, que se relaciona, se imbrica e convive em um espaço de representação. Cada uma delas carrega em si uma história e estrutura e, juntas, formam uma obra artística integrada, dinâmica e coletiva.

A rustic wooden cross made of two weathered logs, set against a bright blue sky with wispy white clouds. The cross is positioned on the right side of the image, with its vertical beam extending from the bottom towards the top and its horizontal beam crossing it in the upper half.

Além do olhar

Não basta olhar

É necessário perceber

Os cinco sentidos são restritos

Restringem uma percepção humana

Há um outro sentido

Sentido que permite uma conexão com o lugar

Com o território

Com a paisagem

Com o espaço

Com o humano...

O sentido geográfico

Luana M. Marques

CAPÍTULO 1 – DA CULTURA AO LUGAR FESTIVO

Embora haja uma grande variedade de estudos sobre festas populares no século XX, o viés extremamente descritivo e pouco analítico destas obras dificulta o entendimento das inter-relações estabelecidas a partir das manifestações festivas. Isto se dá porque boa parte dos trabalhos em questão foram desenvolvidos por folcloristas que se limitaram a etnografar as práticas observadas em cada *lócus* e registrá-las. Não se pretende reduzir a importância destes levantamentos, bem como de seus métodos e pesquisadores, entretanto considera-se importante transcender o olhar etnográfico e compreender as relações que se estabelecem por detrás das práticas observadas em campo.

Mas antes de adentrar no universo das festas populares, considera-se importante entender o que é cultura, tendo em vista que as festas são elementos culturais e estão presentes no meio social.

Um dos conceitos de cultura mais difundidos e utilizados até meados do século XIX é o de Tylor (1871, *apud* White, 1960): “Cultura [...] é o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Verifica-se que boa parte dos conceitos formulados a partir de então são derivados da definição tyloriana que destaca a cultura a partir das singularidades e peculiaridades do homem.

Nesse contexto o geógrafo francês Paul Claval (2001, p. 63) define cultura como:

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. (CLAVAL, 2001, p. 63)

Claval segue a mesma linha de Tylor, quando destaca os hábitos de cada ser. Mas também reforça o fator da transitoriedade e do movimento que configura a cultura e suas relações. A cultura é um elemento inerente ao indivíduo e por isso ela

apresenta oscilações, interações, trocas e intercomunicações. Sem o movimento a cultura se torna folclore, isto é, fica estática e se perde na previsibilidade e falta de autonomia.

Seguindo a necessidade de definição e discussão do termo “cultura” Certeau (1995, p. 239), destaca sua dicotomia:

[...] a cultura oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado, ela é aquilo que “permanece”; do outro, aquilo que se inventa. Há, por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente sua “cultura erudita”. A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas –, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de um outro dia. (CERTEAU, 1995, p. 239)

As palavras de Certeau mostram a contradição e o movimento da cultura. Trata da possibilidade de incursão de novos elementos e aparições no meio social. Como a cultura não é estável/fixa, é possível observar certa latência em seus fluxos. Este atributo modifica paulatinamente as formas, características e estética das manifestações culturais, proporcionando-lhes uma dinâmica própria e singular. Portanto, a cultura é inventiva, é histórica, é processo e mudança.

A cultura e, conseqüentemente, as festas se dão a partir do movimento e da circularidade no tempo e no espaço. É possível pensar a fluidez da cultura ao tomar de empréstimo o pensamento filosófico de Heráclito de Éfeso, que diz: "Não é possível descer duas vezes ao mesmo rio, nem tocar duas vezes numa substância mortal, no mesmo estado; pela velocidade do movimento, tudo se dissipa e se recompõe de novo, tudo vem e vai" (SANTOS, 2008d).

Assim, todo ser, seja ele elemento ou pensamento, flui. Nada persiste igual. Se determinado rio for tocado seguidamente no mesmo local, em cada um dos momentos ele será diferente, pois sua fluidez o modifica. A cultura é como as águas de um rio, ela não está nas margens, mas no percurso, na correnteza. Nessa perspectiva, as manifestações culturais se modificam no tempo e no espaço,

adaptam aos sujeitos, às temporalidades e espacialidades. Algumas vezes as alterações se dão de maneira sutil, em outros momentos são postas por meio de conflitos e contradições. Toda essa mobilidade e transformação pode ser observada nas festas populares.

Chartier (2003) toca na questão da classificação das culturas diferenciando-as e, “erudita” e “popular”. Ele afirma que a cultura popular é diferente da erudita no que tange à forma, estética, expressão. Todavia, ambos os tipos se alimentam pela possibilidade das apropriações e reinvenções. No que diz respeito à categoria popular, ele explica que se trata de uma “invenção” dos intelectuais, primeiro os folcloristas, depois o ramo de sociologia, ontologia, história, entre outros. Não que o popular não exista como práticas e representações, mas que elas estão entranhadas no viver cotidiano, se entrelaçando na produção das relações sociais, são partes das experiências dos sujeitos sociais que se identificam em meio aos rituais, às festas, às crenças, etc.

Chauí (2006, p. 13) aponta quatro elementos que distinguem o popular do erudito:

A distinção entre cultura/arte popular e erudita, embora seja *realmente* expressão e consequência da divisão social das classes, *aparece* como diferença qualitativa, que pode ser observada: a) na complexidade da elaboração (a arte popular é mais simples e menos complexa do que a erudita); b) na relação com o novo e com o tempo (a popular tende a ser tradicionalista e repetitiva, enquanto a erudita tende a ser de vanguarda e voltada para o futuro); c) na relação com o público (na popular, artistas e público tendem a não se distinguir, enquanto na erudita é clara a distinção entre o artista e o público); e d) no modo de compreensão (na arte popular, o artista exprime diretamente o que se passa em seu ambiente e é imediatamente compreendido por todos; na erudita, ele cria novos meios de expressão, de maneira que sua obra não é imediatamente compreensível a não ser para os entendidos, que por isso a interpretam para o restante do público). (CHAUÍ, 2006, p. 13)

Assim como Certeau (1995) e Chauí (2006), também concordamos que o popular e o erudito apresentam elementos que os distinguem um do outro. Entretanto, é certo que há uma comunicação entre tais categorias. Além disso, acreditamos que a diferença fundamental entre o popular e o erudito é a **linguagem**.

Para que um processo de comunicação obtenha êxito, é necessário que a mensagem enviada seja compreendida pelo emissor (quem remete) e pelo destinatário (quem recebe). Se a comunicação for produzida em via única, isto é, apenas remetida, não haverá compreensão e a falta de compreensão impede as trocas. Por outro lado, se as produções culturais utilizarem uma linguagem mais espontânea, sem se bloquear por um conjunto de normas, técnicas e pressupostos que endurecem as trocas, a comunicação será efetivada.

Pode-se afirmar então, que o popular é pautado na espontaneidade, na comunicação oral que se dissemina a partir dos valores e pressupostos subjetivos de cada indivíduo. Com isso ela traça uma coletividade que se comunica, que troca e assume as práticas locais.

É importante destacar que o popular não se caracteriza por um tipo de cultura simplificada. Ao contrário, as riquezas observadas nas nuances, falas e comportamentos assumidos pelo povo são infinitos. E isso é garantido pela fluidez que se refaz a cada dia e movimenta todo o processo de (re)construção cultural.

Chartier (2003) relata que a cultura popular apresenta características específicas, como pode ser observado a seguir:

O “popular” não se encontra no *corpus* que seria suficiente delimitar, inventariar e descrever. Antes de tudo, ele qualifica um modo de relação, uma maneira de utilizar os objetos ou as normas que circulam em toda a sociedade, mas que são recebidos, compreendidos, manipulados de diversas formas. (CHARTIER, 2003, p. 151-2)

No fragmento supracitado Chartier (2003) destaca a dificuldade de se tentar classificar e encaixar a cultura popular em padrões e rótulos. Nesta perspectiva ele enfatiza que o modo de agir, de se comportar frente aos estímulos, bem como as interações com o meio e com a matéria caracterizam o popular.

Nas pegadas de Chartier (2003), a definição de cultura popular proposta por Machado (2002), distancia a erudição, lembrada pelo “racionalismo científico”, do popular e a relaciona às práticas e representações, como pode ser identificado no seguinte fragmento:

[...] De uma forma bem simples, podemos definir, em um primeiro instante, cultura popular como todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais

específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento. (MACHADO, 2002, p. 335)

Assim como Chartier (2003) e Machado (2002), Canclini (2003) também afirma que o popular é caracterizado mais por práticas sociais e processos comunicativos do que por um amontoado de objetos. É comum verificar que, de modo geral, o senso comum relaciona o popular às baixas rendas, ao tradicional (no sentido de retrógrado e ultrapassado), subalterno, àquilo que não é moda, ao velho e, muitas vezes inapropriado e decadente. Isto se dá pela valorização midiática do novo, moderno, “*cult*”, que é ao mesmo tempo oposto e inacessível às camadas populares. Neste sentido, Canclini (2003, p. 205) destaca que

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado: os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (CANCLINI, 2003, p. 205)

Diante disso, verifica-se que o popular e o erudito são diferentes e se complementam simultaneamente. Por isso, é possível observar injunções entre o popular e o erudito, tendo em vista que os seus limites não são impenetráveis, sobretudo nas artes, na música, na religiosidade e nas festas.

Apesar da linguagem utilizada para disseminação das culturas populares, eruditas e massificadas sejam diferentes, a cultura é o todo. As ações humanas são culturais e mais que tentar classificar os atos e práticas sociais, devem-se entender os movimentos e desdobramentos desses atos.

A principal ponte de ligação existente entre o popular, o erudito e o massificado é formada pelos meios de comunicação, pois eles incidem diretamente na sociedade, independente dos grupos sociais. Nessa condição o popular tende a se tornar massificado quando é estrategicamente apropriado e divulgado pelas diversas mídias. Exemplos disso são algumas festas de padroeiro, como as de São João, as Romarias, as Procissões do Divino, entre outras. Muitas dessas

manifestações culturais estão sendo espetacularizadas e apropriadas pelo comércio, igreja e turismo.

A seguir tem-se um esquema das ligações entre popular e massificado intermediadas pelos meios de comunicação:

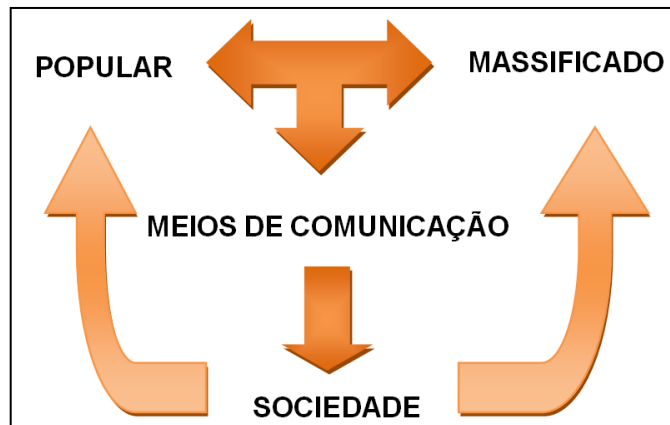


Figura 1: Relações culturais.
Fonte: Marques, Luana Moreira.

A partir do esquema é possível perceber que o popular e o massificado se comunicam entre si e com a mídia. Esta, por sua vez, interage com a sociedade que se volta para o popular e o massificado. Tais proposições formam um ciclo com várias nuances e possibilidades de combinação.

Ainda que o trânsito entre o popular e o massivo seja intensificado pela atuação midiática, este canal de distribuição não é o único que permite as ligações culturais. O indivíduo, por exemplo, também dissemina a cultura. Entretanto, a mídia detém características como a simultaneidade, a instantaneidade, a globalidade e a ludicidade que a torna o maior canal de comunicação social existente.

Diante disso, a cultura massificada tende a ser uma bricolagem das reproduções eruditas e populares que se tornam disponíveis em vias midiáticas como televisão, rádio, internet e jornais.

As festas populares se comunicam diretamente com o erudito e o massificado, sobretudo numa sociedade de redes, onde as informações e modos de vida circulam quase livremente pelo espaço (virtual e concreto).

1.1 As festas populares como categoria de análise cultural

De acordo com Ferreira (2001) e Amaral (1998), a festa é um instrumento de comunicação e é por meio da transmissão e adaptação que ela sobrevive ao longo do tempo e espaço. Destaca-se que a comunicação da festa se dá pela fé, pela oralidade, pelo ritual, pelo sagrado e profano, pela doação, formando um ciclo exterior ao tempo e ao espaço. A festa é múltipla.

Observa-se, nesta perspectiva, que a partir das transformações sociais no espaço e tempo a festa se adapta. Ela é dinâmica, se reinventa, se transforma e se insere na modernidade, agregando novos símbolos e significados, se metamorfoseando. Esse movimento estimula a renovação da festa, estabelecida a partir do tradicional, dos cheiros, da fé, das cores e dos valores humanos.

Neste sentido, a festa recruta o indivíduo e forma o coletivo que trabalha para sua realização (em favor do mito). De acordo com Santos; Alves e Lima (2004),

Como a festa é para os Santos, este atua como um mediador entre os participantes. Fazê-la para os Santos inclui a possibilidade de juntar até mesmo aquelas pessoas que têm diferenças entre si. Trabalhar para o Santo significa tolerância, prudência e ponderação, pois a festa tem essa capacidade de juntar os diferentes na realização das festividades (SANTOS; ALVES e LIMA 2004, p. 213)

As festas, sobretudo as religiosas, são repletas de signos, significados e alegorias, tendo como vetor central um mito de origem – um elemento de adoração e/ou admiração – que dá sentido à festa.

A ideia de “mito” utilizada no presente estudo está embasada na obra de Eliade (1999). O autor afirma que o mito está diretamente relacionado a entidades sagradas às quais o humano se apropria para ter referência da realidade passada, do verdadeiro, inquestionável:

[...] O mito é pois a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou *ab origine*. Uma vez dito, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. (ELIADE, 1999, p. 84)

A historiadora Maria Clara Machado⁴, durante a banca de qualificação desta pesquisa de mestrado, lembrou que a festa ou religiosidade é a representação de uma dimensão do sagrado. E o mito aí reside, porque ele não é o real, mas uma explicação metafísica do real. Seu espaço é o de imaginação, da sensibilidade, dos desejos, da busca pela interpretação, da vida. No mito a luta entre o bem e o mal mostra um viés psicológico, uma busca que o consciente, o material se assegura no inconsciente. Isso remete a uma dimensão da vida humana, cuja função simboliza esse imaginário, revelando um sentido profundo de vida. Sendo assim, a festa pertence a um tempo sagrado ritualizado, litúrgico, cujo lugar está no passado, nos primórdios, nas origens. O tempo festivo permite sair do mundo ordinário e reintegrar esse passado, essa memória de um ato religioso. A festa é o espaço de realização e da ritualização do que diz o coletivo, que renova contratos de sociabilidades, de identidades, de raízes.

Portanto, o mito é necessário ao ser humano no sentido de justificar/responder a questões inatingíveis pela ciência. Dessa forma, cria-se uma rede simbólica, que busca no imaginário individual, no subconsciente, no mítico, na filosofia, na religião, enfim, em artifícios não mensuráveis, respostas que sustentem a humanidade.

Na Festa de Santos Reis, por exemplo, a bandeira que reproduz a imagem dos Três Reis Santos, é o principal símbolo da festa. Ela guia toda a jornada da folia e tem característica essencialmente sagrada. O respeito a este ícone pode ser notado em todos os momentos da festa, pois o mito e seu poder estão representados naquele objeto.

⁴ Elaboração feita a partir de apontamentos da banca de qualificação da presente pesquisa, no dia 27 de junho de 2011.



Mosaico de fotos 1: Respeito à bandeira.

A bandeira é tida como o símbolo máximo da festa. Trata-se do santo materializado.

Autora: MARQUES, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Destaca-se que o homem utiliza-se da festa como uma forma de se libertar do tempo do trabalho (abstrato⁵), mas acaba se realienando, pois só há festa se ela for criada e produzida, ou seja, trabalhada. Nessa perspectiva, Lefebvre (1969, p.182-3) retoma Marx no seguinte fragmento:

O tempo social e sobretudo o tempo da acumulação e da tecnicidade – o tempo da Razão – tendem a se desligar dos tempos cósmicos, da natureza cíclica. Eles não o conseguem, pelo menos até nova ordem. Nossa vida cotidiana continua ligada aos ciclos das horas e dos dias, dos meses e das estações, dos anos, da juventude e da velhice. O tempo técnico lança-se ao assalto do cosmos, o tempo cotidiano permanece cíclico. Há aqui um caso notável de desigual desenvolvimento. Mas esse atraso do cotidiano sobre a técnica não tem só lados ruins. Longe disso. Não é por esse meio indireto que o gôzo existe ainda ao lado da inquietude cósmica e da aventura ilimitada? (LEFEBVRE, 1969, p.182-3)

Neste sentido, a festa **aparentemente** retoma a relação do homem com o tempo cósmico, natural, ele se desvencilharia do cotidiano ordinário, do tempo do trabalho e se esbaldaria na possibilidade – ilusória – de ter o domínio da própria existência. Mas o trabalho também está presente na festa. É certo que se retirássemos o tempo da acumulação e da tecnicidade do tempo cósmico teríamos

⁵ Sobre a categoria “trabalho” cf. BOTTOMORE (2001).

na relação com a natureza um tempo mediado pelo seu ciclo. Mas hoje essa pureza de relações só é possível a partir de um modelo teórico, pois como seria possível separar as técnicas da natureza num período de inter-relações tão intensas e indissociáveis? Se antes esses elementos eram claramente distintos, hoje eles se confundem. Afirmamos isso a partir de uma realidade urbana, ocidental. Não negamos que possam haver outros cenários, mas certamente eles estão/estariam distantes da realidade capitalista contemporânea.

Na festa o homem se permite livre e, por isso, tem a sensação de controle do tempo, dos atos, da vida e isso lhe provoca certa euforia. Desse modo, o homem precisa da festa e a festa depende do homem, formando um ciclo que se estende pelo tempo e espaço.

Se tratando de festa, é importante verificar quais elementos permeiam esta manifestação. Josef Pieper enumera doze características necessárias para compor uma festa (PIEPER, 1965 *apud* AMARAL, 2008). São elas:

1. Excepcionalidade;
2. Espontaneidade;
3. Valorização de alguma coisa perdida;
4. Significância que repousa puramente em si mesma;
5. Qualidade além de quantidade;
6. Contemplação;
7. Renúncia;
8. Esbanjamento;
9. Afeto;
10. Fruição;
11. Memória;
12. Afirmação do mundo.

Os doze princípios enunciados por Pieper permitem estabelecer um sentido às festas populares. Por outro lado é importante pensar nos pontos subjetivos desta proposição como a atribuição do “afeto”, pois eles dificultam a mensuração e análise da manifestação. Destaca-se também a ausência de pontos-chave como o “mito” ou “vetor” de origem da festa. Em relação ao mito, o elemento que mais se aproxima dele é a contemplação, mas Pieper (1999) trata esta característica como engendramento do visual, do espetáculo, do olhar e não como símbolo a ser cultuado, como pode ser observado no seguinte fragmento:

From this it follows that the concept of festivity is inconceivable without an element of contemplation. This does not mean exerting the argumentative intellect, but the "simple intuition" of reason; not the unrest of thought, but the mind's eye resting on whatever manifests itself. It means a relaxing of the strenuous fixation of the eye on the given frame of reference, without which no utilitarian act is accomplished. Instead, the field of vision widens, concern for success or failure of an act falls away, and the soul turns to its infinite object; it becomes aware of the illimitable horizon of reality as a whole.⁶ (PIEPER, 1999, p. 17)

Seguindo a linha de raciocínio de Pieper, porém com perspectivas distintas – talvez por advir de escolas diferentes – este trabalho propõe outros elementos característicos e indispensáveis às festas que modificam e complementam a lista formulada pelo autor em questão:

1. Mito ou vetor de origem;
2. Sujeitos da festa;
3. Relações sociais;
4. Singularidades;
5. Espontaneidade;
6. Estética;
7. Esbanjamento;
8. Memória;
9. Renúncia;
10. Espaço;
11. Estrutura física e equipamentos;
12. Sentimento de pertença.

Permaneceram cinco características propostas por Pieper (singularidades; espontaneidade; esbanjamento; memória; e renúncia) e foram inseridos sete novos

⁶ Tradução livre: “Disto resulta que o conceito de festa é inconcebível sem um elemento de contemplação. Isto não significa exercer o intelecto argumentativo, mas a intuição "simples" da razão, não agitação do embora, mas descansar a mente de olho em tudo se manifesta. Significa um relaxamento da fixação extenuante do olho no determinado quadro de referência, sem o qual nenhum ato utilitarista é realizado. Em vez disso, o campo de visão se amplia, a preocupação com o sucesso ou o fracasso de um ato desaparece, e a alma volta ao seu objeto infinito, torna-se ciente de horizonte ilimitado da realidade como um todo.”

elementos (mito ou vetor de origem; sujeitos da festa; relações sociais; estética; espaço; estrutura física e equipamentos; e sentimento de pertença).

O **mito ou vetor de origem** é o eixo central da festa. A partir dele justifica-se a manifestação. Os **sujeitos** são aqueles indivíduos que participam da festa. Neste caso incluem-se tanto os organizadores e foliões, quanto os espectadores. As **relações sociais** são caracterizadas pelas inter-relações entre os indivíduos na festa. São marcadas pelas trocas comerciais e simbólicas. As **singularidades** diferenciam a festa e possibilitam sua identificação perante todas as outras manifestações. Ligada diretamente às singularidades, a **espontaneidade** permite o fluir e movimentar da festa. Sem ela a manifestação “endurece” e perde sentido. O sexto elemento é a **estética**. Toda festa é permeada por esta característica que também proporciona singularidades e espontaneidade. O **esbanjamento** também é fator indispensável, pois está ligado aos excessos. As festas de um modo geral são regadas à fruição, ao esbanjamento e excesso, tanto no lado físico, como social, moral, etc. A **memória** é o oitavo elemento indispensável à caracterização das festas, está ligada à história e origem da manifestação. Destaca-se também a **renúncia**. Os sujeitos da festa são marcados por histórias de renúncia que coroam sua permanência e continuidade nas manifestações. Tem-se ainda o **espaço**, elemento que unido à **estrutura física e aos equipamentos** sustentam fisicamente a manifestação. A festa não pode ser realizada sem um *lócus* e infraestrutura, mesmo que sejam ínfimos. Por último, observam-se os valores humanos de **pertença** dos sujeitos em relação aos demais elementos. Esta característica permite o estabelecimento de redes e laços entre todos os outros pontos citados, e é um dos principais responsáveis pela articulação da festa.

Observa-se, portanto, que a festa é marcada pela formação de redes e seu dinamismo depende desta estrutura flutuante. Os sujeitos que a realizam se misturam temporariamente a instituições, organizações privadas, entre outras corporações e juntos atuam na festa, cada um a seu modo, realizando suas funções e defendendo interesses próprios. Assim, a produção do evento passa a não ser mais domínio exclusivo da comunidade e o popular se envereda por caminhos antes não percorridos, ganhando novas influências, conforme destaca Canclini:

A evolução das festas tradicionais, da produção e venda de artesanato revela que essas não são mais tarefas exclusivas dos

grupos étnicos, nem sequer de setores camponeses mais amplos, nem mesmo da oligarquia agrária; intervêm também em sua organização os ministérios de cultura e de comércio, as fundações privadas, as empresas de bebidas, as rádios e a televisão. Os fenômenos culturais *folk* ou tradicionais são hoje o produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações. Ao mesmo tempo, podemos tornar-nos mais receptivos frente aos ingredientes das chamadas culturas populares que são reprodução do hegemônico, ou que se tornam autodestrutivos para os setores populares, ou contrários a seus interesses: a corrupção, as atitudes resignadas ou ambivalentes em relação aos grupos hegemônicos. (CANCLINI, 2003, p. 220-1)

Essa multi-intervenção movimenta a festa e possibilita aos seus participantes novos usos, interesses e percepções. Em geral, o público tem origens (locacionais) e motivações diferentes durante o evento. Por isso, a demanda da festa é múltipla, podendo ser classificada, a princípio, em dois tipos: sujeitos sociais e espectadores. Os sujeitos sociais são aqueles que atuam diretamente na produção da festa e por isso têm relação estreita com ela, além de vínculos de identidade e pertença. Já os espectadores são as pessoas que contemplam a festa; tratam-na constantemente como evento espetacularizado, isto é, produto capitalista ligado ao lazer e à reprodução cultural.

Duvignaud (1983) busca uma classificação de festa voltada à participação da coletividade. Ele apresenta então dois tipos: Festas de Participação e Festas de Representação. As Festas de Participação incluem a comunidade local no núcleo da manifestação, isto é, teoricamente a população organiza e participa da festa. Isto propicia um sentimento de identidade e pertença em relação ao patrimônio imaterial em questão. Já as Festas de Representação são aquelas marcadas pela reprodução/simulação de práticas e elementos culturais voltados ao lazer e entretenimento de uma massa consumidora. É a festa espetacularizada, com atores, espectadores, sem densidade de valores ou sentimento de pertença.

Por fim, Amaral (1998, 2008), em seus trabalhos sobre as festas brasileiras, destaca o caráter mediativo e comunicacional destas manifestações. Esta autora afirma que as festas estabelecem relações de comunicação intersubjetivas entre

conteúdos culturais, sociais, políticos e econômicos, além de serem instrumentos de mediação entre elementos tangíveis e intangíveis, objetivos e subjetivos, etc., como pode ser observado no seguinte fragmento:

[...] a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta com veemência esta proposição. A festa é, ainda, mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado, presente e futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura. Mediando os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação; o diálogo da cultura com si mesma. (AMARAL, 2008, p. 5)

Amaral (2008) classificou as festas brasileiras em: Sacro-profanas, Sagradas, Profanas, Festivais e Festividades. Nas Sacro-profanas há a presença do elemento mítico-religioso, mas os festejos profanos têm grande relevância, como é o caso do Festival de Parintins e das Festas de São João. As festas Sagradas são aquelas em que o conteúdo mítico-religioso tem mais força que os elementos profanos, como as festas do Divino Espírito Santo e as Festas de Santos Reis. As festas Profanas são aquelas sem conteúdo sagrado como base. Exemplos disso são as festas de Peão Boiadeiro e a Oktoberfest. Já os festivais são os eventos que envolvem a exposição de produtos, elegendo, inclusive, uma representante anual (rainha, rei e/ou princesas). Tem-se como exemplo a Festa Nacional da Uva e o Festival da Imigração Alemã. Por último, destacam-se as festividades, caracterizadas por seu cunho lúdico e independente de sentido mítico-religioso e histórico-social como os bailes e micaretas.

Embora todos esses segmentos festivos pertençam à categoria festa, alguns foram produzidos pelo e para o capitalismo como as festas Profanas e os Festivais. Verificam-se ainda que nos demais tipos, o capital tem exercido uma forte influência, fazendo inclusive com que determinadas manifestações transponham barreiras, isto é, percam seu caráter essencialmente sagrado e se profanizem. Muitas das atuais festas sacro-profanas foram, em sua origem, essencialmente sagradas e outras que

ainda são consideradas sagradas tendem a ser futuramente classificadas como eventos sacro-profanos. Mais uma vez observa-se a fluidez das práticas culturais.

A festa é construção do sujeito, realização do humano. Trata-se de uma rede de prazer, generosidade, doação, compadrios, trocas, relações... É instrumento de mediação, comunicação, integração... E também há nela poder, transgressão, oposição, irreverência, humanidades... Enfim, a festa é o evento do encontro e do movimento que se (re)cria cotidianamente.

1.2 O catolicismo popular

Quanto se trata das festas populares brasileiras, sobretudo aquelas nascidas no rural, remete-se ao catolicismo popular. O Brasil é o país com maior número de católicos no mundo. De acordo com pesquisas da CPS/FGV (Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas), no ano de 2009 68,43% dos brasileiros afirmaram seguir tal religião⁷. Nessa perspectiva, é importante entender como um país originalmente pagão se tornou o maior centro católico do mundo. A resposta está na herança colonial.

A “descoberta” do Brasil se deu, oficialmente, pelos portugueses no ano de 1500. Os anos entre 1500 e 1530, caracterizaram-se pelo período pré-colonial, já que o governo português não traçara nenhum plano de ocupação para as terras brasileiras. Entretanto, a partir de 1530, o governo decidiu pela ocupação do novo território por meio das Capitânicas Hereditárias. Observou-se, então, a migração de lusitanos para o Brasil, em busca de terras e de uma “nova” vida. De acordo com Freire,

A nossa verdadeira formação social se processa em 1532 em diante, tendo a família rural ou semi-rural por unidade, quer através de gente casada vinda do reino, quer das famílias aqui constituídas pela união dos colonos com mulheres caboclas ou com moças órfãs ou mesmo à-toa, mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros. (FREIRE, 1980, p. 22)

⁷ Dados disponíveis em <<http://www.fgv.br/cps/religiao/>>. Acesso em 23 de ago. de 2011.

A migração portuguesa trouxe alegorias, símbolos e resíduos do modo de vida lusitanos para o Brasil. Um deles é a religião católica, bem como seus santos, suas festas e seus rituais.

Imagine um cenário composto por famílias camponesas alocadas no interior brasileiro num passado não muito distante. Esse grupo não disporia de comunicação eficiente com os centros urbanos, mas seria consolidado mediante princípios básicos do catolicismo. Lá a igreja chega, mas não se estabelece como uma entidade efetivamente presente. As visitas do sacerdote se dão apenas em algumas datas pré-estabelecidas visando celebrar os principais ritos da religião. Neste tipo de lugar é desenvolvida uma forma de culto muito particular que conjuga os princípios do catolicismo com as práticas cotidianas. Trata-se do catolicismo popular, também conhecido como catolicismo rústico ou catolicismo de *folk*. De acordo com Zeni Rosendahl,

A liderança religiosa cabe aos rezadores, leigos que assumem a função de evangelização na ausência de padres e bispos. A dimensão do lugar nos oferece as características do catolicismo popular tradicional. O oratório é o espaço religioso nas residências. Em alguns casos, o espaço sagrado da comunidade que abriga o santo protetor e padroeiro é uma pequena capela. (ROSEND AHL, 2005, p. 207)

Andrade, por sua vez, afirma que:

Sob influência marcante das tipologias de Thales de Azevedo, de Maria Isaura P. de Queiros e de Candido Procópio F. de Camargo, o catolicismo popular recebe denominações variadas, de acordo com seu espaço e postura diante de uma sociedade estagnada ou em plena mudança. (ANDRADE, 2006, p.1)

Apesar de não haver uma concordância em relação ao termo utilizado, o catolicismo em questão apresenta algumas características próprias. Ele é criado para suprir um espaço deixado pela Igreja Católica nos grupos sociais do interior brasileiro. Tem sua essência cravada numa sociedade rural que, distante do catolicismo oficial, proclamado pelo clero e praticado sob o teto das casas paroquiais, criou seus próprios ritos a partir da mescla do cotidiano vivido com o sagrado, percebido nas poucas visitas dos representantes da Igreja. Nas palavras

de Zaluar (1983, p. 13-4) “[...] o catolicismo popular é uma religião voltada para a vida aqui na Terra. Nesse sentido, é uma religião prática [...]”

De acordo com Toledo (*online*, 2011), o Catolicismo Popular Católico apresenta algumas características marcantes:

- o caráter de homogeneidade, pois que todos se colocam à serviço da Igreja Católica;
- o caráter de heterogeneidade na medida em que atinge diferentes níveis sociais;
- mantém o caráter rural;
- desenvolve o misticismo, a procura do sagrado, de proteção;
- é marcado pela alegria dos cultos dos santos familiares e dos padroeiros, com festas, ladainhas, procissões;
- se opõem ao catolicismo oficial, pois corresponde ao catolicismo dos leigos, dos oprimidos, em oposição ao catolicismo clerical, instruído, erudito;
- é humano, espontâneo, unindo o sagrado e o profano, com todas as suas consequências;
- é moralista;
- desenvolve uma forma de viver a religião, uma prática, assinalada pelo calendário, determinando o ritmo da vida das comunidades locais.

Embora as características destacadas por Toledo (*online*, 2011) permitam traçar um perfil do catolicismo popular, é importante considerar que alguns dos apontamentos também são percebidos no catolicismo oficial como o caráter moralista e o heterogêneo da religião. O autor também afirma que o catolicismo popular mantém o caráter rural. Todavia, é possível verificar cada vez mais que esse tipo de catolicismo tem se agregado aos espaços urbanos e se reproduzido em novos lugares, como as periferias das grandes cidades. Sobre a temática, Brandão afirma que:

Olhado de perto, isto a que damos o nome de catolicismo popular possui tantos matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais: no campo ou na cidade, na Amazônia ou em Minas Gerais, em áreas de uma marcada influência de tradições negras, como a Bahia, ou de migrantes italianos, como em São Paulo. (BRANDÃO, 2004, p. 268)

Quando o camponês foi expropriado das terras, ele migrou para as áreas urbanas e levou consigo suas práticas e crenças. Isso fez com que as periferias das cidades – *lócus* das famílias migrantes – se tornassem palco de diversas manifestações do catolicismo popular. É lá que se encontram as benzedadeiras, que se reproduzem as festas do povo e que se rezam os terços.

Para Brandão (2004, p. 268-9),

Uma de suas características comuns, no entanto, está em que este catolicismo ancestralmente laico e rural, quase chega a constituir um pára-sistema religioso setorialmente autônomo frente a uma igreja de que ele sempre se reconhece parte. Ali estão tanto as crenças populares e alguns costumes patrimoniais, como sistemas sociais de trocas de atos, de símbolos e de significados que, no seu todo, recobrem quase tudo o que uma pessoa necessita para sentir-se de uma religião e servir-se de seus bens e serviços. Mas, à diferença do que acontece no campo evangélico, mesmo nos surtos messiânicos históricos do catolicismo camponês, sempre os seus agentes se reconhecerão subordinados às autoridades da igreja oficial e sempre se levará em conta que alguns rituais de importância essencial somente podem ser ofertados pelos sacerdotes eruditos. (BRANDÃO, 2004, p. 268-9)

Seguindo essa linha de pensamento, podemos recorrer também a Andrade:

O estudo do que seria a relação existente entre o que seria uma religião oficial e, seu contraste, a religião popular, levou muitos autores a afirmarem que, numa manifestação de religiosidade, o fiel utilizaria elementos que [sic] característicos da religião oficial, sem contudo, sentir-se embaraçado por isso. Gestos como rezar orações próprias da religião oficial ou pedir a celebração de missas para pagar uma promessa feita a um santo não reconhecido oficialmente não o constrangeria, pois ele continuaria considerando-se sempre ligado à sua Igreja [...] (ANDRADE, 2006, p.1)

As características destacadas por Brandão (2004), Andrade (2006), e Zaluar (1983) permitem visualizar os mecanismos que o fiel usa para rezar preces católicas a santos não canonizados. Exemplos disso são o culto ao Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – Ceará, e as festas em louvor a Santos Reis, realizadas em todo o território brasileiro.

No Triângulo Mineiro as festas populares, estabelecidas nesse contexto de catolicismo popular, continuam sendo desenvolvidas, inclusive nas áreas urbanas. Para entender tais práticas, é importante conhecer o processo de formação espacial e o povoamento da região – temática que será abordada a partir de agora.

1.3 Martinésia: um entreposto de trocas

O povoamento da região que hoje é conhecida como Triângulo Mineiro se deu num contexto de desbravamento do interior brasileiro, a partir do século XVII. Neste período os bandeirantes paulistas abriram caminho pelas terras do cerrado em busca de metais preciosos e captura de indígenas que serviriam como mão-de-obra escrava. Ribeiro (2008) aponta duas rotas seguidas por estes grupos:

A região situada entre os rios Grande e Paranaíba, hoje conhecida como Triângulo Mineiro, já era percorrida por bandeiras paulistas no século XVII que se dirigiam para oeste e noroeste desta capitania em busca de índios cativos e outras possibilidades de formar cabedal. Partindo de São Paulo em direção ao norte, passando por São João de Atibaia e Camanducaia, contornando a Serra da Mantiqueira, alcançava-se à bacia do Rio Grande e daí podia-se dirigir para noroeste, descendo por esse rio até o Triângulo Mineiro e de lá para Goiás; ou atravessar os vários rios dessa bacia (Sapucaí, Verde, Grande e das Mortes) em busca da região do Alto São Francisco e Rio das Velhas. O outro caminho, sempre se iniciando em São Paulo, partia na direção nordeste, para chegar ao Vale do Paraíba do Sul, passando por Taubaté e Guaratinguetá, que se constituíram em vilas já nos anos 1650, tomando aí a “Estrada Real do Sertão”, conforme expressão do Padre Vigário João Faria, em seu roteiro, transmitido por Bernardo Correia de Souza Coutinho, em 1694. Esse percurso atravessa a Mantiqueira pela Garganta do Embaú, alcançado as vertentes de vários rios da bacia do Rio Grande, se encontrando aí com o primeiro caminho e com as opções já apresentadas. (RIBEIRO, 2008, p. 20)

Após a crise da mineração, século XVIII, as regiões do interior que ofertavam apenas rebanho e alimentação, passam a ser um lugar para se viver. Isso promoveu uma migração para o interior, modificando o modo de vida e de reprodução no sertão. Os geralistas, grupos provindos do núcleo central de Minas Gerais, emigraram para diferentes áreas, desde o sul de Minas até o Alto Jequitinhonha, se estabelecendo, também no oeste, inclusive na área que hoje é conhecida como Triângulo Mineiro (LOURENÇO, 2001).

No estudo sobre o povoamento do Triângulo Mineiro na virada do século XVIII para o XIX, Lourenço (2001) afirma que:

[...] o campesinato livre, formado por brancos pobres, negros forros e libertos, índios e caboclos, representou o principal contingente dos povoadores pioneiros na região, organizados em grupos de parentela, tendo nos povoados surgidos em torno de capelas a referência para trocas, rituais e contatos com a sociedade maior. (LOURENÇO, 2001, p. 1)

A partir das pesquisas de Caio Prado Júnior, Pedro Pezzuti, Tito Teixeira, Auguste de Saint Hilaire e também de documentação histórica, Lourenço (2001) aponta que os povoados formados pelos geralistas se constituíam, geralmente, em torno de uma igreja. Os finais de semana eram o tempo das sociabilidades – os fazendeiros e camponeses participavam dos eventos sagrados, das festas profanas e ainda comercializavam seus excedentes agropecuários. A gênese do povoado de São Pedro do Uberabinha, hoje denominado Uberlândia, não foi diferente:

A formação do povoado de S. Pedro do Uberabinha (Uberlândia) parece ter repetido esta sequência: aglomerado de moradias, seguido pela construção de uma capela, doação do patrimônio, construção de casas pelos fazendeiros em terrenos aforados para permanência temporária e por dependentes pobres que recebiam lotes do patrimônio da capela, surgimento de um comércio associado a festas religiosas, de início na forma de feiras, depois de estabelecimentos sedentários. Ao longo da “estrada do Anhanguera”, em 1818 o geralista João Pereira da Rocha apossara-se, como vimos, de uma sesmaria de uma légua de frente por três de fundos. Vendeu parte dela a uma parentela de geralistas vindos de Santana do Jacaré, os irmãos Carrejo, de quem logo se aparentou casando-se com uma prima deles. Em terras de um dos Carrejo, Felisberto, foram assentadas várias famílias de agregados, formando um aglomerado de moradias, o povoado de São Sebastião, na barra de um córrego com o Rio Uberaba Legítimo (Uberabinha). Em 1842, Felisberto e um filho do sesmeiro João Pereira da Rocha, Francisco, criaram uma irmandade de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião e construíram uma capela nas proximidades daquele povoado. Adquiriram as terras da vizinhança e formaram o patrimônio de N. S. do Carmo. (LOURENÇO, 2001, p. 1)

Mesquita e Silva (2006) apontam que a implantação e expansão da rede de transporte e comunicação alavancou o desenvolvimento da região do Triângulo Mineiro e fez mudar os padrões de ocupação desse território, com destaque para a cidade de Uberlândia, onde foram reunidos esforços políticos para sua estruturação.

Em 1888, o arraial [denominado Arraial de Nossa Senhora do Carmo de São Sebastião da Barra do São Pedro de Uberabinha] obteve a elevação para a categoria de município, com o nome de São Pedro de Uberabinha. A essa época, a evolução do arraial tinha gerado uma maior complexidade das atividades urbanas, surgindo então pequenas indústrias relacionadas à produção rural. O município então possuía, segundo Arantes (1938), uma população de mais de 14 mil habitantes. A denominação de Uberlândia somente surgiria em 19 de outubro de 1929. (MESQUITA; SILVA, 2006, p. 29)

Uberlândia localiza-se no Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais, Brasil (UBERLÂNDIA, 2010). De acordo com o Censo 2010, residiam no município 604.013 habitantes (Censo, 2010) numa área de 4.115,822 km², sendo 587.266 na área urbana e 16.747 na zona rural, constituindo uma densidade demográfica de 146,78 habitantes por quilômetro quadrado.

Durante o século XX Uberlândia alcançou grande desenvolvimento, se tornando o centro econômico do Triângulo Mineiro. Tal cenário foi construído, sobretudo, pelos fatores locacionais da cidade, bem como sua força política. Destaca-se que o município é cortado por cinco rodovias federais (BR-050, BR-365, BR-452, BR-455, BR-497) às quais ligam todas as regiões brasileiras e permitem uma boa distribuição de produtos. Isso fez com que a cidade se tornasse um dos maiores polos logísticos do país. (UBERLÂNDIA, 2010)

O município apresentou, em 2008, um PIB⁸ de R\$14. 270.392,00 (o 27º maior do país, à frente de capitais como Campo Grande, Maceió, Cuiabá, Natal, Florianópolis, João Pessoa, Teresina e Porto Velho) com destaque ao setor de serviços. Já o PIB *per capita*⁹ no mesmo ano alcançou o valor de \$22.926,50. (IBGE, 2008)

Como município fincado no interior brasileiro, Uberlândia mantém traços rústicos, mesclando a ruralidade à recente urbanidade. Festas populares como as comemorações juninas, as Congadas e as Festas de Santos Reis “invadem” as ruas

⁸ O PIB – Produto Interno Bruto é caracterizado pela soma dos resultados financeiros dos bens e serviços comercializados num determinado local e em determinado espaço de tempo. De modo simplificado, é a somatória do dinheiro produzido a partir da venda de produtos e prestação de serviços de um lugar, num dado período.

⁹ O PIB per capita, por sua vez, significa Produto Interno Bruto por pessoa. É dado pela divisão do resultado do PIB pela quantidade de pessoas que habitam a área de coleta dos dados. Tanto o PIB, quanto o PIB per capita são índices econômicos muito utilizados para medir a riqueza de determinado lugar e de sua população. Entretanto, recebem críticas por não mostrarem as desigualdades sociais de cada área, pois trabalham com médias. Uma cidade com uma grande indústria, por exemplo, pode ter um PIB bastante elevado, mesmo que boa parte de seus moradores vivam na linha da pobreza.

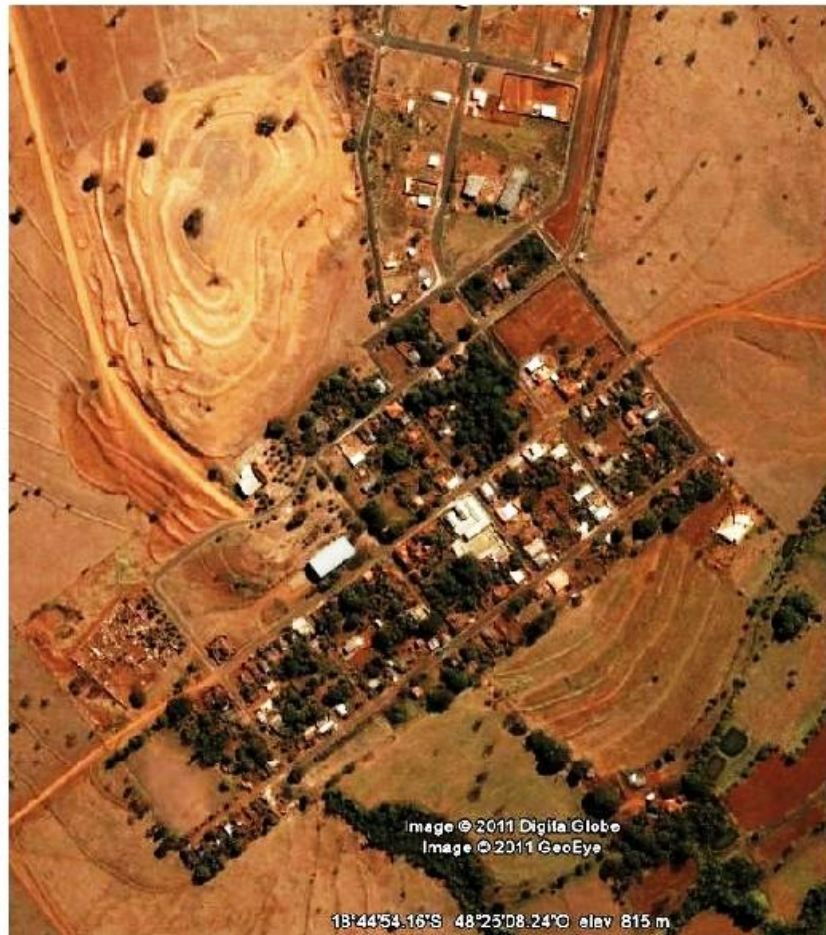
e se representam como cultura do povo, que existe no espaço, independente das modificações do lugar.

A festa está ligada ao contexto de transformação da região. É evidente que tais manifestações já existiam no espaço rural desde meados do século XIX. A grande novidade com o desenvolvimento da cidade – comércio atacadista, industrialização, aumento da população, entre outros – foi a festa migrar para a periferia, incluindo aqui os distritos.

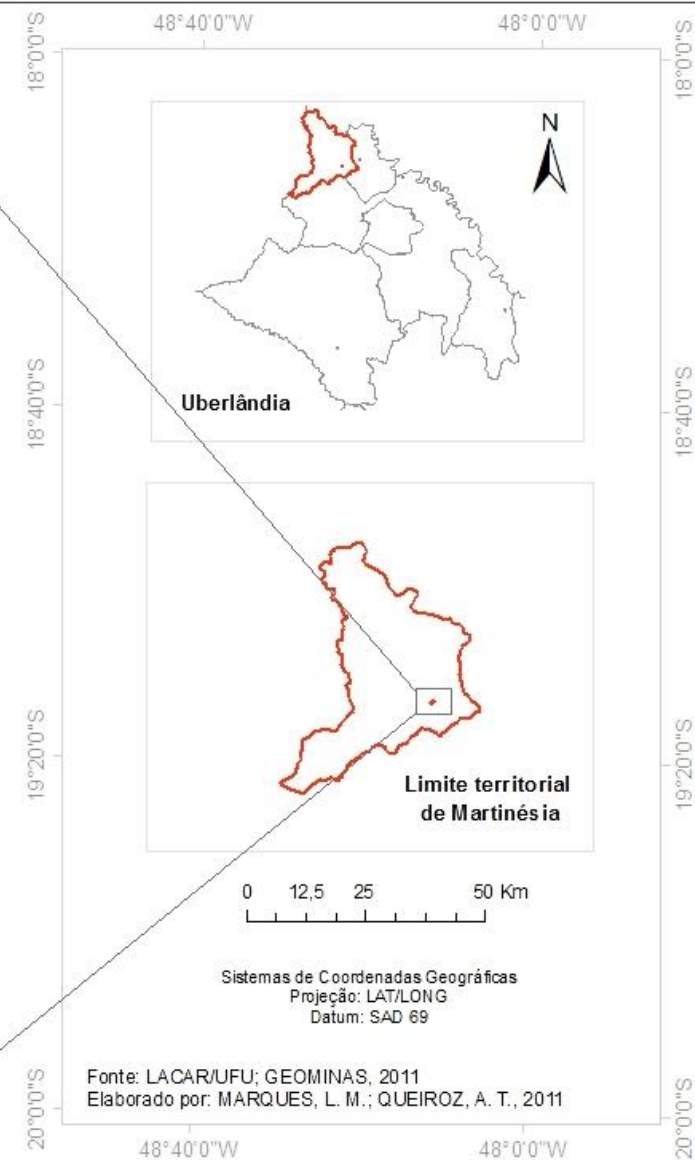
Nos distritos, as ruralidades e urbanidades estão ainda mais sobrepostas. Uberlândia conta com quatro dessas áreas: Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Miraporanga e Tapuirama, como pode ser observado no mapa anterior.

Seguindo 22 quilômetros pela Rodovia Comunitária Neuza Rezende, a noroeste do Rodoanel Ayrton Senna, chega-se à Martinésia. O distrito nasceu como um entreposto de trocas, onde se comercializavam produtos agropastoris advindos das fazendas do entorno. A seguir destaca-se a foto aérea e a localização do distrito no município de Uberlândia.

Área urbana de Martinésia



Fonte: Google Earth 2011.
Imagens: GeoEye e Digita Globe
Altitude de visão: 2,43km



Mapa 2: Distrito de Martinésia.

Organização: MARQUES, L. M.; QUEIROZ, A. T., 2011.

A criação do povoado foi marcada por uma religiosidade rústica, pautada no catolicismo popular. Santos; *et. all.* (2007, p. 19) destaca que

A ocupação das terras do atual distrito [Martinésia] ocorreu lentamente, a partir da chegada das primeiras famílias lusitanas, dentre elas a família Dias. A vida social e religiosa começa com a colocação de um cruzeiro, no mesmo terreno onde está, hoje (2007), a Capela de São João Batista. O cruzeiro foi erguido no período que abrange os anos de 1880 e 1900, pela mãe de Joaquim Mariano da Silva. Como estabelece a tradição religiosa, foi para cumprir uma promessa feita a São João Batista, pela saúde do filho, considerado o fundador do Distrito de Martinésia. (SANTOS; *et. all.*, 2007, p. 19)

Embora o cruzeiro tenha sido erguido no final do século XIX, o povoado se estabeleceu apenas no início do século XX. De acordo com a professora aposentada e memorialista Luzia Alves, o vilarejo que deu origem à Martinésia foi criado em 1919. Em 1927 ele foi elevado à categoria de Distrito e em 1936 Martinésia tinha uma população de cerca de 5000 habitantes¹⁰, além de estrutura de uma pequena cidade.

O memorialista Jerônimo Arantes (2003) destacou alguns aspectos sobre a formação do Distrito:

Chamava-se Joaquim Mariano da Silva, o fundador de Martinópolis¹¹. Esse senhor cumpriu uma promessa que sua mãe em vida fizera a São João Batista, de erguer um cruzeiro no alto da colina, onde fica hoje a Capela de São João Batista, padroeiro de Martinópolis.

Ao pé desse cruzeiro, durante muitos anos no dia 24 de junho (dia de São João), se reuniam os devotos do santo para rezarem um terço em seu louvor.

Naquela reunião fazia-se uma coleta de esmolas, com a finalidade de se conseguir recurso para a edificação da Capela naquela localidade, para o padroeiro.

Cada ano era sorteado um festeiro, que se encarregava de angariar esmolas para a construção do templo.

Tempos depois construíam a moderna capelinha no alto da colina, onde ficava o cruzeiro tradicional, nas terras do senhor Hipólito Martins, onde se formou a povoação.

A festa passou a ser feita agora na capelinha, com mais solenidade, pelo vigário da paróquia a convite do festeiro. Os habitantes das

¹⁰ Dado reforçado por Arantes (1938, *apud* MONTES, 2006).

¹¹ Martinópolis era o primeiro nome do Distrito hoje chamado de Martinésia. O nome foi alterado em 1943 mediante a constatação de uma cidade homônima no interior do Estado de São Paulo.

regiões mais afastadas vinham ao povoado nos dias de festa. O povo ali reunido dava um aspecto festivo e bastante animador aos fiéis. E logo estabeleceram-se os mascates assíduos àquelas e... Depois uma farmácia... uma escola pública, como um templo de luz, abriu suas portas, onde os pequeninos analfabetos entraram, fugindo do mundo de trevas onde viviam. (ARANTES, 2003, p. 115)

As palavras do memorialista reforçam que o distrito foi criado a partir de um forte contexto religioso. A festa está impregnada nas ruas e nas práticas culturais e sociais de Martinésia.

As festas acompanharam toda a construção histórica e espacial do distrito. Primeiramente a Festa de São João Batista e, posteriormente, a festa de Santos Reis (sem, contudo, destituir a importância da primeira). Essas manifestações testemunharam o crescimento do povoado, a consolidação do distrito, a multiplicação da população, o êxodo rural, a queda do número de moradores, o aumento da dependência da estrutura de Uberlândia, a chegada do asfalto e a revalorização da localidade. Todos esses acontecimentos alteraram o modo de vida da população e a (re)produção da festa.

No período de formação e consolidação do distrito – até meados do século XX – Martinésia era um lugar essencialmente rural, impregnado de valores morais pautados numa motivação religiosa católica e com um modo de vida rústico, isto é, entremeado de práticas rurais que continuavam sendo adotadas. À medida que o espaço social mudou, as práticas culturais também mudaram.

A chamada “Revolução Verde”, que modificou o campesinato brasileiro, chegou à região de Martinésia e o êxodo rural se tornou inevitável. Nesse período, a população começou a migrar e se estabelecer nas áreas mais urbanizadas onde as oportunidades de reprodução familiar eram maiores. Tratava-se de um momento no qual se anunciavam as benesses da vida urbana em relação à vida no campo.

Sabe-se que as festas populares historicamente refletem os saberes e práticas sociais. Com o crescimento das migrações populacionais, os costumes e modos de vida rurais foram parcialmente abandonados para dar lugar à urbanidade e ao “progresso”. Este fato pode ser verificado principalmente após a década de 1970, com a intensa imigração dos pequenos produtores do campo para a cidade.

Em Martinésia o cenário não foi diferente. O distrito perdeu seus moradores para a cidade de Uberlândia, onde esses sujeitos percebiam melhores

oportunidades de vida. Se em 1936 Martinésia tinha aproximadamente 5000 moradores, o senso do IBGE do ano 2000 apontava apenas 871 habitantes, sendo 330 da área urbana e 541 da área rural. O gráfico 1 traz a demografia de Martinésia entre os anos de 1950 e 2000.

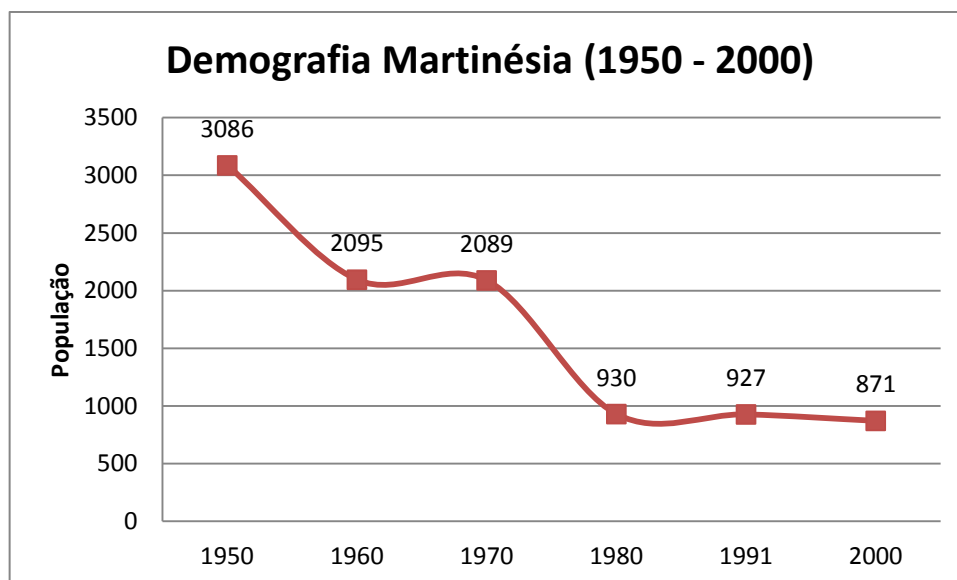


Gráfico 1: Demografia Martinésia (1950 - 2000).

Fonte: MARÇAL (2004 *apud* MONTES 2006); IBGE (2011); UBERLÂNDIA (2010).

Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira.

Destaca-se que o processo de migração fez com que o espaço urbano brasileiro se tornasse o *lócus* da maior parte da população a partir de meados da década de 1960, como pode ser observado no gráfico a seguir.

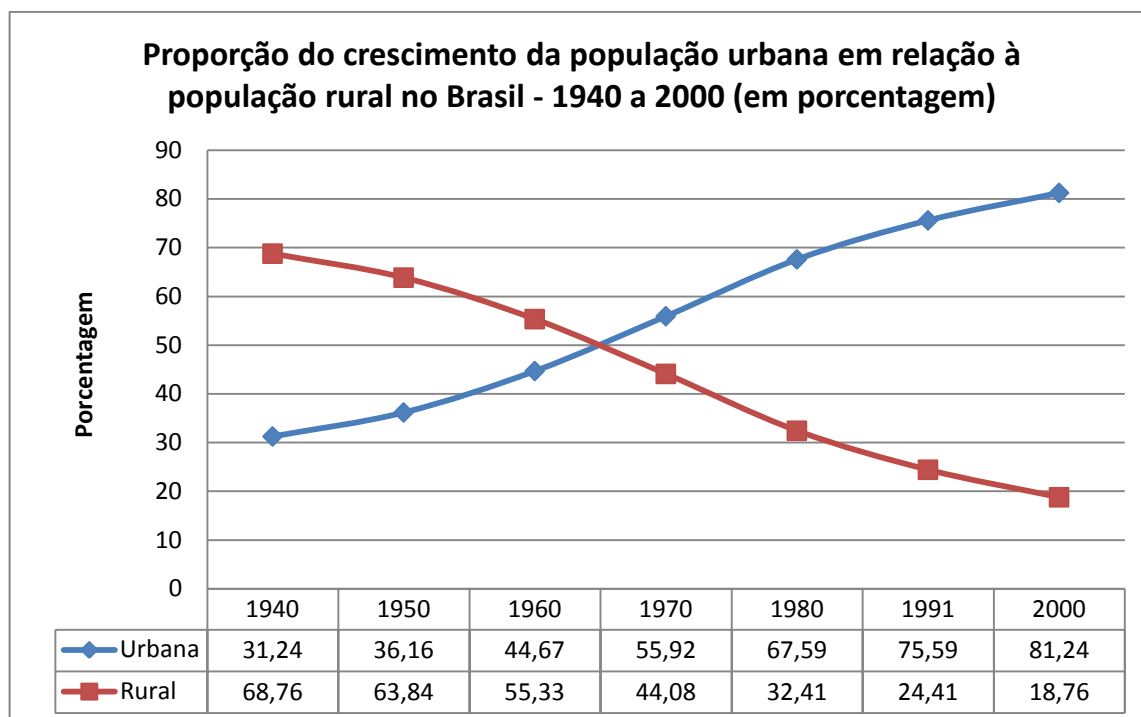


Gráfico 2: Proporção do crescimento da população urbana em relação à população rural no Brasil entre os anos de 1940 e 2000.

Fontes: IBGE – Censo demográfico de 2000; IBGE – Censo demográfico: Séries Históricas.
Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira.

Observa-se que na década de 1940 a população era essencialmente rural, uma vez que aproximadamente dois terços dos brasileiros (68,76%) moravam no campo, enquanto apenas um terço (31,24%) habitava os espaços urbanos. Entretanto, esse cenário se modifica rapidamente, e em 1991 – meio século depois – grande parte dos brasileiros (75,59%) passou a residir nas cidades.

O crescimento populacional de Uberlândia (gráfico 3) acompanhou a tendência nacional, com o inchaço da área urbana e estagnação/decréscimo de habitantes nas áreas rurais.

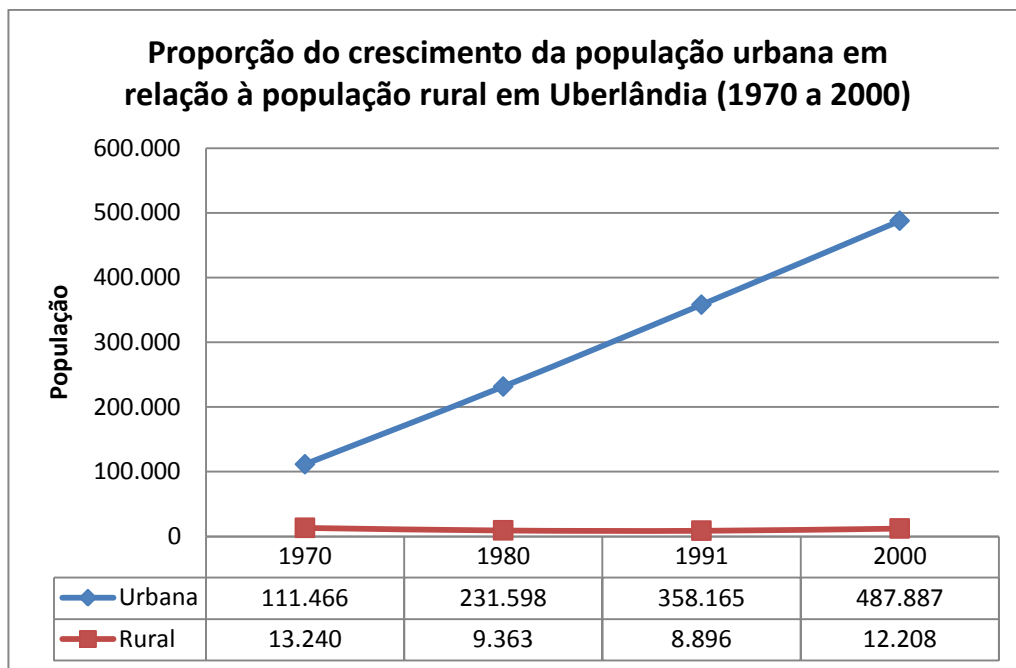


Gráfico 3: Proporção do crescimento da população urbana em relação à população rural no município de Uberlândia entre os anos de 1970 e 2000.

Fonte: IBGE – Censo demográfico: Séries Históricas.

Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira.

O crescimento de Uberlândia foi acompanhado pela melhoria da estrutura urbana, sobretudo no que tange à educação, saúde e transporte, além de uma indústria e comércio em real crescimento. Tal contexto atraiu centenas de moradores de Martinésia, que migravam do distrito e se estabeleciam na cidade. Os moradores deixavam Martinésia, principalmente, para estudar e trabalhar.

O decréscimo da demanda fez com que parte do comércio ruísse, tornando o distrito ainda mais dependente do centro urbano de Uberlândia. A partir da década de 1980 em diante, foi possível observar diversas ações pontuais dos governos municipais para melhorar a estrutura de Martinésia e a condição de vida de seus moradores. Em 1983 foi inaugurado um posto de saúde, em 1988 concluída a pavimentação da estrada que liga o distrito à Uberlândia; em 1992 uma nova área foi loteada para atrair moradores ao distrito; em 1982 foi implantado o Ensino Médio na escola do distrito, em 1995 Martinésia construiu-se um ginásio poliesportivo; em 2008 foi inaugurado o barracão comunitário (anexo ao ginásio) onde se prepara as Festas de Santos Reis, em 2009 foram construídas 6 fornalhas no barracão; entre outras medidas que de alguma forma proporcionaram maior conforto aos moradores de Martinésia.



Foto 1: Quadra (1988) que se tornaria um ginásio poliesportivo coberto no ano de 1995.
Fonte: Programa Terra da Gente (1988).

Embora o distrito ainda dependa de Uberlândia, sobretudo em relação às práticas de lazer e comércio, há um perceptível movimento de crescimento distrital. A área loteada na década de 1990 tem recebido novas construções e famílias, e o comércio tem sido reavivado com a abertura de pequenas lojas. A figura 2 traz a estrutura urbana do distrito. Nela é possível observar a área de realização das Festas de Santos Reis – pontos 5, 7 e 10 (barracão, igreja e praça, respectivamente).

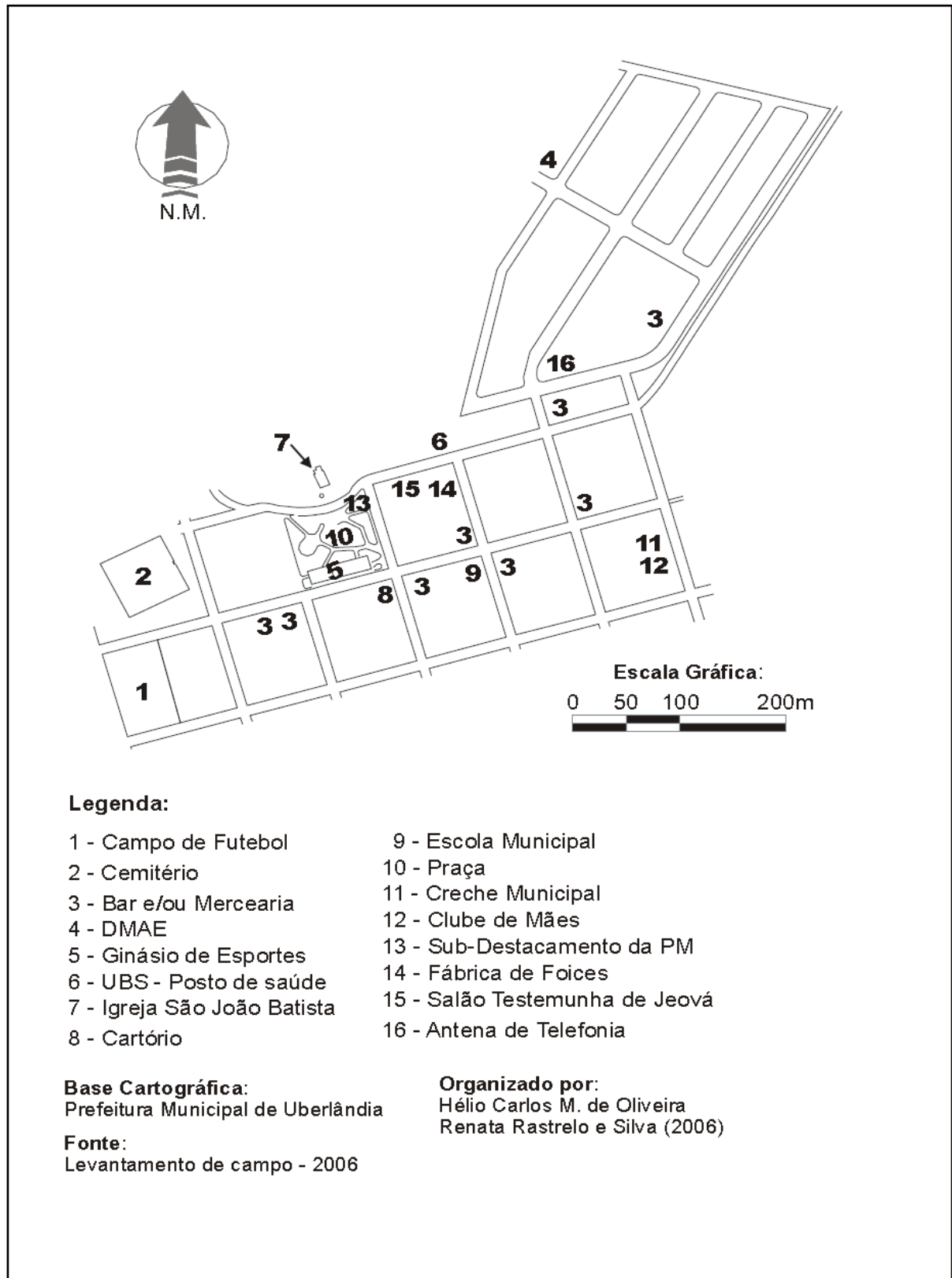


Figura 2: Martinésia, levantamento dos equipamentos da vida distrital, 2006.
Fonte: RASTRELO E SILVA (2007, p. 123).

Em Martinésia, assim como em diversos outros lugares do interior brasileiro onde a Igreja não se estabelecia completamente, os ritos católicos ganhavam, ao longo dos anos, novos signos e alegorias marcados por uma coexistência dissimuladamente pacífica entre a devoção e a diversão. Isso fez surgir práticas reinventadas que se baseavam nos preceitos sagrados, mas também envolviam elementos profanos. Tal característica pode ser observada a partir do seguinte fragmento de Freire:

[...] os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus; as mulheres estéreis indo esfregar-se, de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do Amarante; os maridos cismados de infidelidade conjugal indo interrogar os “rochedos cornudos” e as moças casadouras os “rochedos do casamento”; Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe. (FREIRE. 1980, p. 22)

O texto de Freire (1980) trata de uma coletividade campesina pautada num catolicismo popular que ultrapassa o sagrado e o profano, pois recria uma devoção. Institui uma religiosidade a partir das práticas sociais cotidianas supervalorizadas. A coletividade se aproveita dessas manifestações, pois elas permitem o extravasamento. Isso faz com que as festas populares sejam inseridas na estrutura social da comunidade¹² como movimento intangível que permite o rezar e o festar, a devoção e a diversão, o sagrado e o profano e se materializa por meio do culto, das rezas, das pessoas, dos encontros, da comida e da dança.

Para entender essa dinâmica em que o movimento se transforma em matéria e juntos atuam numa rede de comunicação que estabelece o encontro, investigamos a Festa de Santos Reis realizada em Martinésia, distrito de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, Brasil.

¹² Nesse estudo tratamos da comunidade como “um agrupamento dotado do equipamento institucional mínimo, de modo a servir de teatro para as diversas atividades dos seus membros: religiosas, recreativas, políticas, administrativas, econômicas, etc.” (CANDIDO, 1982, p. 20)

*É preciso deixar que as situações
se resolvam e passem... Só assim
se abre espaço ao novo. Essa é a
dinâmica do movimento, do
fluxo, da vida.*

Luana M. Marques



CAPÍTULO 2 - SANTOS REIS VISITA (E SE ESTABELECE EM) MARTINÉSIA

A Festa de Santos Reis caracteriza-se por uma das alegorias religiosas e festivas trazidas pelos portugueses. Ela é marcada pela fé aos Três Reis Magos que, de acordo com a Bíblia Sagrada, ao saberem do nascimento de Jesus Cristo, partiram ao seu encontro para prestigiá-lo e aclamá-lo como o filho de Deus. No Evangelho Segundo Mateus (2: 1-12), consta:

¹Tendo, pois, nascido Jesus em Belém da Judá, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos chegaram do Oriente a Jerusalém, ²dizendo: Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer? Porque nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo.

³Ao ouvir isto, o rei Herodes turbou-se, e toda Jerusalém com ele. ⁴E, convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Messias. ⁵E eles disseram-lhe: Em Belém de Judá, porque assim foi escrito pelo profeta: ⁶“E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais (*ciudades*) de Judá, porque de ti sairá um chefe, que apascentará Israel, meu povo”.

⁷Então Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles cuidadosamente acerca do tempo em que lhes tinha aparecido a estrela; ⁸e, enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem acerca do menino, e, quando o encontrardes, comunicai-mo, a fim de que também eu o vá adorar.

⁹Eles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram, e eis que a estrela que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando sobre (*o lugar*) onde estava o menino, parou. ¹⁰Vendo (*novamente*) a estrela, ficaram possuídos de grandíssima alegria. ¹¹E, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofereceram presentes (*de*) ouro, incenso e mirra. ¹²E, avisados por Deus em sonhos para não tornarem a Herodes, voltaram por outro caminho para a sua terra. (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p.1061-2)

Dona Luzia¹³ afirma que a primeira Festa de Santos Reis do Distrito de Martinésia foi realizada em 1946 por uma família oriunda do Município de Araxá. Tratava-se do pagamento de uma promessa feita pela matriarca da família Salvador.

¹³ Entrevista realizada com Dona Luzia Alves Borges, em dezembro de 2010, no Distrito de Martinésia.

A moradora lembra que o culto e as comemorações aos Santos Reis não eram comuns na região. Entretanto, a partir daquele ano, as festas se tornaram uma constante no distrito, sendo produzidas em todos os anos subsequentes.

Segundo Dona Luzia, a primeira festa não alcançou grande público, pois os moradores de Martinésia não conheciam tal manifestação religiosa. Esse cenário fez com que os primeiros festeiros montassem sua própria Companhia de Reis, formada por irmãos, primos e parentes próximos.

Participaram da festa de 1946 aproximadamente 50 pessoas. O cardápio fora composto por arroz, feijão, macarrão com frango, carne de porco, carne de vaca e arroz doce como sobremesa. Embora a festa houvesse causado estranhamento na população de Martinésia, os festeiros conquistaram o apoio dos próprios patrões – fazendeiros da região – e de familiares. Da memória de dona Luzia, que participou da primeira festa, foi revelado o seguinte fragmento:

Eu era muito criança, né? O que eu me lembro bem foi... foi numa fazenda aí bem baixa... na beira do córrego é que foi a casa do festeiro, né? Da primeira festa, aí então todo mundo ia era deapé. Os fazendeiros viam a cavalo e nós aqui de dentro do povoado ia deapé, né? E a gente ficou... assim... aguardando com aquela sensação da chegada da folia - principalmente a gente que nunca tinha visto - aquela sensação de ver a chegada e ficamos assim encantados de ver eles cantarem a saudação que eles fazem no presépio, muito bonita. Era uma turma assim bem entonadinha, igual está essa turma agora e disso eu me lembro bem, me lembro do jantar que foi muito gostoso (risos). O principal arroz com feijão, né? É... frango com macarrão, carne de porco que foi feita assim com antecedência, guardada na manteiga, né? Hummmm, deliciosa... e de sobremesa tinha... eles fizeram arroz doce, mas muito bem feito, muito gostoso, tava uma delícia...¹⁴

Já no ano seguinte – 1947 – a festa foi recebida com maior abertura e participação pelos moradores de Martinésia. Assumiram a organização do evento o Sr. Antônio Gabriel Martins Silva e sua esposa, Sra. Maria Florindo Faria, fazendeiros da região e patrões do primeiro casal de festeiros.

¹⁴ Entrevista realizada com Dona Luzia Alves Borges, em dezembro de 2010, no Distrito de Martinésia.

Ano após ano a festa foi sendo incorporada ao cotidiano do Distrito de Martinésia. A continuidade do evento era garantida pelo compromisso e palavra dada dos novos festeiros.

Sabe-se que a festa reflete os valores e práticas sociais. Quando a população migra, a festa também migra. Nessa dinâmica, ambas incorporam novos hábitos, estéticas e práticas. A festa não é pura, ao contrário, ela interage com o meio e é rompida por ele. O rompimento pode gerar pausas, fins, recomeços num movimento diário e constante. Todavia, esse movimento é entremeado pela duração da festa, que tem um começo, um meio e um fim vivido anualmente. A coroação de novos festeiros marca o fim de um ciclo, assim como o início de outro.

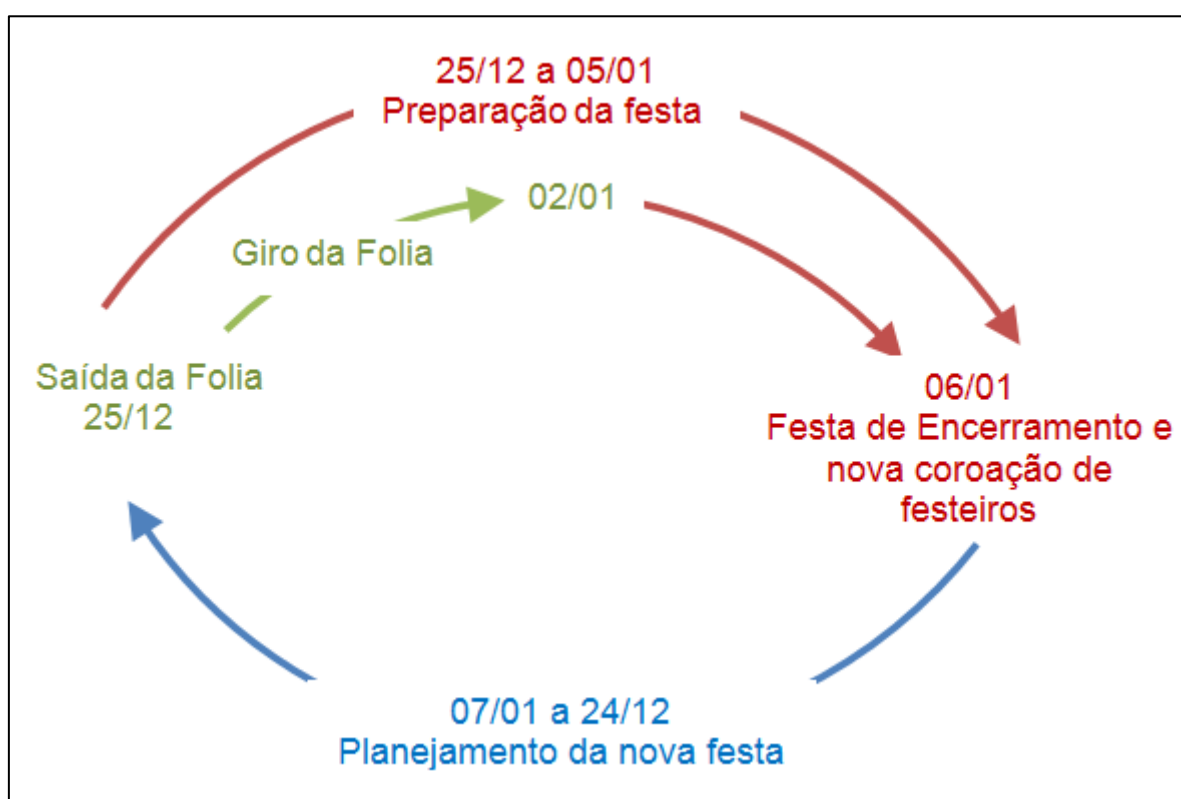


Figura 3: Ciclo anual da festa.
Organizadora: Marques, Luana Moreira.

Se pensarmos que a festa também permeia o interior de cada sujeito social é possível compreender que quando o indivíduo que migrou não retorna ao seu lugar de origem para reviver o evento, significa que a festa também migrou. A festa habita

o sujeito e o sujeito habita a festa. São elementos tangíveis e intangíveis que se relacionam no espaço a partir de uma temporalidade social¹⁵.

A festa de Martinésia migrou com seus moradores, mas também permaneceu no lugar sendo vivida por aqueles sujeitos que ficaram e revividas por aqueles que voltam esporadicamente. Os primeiros são aqueles que continuaram residindo em Martinésia, enquanto os segundos são aqueles que deixaram o distrito, mas retornam temporariamente para reencontrar suas origens nos parentes e amigos que ficaram e nas práticas que só tem sentido (para seus sujeitos) quando vividas no lugar.

O lugar é, antes de tudo, um espaço. Mas se diferencia dele por ser um ambiente marcado por relações de identidade e pertencimento. O lugar de um indivíduo é único, particular, subjetivo. Nessa perspectiva, a constituição do lugar leva tempo, depende da vivência. Santos (2008) afirma que o lugar é o espaço vivido. Todavia, é importante lembrar que o lugar não se limita a tal preceito. Se fosse apenas o espaço vivido, o lugar deixaria de ser algo singular para se tornar coletivo. O lugar só se torna coletivo caso haja um sentimento de pertença coletivo, mas o que se vê na festa e no cotidiano é que o coletivo é formado pelo individual, mas a subjetividade do individual faz o coletivo ser particular. O coletivo pode estar no lugar, mas algumas pessoas que o compõe não identificam aquela área como única, especial, dotada de símbolos e pertencimentos. O lugar gera e pressupõe pertencimentos.

Bosi (1992) afirma que as transições vividas pelos sujeitos sociais podem gerar o *desenraizamento*. Para a autora, o Brasil é um país de migrantes, onde teoricamente as raízes dos sujeitos sociais são arrancadas e a partir de então eles devem se estabelecer se reproduzir num novo *lócus*. Tais transições fazem com que a cultura seja reproduzida em outros lugares. A folia de Reis, por exemplo, passa a ser encontrada na periferia das cidades, onde boa parte dos emigrantes do campo passa a residir.

O desenraizamento enquanto teoria proposta por Bosi (1992) pode ser um fator que distancia e/ou modifica os sujeitos sociais da cultura popular. Mas isoladamente ele não justifica a perda do sentido da festa. Em alguns casos, por

¹⁵ O tempo cronológico separa horas, dias, anos, enquanto o tempo social soma essa cronologia às práticas culturais e contextualizam o tempo presente como uma somatória do tempo passado vivido e constituído por uma sociedade que modifica o espaço e seu próprio futuro a partir de técnicas e tecnologias.

exemplo, os sujeitos retornam regularmente a seus lugares de origem a fim de realizarem suas festas, mesmo após terem migrado. É certo que migração não significa desenraizamento. Entretanto, é possível observar que em muitas comunidades o retorno dos “filhos da terra” se dá, sobretudo, em função da festa e que mesmo enraizados em outros espaços, estes sujeitos mantêm vínculos afetivos nos seus lugares de origem, ou seja, no lugar da festa.

Passei a infância aqui [...] hoje estou morando na Bahia já há 12 anos, dou aula numa universidade, mas sempre gosto de retornar aqui nessa época. Retorno pro Natal e já fico até a Folia de Reis e sempre venho alguns dias ajudar [no mutirão para preparação da festa de Santos Reis].¹⁶

A permanência da festa no distrito não se deu de maneira uniforme. Ele foi entremeado por rupturas que modificaram o espaço social, seus habitantes, assim como as práticas festivas. Algumas dessas rupturas são tratadas a seguir.

2.1 Romper, relacionar, (r)existir, renovar...

Durante as conversas, entrevistas, leituras e percepções em campo, foram elencados cinco grupos de elementos que, imbricados na festa, geraram rupturas. É certo que a festa se transforma a partir de um movimento cotidiano, como o rio que flui e a fábrica de doces que não cresce de repente. Todavia, alguns movimentos são mais bruscos, mais sentidos, mais clivados... No caso de Martinésia, é possível destacar:

- o asfalto;
- a mídia;
- o comércio;
- o barracão;
- a modernização das técnicas.

Todos eles modificaram a festa. Cada um no seu tempo e espaço formaram novas redes e caminhos. O asfalto, a mídia, o comércio, o barracão e a

¹⁶ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, professor universitário, em janeiro de 2011, durante os preparativos para Festa de Santos Reis de Martinésia.

modernização das técnicas se interligam num todo que é simultaneamente coletivo e individual. Esse complexo dialoga e modifica a festa e seus sujeitos.

Martinésia se localiza a cerca de vinte quilômetros da área urbana de Uberlândia. Após a pavimentação da via que liga estas duas áreas, o tempo de deslocamento diminuiu, aumentando a comodidade durante o trajeto. Se antes gastava-se mais de uma hora para fazer o trajeto (em automóvel), o asfalto permitiu que o mesmo caminho fosse percorrido em aproximadamente vinte minutos. Isso alterou o comportamento dos moradores e visitantes do distrito, fazendo com que os deslocamentos se tornassem mais frequentes.

Em entrevista ao Programa de TV “Terra da Gente”, no ano de 1988, a moradora Luzia Alves Borges apontou:

Nesses últimos seis anos Martinésia tem passado por uma fase de melhorias muito grande: ampliação da escola que antes funcionava apenas com uma sala de aula [...], lazer... quadra de esporte, praça que aproveitou o morro que havia aqui em frente à igreja, né?... e modelou com essa praça que ficou muito bonita... o asfalto que diminuiu a distância de Martinésia à Uberlândia, que antes a gente fazia com um hora e hoje a gente faz em vinte minutos, ontem mesmo eu vim em vinte minutos de lá aqui, né?... reforma do cemitério..., pontes, ligando aqui Martinésia com Município de Tupaciguara, é... loteamento dos terrenos que são vendidos para as pessoas mais carentes, com material para eles construírem em mutirão, e... poço artesianos... (PROGRAMA TERRA DA GENTE, 1988).¹⁷

No vídeo a moradora enfatizou que o asfalto “diminuiu a distância de Martinésia a Uberlândia”. Essa facilidade no acesso juntamente às demais melhorias implantadas pelos governos municipais da década de 1980 facilitou o trânsito e a comunicação entre o distrito e a cidade.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-QTrJe5A1T4>>. Acesso em 27 de fev. 2011.



Foto 2: Rodovia Comunitária Neuza Resende.

A rodovia liga o distrito de Martinésia ao Distrito de Cruzeiro dos Peixotos e à cidade de Uberlândia.

Autor: RAMALHO, Christian. Janeiro de 2011.

Nessa perspectiva, a demanda da festa cresceu... Ao longo dos anos o transporte público urbano também melhorou e 22 anos depois daquela entrevista de 1988, a mesma Senhora Luzia Alves Borges afirmou descontraidamente que embora não tenha participado do baile da Festa de Santos Reis de 2010, ao abrir a porta de casa na manhã seguinte viu um “monte de gente dormindo na calçada”, todos esperando o ônibus que seguia para Uberlândia.

Aqueles espectadores que dormiram na calçada da Sra. Luzia Alves Borges, representam um público que é atraído pela mídia e pela facilidade de acesso ao destino. Para a festa de 2010, por exemplo, foram postos quase 500 cartazes nos ônibus urbanos de Uberlândia, além do evento ter sido noticiado em diversos meios de comunicação de massa locais que compreendiam TV, jornais impressos e emissoras de rádio.



Figura 4: Reportagem sobre a festa em mídia digital.

Fonte: TEIXEIRA (2010).

A globalização com suas redes de interação e comunicação são fatores que modificam diretamente a cultura popular e as festas. Alguns eventos têm alcançado um número bem maior de expectadores devido às ferramentas de comunicação como a televisão, internet, rádio e jornais. Relembrando Ferreira (2001) e Amaral (1998), a festa é um instrumento de comunicação e é através deste elemento que ela sobrevive e ao longo do tempo.

Não nos restrinjam a um pensamento de “sobrevivência” da festa. Além dessa resistência, podemos pensar numa existência. A festa não deixa de existir no tempo e no espaço; em seu movimento ela só sobrevive se reinventando.

A partir do advento e crescimento de novas formas de comunicação em redes, um novo público se integra à festa. Tal demanda se liga à manifestação por razões diversas e muitas vezes diferentes da usual, isto é, o louvor ao mito de origem (no caso das festas sagradas ou sacro-profanas). Essa mixagem de sujeitos confere um novo sentido à manifestação e reforça sua maleabilidade e flexibilidade. Há então uma coexistência entre indivíduos que é aparentemente pacífica, mas

apresenta uma latência em seu interior provocada pelos diferentes interesses e motivações sobre a festa. Entre os vários sujeitos encontramos participantes que se farão presentes pela contemplação e pelo espetáculo. O que não reduz o sentido da festa como um movimento espontâneo e significativo para aqueles que vivem e realizam a festa, seja pela religiosidade, pelo costume ou pelo reencontro com o lugar.

Os meios de ampla comunicação (como a televisão, rádio, internet, impressos e jornal escrito) têm influenciado diretamente a visibilidade da Festa de Reis realizada em Martinésia. A divulgação do evento pela mídia é um dos principais fatores do aumento da demanda pela festa. Quando o indivíduo toma conhecimento do evento, ele o divulga a toda sua rede social, incitando um acréscimo considerável de espectadores.



Mosaico de fotos 2: Veículos midiáticos de divulgação da festa.

Capitão de folia concedendo entrevista para repórter de TV local (janeiro de 2010). Grupo de folia se apresentando ao vivo em TV local (janeiro de 2011).

Autora: MARQUES, Luana Moreira.

Ao analisar os anos anteriores, pode-se afirmar que a festa de 2010 foi uma das que tiveram maior projeção midiática. A cobertura da mídia se configurou como um fator determinante para o acréscimo de espectadores naquela festa. De acordo com a contagem feita pelos organizadores, participaram da Festa de Reis no ano em questão cerca de 6000 pessoas, enquanto normalmente o público é composto por aproximadamente 3000 pessoas, ou seja, a demanda da festa dobrou.

Quais seriam as razões desse incremento de espectadores? Por que a projeção midiática foi tão intensa? Para entender tais questionamentos é necessário pensar nas relações. A festa de 2010 foi visivelmente uma vitrine política. Seus

organizadores principais exercem grande influência entre diversos setores da sociedade uberlandense. Com tantas conexões, a festa, que já é tradicional no município, se tornou referência naquele ano.

Investigando quantitativamente a festa realizada no ano de 2010, verificamos que o convite de amigos e/ou parentes determina a participação na festa de Martinésia. Tal constatação poderia contradizer a importância da mídia para divulgação do evento. Contudo, percebemos que os meios de comunicação de massa não decidem se o espectador vai à festa, pois este é papel das sociabilidades, mas ele expõe a festa como uma alternativa de lazer. E é a partir das possibilidades de lazer que o indivíduo escolhe seu destino e suas práticas.

O gráfico 4 destaca a forma com que os participantes da festa de 2010 souberam do evento. Como dito anteriormente, a mídia de massa soma 20% da comunicação, enquanto os amigos, parentes, a folia e outros elementos participam com 80%. É importante lembrar, ainda, que a comunicação “boca-a-boca”, feita por amigos e/ou parentes, também está ligada diretamente à mídia, pois um indivíduo vê o anúncio ou comentário sobre a festa e o divulga para sua rede de relacionamento pessoal.

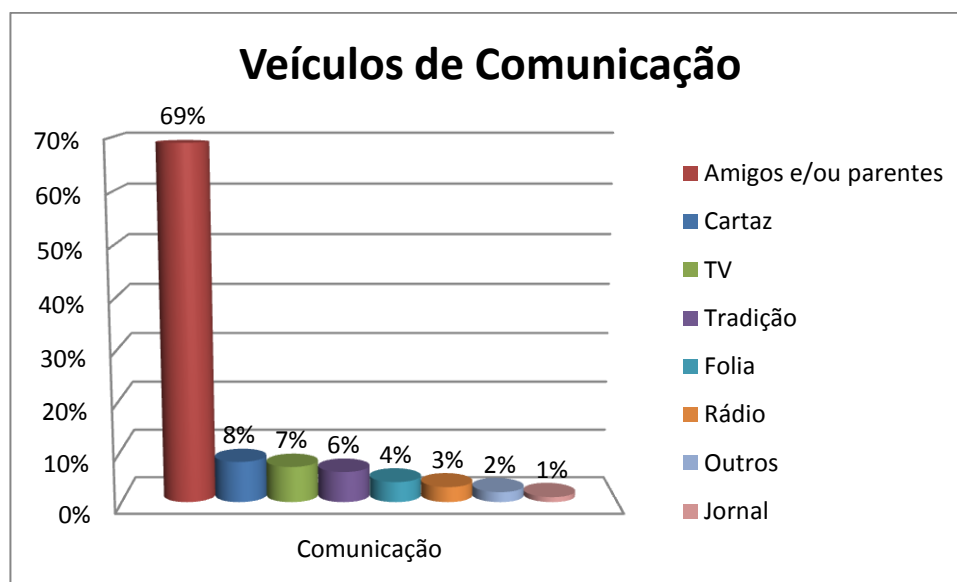


Gráfico 4: Meios de divulgação da festa.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

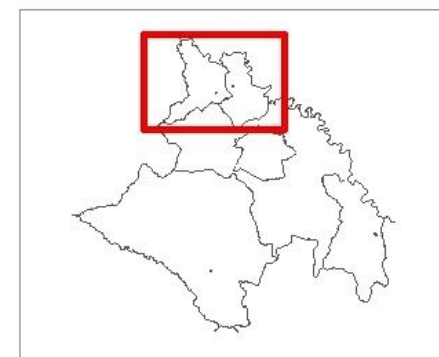
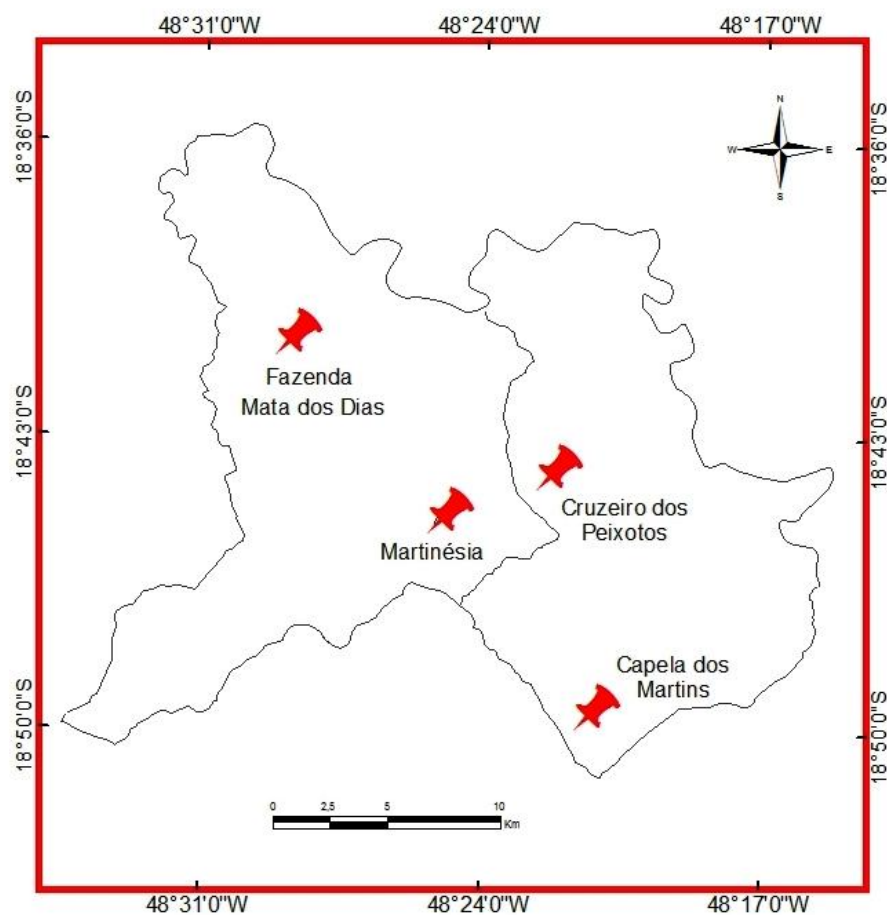
Uma rede de relacionamento é composta pelos contatos pessoais de cada indivíduo. No cotidiano as pessoas se conhecem – nas instituições de ensino, no trabalho, entre famílias, etc. – e vão delineando relações e conexões. Diante desses

contatos elas se posicionam, afirmam valores humanos e preferências pessoais. Quando um indivíduo ou grupo decide participar de determinada festa, por exemplo, ele envolve parte de sua rede social, pois convida seus conhecidos a também compartilharem do evento. Essas pessoas, por sua vez, convidam seus pares. Nesse movimento a festa cresce e se populariza entre as massas.


É importante lembrar que o público que se interessa pelas Festas de Santos Reis não escolhe apenas Martinésia como destino de lazer. Próximas ao distrito são realizadas mais três festas do mesmo gênero que dividem o número de espectadores. Essa divisão é ainda maior quando o calendário dos eventos coincide (fenômeno comum na região).

O mapa a seguir aponta os lugares de realização das Festas de Santos Reis próximas a Martinésia.

Localização das festas de Santos Reis na região de Martinésia, Uberlândia - MG



Legenda

 Localização das
Festas de Santos Reis

Sistemas de Coordenadas Geográficas
Projeção: LAT/LONG
Datum: SAD 69

Fonte: LACAR/UFU; GEOMINAS, 2011
Elaborado por: MARQUES, L. M.; QUEIROZ, A. T., 2011

Mapa 3: Festas de Santos Reis da região de Martinésia - Uberlândia, MG.

Elaborado por: MARQUES, L. M.; QUEIROZ, A. T., 2011.

Além da comunicação externa feita pela mídia, há também uma comunicação interna, entre os sujeitos sociais da festa. É essa comunicação que define desde as divisões do trabalho até a escolha dos novos festeiros.

Assim como a festa, a comunicação também se modificou ao longo do tempo. Comparando a festa de hoje com a do passado, a Senhora Luzia Alves Borges destacou que “Naquele tempo não se perguntava se a pessoa queria ser festeira, a folia seguia cantando e punha a coroa na cabeça da pessoa. Era mais bonito, tinha mais suspense... Hoje já se sabe quem será o próximo festeiro.” Isso mostra que a comunicação interna do passado era mais sutil, mais fechada. Os arranjos também eram feitos, mas a carga dramática era maior, tendo em vista o suspense que se fazia em torno das decisões e do futuro da festa.

A pavimentação da estrada que liga Martinésia a Uberlândia, assim como o aumento da cobertura midiática sobre o evento festivo contribuiu para a chegada de outro elemento que gera ruptura na festa: o comércio.

Poderíamos pensar que as relações de troca destoam o sentido primordial de boa parte das festas populares as quais detém um elemento sagrado como eixo central da manifestação. Mas há de se lembrar que as relações de troca não se dão somente com a comercialização de bens e serviços. Se entendermos as trocas como movimentos de cessão e recepção, veremos que a festa só é possível a partir dessa dinâmica. É o sujeito que troca seu serviço pela graça do Santo; é a instituição que cede o espaço público¹⁸ pelo reconhecimento de um governo; é o comerciante que troca bens e serviços por moeda. Quando falamos da clivagem pelo comércio, tratamos deste último tipo de troca: a troca comercial/mercantilização da festa.

Mariano (2009) em sua pesquisa sobre a Festa do Divino Espírito Santo realizada na cidade de Mogi das Cruzes – São Paulo, apresenta um evento de grandes proporções que engloba toda a coletividade municipal. Trata-se de uma festa mercantilizada que transita entre o popular com as rezadeiras tradicionais e outros signos, e o massificado, com o apoio dos meios de comunicação de massa locais que fazem a cobertura midiática da festa, além de empresas e entidades parceiras que utilizam a festa como espaço de comércio. A autora destaca:

¹⁸ Sobre espaço público, *c.f.* Valverde (2007).

A organização da Festa do Divino de Mogi acompanha o seu tempo, o tempo moderno, a informatização, a logística eficaz que controla os acessos às ruas tomadas pelas procissões, o patrocínio e o *marketing* indispensáveis para a sua realização. Diante deste espetáculo em que a festa da religiosidade popular tende a se transformar, resta buscar permanências, menos materiais, acima de tudo, que permitem a manifestação da ruralidade do homem urbano. (MARIANO, 2009, p. 103)

O caso da festa de Mogi das Cruzes é mais um exemplo do diálogo da manifestação cultural popular com novos elementos que se inserem na festa como fenômenos emergentes. Tais elementos modificam a manifestação, mas sem eles, sem o diálogo com o novo, a festa se torna antiquada e morre. É a vivacidade e o dinamismo que permitem sua reprodução e talvez resistência. Mas o que resiste? Resistem os elementos que suportam a festa: o mito, a fartura, a oração, os encontros, a fé, a promessa e o agradecimento da graça alcançada. Resiste o sujeito no papel de ator e de espectador.

Embora hajam elementos de resistência, a mercantilização da festa a aproxima do espetáculo. Se a manifestação é vendida, ela passa a incorporar as facetas do mercado e até ser produzida para isso.

Num contexto de transição de *lócus*, a festa também transita. Transita entre seus sujeitos e lugares. No caso de Martinésia, houve a transição e fixação do evento do campo para o distrito.

É importante esclarecer que temos Martinésia como um espaço onde coexistem o rural e o urbano. Embora a estrutura da sede do distrito invoque uma urbanidade, a reprodução dos modos de vida continua tendo um forte apelo rural. As Festas de Reis são um exemplo disso. O que queremos focar neste cenário é a migração, a transição de lugares e fixação do evento num espaço pré-estabelecido.

A festa de Martinésia foi criada nas fazendas da região e reproduzidas ano a ano nestes *lócus*. Cada festa tinha um organizador (festeiro) diferente. Tal característica fazia com que o evento itinerasse de uma fazenda a outra, conferindo fluidez à manifestação. Nessa perspectiva, a festa criava, anualmente, uma nova espacialização com territorialidades e lugares distintos.

Com o passar dos anos a festa foi se transformando. A transformação é um fenômeno natural se pensarmos que a festa acompanha o sujeito. Ela não é só uma alegoria externa ao ser humano. Ao contrário, também habita o interior do ser e o

expõe à percepção dos sentidos – tato, olfato, paladar, visão e audição – através de um pensar e sentir que transforma a manifestação. Isto significa que a festa não se faz só por fora do corpo. Ao mesmo tempo em que ela é vista, é também sentida e a partir dessas experiências, modificada. A festa se modifica num sentido subjetivo e individual, ou seja, as experiências particulares fazem com que ela se transforme individualmente, mesmo sendo vivida coletivamente.

A percepção individual faz com que a festa seja única. Ela é singular para cada ser, conforme seu grau de participação e envolvimento. Mas também é coletiva para a comunidade. Essas relações permitem que a festa seja reinventada a cada ano. Trata-se, portanto, de uma metamorfose contínua que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, interna e externa.

O movimento contínuo da festa permitiu que ela saísse de um ambiente rural e se estabelecesse no urbano. Até aí não haveria grandes rupturas. Mas no caso de Martinésia, a festa chegou à sede do distrito e lá sua produção foi fixada. Embora ela continue se movimentando a partir das redes sociais, sua reprodução encontrou um *locus* físico fixo.

Em 1996, um casal de festeiro organizou, pela primeira vez, a Festa de Santos Reis num espaço público (quadra de peteca) da sede do distrito. Como a estrutura era composta apenas pelo piso de concreto, foi necessário cobri-la com lona plástica, fazendo uma espécie de tolda. As chamadas “toldas” ou “tordas” são toldos construídos artesanalmente com madeira e cobertos com folhagens ou lonas sob as quais se tem o espaço da festa. No ano em questão, o baile, também conhecido como forró, foi realizado no ginásio poliesportivo (ao lado da quadra de peteca).

Nesta época o asfalto já ligava o distrito à cidade de Uberlândia. Se antes eram gastos vários dias para a construção da estrutura física da festa, com demarcação e montagem de toldas, no espaço urbano a festa já contava com uma estrutura pré-estabelecida.

Nas áreas rurais era comum que não houvesse estrutura adequada para a preparação da festa (cozimento dos alimentos, decoração dos espaços, limpeza, etc.). Então se construíam toldas para proteger os voluntários das chuvas comuns no mês de janeiro e também do sol forte.



Foto 3: Tolda.

Tolda (em amarelo) da Festa de Santos Reis realizada na Fazenda Mata dos Dias - Uberlândia, MG.
 Autora: MARQUES, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Embora não seja necessário construir toldas para a festa de Martinésia, tal prática permanece em outros lugares como na Fazenda Mata dos Dias. Pela imagem anterior é possível observar que a estrutura não foi construída de forma improvisada, com lonas emprestadas de outros lugares, amarrações artesanais e base em madeira. O material utilizado foi pré-fabricado e ainda poderá ser empregado em outras ocasiões.

Em Martinésia, após a realização da primeira festa na área da quadra, a festa continuou a migrar. Retornou para a roça, depois para o distrito, até que se construiu um salão comunitário (também conhecido como cozinha comunitária, cantina, e barracão sendo este último termo o mais utilizado) sobre o piso da quadra de peteca. Nesse conjunto edificado (ginásio poliesportivo e salão comunitário) a festa se estabeleceu em definitivo. Tal sequência pode ser observada no quadro a seguir.

ANO	LUGAR
1995	Fazenda
1996	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
1997	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
1998	Fazenda
1999	Ginásio, tolda construída na rua e cozinha residencial particular próxima ao ginásio.

2000	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
2001	Fazenda
2002	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
2003	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
2004	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
2005	Ginásio, tolda construída na rua e cozinha residencial particular próxima ao ginásio.
2006	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
2007	Ginásio e quadra de peteca coberta por lona plástica (tolda sobre a quadra)
2008	Ginásio e barracão (inauguração do salão comunitário – barracão – construído sobre a quadra de peteca)
2009	Ginásio e barracão
2010	Ginásio e barracão (inauguração das seis fornalhas de concreto)
2011	Ginásio e barracão

Quadro 1: O lugar da festa.

Fonte: Lindalva Vieira e Luzia Alves Borges em entrevistas realizadas em janeiro e abril de 2011.

Não existiu um único fator ou justificativa para a construção do barracão e a fixação da festa, mas vários elementos motivadores como:

- a política, por meio do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia¹⁹, que busca melhorias estruturais e verba para ser aplicada no distrito;
- a proibição do corte de madeira pelo IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, que dificultava a retirada da matéria prima para a construção da estrutura da festa todos os anos;
- a falta e o alto custo da mão de obra empregada para construir a estrutura da festa (toldas, cercas, etc.);
- a dificuldade de se buscar parte dos trabalhadores voluntários na área urbana, pois muitos não têm condução própria;

¹⁹ De acordo com Rastrelo e Silva (2008), o Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia foi criado no ano de 1982 visando mediar a comunicação institucional do distrito com a administração municipal.

- o crescimento da festa e o conseqüente incômodo dos fazendeiros em relação à abertura de suas propriedades a pessoas desconhecidas.



Mosaico de fotos 3: Estrutura fixa da festa.

Vista lateral da quadra poliesportiva e vista superior do barracão (respectivamente).

Autora: MARQUES, Luana Moreira. Março de 2011.

Sobre a modificação do *lôcus* da festa, Dona Luzia Borges destacou:

Antigamente ela era feita nas fazendas mesmo, né? E... hoje ela já é realizada no distrito... já tem a cantina própria, que foi construída para realizar tem mais ou menos uns dozes anos a quinze que é realizada aí na cantina. Antes fazia uma tolda em cima da quadra que era quadra de peteca, né? Aí depois resolveram a fazer a cobertura e deixar só por conta da festa, para a realização da Festa de Reis... Fica mais fácil fazer aqui hoje do que nas fazendas, né? Porque o período é de chuva... já tem problema de estrada... dificulta mais.²⁰

A fixação da festa no barracão melhorou a infraestrutura de produção do evento. Os pontos de fornecimento de energia elétrica foram dispostos por toda a área e o acesso aos equipamentos eletro eletrônicos se tornou facilitado. Toda essa dinâmica aproxima a festa do cotidiano globalizado e estimula sua comunicação. Tal aproximação traz para mais perto da festa a mídia, o espectador e o comerciante.

Para Cezimar dos Reis Januário, que cresceu no distrito e na idade adulta mudou-se para a cidade de Uberlândia,

Tem que haver mudança. A globalização veio pra mudar a tradição. Muita coisa vai mudando, como no Novo e no Velho Testamento. Se

²⁰ Entrevista realizada com Dona Luzia Alves Borges, em janeiro de 2011, no Distrito de Martinésia.

*não fosse assim a gente seria como caranguejo, andaria para trás. Antigamente a festa era mais movimentada. Hoje é política, o povo tá procurando negócio. Hoje até a fila [para alimentação] tá grande demais. Hoje não conheço mais as pessoas, muitas pessoas vem de Uberlândia... Tudo vai mudando.*²¹

Mesmo que o festeiro possa fazer a festa em uma área particular, ele tende a organizá-la na estrutura oferecida pela sede do distrito, tendo em vista que a fixação do evento facilitou a logística da produção festiva. Os voluntários, que antes eram buscados no distrito e levados ao lugar da festa, agora chegam ao barracão por conta própria. A segurança das propriedades privadas também aumentou, pois não há mais incursões de estranhos nestas áreas. Por outro lado, a festa se tornou mais padronizada no sentido da espacialização da manifestação cultural – se antes ela itinerava, agora mantém uma parte fixa.

É importante destacar que, mesmo que a produção do evento se fixe, a festa não se torna estática, pois ela continua circulando pelas redes. A festa permanece... Ainda que seja impossível negar um processo de enrijecimento irreversível causada pela fixação da cultura em um lugar pré-definido, a festa continua... Ela permanece numa fluidez que se dá em novos movimentos.

Os movimentos aproximam uma tradição – entendida como algo que atravessa a história – ao possível. A festa só permanece porque ela se comunica e relaciona com o meio. Há um embate que insere novos elementos e retira outros do corpo festivo. O que resiste é a tradição. No caso da Festa de Santos Reis de Martinésia, resiste a folia, a comida, a doação, a crença (fé) e as sociabilidades.

Santos (2008c) em seus estudos sobre os mineiros e gaúchos no cerrado, percebeu que as sociabilidades eram mediadas pelas festas. Assim como em Martinésia, o município de Iraí de Minas também foi cenário da mudança das práticas culturais. Lá as festas se mantiveram, mesmo que reestruturadas e reduzidas.

Recorrendo-se à memória dos festeiros, ao capitão da Folia de Reis, descobre-se que a festa não apenas mudou, em relação aos seus objetivos, mas, fundamentalmente, foi adaptada ao ciclo da vida moderna e da produção sem interrupções. Há tempos não tão distantes (1980), a festa (Folia de Reis) durava mais de uma

²¹ Entrevista realizada com Cezimar dos Reis Januário, em janeiro de 2010, no Distrito de Martinésia.

semana, correspondia a momentos da abundância relativa das roças de subsistência. O que restou dos rituais religiosos da festa dura meio dia, tem como característica fundamental a cantoria, também reduzida, de sentido bíblico, a comida farta e a hospitalidade. Contudo, é incapaz, nesses pequenos gestos, de recriar as festas que compõem a tradição dos homens do cerrado e de integrar, gerando interesses maiores por parte dos homens que migraram [gaúchos]. [...] Porém, as festas continuam sendo praticadas, são pobres em detalhes; os arranjos, enfeites preparados pela comunidade, envolvendo famílias na preparação da festa, foram substituídos, ultrapassados e representam miniaturas do que já foram. Que festas são essas? Reduzidas a festins, será que buscam somente a reunião dos diferentes? (SANTOS, 2008c, p. 198-9)

Num contexto de alterações e metamorfoses, o que permanece? Qual o lugar da festa? Sabe-se que as pessoas ficam e, junto a elas, também se conservam as sociabilidades, doações, a fartura, a reza, a folia... Mas onde esses elementos se estabelecem? Num tempo passado eles itineravam, no tempo presente eles se concentram no barracão. Embora hajam as redes que se (re)fazem cotidianamente, a folia que gira e territorializa a festa, e os sujeitos que circulam no espaço, é no barracão que a festa se materializa.

O barracão é o lugar da festa, onde se estabelecem as relações. O entendemos como um “espaço vivido”, termo proposto por Santos (2008a). Assim, um lugar só se constitui com a presença dos sujeitos sociais.

Há de se pensar, por outro lado, que **todo espaço é vivido**. Se não fosse, não seria espaço, mas uma simples área sem relação. Um espaço vazio, talvez um “não espaço”. O ato de viver torna-se um dos elementos-chave para as relações. Sem as humanidades não haveriam interações com o meio. Estamos tratando da racionalidade. Certamente os demais animais se interagiriam com o ambiente. Mas isso não o tornaria um espaço relacional e racional, mas um espaço animal, vivo, e sem a criticidade humana. O lugar é pontual, o espaço é geral. O lugar é um recorte do espaço, é onde se incidem as sociabilidades.

O lugar global não exclui o lugar pessoal. O barracão pode ser o lugar da festa para as pessoas que a produzem, ao mesmo tempo em que pode ser o lugar do lazer, do público, dos esportes para o restante da comunidade. Num contexto global, o barracão é um dos lugares da cidade, que recebe pessoas de diversas origens e nele empregam suas práticas, olhares e modos de vida.

O sujeito que migra e depois retorna ao lugar não o reconhece imediatamente, pois não acompanhou seu movimento. Mas a permanência de alguns elementos devolve o lugar a seu sujeito, mesmo que ambos não sejam os mesmos.

[...] Sociologicamente falando, o migrante temporário, ao retornar, já não é o mesmo; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modifica as relações sociais do seu grupo de origem, atará a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. [...] (MARTINS, 1988, p. 45)

Tuan (1983) afirma que o lugar é sentido a partir das experiências em diferentes tempos. Ele trata de um lugar intimista, particular, individual que deve ser incorporado por meio da vivência:

[...] Mas sentir um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. [...] (TUAN, 1983, p. 203)

Para exemplificar e fundamentar tal ideia, Tuan apresenta um fragmento de Naipaul:

Eles saíram. Mas voltaram. Você nasce em um lugar e cresce lá. Você conhece de perto as árvores e as plantas. Você jamais conhecerá outras árvores ou plantas desse jeito. Digamos, você cresce sabendo o que é uma goiabeira. Você sabe que a casca marrom-esverdeada descasca como uma velha pintura. Você procura subir na árvore. Você sabe que, depois de ter subido várias vezes, a casca fica lisa, lisa e tão escorregadia que você não consegue mais subir. Você sente cócegas nos pés. Ninguém precisa lhe ensinar o que é uma goiaba. Você sai do país. Você pergunta: “Que árvore é esta?” Alguém lhe dirá: “Um olmo.” Você vê outra árvore. Alguém lhe diz: “Isto é um carvalho.” Certo; você as conhece. Mas não como a goiabeira. Aqui você espera o poui florescer uma semana no ano e você nem sabe que está esperando. Certo, você sai. Mas voltará onde você nasceu, homem, você nasceu. (NAIPAUL, apud TUAN, 1983, p. 205)

O lugar de Naipaul e de Tuan é o mesmo lugar do sujeito que guarda nas memórias o tempo e espaço vivido. Mesmo quando ele parte, o lugar parte consigo, guardado nas lembranças e imagens passadas, como é o caso do Sr. José Adolfo, que cresceu na entorno de Martinésia e durante a juventude migrou em função dos estudos. Mesmo não vivendo mais no lugar, ele retorna periodicamente.

Martinésia é um lugar íntimo... Passei a infância aqui. Meus dois avós tinham fazenda aqui pra baixo. Um na Fazenda da Divisa e o outro ficava lá embaixo na Fazenda Boa Vista. E também meu pai quando eu tinha sete anos também se mudou pra cá e teve fazenda. Então a nossa infância era eu e meus primos aqui. Final de semana nessa igreja, brincando ao redor da igreja, né?²²

Diferente da concepção de Tuan (1983), Massey (2000, p. 181-2) critica a ideia de que “os lugares têm identidades singulares e essenciais” e que “essa identidade do lugar – o sentido do lugar – se constrói a partir de uma história introvertida, voltada para dentro, baseada na sondagem do passado.” Ela apresenta um lugar global, influenciado pelas relações externas, pelos processos, pelo todo. Nessa perspectiva, Massey (2000) destaca três características do lugar:

1. O lugar não é estático;
2. O lugar não pressupõe fronteiras demarcadas;
3. Os lugares não apresentam identidades únicas ou singulares.

O lugar apresentado por Massey é formado a partir de um sentido global, não individual. Ela defende uma “consciência global do lugar” e sugere que não se restrinja o lugar a um olhar local, mas que se observem as relações que o fazem a partir do global:

[...] As relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos os diferentes níveis, da família à área local e até internacional. É dessa perspectiva que se torna possível imaginar uma interpretação alternativa do lugar. Nessa interpretação, o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de

²² Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, em janeiro de 2011, durante os preparativos para Festa de Santos Reis de Martinésia.

relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num lócus particular. Se você voltar no satélite para o globo, retendo todas essas redes de relações sociais, de movimentos e comunicações na mente, então, cada lugar pode ser visto como um ponto particular, único, dessa intersecção. Trata-se, na verdade, de um lugar de encontro. Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de que suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local. (MASSEY, 2000, p. 184)

O lugar proposto por Massey (2000) dialoga com o espaço global, enquanto o entendimento de Santos (2008a) e Tuan (1983) pressupõem um lugar intimista, singular, particular. Será que assim como na festa, o global e o particular não poderiam coexistir? As duas correntes são distintas, mas não se excluem. Neste caso não há certo ou errado, mas pontos de vista diferentes.

Existe o lugar dentro de mim. O lugar definido pela subjetividade. Também existe o lugar inserido no global. Ele é coletivo, mas continua sendo definido pela minha subjetividade. O **eu** é inserido no lugar e as minhas práticas ajudam a modificá-lo. Se o outro me reconhecer no lugar, então o lugar passa a ser coletivo.

Além da fixação do lugar da festa, também é possível destacar a recriação de sua temporalidade. Atualmente a data de produção e realização do evento está submetida à disponibilidade do festeiro. Ao longo do tempo ela deixou de obedecer ao calendário estabelecido pela tradição e passou a ser realizada a partir do calendário pessoal dos organizadores que tendem a considerar questões individuais e conveniências específicas para programar a comemoração. Isso faz com que a festa, tanto em Martinésia quanto em outras localidades, seja vivida durante todo o ano.

No caso do distrito de Martinésia, a festa mais tradicional costuma ser realizada no mês de janeiro, mas também é possível observar a produção de outras

Festas de Reis ao longo do ano²³. Isso denota uma alteração das práticas culturais em decorrência da modernização das técnicas e tecnologias.

O calendário festivo era regulado pela produção agrícola, conforme destaca Martins:

[...] Podemos nos limitar a um exame sumário do seu uso no que se poderia chamar de ciclo do cotidiano do caipira ou a sua rotina ritualizada. [...] Esse ciclo do cotidiano está marcado por dois elementos de referência: de um lado, o ciclo da natureza, com a sucessão das estações do ano, e de outro, o ciclo das comemorações litúrgicas do catolicismo. As regularidades da natureza e as regularidades da religião combinam-se em função do trabalho rural, da atividade humana sobre a natureza. Cada passo do primeiro ciclo é referido aos momentos do segundo, um explicando-se pelo outro. [...] (MARTINS, 1975, p. 108)

Com o domínio das técnicas produtivas, possibilitado pela difusão das tecnologias no campo (insumos agrícolas, maquinário, *know how*, etc.), o sujeito passou a controlar o ciclo da natureza. A não submissão ao ciclo natural permitiu o rompimento do ciclo religioso. Assim, a festa que era tradicionalmente feita na roça em cada janeiro, passou a ser reproduzida em outros lugares e em outros tempos.

Destaca-se também a influência do ciclo comercial na festa de Martinésia. O evento não é mais realizado no dia de Reis – seis de janeiro – mas no sábado mais próximo a esta data. A realização da festa nos finais de semana atrai um público maior. De acordo com Dona Luzia Borges²⁴, *“naquela época [primeiras décadas da festa] a festa era feita no Dia de Santos Reis, mesmo que fosse na segunda-feira. Quando passou a ser feita nos sábados, [o público] aumentou muito.”*

Até agora tratamos dos espaços, movimentos e elementos de ruptura singulares à Festa de Santos Reis realizada em Martinésia. Mas há ainda outro elemento a ser considerado: a modernização das técnicas, que modificou o modo de vida social como um todo, não se restringindo à festa.

A agregação de novas tecnologias às festas populares gerou rupturas. É certo que como um fenômeno social, a festa tenha incorporado o que a sociedade vive. E as técnicas e tecnologias estão impregnadas nos modos de vida da população. As

²³ Os eventos produzidos fora de época são chamados festas “temporonas” que no conhecimento popular quer dizer “fora do tempo certo ou previsto”. É um termo muito utilizado para as manifestações culturais e colheita fora de época.

²⁴ Entrevista realizada com Dona Luzia Alves Borges, em janeiro de 2011, no Distrito de Martinésia.

produções têm ganhado novos formatos, se especializado e também espacializado, ou seja, elas saíram do meio residencial de seus produtores e se alocaram em fábricas e, mais recentemente, em grandes indústrias.

Sobre a temática, Santos (2008) destaca:

Hoje, tanto os objetos quanto as ações derivam da técnica. As técnicas estão, pois, em outra parte: na produção, na circulação, no território, na política, na cultura. Elas estão também – e permanentemente – no corpo e no espírito do homem. Vivemos todos num emaranhado de técnicas, o que em outras palavras significa que estamos todos mergulhados no reino do artifício. (SANTOS, 2008b, p. 128)

A partir do fragmento entende-se que as técnicas de produção de bens e serviços estão infiltradas no cotidiano social. Como a festa se veria fora de tal processo tão esmagador? Seria um paradoxo pensarmos que tal manifestação sairia ilesa de tudo isso. Ao contrário, ela é cultura e a cultura se reproduz no social, naquele que cultiva, respira, vive... no homem. É nessa perspectiva que a festa é (re)inventada... É assim que as técnicas são inseridas na festa. E é por isso que podemos observar, por exemplo, a energia e o petróleo transformar o tempo e o espaço festivo.



Mosaico de fotos 4: Transformações da festa no tempo e espaço.

Respectivamente: Folia de Reis girando em espaço rural (1988) / Folia de Reis girando em espaço rural (2009).

Fonte: AFONSO, Eduardo (arquivo). 1988 / MARQUES, Luana Moreira. 2009

Para continuar viva, a festa incorporou elementos de cada época e contexto, tendo como forte característica a maleabilidade e dinâmica. Ela passou a ser uma

vitrine do antigo perpassado ao novo. Isso permite visualizar a festa e observar os signos de origem ao mesmo tempo em que se veem as injunções do moderno.

Assim, se fez a festa possível. Ela só existe porque se adapta. No caso da festa de Martinésia, a folia não conseguiria girar por lugares diferentes sem o transporte automotivo. A festa não atrairia milhares de pessoas se organizadas em fazendas. A cozinha não daria conta da demanda sem a tecnologia...

A condição para a festa se manter viva é sua adaptação ao tempo e às práticas adjacentes da modernidade que alteram o modo de vida e as práticas sociais. A própria transformação dos diferentes sujeitos da festa propõe a transformação desta. Na medida em que as condições da manifestação são outras, a festa, fruto da articulação de um grupo, também se modifica. Isso pode ser entendido a partir das técnicas e tecnologias, que sempre estiveram imbricadas nas manifestações e produções sociais.

A evolução das técnicas e tecnologias no tempo e espaço permitiu uma modificação de relações e domínio do modo de fazer e com o que produzir. Em campo, é muito comum ouvir falas que lamentam a dureza do viver nas décadas passadas, quando não se dispunha de energia elétrica, água encanada, rede de esgoto, telefone, entre outras tecnologias. Sobre isso, uma das entrevistadas²⁵ afirmou que “Antigamente as coisas era mais difícil, a gente tinha que carregá lata d’água nas costa... os braçu ficava tudo inchado de tanto carregá peso. Hoje é só abri uma tornera e o povo ainda reclama.”

Observa-se que o modo de vida do ser social está impregnado de relações que conjugam técnicas e tecnologias. As técnicas sempre estiveram presentes no cotidiano da sociedade. Elas são caracterizadas pelo modo de fazer, pelo conhecimento prático. As tecnologias, por sua vez, foram se desenvolvendo ao longo do tempo. Elas ampliam as possibilidades de como fazer. Traz a ciência, as descobertas e as fórmulas para junto do ser social, da comunidade e criam meios que facilitam a reprodução do sujeito social. Enfim, são os recursos empregados no modo de fazer. Se o assar uma carne é uma técnica, o forno a lenha, o forno a gás e o forno elétrico são tecnologias. Também são tecnologias a energia elétrica, os veículos motores de transporte e os aparelhos eletro-eletrônicos. Juntas, as técnicas e tecnologias modificaram e ainda modificam a história da humanidade.

²⁵ Entrevista realizada com moradora do distrito que preferiu não ser identificada, em março de 2011, Martinésia.

Santos (2008b) afirma que as técnicas se interligam umas às outras no tempo e se revelam nos espaços:

Em qualquer que seja a fração do espaço, cada variável revela uma técnica ou um conjunto de técnicas particulares. Pode-se, também, dizer que o funcionamento de cada uma dessas variáveis depende, exatamente, dessas técnicas. Tomando como referência a História mundial, cada técnica poderá ser localizada no tempo. Trata-se, também, na verdade, da história dos instrumentos e meios de trabalho postos à disposição do homem. Quando um novo instrumento ou meio ou forma de trabalho torna-se uma forma de ação, constitui-se uma espécie de certidão de nascimento ou data de origem. De tal maneira, seu emprego num determinado lugar — emprego imediato ou posterior — atribui a esse lugar, ao menos para o mencionado instrumento, condições técnicas do momento em que, pela primeira vez, esse instrumento de trabalho se incorporou à História. Mas o tempo do lugar, o conjunto de temporalidades próprias a cada ponto do espaço, não é dado por uma técnica, tomada isoladamente, mas pelo conjunto de técnicas existentes naquele ponto do espaço. (SANTOS, 2008lb, p. 57-8)

Diante disso, pode-se pensar numa heterogeneidade das técnicas e tecnologias no espaço. A modernização das técnicas e tecnologias chegaram a toda a população. Todavia, é sabido que tais elementos não foram (e ainda não são) inseridos/consumidos de forma igualitária em todos as esferas sociais. As famílias mais abastadas certamente têm mais acesso às informações e produtos tecnológicos. Isso fez com que os benefícios e problemas consequentes de uma modernidade que se (re)cria cotidianamente cheguem a todo o espectro social de forma desigual e excludente.

Embora as técnicas e tecnologias cheguem de forma desigual à sociedade, a festa se mantém. Isso é possível por dois motivos que se complementam: os organizadores da festa, via de regra, dispõem de recursos (financeiros e tecnológicos) que a sustentam; enquanto os voluntários (em geral pessoas com menor poder aquisitivo) contam com técnicas e tecnologias alternativas, criadas a partir das necessidades cotidianas.

A exclusão faz com que o povo se inclua inventando novas formas de se reproduzirem socialmente mediante os recursos disponíveis. É a criatividade em

ação... Práticas que unem técnicas e tecnologias de tempos diferentes num mesmo espaço.²⁶

É fato que as festas populares em geral não conseguiriam prover alimentos e se organizarem frente à crescente demanda sem a modernização das tecnologias (mas essa também não cresceria caso a festa conservasse os antigos padrões e técnicas). Suas realizações também não seriam possíveis sem os automóveis para a locomoção entre grandes distâncias. Portanto, é inegável que as modificações alteram as dinâmicas da festa. No entanto, o novo e moderno não anula o que já existe. Ao contrário, proporciona novos movimentos, práticas e interações. Reafirmo que neste movimento há mudanças. Algumas práticas são suprimidas em detrimento de outras. Mas se pensarmos no todo, o movimento é incontestável. Diante disso, é importante lembrar que a cultura é maleável e por isso as transformações alcançadas pelas festas populares são inevitáveis e devem ser encaradas com cautela e parcimônia, pois interferir/manipular seu curso pressupõe tirar-lhes a autenticidade.

Canclini (2003) visualiza ações positivas a partir da inserção de elementos modernos aos tradicionais. Para ele

[...] a reelaboração heterodoxa – mas autogestiva – das tradições [a partir da modernização] pode ser fonte simultânea de prosperidade econômica e reafirmação simbólica. Nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade. (CANCLINI, 2003, p. 239)

Para se compreender o processo citado, é necessário desvendar **como** a comunidade lida com as reinvenções e adaptações da festa, **se e de que forma** ela maneja esses processos mantendo o domínio sobre a manifestação.

Diante de todos os elementos aqui expostos, verifica-se que a Festa de Santos Reis de Martinésia tem agregado novos elementos, subtraído outros e se adaptado ao tempo e espaço em que são realizadas. É esta maleabilidade que permite que a manifestação perdure e se renove a cada geração.

O presente capítulo permitiu observar as mutações do espaço e como a festa se comporta nesta condição. Ela continua, mas com características do seu tempo e do seu espaço. Percebeu-se que não é possível refazer a festa do passado,

²⁶ Assunto aprofundado no capítulo 3.

somente (não no sentido reducionista) viver a festa possível. Esta festa, que no momento se realiza, será apresentada e discutida no capítulo três.



Alvorada em Martinésia

Acordo com tiros

Muito barulho

Ousso foguetes que estouram no céu de Martinésia

É dia de festa

Dos cheiros que invadem as casas

Tutu de feijão, arroz, almôndegas, macarrão com frango...

Doce de leite, de mamão, de laranja.

Mal posso esperar a chegada da folia

Cantando para o Santo

Conduzindo a festa

Viva Santos Reis!

Viva Martinésia!

Luana M. Marques

CAPÍTULO 3 – A FESTA NO ESPAÇO-TEMPO: MARTINÉSIA, 2010

Em linhas gerais, a Festa de Santos Reis realizada anualmente no distrito de Martinésia é marcada por uma série de rituais que começam, oficialmente, no dia 25 de dezembro com a saída da bandeira, e terminam no dia de encerramento do evento (normalmente em 6 de janeiro ou no sábado mais próximo desta data).

Todavia, uma manifestação cultural não se resume a “linhas gerais”, ela envolve o vivido em várias dimensões. A festa é dotada de sentimentos, arranjos, maleabilidades, sociabilidades e redes que se espacializam e dão origem a processos singulares entremeados de pluralidades únicas. Sim, a festa é contraditória, mas ela se encontra e se (re)faz na própria contraditoriedade. Essas características são apresentadas ao longo do presente capítulo, cujo viés etnográfico não se restringe à descrição.

Para apresentar a festa partirei da tarde de 24 de dezembro de 2009. O barracão²⁷ estava bastante movimentado. Cozinheiras voluntárias preparavam a ceia de Natal, enquanto outras mulheres se ocupavam da decoração do ambiente e dos instrumentos dos foliões. Aquela seria a primeira noite de giro da Folia de Santos Reis.

3.1 É cantando que se reza: a folia de Santos Reis

A folia é um dos principais elementos que compõe a festa. De acordo com Brandão (1977),

A Folia de Reis é um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos ‘três Reis santos’, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro. (BRANDÃO, 1977, p. 4)

Vieira (1967), por sua vez, traz uma definição mais detalhada desses grupos:

²⁷ A festa é feita no barracão. Se definíssemos uma expressão para este lugar seria: “tudo começa e tudo termina no barracão.” Como dito no capítulo anterior, o barracão é uma estrutura física pública presente no distrito de Martinésia. É composto por salão, cozinha, quartos, dispensa e banheiros. Em anexo ao barracão há uma quadra poliesportiva também utilizada no dia da festa.

Chamamos Folia a grupos ambulantes de cantadores e músicos que têm sua razão de ser em louvar, através de cantigas e versos, o nascimento de Cristo e a adoração dos Reis Magos. Usualmente deslocam-se a pé pelas vizinhanças de sua região e visitam residências onde haja um presépio armado, um oratório, ou simplesmente uma imagem, seja ela esculpida (em madeira, gesso, pedra-sabão, etc.), desenhada, pintada, ou apenas uma gravura (santo-de-folhinha). Estes grupos saem geralmente entre 25 de dezembro e 6 de janeiro. Em alguns locais este período é alargado, prolongando-se até o dia 20 de janeiro ou 2 de fevereiro. (VIEIRA, 1967, p. 6-7)

Embora ambas as definições tenham sido tecidas há algumas décadas, elas ainda se mantêm atuais, sendo necessário fazer apenas algumas considerações. Os grupos de folia acompanharam as transformações sociais e inseriram elementos modernos em suas práticas. Se em meados do século XX, as folias faziam os giros a pé ou a cavalo, dormiam nos pousos oferecidos pelos moradores da comunidade, não trabalhavam no período, quase sempre com a mesma vestimenta, no início do século XXI, é raro encontrar grupos que permanecem com tais práticas.

A modernização dos meios de comunicação e transporte modificou os hábitos de toda a população, inclusive no que se refere às manifestações populares. Para acompanhar o movimento e as transformações sociais, as festas têm se modificado e reestruturado continuamente, conforme abordado no capítulo anterior.

Assim como a festa, as apresentações da folia também são dinâmicas. Os cânticos são improvisados de acordo com os cenários encontrados em cada lugar, isto é, embora os versos cantados sejam parecidos, eles se diferenciam à medida que as situações se modificam. Cada visita da folia traz particularidades. Cada morador a recebe de uma forma diferente: uns com fogos de artifício, outros ajoelhados, outros não sabem o que fazer com a bandeira... Para cada situação o grupo entoa cânticos diferentes.



Mosaico de fotos 5: Diferentes formas de recebimento/adoração da bandeira.

Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2009.

Quando há um altar exclusivo para Nossa Senhora Aparecida, por exemplo, a folia entoia os seguintes versos²⁸ como homenagem:

Dai-nos a benção,
ó mãe querida,
Nossa Senhora Aparecida.

No caso do recebimento da bandeira com a porta de casa fechada, é comum ouvir a seguinte canção:

²⁸ Versos cantados pelo Capitão Zinho, da Companhia Estrela de Belém, durante o giro da Festa de Santos Reis de Martinésia, no ano de 2010.

Ô de casa, ô de fora
 Ô de dentro, quem será?
 Aqui de fora é os Três Rei Santu
 Ele vei te visitá

Ao ouvir os versos, o dono abre a porta e recebe a folia que continua cantando:

Bom dia dono da casa
 Como você tem passado?
 Viemu trazê lembrança
 Do nascimento sagrado

É chegada em boa hora
 Boas nova vamos dá
 Foi o filho menino Jesus
 Que nasceu pra nos salvá

A cantoria continua com versos que tratam do nascimento de Jesus, dos elementos do presépio (caso haja um presépio no lugar visitado), da esmola dada à folia, do agradecimento e da despedida. Conforme dito anteriormente, em cada parada há uma cantoria diferente que se adapta à situação observada.

A folia é um corpo agente e reagente que trabalha pelo e para o sagrado, neste caso, Santos Reis. Além de representar a peregrinação dos Reis Magos, ela também é responsável por angariar fundos e/ou ofertas para a realização do evento e por convidar a população para a festa.

Os foliões não vivem profissionalmente da devoção aos Santos Reis. De modo geral, cada um tem sua profissão e se dedica aos giros durante as férias ou horas vagas. Alguns recebem uma ajuda de custo que varia de acordo com o contexto. Um pedreiro que deixa de trabalhar para girar com a folia, por exemplo, costuma receber do festeiro o mesmo valor que receberia por um dia de trabalho. Já o funcionário público em férias tende a receber outro valor. Há ainda aqueles foliões que cumprem votos e se recusam a serem financeiramente recompensados/ressarcidos.

A dinâmica do capital se mesclou à reprodução do sagrado. Os foliões, em geral, entendem que o giro é um trabalho para o santo. Mas esse trabalho também deve ser recompensado financeiramente pelo festeiro, justificando, em alguns casos, o enfrentamento de uma rotina extenuante.

O que hoje é entendido como recompensa dada aos foliões, há algumas décadas seria reprovável, pois se o giro é uma doação, não deveria haver moeda como pagamento. Pelo menos não de forma clara e aberta, como é feita hoje. Se o anfitrião da casa doasse algo à folia, a doação seria bem vinda, mas ela era entendida como presente e não como pagamento.

No passado os giros tinham uma conotação primaz de encontro. As relações eram estabelecidas e fortalecidas durante a jornada da folia. O santo servia como mediador dessas relações sociais. O movimento e a interação com a contemporaneidade fez o cenário mudar. Hoje o santo continua mediando, mas as relações são outras. As folias se profissionalizaram. Algumas ensaiam, gravam CDs, usam uniforme... Outras, como as que atuam em Martinésia, ainda guardam características mais rústicas, se comunicam com a coletividade, mas também se transformam a cada giro.

É comum observar a confusão entre os termos “Folia de Santos Reis” e “Festa de Santos Reis”. O primeiro – folia – consiste num grupo que canta representando a jornada dos Três Reis Magos desde o Oriente até o encontro com o menino Jesus. O segundo – festa – engloba o giro da folia e diversos rituais que se estendem por mais de uma semana e findam numa grande festa de encerramento com louvores e baile dedicados aos Santos Reis. Se normalmente a festa é tida como elemento de segundo plano que marca a saída e chegada da folia, no caso de Martinésia ela é tratada como protagonista.

O grupo de folia da festa de Martinésia realizada em 2010 é conhecido como “Companhia Estrela de Belém” e seus integrantes residem na área urbana do município de Uberlândia. O giro durou nove dias. Nesse período os foliões percorreram casas, fazendas e comércios no distrito de Martinésia e na região. As ações do grupo foram marcadas pela riqueza de detalhes em cada ritual.



Mosaico de fotos 6: Paisagens do giro da folia.

Respectivamente: Área urbana do distrito de Martinésia / Área urbana da cidade de Uberlândia / Fazenda da região. Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2009.

O giro da folia compreendeu, basicamente, as seguintes etapas:

1. Saída da bandeira no dia 24 de dezembro.
2. Peregrinação dos foliões pelas casas da região, na cidade e na zona rural, durante 9 dias.
3. Chegada da bandeira na festa com coroação de novos festeiros, fechando o ciclo do giro.

O ritual de “saída da bandeira” teve início às 22 horas do dia 24 de dezembro de 2009. Tal prática caracteriza o início do giro da folia. No dia foi servido um jantar para todas as pessoas presentes. Os momentos sagrados foram compostos pela reza de um terço e pela cantoria dos foliões, que se colocaram em frente ao presépio e embaixaram versos para todos os elementos daquele espaço de representação. Os fiéis crêem que cada imagem contida nas lapinhas²⁹ tem um significado e importância na composição e história da jornada dos Três Reis Santos. Após o longo ritual que adentrou a madrugada, a folia iniciou seu giro se deslocando a uma das casas do distrito. Lá louvaram os Reis Magos e deixaram os instrumentos para pouso.

²⁹ Sinônimo de presépio.



Mosaico de fotos 7: Diferentes presépios observados durante o giro da folia.

Em cada presépio observei paisagens diferentes. Trata-se do imaginário do devoto que, a partir das possibilidades materiais, recria o cenário do encontro de Jesus com os Reis Magos.

Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2009.

No dia seguinte a folia retornou à casa, agradeceu o pouso dos instrumentos e iniciou o giro do dia. Todos os agradecimentos e orações feitos pelo grupo dão origem a rituais cantados, coroados por detalhes ricos e únicos.

Confesso que ao ouvir os primeiros versos e acordes dos foliões me emocionei. Dizem que os olhos são o espelho da alma. Os meus, marejados, mostravam anseio, medo e paixão por aquelas práticas. Entendi que realmente começara meu trabalho.

Durante o dia fui crescendo enquanto observadora... Ainda demoraria a ser uma observadora participante. Mas já pela manhã senti angústia. Angústia por querer contribuir. Tive o sentimento de ser uma estudante que apenas fitava as pessoas como num espetáculo. Não havia retribuição. O que eu deixaria para aquelas pessoas que abriam suas casas e corações, me recebendo tão bem? Os rituais podem ser entendidos como representações que se instalam na festa a partir dos simbolismos. A peregrinação da folia, assim como o festejar pelo mito, materializam a fé do devoto. Portanto, o girar da folia e o festar se tornam a espacialização da representação. A festa e o giro deixam de ser substância (substantivo) para se tornar ação, verbo: festejar, girar, representar. (ANOTAÇÕES DE CAMPO, 2009)

Soma-se isso à compreensão do “eu” pelo sujeito que cria a representação e é representado por suas práticas. Nessa perspectiva, vale destacar as proposições de Woodward (2005) que afirma:

[...] A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2005, p. 17)

A folia identifica a festa e seus sujeitos. Como um corpo social, a festa contém os sujeitos que, ao mesmo tempo, a delineiam. Essa interação se desenvolve numa rede social que impõe diversas regras e códigos de conduta. O folião não pode, por exemplo, se apresentar sem a toalha branca, decorar seus instrumentos com fita preta, desprezar os momentos de oração, andar na frente da bandeira e se comportar de maneira desrespeitosa próximo a este símbolo. Cada uma dessas proibições tem uma fundamentação baseada nas crenças e na reprodução do vivido, da tradição. Segundo os foliões, a toalha branca representa o sagrado, a paz, enquanto o preto é sinal de morte, de negatividade. A bandeira é, efetivamente, o santo, trata-se de uma espécie de materialização dos Três Reis. Como símbolo máximo, ela deve anteceder os cantadores, os quais têm obrigação moral por manter o respeito frente àquela alegoria.

Andamos a pé por todo o distrito e visitamos 30 casas. Foram quase 12 horas de trabalho. Durante os intervalos houve momentos de diversão e cantoria... tempos e práticas que juntos permitiram a confraternização, a oração, o vinho, a comilança, o giro, os fogos e a demonstração efetiva de devoção aos Santos e à vida.

Diante disso, entendi que as Folias de Santos Reis se caracterizam por um grupo de pessoas de diversas origens sócio-espaciais que giram durante alguns dias, refazendo simbolicamente a peregrinação dos Três Reis Magos desde o Oriente até o encontro com Jesus recém nascido. Neste período eles arrecadam donativos para a realização de uma festa organizada *pela* e *para* a comunidade, sendo que a jornada compreende tanto o campo como a cidade, onde os foliões embaixam versos cantando e contando a história dos Santos Reis. Trata-se,

portanto, de uma representação do sagrado expressa pela devoção que se liga à diversão num movimento simbiótico.

Essa é, então, a festa possível. A festa da folia, que se constrói a partir das redes sociais. Pressupõe comunicação, compadrio, diferentes motivações e fluidez, permitindo que o giro seja o tempo e espaço das metamorfoses.

3.2 “Estrela de Belém”: a folia na rede da festa

A Companhia “Estrela de Belém” iniciou a jornada com 11 integrantes (10 instrumentistas cantores e 1 alferes), mas tal composição foi sendo alterada ao longo dos dias. Algumas pessoas – foliões de outras companhias e aspirantes – se uniram ao grupo em determinadas datas, sobretudo nos finais de semana e dias de folga (o que denota a relação da realização da festa com o tempo livre), reforçando-o e conferindo a ele um caráter mais dinâmico.

Reitero que a folia é, em todos os sentidos, fluida. Obviamente existem exceções, pois a fluidez é (ou não) incentivada pelo capitão, que detém o poder de decisão do grupo. É ele quem define a toada³⁰ a ser cantada, que embaixa as músicas e direciona toda a Companhia.

A folia normalmente é composta por um capitão, um alferes da bandeira, violeiros, caixeiro, acordeonista, cantores... Cada um deve se posicionar de acordo com uma marcação pré-estabelecida por seu tom de voz e instrumento tocado.

O equilíbrio da entonação dos cânticos é conferido pela diversidade dos tons de vozes que compõe cada grupo. Normalmente são seis vozes que atuam da seguinte maneira:

- O capitão (primeira voz) cria e entoa os versos.
- A segunda e terceira vozes respondem os versos (repetindo o que o capitão cantou).
- A quarta, quinta e sexta vozes fazem um coro estridente para o final de cada estrofe (é este coro que costuma marcar uma folia de Santos Reis)

A seguir é possível observar o posicionamento inicial da Companhia “Estrela de Belém”. Lembramos que ele mudava de acordo com o aumento ou supressão de

³⁰ Ritmo cantado. Cada grupo de folia tem uma toada diferente, única, que confere a ele uma identidade musical.

músicos. Todavia, a sequência sempre era a mesma, com o alferes em primeiro nível seguido pelo capitão e sanfoneiro. À frente destes dois ficava uma fila com a primeira, a segunda e a terceira vozes (cantadores que faziam a resposta). A quarta, quinta e sexta vozes se organizavam em sequência no final das duas filas. Por último alocava-se o caixeiro.



Figura 5: Disposição da folia.

Organizadora: Marques, Luana Moreira.



Mosaico de fotos 8: Ordem espacial da folia.

Na primeira imagem o alferes (e a folia) segue da direita para a esquerda, posição contrária à segunda imagem.

Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2009.

Esse tipo de posicionamento confere unidade e hierarquia, pois o grupo se reúne tendo como guia a bandeira, que sempre vai à frente dos foliões. De maneira prática, a disposição dos cantadores em fileira facilita a entrada e o estabelecimento na casa dos anfitriões durante o giro. Além disso, o agrupamento dá equilíbrio e sequência às vozes dos foliões.

É importante lembrar que as vozes variam de intensidade. Para isso é utilizada uma escala que vai da mais grave para a mais aguda, sendo que as primeiras são mais graves do que as últimas. No caso das folias mistas normalmente os homens cantam nos tons mais graves e as mulheres nos mais agudos a fim de balancear a cantoria.

Embora não participe cantando, o alferes tem um papel muito importante. De acordo com um folião entrevistado, o alferes deve ter amplo entendimento sobre os rituais, pois ele indica cada situação ao grupo. Por exemplo: se uma pessoa se ajoelha quando pega a bandeira, o alferes tem que saber se é um voto feito ao santo ou se é simples devoção, pois assim o capitão entoará versos compatíveis ao momento. Também é o alferes quem carrega a bandeira de Santos Reis – símbolo máximo da festa. Ele auxilia os devotos, indica a hora em que cada pessoa deve tocar a bandeira, a forma de manejá-la, além de receber e repassar aos festeiros as doações recolhidas.

Lembro que o mito – Santos Reis – é representado pela bandeira santa. Estar perto do objeto que materializa essa devoção protege os devotos. Durante todo o ciclo uma bandeira fica no barracão enquanto a outra gira com a folia.

Durante o giro da festa de 2010, os foliões de Martinésia utilizaram um veículo do tipo “Van” para se deslocarem. Isso permitiu que a jornada do grupo se estendesse para áreas mais distantes do local de realização da festa. Nos nove dias de giro a folia percorreu as ruas do Distrito de Martinésia, passou pelas fazendas da região e por alguns pontos da cidade de Uberlândia.



Mosaico de fotos 9: Caminhos da folia.

Folia no distrito de Martinésia e chegando numa fazenda da região.

Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2009.

É importante destacar que quem determina as rotas a serem percorridas pela folia é o festeiro. Ele decide a direção a ser tomada, bem como os lugares onde o grupo deve passar. O deslocamento da folia espacializa e amplia a rede da festa.

Acompanhei o giro da Companhia Estrela de Belém durante três dias. No primeiro visitamos algumas casas do distrito, no segundo fazendas da região e no terceiro a cidade de Uberlândia.

A jornada começava cedo. Por volta das 7h o motorista começava a passar na casa dos foliões e às 8h o grupo já estava reunido. Todos os dias a folia deixava seus instrumentos em determinada casa para pouso. Este lugar marcaria o fim e o início do giro diário, ou seja, era o último destino a ser visitado no dia e primeiro da manhã seguinte.

Nas fazendas percebi que nada é exclusivamente rural ou fundamentalmente urbano. Há sempre inserções de aspectos campestros na cidade e citadinos no campo. Nos quintais das casas do distrito observei plantações de milho, hortas, galinhas... Nas salas das fazendas vi TVs de plasma, equipamentos eletrônicos e antenas parabólicas. Seriam ruralidades no urbano ou urbanidades no rural?



Mosaico de fotos 10: Ruralidades no urbano e urbanidades no rural.

Respectivamente: o moderno e o tradicional representados pela parabólica e a folia em casa de morador de Martinésia / a cabeça de boi que afasta o “mal olhado” dos visitantes e a lâmpada que afasta as assombrações noturnas numa fazenda do entorno de Martinésia (depois do advento da energia elétrica nas áreas rurais as histórias de fantasmas e assombrações têm caído no esquecimento) / a tração por motor e a tração animal coexistindo num distrito rural pavimentado.

Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2009, dezembro de 2009, janeiro de 2011 (respectivamente).

Oficialmente o distrito de Martinésia é considerado uma área rural do município de Uberlândia. Contudo, não se pode ignorar a estrutura urbana presente naquele espaço. As fotografias demonstram essas coexistências, injunções e adaptações observadas no lugar. A dicotomia que separa o rural e o urbano em dois lados extremos não tem razão de ser numa sociedade capitalista fundamentada pelas redes. Os espaços se tornaram fluidos e a cultura se desloca entre os lugares.

No campo e na cidade observam-se ruralidades e urbanidades inter-relacionadas. Todavia, tal característica não pressupõe a homogeneização desses espaços. Alguns elementos resistem e mantêm uma identidade territorial local que se refaz continuamente. Nessa perspectiva, Rua (2006) destaca:

Se há um movimento de unificação urbano-rural pela lógica capitalista, como acreditamos, com um certo sentido de equalização do espaço, há, por outro lado, muitas manifestações de resistência a essa equalização pretensamente homogeneizadora, que se traduzem por estratégias de sobrevivência das famílias rurais, principalmente daquelas mais pobres e/ou empobrecidas no movimento de integração acima referido., quando buscam manter ou (re)construir suas identidades territoriais. Isto nos coloca frente a um complexo processo de heterogeneização do espaço, integrada à lógica desigualizadora do desenvolvimento do capitalismo, na qual interagem dimensões econômicas, políticas, culturais e simbólicas. (RUA, 2006, p. 88)

As festas de Santos Reis expressam a integração rural-urbano por meio das práticas, paisagens e trocas econômicas e simbólicas verificadas durante sua reprodução. Esse misto confere singularidade à festa e, ao mesmo tempo em que promove a alteração ou perda de alguns ritos balizadores, também suscita o acréscimo de novos elementos àquela manifestação. Trata-se do movimento da cultura.

As contribuições financeiras (conhecidas como ofertas e esmolas) para a realização da festa eram consideravelmente maiores nas fazendas. Além deles, muitos fazendeiros também doavam, como prendas, gêneros de sua própria produção agropastoril como bezerros, sacas de arroz, aves ou porcos. Reforço que a festa é feita de doações. Doações financeiras, físicas, de trabalho... Doações do corpo e da mente.

Do giro no campo, passou-se ao giro na cidade. É certo que na cidade a folia se adapta. As folias mais urbanizadas, por exemplo, se habituaram ao concreto, aos tempos mais rápidos, ao trânsito, mas a troca instantânea e apressada de *lôcus* da Folia de Martinésia fez com que o giro na cidade se tornasse algo duro, incômodo, forçado. O ritmo se transformou, as porteiras deram lugar aos sinaleiros e a paisagem bucólica do verde e marrom se transformou em algo cinzento. Destaco que tal incômodo só foi sentido durante o giro pela cidade de Uberlândia, ao contrário de Martinésia que comporta elementos urbanos, mas mantém o tempo lento característico do rural. No distrito os animais ainda são criados soltos enquanto as senhoras se ajoelham perante a bandeira de Santos Reis entre as ruas asfaltadas.



Mosaico de fotos 11: Encontro de folias em áreas centrais do município de Uberlândia.
 Autora: Marques, Luana Moreira. Dezembro de 2008 e Dezembro de 2009.

Entende-se “folias urbanizadas” como aqueles grupos criados ou reconfigurados na cidade e que atuam essencialmente nas áreas urbanas. Esses grupos vivem experiências diferentes daqueles que transitam nas áreas rurais. Agem numa dinâmica de tempo e espaço citadinos, se submetendo a diversos elementos como o trânsito, as resistências culturais, o estranhamento e o modo de vida controlado pelo tempo do trabalho.

É certo que a rede formada pelo giro da folia alcance todo o município, entretanto, ela não estabelece nós/ligações em algumas áreas. Nas periferias a folia

e sua representação encontram sujeitos e lugares onde se criam vínculos e conexões. Entretanto, nas áreas centrais não há espaço para tal – não de forma espontânea. Sabe-se que existem movimentos de “revitalização” da cultura – ações estimuladas, sobretudo, pelas instituições. Exemplos disso são os encontros de folias de reis propostos pela secretaria de cultura do município de Uberlândia. Numa data estipulada e espaço demarcado, as folias se encontram e se apresentam. Esses eventos são formatados de acordo com as possibilidades e interesses de seus organizadores. Em geral, os grupos devem se apresentar em poucos minutos, tempo insuficiente para se reproduzirem como “cantadores de reis”, mas suficiente para atender aos desígnios do espetáculo.

No dia dois de janeiro de 2010 a bandeira chegou à capela do distrito, onde seria guardada junto ao presépio. A entrega da bandeira é um momento de pausa da jornada. Houve grande comemoração, fogos de artifício, despedida dos foliões e era possível sentir a emoção e sensação de dever cumprido no semblante de cada integrante da Companhia... Momentos de saudação, alegria e também de perda.

Observei que durante o passar dos dias de giro a folia se tornou mais coesa. A toada foi ficando mais lenta e se adaptando aos cantadores. Ouvi muitos causos, piadas e cânticos nos intervalos e deslocamentos do giro. Embora muitos integrantes tivessem uma idade relativamente avançada, percebi muita disposição e força de vontade. Os vínculos de amizade se fortaleceram à medida em que cada casa era visitada. (ANOTAÇÕES DE CAMPO, 2009)

Desfeita temporariamente, a folia interrompe o estabelecimento daqueles nós tecidos na rede da festa. Entretanto, cada folião se constitui como um elemento de ligação nessa teia. Como sujeito, ele continua atuando e possibilitando a formação de novas conexões. Tais elos extrapolam a fronteira do distrito, pois acompanham cada folião ao seu *lócus*, no caso, os bairros da periferia da cidade de Uberlândia.

3.3 Os arranjos da festa

Enquanto a folia girava, a festa continuava sendo preparada no barracão. A jornada de trabalho começou no dia 22 de dezembro de 2009 e teve fim em 10 de janeiro de 2010, quando foi realizada a limpeza e desmontagem de toda a estrutura do evento. As atividades no barracão eram iniciadas por volta das 6h 30 da manhã

com queima de fogos e encerradas, geralmente, à meia noite. Lá voluntários faziam doces, coziavam carnes, tratavam da decoração, da estrutura e planejavam o evento.

Diferente da maioria dos foliões, boa parte dos voluntários que trabalhavam na preparação da festa residem em Martinésia. Trata-se, portanto, de uma rede local conectada ao lugar. Há também aqueles que retornam ao distrito, isto é, migrantes temporários que se vinculam novamente àquele espaço em função das sociabilidades da festa. Por último, existem os espectadores, indivíduos que estabelecem conexões incipientes com o lugar e com a manifestação; em geral são aqueles que passavam pelo distrito e se movimentavam na festa, mas não se ligavam diretamente a ela.

Conforme observado no capítulo anterior, o lugar da festa foi concedido pelos agentes externos, sobretudo o governo municipal e a igreja católica. O fluxo se manteve no giro da folia e nos sujeitos que preparavam a festa, mas o fixo se estabeleceu no barracão, no ginásio e no templo.

No barracão as tarefas eram sistematicamente divididas – resultado do crescimento da festa ao longo dos anos. Seria este um espaço de representação? Para refletir sobre a questão, é necessário entender que a representação está incrustada no espaço. Autores como Lefebvre (1980), Gil Filho (2003) e Bettanini (1982) fazem proposições a partir de um espaço de representação.

Lefebvre (1980) aponta que o espaço de representação é diferente das representações do espaço. Ele afirma que o espaço de representação é povoado de objetos, projetos e trajetos que materializam as representações. Gil Filho (2003), por sua vez, destaca que tal categoria é construída a partir da articulação entre o espaço simbólico, o espaço das práticas sociais e as materialidades – fatores que permitem o movimento, a vivacidade.

Bettanini (1982) trata do espaço de representação como *locus* da formação e transmissão de novos valores. Nas palavras do autor, o espaço mítico, o espaço sagrado, e o espaço de representação representam “um *lugar privilegiado* no interior do nosso território e, pelo menos em sua origem, o lugar em que os “novos valores” pretendem transmitir-se por herança [...]” (BERTTANINI, 1982, p. 96). Ele ainda afirma que:

O espaço de representação ilustra os *universos simbólicos*: os valores, isto é, a estrutura de referência sobre a qual se fundamenta a ordem institucional.

O espaço de representação é portanto o produto do código geral da cultura administrada pela ordem institucional. Como elemento de legitimação, o espaço de representação produz novos significados – em relação àqueles já atribuídos – aos processos institucionais, promove a *integração*. (BETTANINI, 1982, p. 97)

Para formar o espaço de representação, um novo espaço é construído. Tal construção se dá a partir de uma dimensão coletiva e essa coletividade é diretamente ligada a uma exigência de fundamentação e refundamentação de valores. (Berttanini, 1982)

Considerando que o barracão só tem sentido para a festa quando ele é ocupado pela festa, pode-se pensá-lo, também, com espaço de representação. Sem os sujeitos que criam e compõem tal manifestação, o barracão é entendido apenas como uma edificação desprovida de vida e sentido. Trata-se de concreto e cimento que forma um espaço adormecido. Espaço que ganha cores, sons e cheiros quando habitado pela festa e vivido por seus sujeitos.

Para dar conta da demanda crescente, foi necessário separar e especializar a festa em setores, como na fabriqueta hipotética de doces citada na apresentação desse texto. Trata-se da adaptação da festa ao mundo moderno, cuja mediação é o dinheiro (isso não significa que a manifestação perde seu sentido ou essência). As principais frentes de trabalho observadas durante a preparação do evento de 2010 foram:

- Planejamento e finanças



- Estética/decoração e infraestrutura

- Higiene/limpeza

Em Martinésia o planejamento do evento e controle das finanças é exercido pelos festeiros. Eles definem a estrutura da festa, as datas de cada micro-evento³¹, o grupo de folia, os voluntários, que controlam as doações e financiam o evento.

Além dos festeiros, há também os festeirinhos, isto é, um casal ou grupo de adultos composto, em geral, por membros de famílias diferentes. Esta característica faz com que o grupo de trabalho aumente, pois envolve pelo menos três famílias na organização do evento. Os festeirinhos são responsáveis por auxiliar os festeiros nos trabalhos cotidianos de preparo para a festa. Contudo, eles se resguardam da responsabilidade em relação ao planejamento e financiamento das ações desenvolvidas.

Durante as semanas que antecedem o evento, os festeiros costumam visitar cada voluntário e os convidar a ajudar no mutirão – trabalho coletivo, não remunerado, em prol de algo ou alguém. Tal ação acrescenta novos elos à rede da festa. Conexões que não se restringem ao distrito, mas que alcançam novos lugares e sujeitos. É assim que pessoas “de fora” do lugar tecem suas humanidades no lugar.

Os mutirões eram atividades muito comuns nas comunidades rurais. Em épocas como a do plantio e da colheita as famílias se ajudavam mutuamente. Cândido (1982) aponta:

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona o problema da mão-de-obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros), suprimindo as limitações da atividade industrial ou familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira. (CÂNDIDO, 1982, p. 67-8)

Embora o campo tenha enfrentado um processo de modernização, algumas práticas permanecem. Uma delas é o mutirão. Algumas instituições como a Igreja dependem desse tipo de trabalho para realização de diversas ações, sobretudo aquelas classificadas como “benéficas”.

³¹ Pequenos eventos realizados no decorrer da preparação da festa. São os terços, missas, forrós, leilões, entre outros encontros que reúnem diversas pessoas da comunidade e externas a ela.

O mutirão não apenas sustenta a festa, ele é parte dela. Trata-se de um dos pilares essenciais à manifestação. Sem doação (do corpo, do trabalho, das finanças, do conhecimento, do sujeito) não se faz, nem se tem a festa do povo.

No caso da festa de Martinésia, os voluntários doam seu trabalho para o Santo ou o fazem em respeito/amizade aos festeiros. Sobre essas obrigações veladas Brandão (2009) afirma:

A diferença entre o mutirão (com ou sem “traição”) é que mesmo quando há bastante trabalho de homens e mulheres em uma “festa de santo”, ou em uma “chegada de folia”, tudo o que se faz então é considerado um não-trabalho. Uma oferta de um “serviço voluntário”, mas, na verdade, quase obrigatório pelo código local de trocas de bens, serviços e sentidos, às pessoas da casa, ao grupo ritual ou mesmo aos seres sagrados festejados. (BRANDÃO, 2009, p. 46)

Há uma relação particular de troca entre o fiel e o santo e/ou entre o fiel e o festeiro. O trabalho voluntário deve ser recompensado, mas diferente da folia, aqui não são aceitos pagamentos em moeda. Trata-se da construção de um “banco de favores” a ser utilizado em outras oportunidades. Os favores fazem parte do modo de vida e da construção da festa. Há uma ética/moral dissimulada que media o trabalho e a produção da festa. A mensagem transmitida gira em torno do “hoje eu te ajudo, mas quando eu precisar contarei com você, porque uma mão lava a outra”.

O mutirão é característica inerente às frentes de trabalho observadas na festa de Martinésia (alimentação, decoração, infraestrutura e higiene). Durante a preparação do evento os voluntários se organizam e atuam simultaneamente em cada uma das áreas.

O principal e mais complexo eixo estruturador é a cozinha, que abarca todas as refeições do dia a dia e a produção dos alimentos servidos na festa. Neste lugar todos trabalham juntos e constantemente tive a impressão de observar um sistema anárquico. Mas quando procurava nas entrelinhas, percebia que a ação coletiva formava uma organização singular e definida. Os mais experientes coordenavam os trabalhos, mas o faziam de maneira muito sutil.

Aqui não há uma lógica clara e previsível, mas a do possível, do movimento social, da tradição, da moral, enfim, a lógica da festa. Os mais experientes tendem a coordenar os trabalhos, apesar de serem subordinados aos festeiros. Portanto, não há regras pré-definidas, mas arranjos cotidianos.

A cozinha expressa diversas relações que podem ser apropriadas pela geografia para explicar e materializar algumas de suas categorias de análise. Na cozinha podemos observar as redes, os lugares, os territórios, o desenvolvimento de técnicas, os arranjos, identidades e pertencimentos num lugar único e também múltiplo.

Os alimentos servidos são resultado da interseção e formação de redes. Cada ingrediente procede de um lugar diferente e, apesar do cardápio ser tradicional, ele advém de adaptações históricas e das possibilidades de reprodução gastronômica. Na primeira festa de Martinésia, por exemplo, foi servido arroz doce. Tal cenário testemunhou uma época em que o açúcar era pouco acessível à população, ao contrário do arroz. Portanto, se tornou mais viável o preparo do arroz doce do que outro tipo de sobremesa que demandava a utilização de maior quantidade de açúcar. O tutu de feijão, por sua vez, foi trazido pelos bandeirantes e tropeiros vindos, sobretudo, do Estado de São Paulo (Recine; Radaelli, s/d) e adaptado ao lugar. Os exemplos apontam a atuação das redes, regiões, costumes, identidades, pertencimentos e hibridismos que se dão no tempo e no espaço.

A cozinha é permeada por relações de poder, por transformações da natureza em produto, em cultura. Os processos permitem que o alimento natural seja agregado a técnicas e elementos que o modificam e geram os pratos, as composições, os novos alimentos. Aqui se estabelecem trocas, a cultura se materializa.

Nos dias de mutirão é possível separar a cozinha em duas frentes: a do dia a dia e a da festa. A primeira delas se encarrega de todas as refeições dos voluntários, da folia e dos visitantes, incluindo os cafés da manhã, almoços, lanches da tarde e jantares. À medida que se aproximava do dia da festa, o número de voluntários e visitantes aumentava, movimentando todo o trabalho desta cozinha.



Mosaico de fotos 12: Sabores da cozinha do dia a dia.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010 e Janeiro de 2011.

Todos os dias foram servidos jantares para mais de 100 pessoas no barracão. Embora a organização da festa seja privada, existe um consenso coletivo que permite a chegada do público no núcleo da organização da festa. É como se o público e o privado ocupassem o mesmo espaço e tempo.

Se considerarmos que a festa é um corpo social, a participação do público torna-se fundamental à existência daquela manifestação cultural. Trata-se da lógica da construção da festa. As pessoas se veem e se reconhecem na festa, porque a festa é feita de pessoas.

Além da cozinha do cotidiano, há uma segunda cozinha que produz os doces e carnes a serem servidos na festa. Observei que os primeiros dias eram resguardados para a produção dos doces – cada dia para um doce diferente – enquanto nos últimos trabalhava-se com as carnes.

De acordo com as doceiras, 50 litros de leite juntos a 5 litros de açúcar produzem uma lata de doce de aproximadamente 14 quilos. O processo de fabricação é lento, dura cerca de cinco horas. Mexendo os tachos de doce as senhoras pareciam “feiticeiras” detentoras de encantos. Não tive dúvidas que a magia da festa também passava por ali.



Mosaico de fotos 13: Processo de cozimento do doce de leite.

1. Latão com leite misturado a açúcar e bicarbonato de sódio. / 2. Voluntários coando o leite para impedir a passagem ciscos ou açúcar granulado. / 3. Cocção / 4. Voluntária batendo o doce quente para impedir a formação de crosta / 5. Armazenagem do produto final.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010 e Janeiro de 2011.

Observei que no trabalho com as carnes há revezamento, o que poupa o indivíduo e permite o descanso. Já nos casos do feitiço dos doces a prática é diferente. Quando uma senhora se encarrega de um tacho, ela deverá seguir com o trabalho até o fim, caso contrário o doce poderá “desandar” porque cada cozinheira o trata de uma forma diferente... Ouvi relatos que diziam, por exemplo, que “existe ciência para fazer um tacho de doce.”

Em Martinésia algumas funções são definidas por gênero. As mulheres, por exemplo, tendem a produzir os doces, realizar as tarefas cotidianas, assumir a

cozinha do dia a dia, criar os adereços de decoração. Os homens, por sua vez, se ocupam do trabalho mais pesado como a limpeza do barracão e a preparação das carnes. Sobre o assunto, Dona Miralva Calábria afirmou: “mulher só vai nas carnes no dia de enrolar as almôndegas.”³² Isso mostra a reprodução dos costumes de uma sociedade tradicionalista que designa as funções e o trabalho pelo gênero.

Nesse contexto, tomamos de empréstimo o entendimento de sociedade proposto por Maciver (1973):

A sociedade é um sistema de costumes e processos, de autoridade e auxílio mútuo, de muitos agrupamentos e divisões, de controles de comportamento humano e das liberdades. Esse sistema completo, que está sempre sofrendo modificações, chamamos sociedade. É a teia das relações sociais. E está sempre mudando.” (MACIVER 1973, p. 117)

Se a sociedade muda, as relações nela vividas também se transformam. É isso que nos permite verificar, por exemplo, homens desenvolvendo funções antes designadas exclusivamente às mulheres e estas se reunindo publicamente (e separadamente) para “contar causos” e beber cerveja em períodos de descanso do mutirão. Destaca-se que as transformações sociais são motivadas pelas necessidades e anseios cotidianos.

No mutirão dos suínos os voluntários se posicionaram em torno da bancada para desossar e separar a gordura da carne que posteriormente foram usadas como banha para o cozimento e fritura de outros alimentos. O mutirão dos bovinos também é feito da mesma maneira, entretanto após a carne ser desossada, ela é moída para ser utilizada no preparo das almôndegas.

³² Entrevista realizada em janeiro de 2010, no barracão comunitário, durante os preparativos da festa.



Mosaico de fotos 14: Mutirão para preparo da carne bovina.

1. Descarregamento de carne procedente de frigorífico. / 2. Moagem para preparo das almôndegas. / 3. Limpeza e corte das carnes.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

A produção de doces caseiros numa grande escala só é possível pelos arranjos sociais e espaciais. A matéria prima do doce de leite, por exemplo, é uma doação dos produtores leiteiros da região. Os ingredientes dos doces de mamão são retirados dos pomares das fazendas do entorno de Martinésia. As doceiras vêm do distrito e também doam seu trabalho. Sem esta rede de doações no lugar, tornar-se-ia inviável fabricar os doces.

Percebi que quase não há mais jovens ajudando a produzir tais alimentos. Isso pode ser explicado por alguns elementos como a dificuldade de se assumir o trabalho, de estar no barracão durante todo o dia e também pela falta de conhecimento das pessoas. Trata-se de um trabalho pesado e de grande responsabilidade.

Apesar da corrente falta de mão-de-obra e de matéria prima tender para o desaparecimento da tradição dos doces, algumas festas criaram alternativas que permitem sua continuidade. No distrito de Cruzeiro dos Peixotos, localizado a cerca de seis quilômetros de Martinésia, por exemplo, é possível observar a compra de doces industrializados. Na festa da Mata dos Dias, também no entorno de Martinésia, o trabalho é dividido e distribuído, isto é, alguns convidados se encarregam de produzir e doar o doce individualmente. Ambas as alternativas são

arranjos que permitem a continuidade da festa, mesmo que desenvolvida de forma diferente e em épocas distintas.

O preparo das almôndegas é uma festa à parte. Exige grande número de voluntários que se reúnem em grupos para amassar e enrolar a carne que então é frita e guardada/conservada em latas com banha de porco.



Mosaico de fotos 15: Processo de fabricação das almôndegas.

1. Voluntários mostrando o “ponto” correto da carne para elaboração das almôndegas (após temperar a carne, adicionar banha de porco e sovar) / 2 e 3. Voluntárias amassando a carne e enrolando as almôndegas / 4. Fritura com banha / 5. Produto final.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

A frente de trabalho “estética/decoração” consiste na produção de arranjos e bandeirinhas para decoração do salão, além dos enfeites dos instrumentos musicais da folia e da montagem do presépio. Já a parte da infraestrutura cuida da manutenção de todo o prédio como iluminação e segurança.

Tem-se, ainda, o segmento da higiene/limpeza. Durante todo o dia as pessoas se revezam para lavar os utensílios de cozinha, os tachos, banheiros, varrer o chão e após o término das atividades diárias, é realizado um mutirão de limpeza das áreas comuns do barracão.

O esquema seguinte apresenta, de forma sintetizada, alguns aspectos das frentes de trabalho:



Esquema 1: Frentes de trabalho da festa.
Organizadora: MARQUES, Luana Moreira. 2011.

A festa de Martinésia demanda a atuação de dezenas de trabalhadores voluntários. O trabalho, como instituição do capital, tende a ser visto como algo duro, cansativo, obrigatório... Isso nos fez questionar as motivações dos sujeitos em se doar à festa.

No empírico foi possível perceber que o mutirão não era entendido pelos sujeitos como algo negativo ou desagradável. Embora o tempo do não trabalho estivesse sendo preenchido pelo trabalho, os voluntários não manifestavam oposição ou desagrado. Isso acontecia porque a atuação no mutirão não é reconhecida como trabalho. Não há obrigação formal, apenas moral. Cada indivíduo se doa de acordo com as possibilidades pessoais (tempo, função, data...).

Brandão (2009) confronta dois tipos de trabalho vivenciados pelos camponeses: um com vínculo empregatício e outro voluntário. O autor destaca que as ações solidárias se combinam entre a ação e gratificação.

O trabalho com a terra é quase sempre duro e “cansa o corpo”. Conhecemos todos, por vivência, por depoimentos ou mesmo pelas letras de velhas modas de viola, o quanto é penoso o trabalho camponês. Mais ainda quando é “cativo”, quando é realizado “no que é dos outros” ou “para o outro”. Sobretudo quando esse outro é um “senhor”, um “patrão”. Pior ainda quando se é um “peão” de um “senhor” impessoal e se trabalha não se sabe onde nem para quem. Mas o trabalho “com outros” ou “para o outro” é sempre um gratificante e alegre trabalho-festa, ou um trabalho-ritual, quando voluntário. Quando, em vez de ser uma imposição ou uma “obrigação”, é uma escolha livre, uma “ajuda a um amigo” de quem se pode esperar a contraparte, quando necessário. Os antigos e os ainda remanescentes mutirões rurais são o melhor exemplo do trabalho solidário vivido entre o labor e o prazer, entre “lavar” e o “festar”. (BRANDÃO, 2009, p. 51)

As proposições anteriores são reforçadas pela fala de um dos entrevistados que entende o trabalho voluntário como parte da festa ou, como nas palavras dele, “o melhor da festa”:

Então essas festas é uma coisa assim que a gente cresceu meio no meio delas. Da folia de reis... Era um momento muito especial. Tinham outras festas interessantes também como São João, mas essa era uma festa grandiosa porque vinha muita gente, trabalha-se muitos dias, né? Para preparar essa festa. Aqui mesmo ao redor de três semanas de trabalho coletivo assim e... e é uma festa, o trabalho

*[voluntário] é uma festa já, e **na verdade eu entendo que é o melhor da festa**, que é quando você conhece melhor as pessoas, você é... conhece as histórias, há uma convivência entre as gerações. Então tem crianças, tem jovens, adultos e idosos, tudo no mesmo espaço e isso é um diferencial da festa. Então há uma troca mesmo... de gerações, de experiências, então é uma coisa prá mim muito rica.*³³

A fala do Sr. José Adolfo reforça a proposição de que a festa é uma prática de mediação. Ela liga as pessoas por meio do trabalho, da doação. O tempo da festa é o tempo das sociabilidades, das trocas, dos encontros... É certo que no cotidiano social tais relações também são vivenciadas, mas na festa elas se concentram num tempo e espaço pré-determinado.

As frentes de trabalho citadas (planejamento e finanças, alimentação, estética/decoração, infraestrutura, e higiene/limpeza) se encontram com uma gestão de pessoas bem definida que pode ser observada no organograma a seguir. Destaco que ele não expressa níveis de importância de funções, mas escalas de organização da festa.



Organograma 2: Funções vivenciadas na festa.

Organizadora: MARQUES, Luana Moreira. 2011.

³³ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, professor universitário, em janeiro de 2011, durante os preparativos para Festa de Santos Reis de Martinésia.

Festeiros, festeirinhos, foliões, cozinheiros, voluntários... Estes são os sujeitos que promovem a festa. Cada um com sua função consolida a prática sacro-profana. Todos juntos fazem (literal e figuradamente) a festa.

O reconhecimento da cultura e os sentimentos identitários são coletivos e subjetivos. Quem produz a festa carrega consigo algum sentimento por ela. Algo internalizado que desperta a vontade de deixar a rotina individual do trabalho e trabalhar para o coletivo.

A Festa de Martinésia é construída por seus filhos – pessoas que têm suas origens ligadas ao distrito ou entorno. Mesmo não mais residindo no lugar, eles retornam e recriam as práticas vividas no passado. Essa recriação é mediada por novas práticas, valores e ações. Há, portanto, uma dimensão do possível que se afirma na festa, pois não se pode reproduzir fielmente o pretérito, mas é permitido viver o momento presente, que reformula e representa o passado construído a partir signos e elementos contemporâneos. Tem-se, então, a (re)produção do vivido no tempo e no espaço.

Por que as pessoas retornam? Talvez porque aquela prática dá sentido às suas vidas. Por que não a reproduzem no novo *lócus*? Possivelmente porque podem voltar ao lugar de origem. É uma questão de identidade com o lugar, pois ele representa o encontro com seus pares. Nessa perspectiva, Haesbaert afirma:

Determinadas identidades ou, caso se preferir, facetas de uma identidade, manifestam-se em função das condições espaço-temporais em que o grupo está inserido. Finalmente, a(s) identidade(s) implica(m) uma busca de *reconhecimento* (Taylor, 1994) que se faz frente à *alteridade*, pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue e que, por isto, ao mesmo tempo, pode promover *tanto o diálogo quanto o conflito* com o Outro. (HAESBAERT, 1999, p. 175)

Destaca-se que o lugar não é mais o mesmo, entretanto é nele que as pessoas se encontram – as mesmas que se reúnem todos os anos. A festa é instrumento de mediação entre as pessoas e os lugares. Ela permite e instiga as relações.

Dentre os sujeitos que promovem a festa é possível destacar dois grupos. O primeiro, composto por fazendeiros e pessoas de maior poder aquisitivo que

financiam a festa, organizam e definem o evento. O segundo, por sua vez, é formado pelos moradores do distrito, em geral pessoas de menor renda, que assumem as atividades manuais. Obviamente também existem trocas. Tal característica não é engessada. É possível que os organizadores da festa atuem em funções mais práticas como auxiliar na cozinha, todavia é muito difícil que uma pessoa de menor poder aquisitivo se torne um festeiro. Todos são sujeitos da festa, mas cada um tem sua função na produção do evento.

Ao ser questionado sobre quem são as pessoas que trabalham na festa, um entrevistado declarou: “São pessoas da comunidade de Martinésia... muitos fazendeiros fazem as doações de leite, às vezes vaca, porco.... quem trabalha [no barracão] é o pessoal mais da comunidade aqui de Martinésia.”³⁴

Nessa perspectiva, a festa também se torna lugar das diferenças sociais. Como extensão do vivido, ela divide e segrega. Os ricos tendem a servir ao santo com o dinheiro, os pobres com o trabalho. Para existir, a festa depende da ação conjunta desses dois grupos.

Há uma convergência em acreditar que a festa se dissipará, porque é produzida predominantemente por pessoas com idade mais avançada. Penso que, ao menos na festa de Martinésia, tal assertiva seja um engano. A preparação do evento demanda dedicação. Como os mais jovens, em idade de trabalho, deixariam seus empregos para trabalhar pela festa? Isso faz com que os voluntários sejam, em geral, aposentados, senhoras do lar ou trabalhadores em dia de folga. Além disso, nos finais de semana o número de jovens crescia. E é esse grupo que tende a produzir a festa em anos futuros.

Destaca-se que na festa de 2010 os organizadores contrataram uma diarista e cozinheiros para ajudar no mutirão. Esse fato causou desconforto e estranhamento entre os demais sujeitos da festa, pois o trabalhador contratado desconsidera as práticas e tradições do lugar. Ele não se identifica com a cultura do lugar e, consequentemente, com seus sujeitos.

Diante de todas essas considerações, é possível perceber a variedade de arranjos que permitem a continuidade da festa. Contudo, os ajustamentos não se restringem às sociabilidades. As técnicas e tecnologias também apresentam novos usos e adaptações, conforme tratado a seguir.

³⁴ Entrevista realizada com um dos voluntários, que preferiu não se identificar, durante os preparativos da festa. Janeiro de 2011.

Geralmente as práticas populares são tidas como ações ultrapassadas e antiquadas. Todavia, um olhar mais atento pode mostrar a criatividade das pessoas que fazem a festa. Sem grandes recursos financeiros e equipamentos modernos, eles se arranjam, criando técnicas e tecnologias originais. Conhecimento que não é aprendido em livros, mas adquirido frente às necessidades e desafios do cotidiano. Um exemplo disso é forma de conservação dos alimentos. Todos os doces são guardados em baldes plásticos numerados de acordo com a data e sequência de produção. Tal prática permite que os doces mais antigos sejam servidos antes dos mais novos. A seguir têm-se outros exemplos.



Mosaico de fotos 16: Conservação dos doces e numeração dos baldes.

Os doces são servidos de acordo com a data de produção. O controle é feito a partir da numeração dos recipientes – quanto maior a numeração, mais novo o produto.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

O saibro (argila + areia) é misturado à água e depositado em volta dos tachos de cozimento dos doces. Isso evita que o doce, o vasilhame e a doceira sejam queimados pelo calor da fornalha e também dificulta a dispersão de fumaça pelo ambiente. É como se o tacho fosse selado.



Mosaico de fotos 17: Selagem da fornalha com massa de saibro.

Respectivamente: 1. Preparação do saibro (mistura de água à argila e areia). / 2. Saibro. / 3. Selagem da fornalha.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Para preparar o tutu de feijão, os grãos foram desmanchados com a ajuda de uma roseta elétrica. O equipamento nasceu da adaptação de uma furadeira a um instrumento de cozinha conhecido como “roseta”. O trabalho que duraria horas e despenderia grande esforço físico foi realizado em poucos minutos.



Mosaico de fotos 18: Preparo do tutu de feijão com roseta elétrica adaptada.

Equipamento adaptado pelos voluntários da festa.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

As adaptações também se estendem a objetos de uso cotidiano. Na imagem seguinte é possível observar a adaptação de latas de conserva que receberam alças e se tornaram jarros utilizados para o resfriamento do leite no processo de fabricação de doces. Esse tipo de material é resistente e de baixo custo.

Vivi uma passagem engraçada ao ajudar a fazer doce de leite. Como as fornalhas funcionam à lenha, não é possível “abaixar” ou “elevar” o fogo como num fogão a gás. Numa das vezes que ajudei fazer o doce, o leite começou a ferver, subir e ameaçava derramar. Enquanto eu gritava pedindo socorro, as senhoras me olhavam e gargalhavam. Então aprendi que sempre é deixado um litro ao lado do tacho para controlar a temperatura do doce. O vasilhame serve para retirarmos uma pequena porção do leite fervente e, em seguida, retorná-lo ao tacho. Tal processo faz com que o leite se resfrie e evita que o conteúdo transborde. (ANOTAÇÕES DE CAMPO, 2009)



Mosaico de fotos 19: Resfriamento do doce com jarro adaptado.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Há também conhecimentos tradicionais para produzir e armazenar as almôndegas. Após a fritura, o alimento é disposto em um recipiente e então tampado. Entre a tampa e o vasilhame é colocado um papelão para que a água transpirada seja absorvida pelo papel. Isso evita que as almôndegas “suem” e também que não entre insetos no recipiente. Para assegurar a vedação, é colocado um peso em cima do vasilhame – no ano em questão foram utilizados pneus de caminhão. O papel e o peso são retirados depois que a carne esfria. Os pneus

também são utilizados como suporte para tachos quentes. Isso evita o estrago do recipiente e facilita seu manuseio.



Mosaico de fotos 20: Tecnologias da festa.

Respectivamente: 1. Vedação do recipiente com almôndegas / 2. Pneu sendo utilizado como suporte para tacho. / 3. Conservação das almôndegas em latões térmicos de leite.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

No dia da festa as almôndegas são aquecidas e dispostas em latões de leite que conservam o calor daquele alimento. Para preparar grande quantidade de arroz, primeiramente a água é escaldada e posteriormente o grão inserido. Quando a água começa a secar, as brasas são retiradas e o arroz abafado com plástico até o término do cozimento. Tal procedimento evita que o arroz queime no fundo do tacho e que fique cru nas camadas superiores, além de conservar sua temperatura.



Mosaico de fotos 21: Cozimento do arroz.

Respectivamente: 1. Inserção dos ingredientes. / 2. Início da cocção. / 3.Vedação com material plástico para término do cozimento e conservação da temperatura.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

A cozinha tem uma ciência própria, técnicas e tecnologias advindas de experiências de vida e conhecimentos tradicionais. Quase tudo é aproveitado. A gordura retirada dos porcos, por exemplo, se torna banha para cozimento e após esse uso pode ser transformada em sabão; as tripas do animal também são utilizadas para o preparo de linguças; etc. Tratam-se dos “saberes” e “fazeres” que são revelados pela festa e que desvendam o lugar.

3.4 As inovações no dia de Reis

Dia seis de janeiro é, oficialmente, o dia dos Três Reis Santos. Todavia, a festa de Martinésia não é obrigatoriamente realizada nessa data. Normalmente ela é feita no sábado mais próximo.

Para homenagear os Santos, os festeiros de 2010 organizaram uma Missa Sertaneja que atraiu centenas de pessoas ao distrito. O evento foi marcado pela presença de diversas personalidades políticas, se constituindo como uma das inovações da festa.

As músicas, entoadas por um coral que utilizava melodias sertanejas, contextualizavam toda a celebração. Após as bênçãos finais, o público assistiu a uma teatralização do encontro dos Três Reis com o menino Jesus. O momento

gerou certa comoção, mas se destacou principalmente pelo assédio midiático. Inúmeras câmeras fotográficas e filmadoras de jornalistas e espectadores registraram todos os movimentos da apresentação. Isso me fez refletir sobre qual seria o limiar da fé e início do espetáculo. No caso da missa, a fé e o espetáculo coexistiram no mesmo tempo-espço gerando uma manifestação única, particular, criada para saldar o santo e satisfazer a vaidade dos sujeitos da festa.



Mosaico de fotos 22: Missa sertaneja.

1. Coral sertanejo. / 2. Assédio do público para captar imagens e vídeos da encenação. / 3. Encenação da chegada dos Três Reis Magos.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Questionei a algumas pessoas sobre a presença da comunidade de Martinésia na missa, pois senti que o salão estava cheio de visitantes e não de moradores locais. Soube que boa parte da comunidade não compareceu. Foram levantados dois motivos:

1. Conversão de parte da população a outras religiões;
2. Estranhamento da comunidade local em relação aos visitantes.

Embora a suspeita de evasão dos moradores não tenha sido confirmada por todas as pessoas questionadas, senti que naquele ano a comunidade perdera o domínio da festa para as instituições (igreja, governo, associações, entre outras). Em alguns momentos do trabalho empírico ouvi comentários que sinalizavam a não identificação com um evento tão profissional. Por outro lado, parte dos moradores demonstrava orgulho em ver a festa tão grandiosa. É importante considerar que uma

festa com a dimensão de Martinésia não consegue ser feita somente pela comunidade. Quando ela se expande, o faz por completo, modificando o espaço e criando novas redes.

Apesar da presença de um grande público interessado na celebração eucarística, também era perceptível o interesse político no evento. Vários cabos eleitorais circulavam com as camisetas de seus candidatos.

Depois da missa houve um leilão. Fiquei surpresa pela grande quantidade de prendas e pelos valores de arremate. Frangos assados eram vendidos por R\$ 50,00. Pernis suínos por R\$200,0³⁵. Valores relativamente altos para parte da comunidade, sobretudo para as famílias residentes na área urbana de Martinésia. Observei que os lances partiam das famílias mais abastadas – fazendeiros e/ou amigos dos festeiros. Enquanto as prendas continuavam sendo leiloadas, o jantar seguia sendo servido. Era um ensaio para a festa do dia 9 de janeiro.



Mosaico de fotos 23: Festa posterior à missa sertaneja.

1. Personagens da encenação (Três Reis, Estrela Guia, Maria, José e Jesus) / 2. Leilão / 3. Jantar distribuído gratuitamente à população.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Há então, uma coexistência da festa enquanto tradição e da festa enquanto espetáculo. Essa coexistência se consolida a partir dos diferentes usos. As manhãs

³⁵ O valor do salário mínimo no ano era de R\$ 465,00 ou US\$262,667. De acordo com o Ato Declaratório Executivo Cosit nº 4, de 29 de janeiro de 2010 (BRASIL, 2010), o valor do dólar dos Estados Unidos da América fixado para compra no dia 15/01/2010, correspondia a R\$ 1,7703. Portanto, R\$ 465,00 equivalia a US\$262,667.

e tardes que seguiram (7 e 8 de janeiro) foram destinadas à produção do restante das almôndegas e planejamento dos últimos detalhes da festa. Era perceptível um clima de confraternização. Ajudei nos trabalhos coletivos e senti que isso me aproximava ainda mais das pessoas.

3.5 O lugar da festa nos usos e apropriações

O dia da festa compõe os momentos de maior percepção da coexistência entre a devoção e a diversão. A data é coroada por rituais sagrados e encontros profanos que tornam aquela manifestação única. É tempo de rezar, comer, beber, dançar...

O início do dia foi marcado por uma alvorada de fogos de artifício. Toda a parte da manhã e da tarde estava reservada à preparação do jantar. Às 7 horas já era possível observar nos tachos de cobre o cozimento de dezenas de quilos de feijão para o preparo do tutu.

À medida em que os voluntários iam chegando e ocupando o barracão, a atmosfera festiva aumentava. Atividades como cozinhar feijão, lavar arroz e refogar frango se tornavam grandiosos encontros. As seis fornalhas eram utilizadas ininterruptamente, consumindo as toras de madeira reservadas como combustível.



Mosaico de fotos 24: Preparativos para a festa.

Respectivamente: 1. Preparação da estrutura física. / 2. Cocção de alimentos. / 3. Montagem do presépio. Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

No decorrer do dia os voluntários receberam camisetas da festa, entendidas como “passaporte” que dava acesso a todos os espaços do evento. Em torno das quatro horas da tarde, o barracão foi fechado para a entrada dos visitantes. A territorialização da festa, vivenciada nas últimas semanas era, naquele momento, assumida.

Por territorialização entende-se o conjunto de trocas sociais, econômicas, culturais e ambientais estruturadas num determinado espaço que conecta os seres humanos por meio de redes e estabelece, finalmente, relações de poder em que poucos dominam, muitos são dominados e todos coexistem num sistema de embates por vezes explícitos e por vezes velados.

Raffestin (1993, p. 7) destaca que “em toda relação circula o poder que não é nem possuído nem adquirido, mas simplesmente exercido.” Ele também afirma que:

O território [...] não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há portanto um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias. O território é também um produto “consumido”, ou, se preferirmos, um produto vivenciado por aqueles mesmo personagens que, sem haverem participado de sua elaboração, o utilizam como meio. É então todo o problema da territorialidade que intervém permitindo verificar o caráter simétrico ou dissimétrico das relações de poder. A territorialidade reflete, com muita segurança, o poder que se dá ao consumo por intermédio de seus “produtos”. (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8)

O território não envolve apenas o espaço vivido, a superfície terrestre, os sentimentos de pertencimento, as áreas de um Estado, a natureza em sua forma bruta ou as relações desprovidas de um contexto de tempo e espaço. Os territórios são, especialmente, espaços dotados de relações em que os seres devem se reconhecer e entender o lugar do outro.

Na festa de encerramento foram contratados alguns cozinheiros profissionais, conforme apontado anteriormente. Isso gerou estranhamento entre as senhoras que sempre se encarregaram daquele serviço. A chegada do estranho expropriou o lugar das voluntárias. Elas então sentaram e observaram.

Quando um profissional toma, a mando do festeiro, o espaço de trabalho das senhoras da comunidade, elas perdem seu lugar e, conseqüentemente, o vínculo com a festa. Isso pode ser observado em um dos comentários tecidos durante aquela situação: “Essa não é nossa festa, é a festa deles. A nossa é diferente, não usamos fogão industrial, nem painéis de alumínio. Eles não vão conseguir cozinhar para todo mundo só com aqueles fogão [fogões industriais de duas bocas].”³⁶

O cenário do “de fora” cozinhando em fogões industriais numa festa de Santos Reis gerou protestos dissimulados e chacotas entre as voluntárias mais experientes. Uma delas comentou³⁷ “Essa festa a tradição é o fogão de lenha, no gás não tem sentido.” Outra, sabendo da experiência daqueles sujeitos com jantares sociais e restaurantes continuou: “Quem tá acostumado com a festa de Reis vê que é muito diferente do que no restaurante. A comida tem que ser servida até de madrugada. Se acabou a comida, faz mais! Mas faltá comida não acontece, porque Santos Reis multiplica!”

A tomada da cozinha da festa pelo “de fora” retrata velhas funções sendo exercidas por novos sujeitos com base na técnica e não no saber intuitivo. Todavia, pude perceber que no caso da Festa de Santos Reis de Martinésia, não bastava técnica, a experiência era fundamental para dar conta de toda a demanda.

Com o cair da tarde, as senhoras aceitaram a presença dos “de fora” e se integraram a eles. Os fogões industriais foram desprezados e os dois grupos trabalharam em conjunto respeitando o conhecimento tradicional dos voluntários. É certo que o estranhamento não desapareceu, mas foi superado pelo comprometimento dos “de dentro”.

Ao longo do dia também era possível observar grande movimentação na área externa ao barracão. As ruas do entorno foram bloqueadas e as tendas armadas. Comerciantes, camelôs e artesãos chegaram para montar suas barracas onde comercializariam bebidas, churrascos, óculos, relógios, *souvenirs* com motivos religiosos, entre outros produtos. A diversão foi reforçada por um touro mecânico, um pula-pula e pela venda de brinquedos.

Contabilizei durante a tarde:

- 3 bares da festa

³⁶ Relato informal de uma das voluntárias, coletado durante o dia da festa de encerramento, em janeiro de 2010.

³⁷ Relato informal de uma das voluntárias, coletado durante o dia da festa de encerramento, em janeiro de 2010.

- 2 pontos de vendas de brinquedo
- 1 ponto de venda de artesanato
- 3 bares móveis
- 3 bares fixos – pontos de comércio do distrito
- 3 barracas de churrasquinho
- 1 pula-pula
- 1 touro mecânico
- 2 barracas de venda de óculos
- 1 barraca com bolsas em geral e bugigangas



Mosaico de fotos 25: Barracas para comercialização de bens e serviços durante a festa.
 Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Os vendedores ambulantes e barraqueiros foram atraídos, sobretudo, pela grande repercussão midiática da festa. Alguns pela panfletagem, outros pelas matérias televisivas. A maioria trabalha nas festas de padroeiros ou exposições agropecuárias. Eles compõem uma rede de comerciantes que circulam pelos eventos populares, embora muitos tenham participado da festa de Martinésia pela primeira vez.

Encontrei uma senhora que participava da festa há alguns anos vendendo bebidas. Ela relatou algumas situações engraçadas, histórias passadas e destacou que vendia mais de R\$ 500,00 de cerveja, água, refrigerante e energéticos numa festa daquelas. De acordo com a entrevistada³⁸, “[a festa] tá mudando por falta de religião. Jovem não tá procurando religião.” Por isso o público que chega ao distrito no início da festa tem um perfil, já outras pessoas - o “público do frevo” - chegam no meio da noite com objetivos diferentes. Para ela, a quantidade de barracas aumentou ao longo dos anos e aquela era a primeira festa que pagava ao festeiro para permanecer no espaço. Mais uma vez novos elementos/práticas eram anexados à festa, modificando-a.

Isso nos faz perceber que a Festa de Santos Reis de Martinésia é entendida, para uma parte dos espectadores, como uma festa religiosa onde não se expressa a religião. O objetivo desse público não é a contemplação do mito, mas utilizá-lo de acordo com suas necessidades de lazer durante o tempo livre. Trata-se de mais uma opção de recreação.

Destaca-se ainda que a festa entra no circuito da mercadoria e se torna uma fonte de renda para os comerciantes informais. Este cenário seria de puro espetáculo se fora do espaço de mercantilização não houvesse a tradição e o sujeito que permanece (re)criando a festa anualmente a partir de sua essência.

Como responsável pelo evento, o festeiro cobrou o espaço utilizado pelas barracas e pelos pequenos pontos de comércio. Uma tabela de preços foi estabelecida de acordo com os itens vendidos e o tamanho da área utilizada. Para comercializar bebidas, por exemplo, os barraqueiros desembolsaram R\$50,00, a área ocupada pelo touro mecânico, por sua vez, custou R\$60,00 e a dos artesanatos

³⁸ Entrevista realizada com uma comerciante informal que preferiu não ser identificada, durante o dia da festa de encerramento, em janeiro de 2010.

R\$20,00. Os comerciantes que se recusaram a pagar a taxa tiveram que montar seu equipamento fora das cercas da festa, onde o fluxo de pessoas era menor.

Trata-se, portanto, de uma redefinição da festa. Para cobrir os custos gerados pelo evento os festeiros buscam alternativas como o estabelecimento de parcerias, pedido de auxílio a vereadores e/ou empresas, cobrança de comissão ou cobrança pelo uso do espaço da festa pelos comerciantes informais, realização de leilões, entre outros.

Na perspectiva institucional, o espaço da festa é público. Trata-se de uma estrutura de lazer cedida pela Prefeitura de Uberlândia. Embora o espaço seja público, nos dias da festa ele passa a ter caráter privado, de domínio dos festeiros. Há uma apropriação velada do espaço pelo grupo que organiza o evento. Eles tomam posse das chaves que abrem e fecham as portas das edificações públicas. A partir de então se estabelecem no local, territorializando-o.

No dia do evento, as ruas foram demarcadas e bloqueadas com cavaletes emprestados pela prefeitura municipal, ou seja, expandiu-se o território da festa. Todavia, como uma extensão social, a festa também permitiu reproduções marginais. Fora dos limites do evento, jovens dançavam e se divertiam ao som de axé, funk e música eletrônica. Criavam seu próprio território, paralelo ao território da festa.



Mosaico de fotos 26: Territórios marginais no "além festa".

Respectivamente: 1. Cavalete delimitando o limite espacial da festa. / 2. A "festa" marginal à Festa. Grupo de jovens executando coreografias ao som de axé.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Embora o jantar servido na festa fosse gratuito, o festeiro comercializou bebidas (cerveja, refrigerante, água) e churrasquinhos em três bares espalhados

pela área – medida também assumida como ação para financiar o evento. Os bares funcionavam apenas com as fichas vendidas em outros três pontos. Neles o dinheiro era trocado por outros tipos de nota – a moeda da festa.



Mosaico de fotos 27: Alternativas de financiamento da festa.

Respectivamente: 1. Moeda da festa / 2. Bar / 3. Foto de ponto de venda das fichas de consumo (detalhe para a presença de segurança particular).

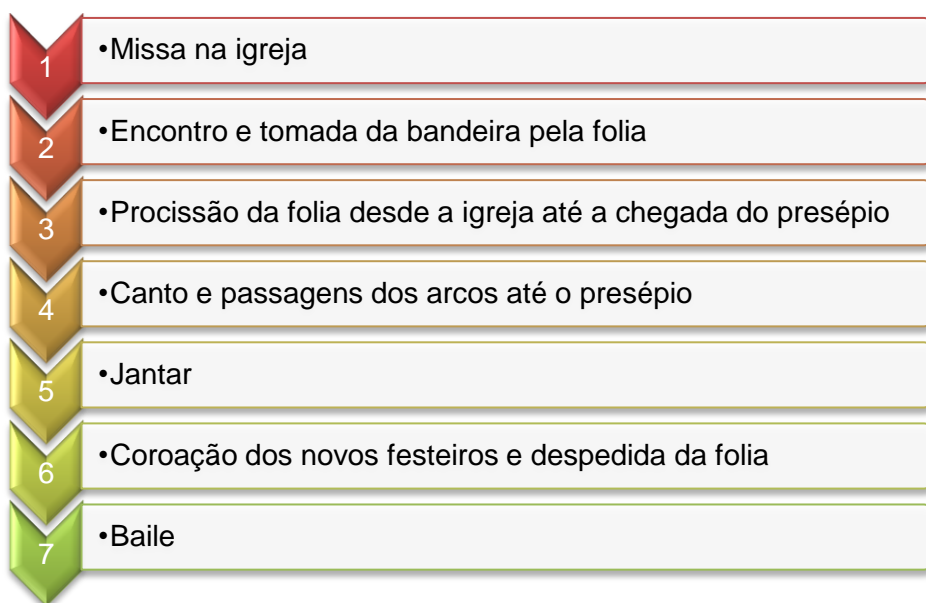
Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Destaca-se que a contabilidade de cada evento não é apresentada à comunidade. No entanto, é comum ouvir um discurso que aponta a insuficiência das doações para suprir as necessidades financeiras e materiais despendidas ano a ano. Isso justificaria a comercialização de produtos e a cobrança do espaço utilizado pelos vendedores informais.

De acordo com alguns entrevistados, o montante arrecadado nos bares da festa repõe os gastos dos organizadores do evento. Porém, em conversas informais foi possível verificar outros propósitos. Internamente (entre os voluntários) sabe-se que algumas pessoas buscam a tomada da festa para levantar fundos em benefício próprio (não sendo o caso das festas de 2010 e 2011). Há casos de Companhias de Reis, por exemplo, que saem em giro recolhendo doações para festas que nunca existiram. A Associação de Folias de Uberlândia tenta contornar tal problema exigindo que todos os grupos apresentem um alvará de permissão para a jornada, mas nem sempre obtém sucesso.

O comércio não se dava apenas pelos bares da festa e comércio informal. Visando o aumento da demanda, os bares da cidade mudaram sua configuração de venda e passaram a trabalhar com fichas. Os donos, acostumados com um fluxo de 300 a 350 pessoas por fim de semana, atenderam a um público maior. Os preços subiram e o que demoraria dois meses para ser comercializado foi vendido em apenas um dia. Dentre os produtos comercializados sobressaíam as cervejas, os refrigerantes, a água, as vodkas, as *ices*, os salgados e os energéticos.

Às 18 horas do dia 10 de janeiro de 2010, teve início o ritual de chegada da bandeira. A folia de Santos Reis, juntamente à bandeira sagrada, retomou o papel de condutor da festa. A sequência ritual foi composta por:



Esquema 2: Sequência ritual da festa de 2010.
Organizadora: MARQUES, Luana Moreira. 2011.

A missa foi acompanhada por uma centena de fiéis, quantidade que aumentou à medida que a tarde caía. Em seguida, a procissão tomou as ruas do distrito. Ela tem como objetivo mediar o encontro dos Três Reis – representado pela bandeira – com Jesus recém-nascido. No caminho foram entoadas preces e versos que explicam a jornada dos Reis Magos. Para homenagear cada um deles, são dispostos três arcos. O primeiro para o Rei Gaspar, vindo da Índia; o segundo para o Rei Baltazar, originário da Arábia; o terceiro para Belchior (também conhecido como Melchior), Rei da Pérsia. Em cada um dos arcos a folia para, canta, pede as

bênçãos, solicita permissão de passagem e continua a jornada até chegar ao presépio.



Mosaico de fotos 28: Procissão de chegada da bandeira.

Respectivamente: saída da igreja e procissão pelo distrito (na primeira linha); aglomeração de pessoas acompanhando a procissão (na segunda foto da primeira coluna); passagem por um dos três arcos de Santos Reis (em destaque); e foliões ajoelhados na chegada ao presépio (última imagem da primeira coluna).

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

A procissão é mais um ritual que não foi anulado pelo espetáculo, embora seja regido por ele. Para se manter, a tradição abriu concessões e se adaptou. A passagem da folia pelos arcos, por exemplo, só é possível se a área for cercada, delimitando o espaço dos sujeitos e dos espectadores.

A chegada ao presépio simboliza o encontro. Momentos de comoção e festejo. A folia segue entoando versos sobre a jornada, a chegada e o encontro. A bandeira finalmente é guardada no altar, junto ao menino Jesus, José e Maria. A festa segue com o jantar.

A fartura na alimentação é um dos destaques e atrativos da festa. Foram cozidos 200 kg de frango, 16 tachos de arroz e fritas nos dias anteriores aproximadamente uma tonelada de almôndegas.

Nessa perspectiva, o cardápio da noite foi composto por arroz, almôndegas, macarrão com frango, batatinha com carne moída, farofa e tutu de feijão. Para a sobremesa: doce de pau-de-mamão, doce de leite e doce de mamão moído. Alimento servido gratuitamente a aproximadamente 6.000 pessoas que passaram pelo distrito e coloriram suas ruas.

De acordo com informações de um entrevistado, passam em média 600 pessoas por hora numa fila de jantar. Como a previsão da demanda da festa de 2010 aumentou, também aumentaram a quantidade de lugares em que as refeições eram servidas.



Mosaico de fotos 29: Distribuição de alimentos na festa.

“Felizes os convidados para a ceia do Senhor”. O banquete é tempo e espaço dos aceitos, das permissões. Momentos de prazer, de gula, confraternização e concessão.

Respectivamente: 1. Uma das filas do jantar. / 2. Visitantes da festa – para não retornarem à fila cada um se serviu de dois pratos. / 3. Voluntário servindo uma das opções da noite: macarrão com frango.

Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Diante do exposto, é possível pensarmos na festa de Martinésia como uma manifestação popular tradicional? A magnitude do evento nos leva a pressupor uma especialização que ceifou parte da espontaneidade da festa. A folia continua se apresentando, mas paralela a ela há uma massa ávida para viver o lazer, independente da forma e do contexto.

Aqui há a festa tradicional, mas em torno dela se instalou o espetáculo, representado pela mercantilização e pelo espectador que se apropria da manifestação como uma forma de uso do tempo livre. Não há um vínculo identitário do consumidor em relação à festa, é isso que o caracteriza como espectador, pois ele apenas vê, contempla. O voluntário, por sua vez, participa, estabelece trocas, vive a festa. Mas todos são, de diferentes formas, sujeitos da festa.

Enquanto o jantar continuava sendo distribuído, a folia voltava ao presépio para coroação dos novos festeiros. O ritual foi cantado e as coroas repassadas. O baile teve início após a folia entoar seus agradecimentos. Trata-se de mais uma permanência da festa tradicional. O ritual ainda é vivido, mas para isso ele abre concessões – os espectadores continuam consumindo, conversando e o louvor ao sagrado se apresenta para essas pessoas como mais um elemento da festa. O ritual permanece porque é representativo para seus sujeitos. Sua supressão deixaria a manifestação vazia, sem sentido, reduzida.









Para efeito de síntese, visão geral e entendimento linear da festa, segue um calendário que abarca as principais ações para realização desse evento entre o final do ano de 2009 e início de 2010.

Dezembro 2009 / Janeiro 2010

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb		
20/DEZEMBRO	21	22	23	24	25	26		
 		 		 				
27	28	29	30	31	01/JANEIRO	02		
			 	 	 	  		
03	04	05	06	07	08	09		
			 			  		
10	11	12	13	14	15	16		
								
	Decoração e estrutura do barracão			Saída da folia			Missa Sertaneja	
	Trabalho com as carnes			Giro da folia			Festa de encerramento	
	Produção de doces			Forró			Limpeza do barracão	

Esquema 3: Calendário da festa de 2010.

Organizadora: MARQUES, Luana Moreira. 2011.

SÍMBOLO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÃO
	Decoração e estrutura do barracão	É costumeiro decorar o barracão, os instrumentos da folia, montar o presépio e toda a estrutura para servir o jantar do dia da festa.
	Trabalho com as carnes	Os suínos são utilizados para consumo no dia a dia do barracão e para a retirada e produção da banha do porco (aproveitada no cozimento/fritura dos demais alimentos da festa). As carnes bovinas são moídas para produção das almôndegas (os cortes nobres são consumidos nos almoços e jantares do barracão). As aves são um dos ingredientes principais do “Macarrão com Frango” – prato servido na festa de encerramento.
	Produção de doces	Os tipos de doces produzidos no ano em questão foram: doce de leite, doce de pau de mamão e doce de mamão verde.
	Saída da folia	Às 23 horas todos se reuniram para rezar um terço. Posteriormente, a folia entoou seus versos cantando a jornada dos Três Reis Santos para então iniciar o giro.
	Giro da folia	O giro da folia costuma se estender por 9 dias e, na festa estudada, passou pelo Distrito de Martinésia, pelas fazendas do entorno e pela cidade de Uberlândia.
	Forró	Os forrós se caracterizaram por pequenos eventos regados à comida, bebida e música realizados entre o período de preparativos da festa.
	Missa Sertaneja	A Missa Sertaneja foi realizada em comemoração ao Dia de Reis.
	Festa de encerramento	A festa é marcada pelo encerramento da jornada da folia, passagem da coroa aos novos festeiros, jantar e forró. Ela é marcada por momentos de exaltação da devoção e da diversão.
	Limpeza do barracão	A limpeza do barracão foi realizada durante todos os dias de preparativo da festa com destaque ao dia 10 de janeiro, quando houve um mutirão para a higienização de toda a área.

Quadro 2: Detalhamento do calendário da festa de 2010.

Organizadora: MARQUES, Luana Moreira. 2011.

Resgatando alguns números da festa de 2010, tem-se:

Alimentos preparados para a festa de encerramento:

- 25 latas (375 kg) de doce de leite
- 10 latas (150 kg) de doce de pau de mamão
- 10 latas (150 kg) de doce de mamão
- 16 tachos de arroz
- 200 kg de frango
- Almôndegas de 6 vacas (aproximadamente 1 tonelada)

Divulgação:

- 500 cartazes fixados nos ônibus urbanos de Uberlândia
- Vinculação em programas de TV local
- Matéria no Jornal Correio
- Divulgação em Rádios locais e em uma rádio do Estado de São Paulo
- Distribuição de *flyers* pela cidade
- Convite feito a partir do giro da folia

Estrutura:

- 2 tendas de 10m x 10 m e 2 tendas de 6m x 6m, cedidas pela prefeitura de Uberlândia
- 3 bares da festa que venderam água, cerveja, refrigerante e churrasquinho.
- Barracas de camelô comercializando alimentos, brinquedos, artesanatos, bolsas, relógios, entre outros.

Embora tenha tentado descrever detalhadamente a manifestação festiva, considero necessário tecer mais alguns comentários. Lembro que as inquietações que dizem respeito à espetacularização da festa serão aprofundadas no próximo capítulo.

Parte dos sujeitos consumia a festa sem entender seus princípios. Diante de mim tudo parecia grande demais: muita gente, muito lixo produzido, urbanidade, saltos altos, tribos diversas, tatuagens, modos de vida diferentes, sons transgressivos. Havia diversas festas dentro daquela festa.

Também observei muitas figuras políticas distribuindo sorrisos e apertos de mão num ano de eleição; homens ignorando os banheiros químicos e urinando nos muros das casas; carros de som que tocavam axé, funk, hip hop, etc. fora dos limites da festa... Tive a impressão de estar em uma exposição agropecuária.

Acabara de participar de uma manifestação cultural popular que tendia para a massificação. Embora tenha vivido momentos especificamente comerciais e observado a espetacularização e massificação do popular, a festa continuava ali, pulsante e colorida.

Percebi que o evento daquele ano fora notadamente maior e mais profissional que as festas anteriores. É certo que todas elas carregavam em si a tendência de crescimento e especialização, mas de uma forma mais sutil.

Alguns entrevistados confirmaram que a festa de 2010 fora muito diferente das demais, sobretudo pela grande movimentação do barracão que foi *lócus* de jantares cotidianos, de frequentes “forrós” e de um leilão inédito. Creditaram o cenário ao fato dos festeiros serem forasteiros, disporem de mais verba, de novas ideias e incentivos políticos. Nas palavras dessas pessoas “como os festeiros não são daqui, a festa ficou diferente.” Destacaram, ainda, que as práticas deverão voltar a ser desenvolvidas como antes. A velha festa e os velhos costumes retornariam, causando estranhamento e saudosismo na comunidade.

Percebi que parte da população se sentiu extremamente lisonjeada com a grandiosidade da festa de 2010. Um dos entrevistados destacou que aquela “foi a festa mais bem organizada e mais bem preparada”³⁹ que já vira e ainda acreditava que o crescimento se configurava como uma forma de valorizar a cultura do distrito.

Outros moradores, por sua vez, estranharam o jeito profissional da festa. Uma das senhoras disse com certa indignação que “Esse ano os arcos [de Santos Reis] vão ser enfeitados com flores da China.”⁴⁰ Diferente dos anos anteriores e também da primeira festa posterior, em 2010 as costumeiras flores de papel e bandeirinhas foram suprimidas e substituídas por uma decoração industrializada.

É importante destacar que as reuniões para confecção das flores artesanais consistem em encontros. Embora os produtos industrializados tenham maior

³⁹ Entrevista realizada com um dos comerciantes formais residentes no Distrito de Martinésia, durante o dia da festa de encerramento, em janeiro de 2010. O entrevistado preferiu que sua fala não fosse identificada.

⁴⁰ Entrevista realizada com uma das moradoras do Distrito de Martinésia, coletado durante os dias de preparativo para a festa de encerramento, em janeiro de 2010. A entrevistada preferiu que sua fala não fosse identificada.

durabilidade e sejam mais práticos, as voluntárias sentem prazer em desenvolver o trabalho manual que deve ser feito anualmente. Durante a produção artesanal da decoração, as senhoras se encontram, conversam, contam causos e se doam para a festa.

Um dos meus maiores incômodos foi a presença de seguranças particulares em pontos estratégicos da festa. Sou a favor da prevenção de problemas, brigas, roubos, mas a visão de homens vestindo ternos pretos e impedindo que os fiéis chegassem muito perto ou tocassem as imagens contidas no presépio me incomodou profundamente. Aquele é temporariamente um lugar sagrado, um lugar do povo e para a contemplação do povo... Naquele tempo-espaço, o povo perdeu seu lugar, assim como as cozinheiras voluntárias o perderam quando tiveram seu espaço expropriado pelos trabalhadores contratados.

Aprendi que embora possa parecer, nenhuma festa é idêntica às demais. Elas passam de uma geração para outra e permanecem... Permanecem a partir dos acordos e arranjos entre as pessoas, lugares e bens.

Cada indivíduo vê a festa com um olhar particular. Para uns o colorido das bandeirinhas tem mais significado, para outros o cheiro dos alimentos é mais importante. Enfim, a compreensão da festa depende da carga de sentimentos e percepções de cada indivíduo. Talvez por isso seja tão difícil descrever uma manifestação que é experimentada. Materializar em palavras os sentimentos e observações das práticas culturais é angustiante, sobretudo pela certeza de não conseguir transmitir completamente o vivido. Além disso, as manifestações culturais não são práticas lineares e simplistas. Há uma complexidade relacional que impede o estabelecimento do preciso. É como se tentássemos encontrar o ponto inicial e o final de uma teia para então descrever seu processo de criação. Percebi que na Festa de Santos Reis não há um início e um fim efetivamente consolidados, mas um *continuum* que se renova a cada ano.



Os sentidos da festa

Na poética dos sentidos

Vejo a festa:

Cheiros

Gostos

Formas

Ladainhas

Luana M. Marques

CAPÍTULO 4 – EM E ENTRE NÓS A FESTA COEXISTE

No capítulo anterior foi possível verificar a dinâmica cotidiana da produção da Festa de Santos Reis de Martinésia. Constatamos que as festas populares são manifestações culturais de movimento e fluxo que representam modos de vida. Se analisássemos superficialmente o caso de Martinésia veríamos um evento espetacularizado, tomado pelas instituições e pelo comércio. Por outro lado, observando apenas as semanas de trabalho voluntário e a preparação da festa, tenderíamos a reforçar a ideia da manutenção de práticas que permaneceram, mesmo com a interferência de elementos modernos. Como pode estas duas situações tão opostas coexistirem? Qual delas é mais forte? Uma se sobrepõe à outra?

A gênese da festa no distrito de Martinésia se dá em 1945, a partir de um voto feito pela matriarca de uma família proveniente de Araxá – MG. Num primeiro momento o evento causa estranhamento, mas com o passar dos anos e participação da comunidade, ele é assimilado pela população local.

Nas primeiras décadas a festa itineira. A cada ano a bandeira girava e se estabelecia em determinado lugar – geralmente na fazenda dos festeiros. Ao mesmo tempo o distrito perdia população para a cidade de Uberlândia, que oferecia melhores condições de vida suscitadas pela infraestrutura urbana e demanda trabalhista.

Embora tenha havido um movimento de migração campo-cidade, os laços identitários de parte da população permaneceram no lugar de origem. Isso podia (e ainda pode) ser percebido pelo retorno dos sujeitos para fazer a festa. De acordo com Martins (1988), o sujeito pode se estabelecer em diferentes *lócus*, mas não há mudança definitiva enquanto ele retornar para viver as práticas culturais reproduzidas no lugar de origem:

A migração será definitiva quando a festa também migrar. Quando o reencontro desses dois momentos se der no mesmo espaço e a festa, camponesa, anual, do padroeiro, sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear do descanso semanal remunerado, do cinema, do futebol. (MARTINS, 1988, p. 61)

Enquanto isso, a festa mudava. Ela se transformava e era transformada diariamente. As alterações no distrito (estruturais ou não) resvalavam na festa. A estrada que liga Uberlândia à Martinésia foi asfaltada, a igreja ganhou um salão paroquial, o distrito uma quadra poliesportiva, houve investimento na escola, criação de um posto de saúde e da polícia militar, além do loteamento de novos terrenos.

A facilidade do acesso e as melhores condições de reprodução de lazer passaram a atrair mais visitantes ao distrito, sobretudo nos fins de semana, quando alguns grupos se reúnem para jogar futebol na quadra poliesportiva e nos períodos de festa (Festa de São João e Festa de Santos Reis).

Na década de 1990 a festa se fixou no barracão e na quadra poliesportiva. Sendo pontual, o evento passou a atrair maior número de visitantes que dispunham de vias pavimentadas, transporte público, alimentação gratuita, além do forró. Constituiu-se, então, uma estrutura urbana fixa vinculada ao lazer e ao patrimônio cultural imaterial.

É nesse contexto que as instituições estabeleceram vínculos com a festa. A prefeitura e a igreja espacializaram o evento, as empresas ajudaram na sua manutenção financeira e a mídia o divulgara. É certo que as alterações da festa não são mediadas apenas pelas instituições, entretanto elas exercem grande influência no modo de vida social e, conseqüentemente, nas práticas culturais.

Com melhor estrutura e maior divulgação, a festa de Martinésia continuou crescendo. Agora ela depende da estrutura física e dos alvarás cedidos pela prefeitura, da aprovação simbólica da autoridade religiosa (Igreja Católica) e das organizações que ajudam a financiar o evento. Diante disso, pode-se pensar numa homogeneização e espetacularização cultural preconizada pelo poder institucional?

4.1 A heterogeneidade da festa e o lugar do espetáculo

Sabe-se que as mídias de massa tendem a estabelecer um padrão de consumo e de resposta social. Como produto midiático, os modismos oscilam periodicamente e exercem forte apelo sobre a população ocidental. O cenário se agrava com a marginalização daqueles sujeitos que não se alienam – por opção ou falta de recursos – às práticas e estéticas pré-estabelecidas e padronizadas.

Consumir se tornou vital. Mas não basta negociar experiências e produtos que respondem às carências pessoais, pois a personalidade têm se alienado ao

mercado. As necessidades são criadas pelo sistema mercadológico e manipuladas pela mídia. Tem-se como exemplo brasileiro a moda periodicamente lançada pelas telenovelas. Esse tipo de programa se torna vitrine para estilos de roupas, cortes de cabelo e até expressões linguísticas fielmente incorporados pela população, mesmo que os modelos impostos não se adéquem a cada indivíduo. Outro exemplo cotidiano é a necessidade de possuir aparelhos telefônicos móveis (com o máximo de recursos tecnológicos possíveis), mesmo que o proprietário não se veja em condições de manter uma conta mensal ou inserir créditos para efetuar ligações.

A priori, essa comunicação massificada e globalizada tenderia a criar um cenário homogêneo, onde as práticas, estilos, elementos e reproduções sociais convergissem a algo padrão e pré-estabelecido. Neste caso, poderíamos traçar um cenário em que as particularidades locais desapareceriam em detrimento do global e os regionalismos seriam suprimidos, assim como suas manifestações culturais permeadas pelas festas, gastronomia, linguagem, modos de vida.

Entretanto, na atualidade é possível observar que, ao contrário do que comumente se pensava sobre a globalização⁴¹ e a atuação midiática massiva, o sistema mercadológico tem se adaptado às particularidades locais e reforçado a heterogeneidade sócio-espacial. Não se trata de uma benevolência do sistema capitalista, mas de uma estratégia para inserir o mercado globalizado no local particularizado. Foi assim, por exemplo, com a instalação de centenas de lojas estadunidenses de *fast food* em países como a Índia. Sabe-se que os indianos são majoritariamente vegetarianos. Para alcançar esse mercado as multinacionais tiveram que adaptar o cardápio ao gosto e preceito cultural daquela população.

Nessa perspectiva, Santos (2008b) afirma que a globalização não chega homogeneamente a toda a população. Tal característica inicial já refutaria a ideia de um mundo homogêneo. O preceito ainda é somado ao fato da globalização reforçar a escassez e encontrar obstáculos pautados na diversidade das origens, pessoas e lugares. Esse conjunto de elementos faz com que a heterogeneidade se fortaleça em detrimento da homogeneização social, cultural e econômica. Para o autor,

[...] Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular;

⁴¹ Sobre globalização, c.f. SANTOS (2008b).

mas também, e paralelamente, as relações desta cultura popular. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. Constituem-se, assim, formas mistas sincréticas, dentre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando um fundo genuíno a formas exóticas que incluem novas técnicas. (SANTOS, 2008b, p. 143-4);

A partir das proposições de Santos (2008b) pode-se pensar que o movimento “homo-hetero-geneização”, assim como todos os outros processos da cultura, fazem com que a festa popular, como forma mista sincrética associada a novos elementos modernos e exóticos, seja pensada como espetáculo.

A festa, enquanto manifestação da cultura popular, é dual e contraditória. Nela coexistem sujeitos, elementos e práticas de origens opostas. Devoção e diversão, fluxos e fixos, homogêneo e heterogêneo. O trabalho empírico, além de instigar a percepção desses embates e dialética dos opostos, permite seu entendimento. Dúvidas pré-concebidas são sanadas, enquanto outras surgem em meio às práticas e representações cotidianas.

Foi isso que se viveu no campo. O heterogêneo estava na festa. O homogêneo também. Os elementos míticos e particularidades permeavam a festa. A espetacularização e globalidade também. Na festa o contraditório coexiste e se enfrenta.

4.2 Os usos: duas festas em uma só

O crescimento da Festa de Santos Reis realizada em Martinésia atraiu um público “de fora” sem identidade e sentimento de pertença com tal manifestação. Isso pode ser observado pelo comportamento e motivação dessas pessoas. Ao mesmo tempo não se devem desconsiderar os sujeitos sociais que produzem a festa e estão no núcleo desta, trabalhando pelo santo e considerando/buscando suas graças. Estes vivem o evento numa perspectiva predominantemente sagrada.

Observa-se então uma coexistência de dois públicos e dois momentos num mesmo tempo-espaço.

De acordo com a pesquisa feita durante a festa de 2010, 63% dos entrevistados afirmaram que a maior motivação para participar da festa era o baile ou o jantar distribuído gratuitamente durante o evento, enquanto 36% afirmou estar ali para assistir ao grupo de folia ou rezar.

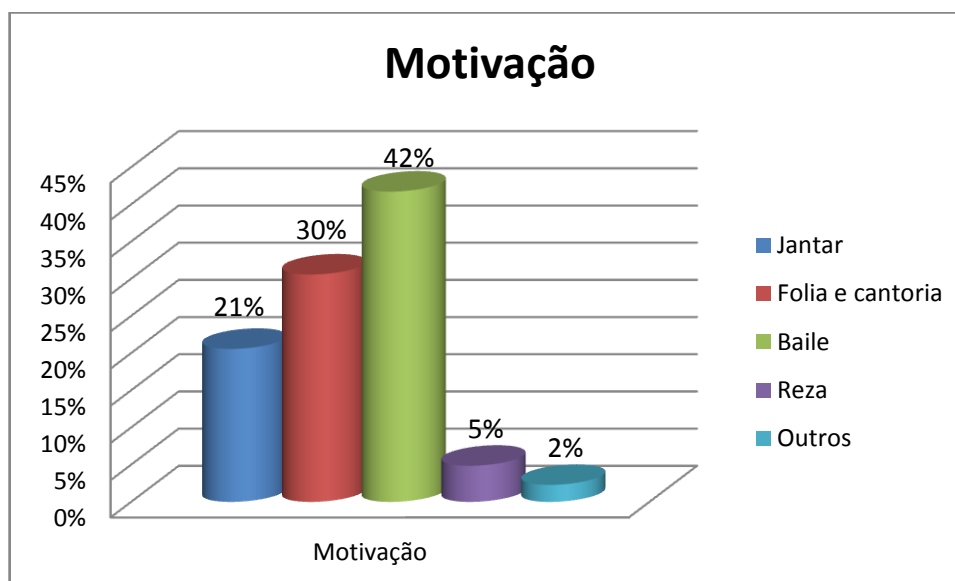


Gráfico 5: Motivação dos visitantes.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Embora 31% dos espectadores tenham afirmado estarem ali pela folia de Santos Reis, apenas 29% desse público confirmou ter acompanhado a procissão da bandeira – número ainda maior se comparado à resposta do universo total de entrevistados: 21%.

Esta ampliação do público que busca a contemplação do espetáculo é influenciada por instrumentos midiáticos que também atraem elementos do capital, sobretudo comerciantes ambulantes e barraqueiros⁴². Neste sentido, Canclini (2003, p. 257) afirma que “(...) A arte popular, que tinha ganhado difusão e legitimidade social graças ao rádio e ao cinema, reelabora-se em virtude dos públicos que agora tomam conhecimento do folclore através de programas televisivos.”

A mídia atua diretamente na espetacularização da festa. As notícias veiculadas nos meios de comunicação de massa se espalham freneticamente e

⁴² Comerciantes que se instalam temporariamente em barracas e tendas.

atingem boa parte da população que entende o evento como forma de lazer e recreação. Assim, ele passa a ter uma nova demanda que desconhece o sentido sagrado da manifestação e anseia predominantemente por seus elementos profanos. Cria-se, portanto, um grupo de espectadores e sujeitos passivos frente a uma cultura de consumo cada vez mais difundida, como afirma Certeau:

Instalada nos lazers onde representa como um todo a compensação do trabalho, a cultura de consumo desenvolve nos espectadores a passividade da qual ela já é o efeito. Ela representa o setor onde se acelera, mais do que em qualquer outro lugar da nação, o movimento que reduz o número dos atuantes e multiplica o dos passivos. (CERTEAU, 1995, p. 201-2)

Os espectadores da festa são atraídos principalmente pela necessidade do consumo do tempo livre – tempo do não trabalho – por meio do lazer. Mas a manifestação em si, espetacularizada, também apresenta uma série de encantos e seduições que reforçam seu potencial atrativo, sobretudo no que diz respeito à estética da festa. Enquanto simulacro, a festa é dotada de polimentos, fineza, arredondamentos, apurações e contém um senso profissional que não está presente na “aspereza” da festa popular. Têm-se, então, duas situações num mesmo espaço: a essência festiva, vivida pelos voluntários, e o espetáculo, consumido pelos espectadores. Esses dois movimentos e usos se mesclam e se confundem a todo o momento.

Os detalhes denunciam as mutações da festa. As flores feitas de plástico ao invés de papel, as modelos esqueléticas e apáticas que desfilam no lugar das moças da comunidade, os repórteres atrapalhando as conversas entre as comadres... Embora modificados, os elementos permanecem. A artificialidade, por exemplo, não excluiu as flores da festa, mas registrou seu movimento.

Assim, hora a festa tende para o espetáculo e hora tende para a tradição e afirmação do mito. Isso é possível porque ela não se separa do modo de vida da população. Se há diferentes práticas culturais no cotidiano de cada indivíduo, haverá diferentes respostas frente a uma manifestação cultural.

O entendimento da coexistência de práticas e percepções diferentes (e por vezes opostas) sobre a festa evita o engessamento da cultura. Isso porque

estabelece perspectivas que reforçam a ideia de hetero-homogeneização, ou seja, da existência simultânea de elementos contraditórios num mesmo espaço-tempo.

A cultura é mais que isso. É uma dialética estabelecida a partir das práticas cotidianas de cada indivíduo que se revela no espaço. É a natureza reinventada. Reinvenção constante que media as práticas e representações dos sujeitos sociais. Trata-se de um desequilíbrio equilibrado ou equilíbrio desequilibrado que permite... Que media as interações e trocas... Possibilita a magia, a riqueza e a materialização das reflexões e ações (pensar e agir) humanas.

A comunicação e trocas entre sagrado e profano sempre existiram. O homem vive das contraposições que promovem o equilíbrio social. Mesmo na bíblia, livro católico-histórico, que conta parte da história humana, são retratadas interações e conflitos entre o sagrado e o humano (pensado como profano). Nos livros de Lucas (19: 45-46); Marcos (11: 15-19); e João (2: 13-16), por exemplo, há uma clara exposição do confronto de Jesus com aqueles que utilizavam o templo como lugar do comércio. Jesus bradava que aquele era um lugar de devoção e, por isso, não deveria ser utilizado para outros fins.

¹³Estava próxima a Páscoa dos judeus e Jesus subiu a Jerusalém.

¹⁴Encontrou no templo vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados (*às suas mesas*). ¹⁵E, tendo feito um como azorrague de cordas, expulsou-os a todos do templo, e com eles as ovelhas e os bois, deitou por terra o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas. ¹⁶Aos que vendiam pombas, disse: Tirai daqui isto, não façais da casa de meu Pai casa de negócio. (BÍBLIA SAGRADA, 1977, p.1158)

O embate entre devoção e diversão é característica inerente à sociedade. De certa forma, a diversão tem sido justificada pela devoção. Nas festas de santos, por exemplo, os excessos profanos são permitidos, pois se justificam pelo culto ao sagrado. A festa se estabelece, portanto, como um conjunto de práticas devocionais e recreativas que conservam um interior dual.

Essa dualidade coexiste na festa. Ao mesmo tempo em que os sujeitos sociais criam o evento e convivem com as rezas, as ofertas, as promessas, o culto, enfim, o coração da festa, há o espaço do comércio, do público espectador, das trocas artificiais, da teatralização cultural e da mídia de massa. Não se deve pensar

que esses elementos se negam, mas que seus objetivos são diferentes e se encontram num só lugar: a festa.

Diante disso, tem-se uma festa feita para o sujeito e para o espetáculo. Cada um com seus usos e entendimentos. As cozinheiras voluntárias, por exemplo, coexistem juntos aos comerciantes informais. Embora o mesmo espaço-tempo exista para a coletividade, as motivações e práticas nele vividas são particulares.

No barracão é possível observar uma hierarquia dissimulada designada normalmente pelo(s) coordenador (es) da festa – geralmente representante(s) da comunidade local que, por laços afetivos, econômicos ou políticos ocupa(m) este posto – e pelos sujeitos mais experientes em cada função. Para se juntar ao grupo é necessário conquistar a confiança das pessoas. Já para participar das atividades de maior responsabilidade são exigidos conhecimento, habilidade e prática, além do aval dos festeiros. Para chegar ao estágio que se tem liberdade de escolha e ação dentro de uma cozinha de uma festa popular, por exemplo, o indivíduo deve passar por diversos estágios – todos informais e velados.

Diante disso, verifica-se que o núcleo da festa consiste num grupo mais fechado e coeso com regras e princípio próprios. Estes fatores também determinam a manutenção de características tradicionais que dificultam a espetacularização da festa. Por outro lado, eles têm que lidar com as imposições externas, sobretudo as institucionais. Não se faz mais a festa de Martinésia sem a interferência das instituições. Trata-se de um evento politicamente e financeiramente dependente.

O núcleo da festa se estabelece no barracão, junto aos sujeitos sociais que a planejam e a produzem. Trata-se do lugar onde a festa é pensada, desenvolvida e vivida. Nos arredores, por sua vez, se estabelecem os espectadores e o comércio. Essa característica não deve ser entendida como segregação, mas como lugares e territórios que compõem a manifestação. Fora do barracão, o mito é tido como elemento acessório, plano de fundo para algo que é maior. São os lugares do prazer, onde os excessos são permitidos. Come-se, fala-se, bebe-se, ri-se e dança-se em demasia. É tempo e espaço de extravasamento.

A partir de uma generalização, é possível se pensar o barracão como o lugar de preparo da festa. Já a quadra e as ruas do entorno são lugares de se desfrutar da festa. Entretanto, no barracão os voluntários também vivenciam a manifestação.

Relembrando a fala do Sr. José Adolfo⁴³, o barracão é o lugar do trabalho voluntário e esse trabalho “é o melhor da festa”. Ao mesmo tempo em que esse espaço é o território do sagrado, onde se reza pelo santo e se adora o presépio, ele também é o território do profano, onde se joga, onde se fofoca, onde são observadas as humanidades. Nele se materializa a mediação entre o santo e o homem pecador. No final, tanto o barracão, quanto a quadra compõem o espaço da festa. Nele há territórios que se fazem e desfazem cotidianamente, assim como lugares identificados pelos sujeitos sociais e pelos espectadores.

Trata-se, portanto, de coabitações entre elementos distintos. Folia e grupo de cantadores com vendedores ambulantes, rezas com baile, trabalhadores voluntários com trabalhadores informais, devotos e espectadores, procissão e músicas seculares, mutirões e cobertura midiática, distribuição gratuita de alimentos e barraquinhas que vendiam produtos alimentícios e bebidas, dentre outros exemplos.



Mosaico de fotos 30: Coexistências.

Respectivamente: 1. Touro mecânico utilizado como alegoria do lazer. / 2. Cavalo utilizado como meio de transporte para se chegar à festa. Autora: Marques, Luana Moreira. Janeiro de 2010.

Nessa perspectiva, a festa vai se ligando e sendo ligada aos vários usos que se fazem delas. Formam-se nós de uma rede que se constrói e se modifica cotidianamente. Cada elo dessa teia não existe por si só, mas toma vida a partir das relações e conexões. Fora da rede os elos perdem o sentido.

⁴³ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

O movimento da festa permite a agregação de novos sujeitos e sentidos, assim como sua desagregação. É nesse contexto que se dá a apropriação e uso da festa pelo “de fora”. Emerge-se, assim, um novo fluxo que propicia a espetacularização daquelas práticas.

De acordo com Debord (1997) o espetáculo se cria por meio da separação, da perda da unidade do trabalho, da cultura, dos processos... Ele é um elemento inerente e alienante da sociedade. Se as instituições (igreja, prefeitura, mídia, etc.) modificam o fluxo da festa, elas tiram a autonomia do sujeito social, separa funções, dita normas... É nesse contexto que se cria o espetáculo e que ele se transforma em mercadoria.

A cultura permanece, mesmo que modificada. Ela nutre o espetáculo, mas este não a anula. No movimento de espetacularização, o que era gerado pela comunidade e exposto para a coletividade passa a conviver com o que vem “de fora”. Observa-se, então, que o espetáculo depende da tradição, pois é nela que ele se sustenta. Por outro lado, a festa passa a se alimentar das decisões, atribuições e renda de instituições externas. O sujeito perde o domínio e autonomia da festa, embora continue dela participando. É o caso dos encontros de Folia de Reis organizados pelas secretarias municipais de cultura de diversos municípios brasileiros. Em Uberlândia, conforme lembrado no capítulo anterior, os grupos se reúnem e se apresentam em lugares pré-determinados pelo governo municipal. Além do controle do *lócus*, o tempo de apresentação também é estipulado pela instituição. Folias que demoravam cerca de 40 minutos para cantar a peregrinação dos Reis Magos, o devem fazer em 15 minutos. O que é isso senão o controle e enquadramento funcional das práticas culturais populares? Ao invés do evento se adaptar às práticas, as práticas se adaptam ao evento e o transformam em espetáculo.

Pode-se afirmar, portanto, que a festa se torna espetáculo quando a comunidade perde sua autonomia. A partir de então a manifestação passa a ser produzida por outros sujeitos e instituições que aliam o evento a aspirações próprias, de cunho político, social, religioso, entre outros.

Apesar da Festa de Martinésia conviver com o processo de espetacularização, ela ainda não se tornou um simulacro. Há naquela manifestação o mutirão, as redes sociais, a tradição e o patrimônio material e imaterial. A festa sobrevive modificada. Porém, sabe-se que o processo de espetacularização pode

ceifar a essência da festa. Apropriada, a festa perde sua espontaneidade, autenticidade e movimento. Pasta Júnior (1992, p. 72 *apud* Machado, 2003, p. 36) afirma que “(...) isolada, administrada ou emoldurada, ela se transforma em outra coisa qualquer – festividade, comemoração, menos festa. Nesse sentido, ela demarca o limite da apropriação, porque é impossível transformá-la em mercadoria sem perdê-la. (...)”.

É importante destacar que não há negação de uma cultura sem reações de seus sujeitos. Mesmo que as instituições se apropriem do popular, há resistências. Elas podem ser observadas nos movimentos culturais alternativos, nas novas festas e práticas marginais e nas adaptações do modo de vida social da coletividade.

Zaluar (1983), observando os estudos de autores como Eduardo Galvão (1955), Donald Pierson (1966), Emílio Willems (1961), Marvin Harris (1956) e Alceu Maynard Araújo (1961) e (1959), destaca que já nas décadas de 1950 e 1960 as festas na cidade ganhavam novos contornos sociais:

[...] Nas cidades, também as festas realizadas para homenagear certos santos de devoção local deixavam de seguir as normas costumeiras: o grupo de músicos devotos do santo (folia) não mais percorria a região circunvizinha recolhendo dádivas para o repasto coletivo e a distribuição gratuita de comida, os quais estavam sendo substituídos por barraquinhas vendendo “comes e bebes” e pelo leilão de prendas. Não havia mais bailes nem folguedos, que eram violentamente criticados pelos padres e pelos que compartilhavam sua doutrina, os quais viam nesses eventos uma profanação da solenidade sagrada. As procissões e as novenas dominavam as festas da Igreja. Por fim, as promessas, que eram sempre feitas em função das festas tradicionais, pareciam estar também mudando de caráter: no contexto “urbano”, falava-se mais no uso de ex-votos e nas romarias feitas às cidades-santuários para pagar promessas. (ZALUAR, 1983, p. 15-6)

A partir das considerações de Zaluar (1983) é possível perceber que a modificação dos padrões festivos já era um fenômeno perceptível em meados do século XX. Essa modificação aconteceria pela influência da Igreja Católica, que impunha elementos sagrados nas práticas profanas. Sabe-se que tal explicação é verdadeira, mas insuficiente. É fato que a Igreja exercia (e ainda exerce) forte autoridade sobre a sociedade. Como representante de Deus, ela controla os sujeitos pelo desejo da salvação e da vida eterna. Todavia, a Igreja não só faz ponte entre

Deus e o homem. Ela é uma instituição e como tal exerce poderes e se organiza de acordo com seus próprios interesses.

Se pensarmos no ser humano como um agente do espaço, as alterações sofridas pelo primeiro alteram o segundo e vice-versa. Isso faz com que a festa mude em forma e em conteúdo seguindo as alterações espaciais.

A igreja, como instituição do sagrado/sobrenatural, atua na sociedade e espacializa as práticas. No caso de Martinésia, ela se coloca como ponto de apoio, *locus* do descanso da bandeira. Por ela passam os fieis, a folia e a procissão.

A atuação da igreja na festa se dá por um movimento de incorporação da instituição à manifestação festiva, mas ela deve aceitar que a festa tenha seu lado profano – é necessário ceder. Manter os fiéis pressupõe mediar o profano a partir do sagrado. Uma festa essencialmente profana não permitiria a salvação da alma. Por outro lado, uma festa essencialmente sagrada também não seria substancialmente atrativa. Para controlar o sujeito, a Igreja teve que abdicar de parte do seu poder simbólico, aquele que controla o ser por meio da opressão e manipulação.

As observações feitas por Thompson na sociedade inglesa do século XVIII traz práticas que contribuem para o entendimento da apropriação eclesiástica das reproduções sociais:

Em geral, o clero que exerce suas funções pastorais com desvelo sempre encontra maneiras de coexistir com as superstições pagãs e heréticas de seu rebanho. Por mais deploráveis que essas soluções de compromisso pareçam aos teólogos, o padre aprende que muitas das crenças e práticas do “folclore” são inofensivas. Se anexadas ao calendário religioso anual, podem ser assim cristianizadas, servindo para reforçar a autoridade da Igreja. Os forjadores dos grilhões da Santa Igreja, observava Brand, o pioneiro do folclore, “tinham conseguido com bastante astúcia que os fiéis se sentissem à vontade traçando flores a seu redor [...]. Uma profusão de ritos, espetáculos e cerimônias infantis desviava a atenção do povo de suas verdadeiras condições, mantendo-os satisfeitos [...]”. O mais importante é que a Igreja devia, nos seus rituais, controlar os ritos de passagem da vida pessoal e anexar os festivais populares a seu próprio calendário. (THOMPSON, 1998, p. 51)

Embora Thompson (1998) trate de um fenômeno observado no século XVIII, ele continua sendo atual. A Igreja ainda se mantém pela coerção dos fiéis que temem “arder no fogo do inferno” caso não se comportem como “bons fiéis”.

Comportar-se como tal pressupõe, além de seguir os mandamentos de Jesus, frequentar religiosamente as missas, crer na “Santa” Igreja Católica e pagar os dízimos.

Para exercer o domínio, a Instituição se insere em todos os segmentos sociais e participa controlando as representações. É por isso que ela aceita as folias de Santos Reis em seus templos e se vincula às festas do Congado, embora ambas manifestações não fossem reconhecidas anteriormente. Também é dessa forma que ela adapta seu calendário festivo às festas originalmente profanas.

Não é permitido prazer sem divindade. Nessa perspectiva, a divindade entra como discurso, como mediadora entre o homem e suas produções profanas. Se a festa antecede a divindade, a Igreja Católica inscreve o santo. Assim, ela aparece representada pelo santo. Há, portanto, uma dialética do uso da festa e das suas mutações.

Essa postura se torna uma saída para o fenômeno de substituição do sagrado pelo profano nas sociedades industriais avançadas, cenário observado por Dumazedier (1979, p. 48)

[...] uma parte importante do tempo ocupado outrora pelas atividades religiosas, por jogos ou festas controlados pela autoridade religiosa da antiga comunidade local, transformou-se progressivamente em atividades de lazer escolhidas pelo próprio indivíduo.
(DUMAZEDIER, 1979. p. 48)

Tanto no campo como na cidade os sujeitos comentam sobre a escassez dos momentos de sociabilidade. Não há mais tempo para o santo, para as conversas com os vizinhos, para os terços... Mas a festa permanece. As determinações históricas e espaciais fazem com que ela se reinvente na falta do tempo. As folias, por exemplo, já não giram por mais de duas semanas e os anfitriões não despendem parte do dia para cozinhar quitandas e servir àqueles sujeitos.

Transvestindo a festa, a Igreja se reforça no cotidiano coletivo a partir das práticas de lazer. Além da Igreja Católica, há também a agregação de outras instituições e poderes na festa. O Estado, por exemplo, entende as manifestações culturais como elo entre o governo e o povo. Controlá-la é fundamental para controlar os sujeitos. Nessa perspectiva, criam-se regras, leis, associações, entre

outros elementos aos quais a festa deve se subordinar. Dominando a festa, domina-se toda uma comunidade, coesa ou não.

Tal proposição pode ser verificada pela inserção das prefeituras municipais no planejamento e execução da festa. Sem seus alvarás e licenças de permissão, a cultura não pode se materializar. As folias, assim como os ternos de congada, são proibidas de se manifestar em áreas públicas. A realização de eventos comunitários nesses espaços deve ser autorizada pelas secretarias e entidades municipais que oficial e teoricamente oferecem estrutura de segurança e permitem o bloqueio de ruas, entre outras ações. Portanto, para ser reconhecida e permanecer viva/legal, a festa deve ser regida pela legislação civil e se submeter às convenções.

O espetáculo, enquanto simulacro, convive com a essência da festa. As trocas são feitas no lugar, mas incitam a formação de territorialidades que se chocam e, por vezes, se sobrepõem. O lugar da festa é a praça de Martinésia, onde o governo municipal se territorializou por meio das edificações públicas, do barracão. Todavia, no tempo da festa, esse território passa a ser controlado pelo festeiro, que determina os espaços para comércio, para a devoção e para a diversão. No caso do espaço da quadra, é possível observar, ainda, usos diferentes num mesmo tempo. Enquanto algumas pessoas dançam e se divertem ao som das músicas sertanejas, outras saldam e adoram o presépio.

Esse lugar também é marcado por temporalidades. No período em que a folia toca, não se faz algazarra dentro do ginásio. Após os ritos sagrados, o lugar passa a ser usado para o extravasamento. Há, portanto, diferentes usos do espaço e da festa. E embora sejam diferentes, um não anula o outro.

Diante do controle sócio-espacial da festa pelas instituições, a comunidade perde parte da autonomia do ritual. Os alvarás, consentimentos, coerções e imposições externas fazem com que a festa se enquadre nas regras e determinações do sistema legal e religioso. Assim, ela passa a responder à instituição em favor do mito, acatando as decisões públicas tomadas por sujeitos que nem sempre entendem/conhecem a essência de cada manifestação. Essa é a festa possível, que se modifica num dinamismo contínuo.

Para dar conta do aumento da demanda de espectadores, a festa se especializa:

Então, o barracão é muito diverso, né? Você assim, principalmente quem tá chegando [deve ir apenas] aonde pode. Tem serviços mais especializados, por exemplo: quando você vai trabalhar com carnes. Então... aí tem pessoas que entendem mais disso, aí você é mais ajudante, mas com o tempo você vai aprendendo, então você faz de tudo, por exemplo: chegou o porco hoje, então você vai tirar o toicinho, vai cortar, depois você vai moer, fritar, depois guardar a banha em latas, né?! Depois a carne... você vai cortar em pedaços, temperar e fritar, que é o que tá acontecendo agora no final da tarde. E tem também pessoas especializadas em doce. Então chega o leite, por exemplo, tem três dias que é [feito] só doce de leite... Então chega o leite, coloca o açúcar e fica ali três, quatro, até cinco horas... depende da quantidade do volume. Mas muita brincadeira... todo mundo rindo... conversando... aí tem os momentos de oração, na hora refeição – antes – e a noite em geral tem o terço, no final da noite, quando chega a folia – os foliões andam o dia todo e aí quando eles chegam tem o momento de recolhimento, de oração – aí você homenageia Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida e também pede a todos que estão precisando, pede ajuda e esse é um momento muito forte que é uma oração coletiva e é muito interessante.⁴⁴

A especialização da festa subsidia seu crescimento. Trata-se de uma adaptação cíclica: a manifestação se especializa para dar conta da demanda e a demanda cresce diante da estruturação do evento.

Embora tal cenário possa parecer um reconhecimento da cultura local, ele acaba estimulando a perda do domínio da festa pela comunidade. Em determinado momento, a população não consegue mais gerir as faltas criadas pelo inchaço do evento: falta de estrutura física/locacional, de recursos financeiros e de mão de obra. É neste contexto que as instituições reduzem a festa naquilo que ela é – representação social. O espaço é, então, doado pela prefeitura, as bênçãos pela igreja e os alimentos subsidiados pela comunidade e pelas empresas. Essa é a festa possível, que se adapta cotidianamente e se reproduz de acordo com os recursos disponíveis.

4.3 As apropriações da festa: o processo de espetacularização?

A obra de Debord (1997) faz entender o espetáculo como ‘o recriar atrelado ao real’. É um movimento sutil que leva o homem a acreditar que está vivendo o

⁴⁴ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, em janeiro de 2011, durante os preparativos para Festa de Santos Reis de Martinésia.

original. Dentre suas diversas proposições que discutem o espetáculo, destacam-se as seguintes:

O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo.

[...]

No espetáculo, uma parte do mundo se representa diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado. (DEBORD, 1997, p.13-23)

Apesar de o autor entender o espetáculo como uma maneira de se mercantilizar as práticas e experiências sociais, não se pode separar a festa do capital, pois a festa é feita pelo homem e ele está diretamente atrelado ao capital.

O espetáculo pode ser pensado como meio, ou seja, entendido nas inter-relações que sustentam a festa, pois o evento, como espetáculo, não é dado instantaneamente, mas nasce a partir dos processos. Se as relações forem pautadas na artificialidade, na mercantilização, e/ou na manipulação da tradição, elas promoverão o não vivo.

O espetáculo não se desprende do capital. Ele é um produto que se realiza nos consumidores, mas nas condições desses sujeitos. É essa a atuação das relações. Elas não deixam de existir, ao contrário, se inserem nas práticas cotidianas entre os elementos materiais e as impressões/ações humanas.

Embora as relações permitam a criação de fluxos e redes, o espetáculo (por si só) age em via única. Ele é imposto e consumido. Não há outro tipo de troca além dos movimentos de compra e venda. O espetáculo simplesmente 'é'. Ele não se torna, não se reproduz, não se refaz, não dialoga espontaneamente com o meio. Trata-se de uma estrutura pronta, instituída pelo capital e moldada pelos meios de produção.

Se pensássemos apenas pela lógica do capital, entenderíamos a Festa de Martinésia como um evento essencialmente espetacularizado. Mas a sociedade não vive apenas a lógica do capital. Há relações e subjetividades que contrariam a mercantilização da festa. Não se pode negar que aquela festa viva sob uma lógica mercantil. Por outro lado, ela também subsiste a partir de uma essência particular,

humana. Nessas combinações surgem movimentos que ligam a devoção e a diversão, que comercializam o santo ao mesmo tempo em que mantêm as práticas de se fazer promessas e crer no sobrenatural.

Cada festa é única. Algumas têm mais apelo mercantil, outras ainda conservam resíduos de um passado rural que não cabe mais nas formas da urbanidade... É aí que se encontram as contradições. A festa popular sobrevive na modernidade, mesmo não sendo contemporânea a ela. Essa existência é possível pelos novos usos da cultura. Usos estes que se realizam na festa, e que se fundamentam numa sociedade de consumo. Nessa perspectiva, a festa representa a origem, a base social onde são empregadas novas práticas e elementos. Incluem-se aí relações de trabalho, de compadrio, de consumo, de aprendizado e subjetividades que configuram uma cultura em constante movimento.

Enquanto a festa mantiver em seu seio as humanidades – entendidas como relações sociais entremeadas pelo trabalho e pelos valores humanos – ela existirá como um fenômeno social dotado de movimento, mesmo sob uma lógica mercantil. A festa do sujeito social resiste porque media. Nela os indivíduos se relacionam entre si e com a natureza.

[...] Eis que a festa restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque *sou* daqueles ou daquilo que me *faz* a festa. Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de *eus-outros* que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nos fazemos, para não esquecer isto. Juntos, diferencialmente irmanados, pedimos à festa a evidência de que tudo *isso*, que é a vida, e a vida impositivamente social, é suportável e até bom, porque sendo irrecusável, pode ser até previsível se revivido com afeto e com sentido. Vista em sua desvestida realidade, a celebração religiosa ou profana, solenidade ou mascarada (Matta), não ilude nem oculta. Não disfarça. Ao contrário, ao jogar com a metáfora e romper com o excesso de significante, a ordem social da vida e a ordenação lógica do significado, a festa exagera o real. Se eu disse antes que ela faz ser suportável o inevitável e sua consciência antecipada, é porque ela comemora a possibilidade disto e de tudo o mais ser compreensível e compreendido. Assimilado à lógica da cultura não como sua ilusão – mágicos não fazem festas – mas como a necessidade de transpor umas para outras esferas de trocas, que nem por serem mais motivadamente simbólicas deixam de ser tão socialmente rurais. (BRANDÃO, 1989, p. 9)

A festa é uma extensão da vida, formada pelas relações cotidianas e por seus sujeitos. Na festa o homem não se transveste, mas se reproduz. Nessa reprodução ele se liga a seus pares e estabelece diálogos, encontra as diferenças, vive seu *eu* transitório e perecível estabelecido num meio social.

Portanto, as humanidades não sobrevivem pela lógica do capital, embora se reproduzam nela. Há uma coexistência marcada pela presença e dependência entre o sujeito social e suas trocas (comerciais, culturais, familiares...). Veja que um não anula o outro, mas eles se relacionam diretamente.

De certa forma, o espetáculo também é original, mas como algo novo, fugaz, produzido, dependente do capital. Essa característica faz com que a manifestação se torne uma coisa, um simulacro real que é consumido/vivido como um produto cultural vinculado ao lazer. Para Debord (1997),

O consumo espetacular que conserva a antiga cultura congelada, inclusive com o reiterado remanejamento de suas manifestações negativas, torna-se abertamente em seu setor cultural o que ele é implicitamente em sua totalidade: *a comunicação do incomunicável*. [...] (DEBORD, 1997, p. 125)

Criam-se, assim, alucinações/produtos culturais que preenchem o imaginário de um público consumidor ou, conforme afirma Meneses (1996, p. 98), “(...) zumbis que voltam ao mundo dos vivos apenas para atender a solicitações externas de consumo (...)”.

O surgimento de novos espetáculos se dá a partir da captura de novos movimentos culturais. Como o espetáculo não se institui como movimento, ele reconhece e se apropria das manifestações autênticas. O que é fluido se torna mercadoria.

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retornar nele tudo o que existia na atividade humana *em estado fluido*, para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da *formulação pelo avesso* do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, *a mercadoria*. (DEBORD, 1997, p. 27)

No movimento de espetacularização, o fluido dá lugar ao estático previsível. O fluxo se fixa e a manifestação se enquadra no tempo e espaço pré-estabelecido. As arestas remanescentes – linguagem, alimentação, ordem, etc. – são aplainadas a fim de produzir uma estética padronizada e arredondada. A cultura se adapta ao consumidor e é contraditoriamente comercializada como produto cultural autêntico e vivo. Aliena-se a festa. Aliena-se o indivíduo. Engana-se o todo.

Mas há um movimento inverso assumido pelos sujeitos da festa que mantém as práticas tradicionais. Essa é a situação da festa de Martinésia. Espetáculo e tradição convivem, dialogam e disputam território.

A festa nasce de um meio autêntico. Surge como fluxo, movimento vinculado a uma motivação socialmente coletiva. Ao que se expande, cria um grupo que não atua diretamente na criação, mas aproveita a manifestação como lugar da mediação e do encontro. Quando esse grupo é atraído essencialmente pelo caráter lúdico da festa, ele se distancia do núcleo. Se o núcleo for expropriado, a festa se torna espetáculo.

A expropriação pode motivar a criação de uma nova festa paralela e marginalizada. Constrói-se um novo núcleo, completa-se o ciclo do espetáculo. Esse processo pode ser observado na seguinte figura esquemática:

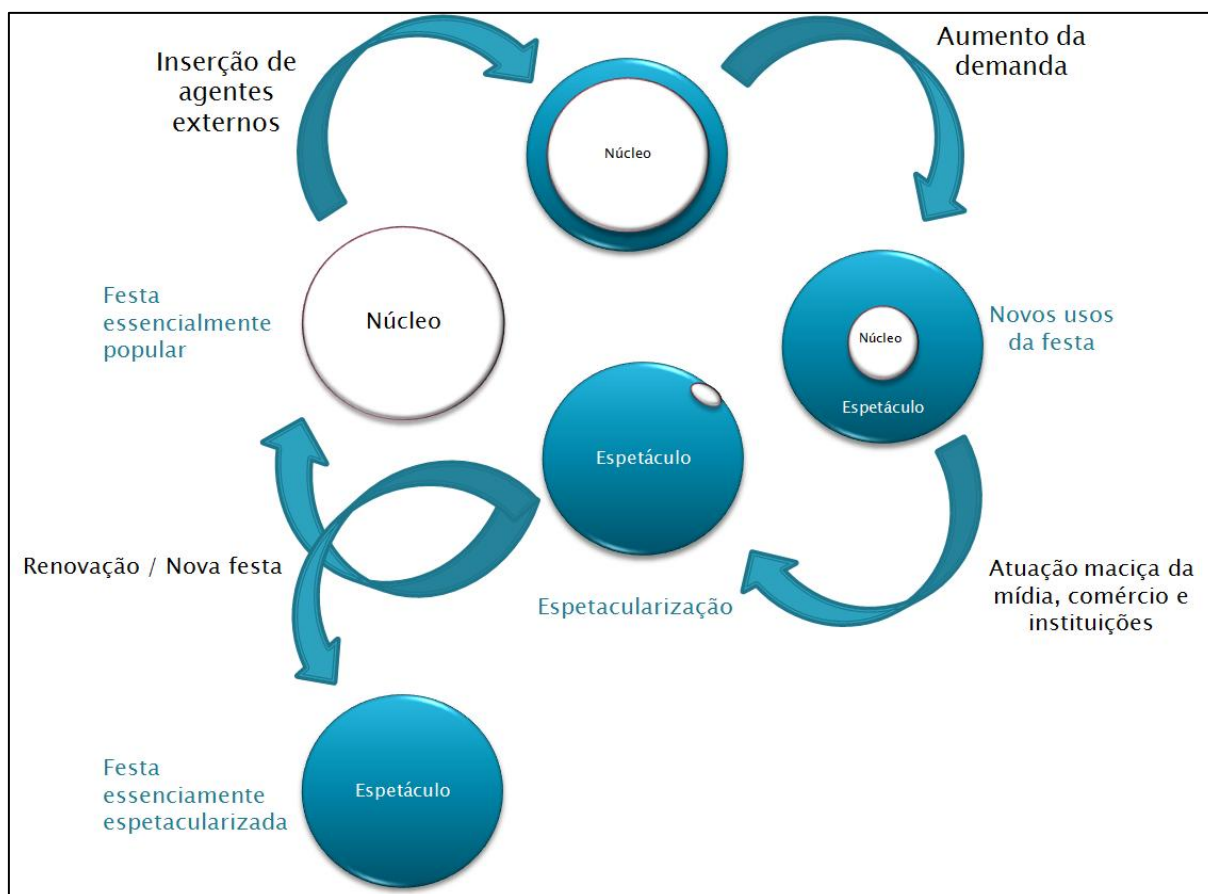


Figura 6: Processo de espetacularização da festa.

Fonte: MARQUES, Luana Moreira.

O sistema proposto permite visualizar a tendência evolutiva das festas populares no capitalismo a partir de uma festa que nasce, cresce, é interceptada, ganha novos usos e pode ser tornar um espetáculo, assim como criar uma nova manifestação autêntica.

Nesse sistema existem inúmeras possibilidades de injunções, inserções e interligações, pois a cultura é formada por redes e as redes são processos de fluxo. Portanto, é possível, por exemplo, que o ciclo proposto seja interrompido em algum ponto ou que suscite a produção de uma festa espetacularizada sem a criação de um novo núcleo festivo, como é o caso das festas de produto (uva, cana, milho, etc.) que já nascem como mercadoria/espetáculo. Nessa perspectiva, o sistema pode ser interceptado e modificado por outros elementos, embora apresente uma estrutura dorsal pouco variável.

A total expropriação do domínio comunitário da festa pode levar ao surgimento de um novo cenário. Nele tende-se a criar duas novas festas: uma espetacularizada, voltada para o consumidor e outra periférica e oficialmente

ilegítima, feita pela e para a população local. Verificam-se, portanto, os extremos, isto é, ou a atuação quase exclusiva do capital que espetaculariza e faz com que o produto cultural se torne homogêneo e sem núcleo, ou a atuação dos atores sociais que produzem uma festa marginalizada, fechada e autêntica.

A festa criada *pelo e para* o povo se dá em substituição à antiga manifestação “perdida”. Já o evento essencialmente comercial – desdobramento da festa de origem – é tão modificado que se transforma em simulacro mercadológico. A primeira é periférica e não faz parte dos calendários culturais oficiais. Já o segundo é manipulado como produto/espetáculo. Tem-se como exemplo a Festa dos Bois de Parintins (AM). Sobre ela, Freitas Gil; e Gil Filho (2009) destacam:

[...] A Festa dos Bois-bumbás tem sido responsável pelo deslocamento de um número significativo de pessoas, estimado em 30 mil turistas. Isso faz com que haja inovações e perspectivas no mercado turístico. A cidade se transforma para receber tanta gente de fora. (FREITAS GIL; GIL FILHO, 2009, p. 149)

O Festival de Parintins ganhou espaço na mídia e se tornou, mesmo que sazonalmente, vetor econômico da cidade. Atualmente Parintins é entremeada pela história, estética, representatividade e competitividade dos bois Caprichoso e Garantido. Mesmo sendo profana, a festa em questão era preparada pelos sujeitos sociais locais. A partir da influência institucional, comercial e midiática, a comunidade perdeu gradualmente o domínio da manifestação, que foi incorporada por atividades como o turismo e suas redes de capital. Por outro lado, a comunidade local continuou festejando seus bois nas periferias e fora dos calendários oficiais. Observa-se então a criação de alternativas autênticas à expropriação da cultura popular.

A espetacularização não gera, necessariamente, duas novas festas similares. Por vezes a festa do povo não é recriada. Outras vezes, o processo de formação do espetáculo não chega ao fim. Há também casos de manifestações similares que se comportam de forma distinta em lugares diferentes, como as festas juninas de Campina Grande – Paraíba, que foram dominadas, adestradas e comercializadas; e as festas juninas de cidades interioranas, que conservam sua essência de culto ao mito somado à diversão do fiel.

Martinésia vive o espetáculo, mas não de forma exclusiva. Conforme dito anteriormente, a tradição permanece. A mídia, o comércio e as instituições modificam a festa do distrito, mas não se apropriam dela totalmente. A comunidade reage indiretamente. É ela quem continua a fazer a festa, mesmo com o auxílio locacional e financeiro dos “de fora”.

Ainda que o esquema proposto aponte para uma total espetacularização ou renovação da festa, dificilmente elas chegarão e permanecerão como tal. É incomum que uma festa popular seja totalmente espetacularizada ou permaneça totalmente original. Os elementos externos chegam a elas e as modificam, mas a essência tende a permanecer. A partir da essência a festa se refaz constantemente. Isso pode ser pensado a pela seguinte reflexão: se a sociedade se transforma, como poderíamos esperar a manutenção da festa com a espontaneidade de tempos atrás, se ela vive num mundo de fluxos?

Mesmo que parcialmente espetacularizada, a festa continua naqueles que a fazem. Os antigos voluntários podem, por exemplo, assumir cargos na nova manifestação. Isso nos faz lembrar as produções carnavalescas. Elas permanecem nas comunidades, mas se constituem como atividades profissionais subsidiadas pelo governo e comercializadas, mesmo com caráter popular. Esse não é o caso de Martinésia, onde a comunidade ainda atua em parte das decisões e produção de suas festas.

A festa espetacularizada pode ser pensada, também, a partir da tentativa de “resgate”⁴⁵ de uma tradição abandonada. Nesse contexto ressurgem festas ou características festivas num contexto mercadológico, como pode ser observado na seguinte notícia do Jornal do Mosaico (2010):

O supervisor de Meio Ambiente e Turismo, da Secretaria de Agricultura de São João das Missões, Adailton José de Santana, é membro do Conselho Consultivo do Mosaico SVP e falou sobre o resgate das tradições no município: “A Prefeitura Municipal de São João das Missões quer desenvolver o turismo, aproveitando as tradições do município, como a festa junina de São João Batista, de mais de 300 anos. É uma festa turística, realizada de 21 a 25 de junho, e atrai de 10 a 30 mil visitantes, dependendo dos shows programados. Temos que resgatar a cultura do São João, porque essa festa tem cachorro-quente, capeta (bebida muito consumida no

⁴⁵ No caso das festas extintas, não há resgate, mas a criação de um simulacro a partir de uma representação histórica.

Nordeste, preparada com vodka, leite condensado, canela em pó, mel, além de guaraná e achocolatado em pó), mas não tem pipoca e nem as comidas típicas das festas juninas, tradicionais de São João”. Para Santana, é preciso manter tradição, atrair mais turistas e gerar renda durante o período de férias. [...] (JORNAL DO MOSAICO, 2010, p. 7)

É importante lembrar que o município de São João das Missões, em Minas Gerais, tem área e população predominantemente indígena. (JORNAL DO MOSAICO, 2010). A tentativa de *resgatar* uma *tradição católica* num *município indígena* reforça a ideia de um hibridismo cultural com vistas à mercantilização.

Outro exemplo, tratado no trabalho de Mariano (2009), destaca a manipulação e inserção de novos elementos e instituições na Festa do Divino, fato que leva a uma mercantilização da cultura:

Após várias ameaças de a Festa do Divino de Mogi das Cruzes sucumbir, houve um “movimento” para evidenciar o seu aspecto chamado folclórico, que vinha na contramão do discurso do “progresso” da cidade. Em 1985, a Festa entrou no calendário turístico de Mogi das Cruzes, chamando a atenção de pesquisadores do folclore, da mídia e da população, e, aos poucos convocando o poder público e as empresas a contribuir para a perpetuação da tradição. (MARIANO, 2009, p. 93)

Ao tratar da Festa do Divino realizada em Mogi das Cruzes – SP, Mariano (2009) aponta a transformação da festa ao longo do tempo. De acordo com a autora, em meados da década de 1990, foi criada por um grupo de ex-festeiros uma fundação denominada “Pró-Divino”:

O objetivo inicial da Associação, que era guardar e conservar o acervo da Festa, acabou por ampliar-se. De auxílio aos Festeiros, facilitando o acesso ao material utilizado na Festa, tornou-se, hoje, executora da mesma. A Associação não tem poder de decisão, apenas de execução e orientação dos Festeiros que, por sua vez, devem acatar as determinações do Bispo Diocesano. A Pró-Divino auxilia também na arrecadação de recursos para a Festa, através da coordenação de marketing, que busca patrocínio junto a empresas localizadas em Mogi das Cruzes e região. Os logotipos destas empresas são impressos em cartazes, faixas de divulgação da Festa do Divino, em cadernos de cânticos e orações, e ainda, em

uniformes dos voluntários que trabalham na quermesse: camisetas, aventais, bonés... (MARIANO, 2009, p. 93)

No caso de Uberlândia, as Folias de Reis são organizadas pela Associação das Folias de Reis de Uberlândia⁴⁶, fundada no ano de 1985 pelo capitão de folia 'Alair José Rabello'. A associação regulamenta a atuação das folias do município. Para que cada grupo possa girar (percorrer o município) é necessário a expedição de um alvará de licença temporário e a filiação de cada folião à entidade.

The image shows two forms from the Associação das Folias de Reis de Uberlândia. The left form is a yellow 'ALVARÁ DE LICENÇA' (License) and the right form is a white 'CARTEIRA DO FOLIÃO' (Foliant Card).

ALVARÁ DE LICENÇA (Left Form):

- Header: ASSOCIAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS DE UBERLÂNDIA, UTILIDADE PÚBLICA CONF. LEI MUNICIPAL Nº 4358, C.N.P.J. 21.243.589/0001-29, Rua Barão de Ouro Preto, 73 - B. Carajás - Fone: 3211-9915 - Cep: 38408-642 - Uberlândia/MG
- Title: ALVARÁ DE LICENÇA
- Text: A Diretoria dessa entidade nos termos do decreto nº 90/1 e seus artigos, de 23/03/1990, concede o presente alvará a CAPITÃO _____ Cart. _____
- Fields: Saída da Folia em: ____/____/____ às ____hs, Chegada dia: ____/____/____ às ____hs
- Section: FESTEIROS: _____
- Field: Horário Permitido Até às 22:00 hs. _____
- Field: Endereço: _____ Nº _____ Bairro: _____
- Signature: Alair José Rabello

CARTEIRA DO FOLIÃO (Right Form):

- Header: ASSOCIAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS DE UBERLÂNDIA, Utilidade Pública Conf. Lei Municipal Nº 4358, CNPJ 21.243.589/0001-29, Inscrição 8550
- Image: Logo of a bird (capitão de folia)
- Field: Nome: _____
- Field: Foto: _____
- Text: Faço saber as autoridades em geral que o(a) portador(a) deste é devoto dos Reis Magos; pertence ao grupo de Folia: _____
- Field: Função: _____
- Field: Cargo: _____
- Field: Uberlândia, ____ de ____ de 20 ____
- Field: ASSINATURA DO PRESIDENTE _____

Figura 7: Modelo do alvará de licença para "giro" da folia e da carteira do folião.

Autora: MARQUES, Luana Moreira. Maio de 2009.

Considerando a espetacularização, Certeau (1995) destaca que o movimento de produção do espetáculo tem sido cada vez mais comum ao meio social. O indivíduo consome as representações a partir do lazer, enquanto os elementos e práticas autênticas são suprimidos do povo:

Uma vez que a capacidade de produzir é na realidade organizada segundo racionalidades ou poderes econômicos, as representações coletivas se folclorizam. As instâncias ideológicas metamorfoseiam-se em espetáculos. Excluem-se das festas tanto o risco como a criação (a aposta pelo menos mantém o risco). As fábulas para espectadores sentados proliferam nos espaços de lazer que tornaram possível e necessário um trabalho concentrado e "forçado". Em compensação, as possibilidades de ação acumulam-se onde se concentram meios financeiros e competências técnicas. Sob esse aspecto, o crescimento do "cultural" é a indexação do movimento que transforma o "povo" em "público". (CERTEAU, 1995, p.198)

A festa espetacularizada é influenciada por uma gama de poderes e apresenta uma série de dinamismos e redes. Sua estrutura possibilita o

⁴⁶ Sobre a Associação de Folias de Reis de Uberlândia, c.f. ABREU (1999).

estabelecimento de inter-relações sociais, econômicas e culturais que a caracteriza e lhe confere singularidades. Ela então passa a ser tomada e comercializada como produto cultural. Neste contexto, Canclini (2003) faz a seguinte colocação:

Pensemos em uma festa popular, como podem ser a festa do dia dos mortos ou o Carnaval em vários países latino-americanos. Nasceram como celebrações comunitárias, mas num ano começaram a chegar turistas, logo depois fotógrafos de jornais, o rádio, a televisão e mais turistas. Os organizadores locais montam barracas para a venda de bebidas, do artesanato que sempre produziram, *souvenirs* que inventam para aproveitar a visita de tanta gente. Além disso, cobram da mídia para permitir que fotografem e filmem. Onde reside o poder: nos meios massivos, nos organizadores das festas, nos vendedores de bebidas, artesanatos ou *souvenirs*, nos turistas e espectadores dos meios de comunicação que se deixassem de se interessar desmoronariam todo o processo? Claro que as relações não costumam ser igualitárias, mas é evidente que o poder e a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam. (CANCLINI, 2003, p. 262)

Canclini (2003) relata a transformação da festa mediante a apropriação do capital. Ele destaca sua gênese como “celebração comunitária” e expõe seu crescimento a partir da mídia, dos turistas e a consequente espetacularização. Assim, a comunidade perde paulatinamente a autonomia da festa e seu poder passa a residir no domínio do capital.

A descentralização de tradições reformuladas está presente na festa de Martinésia. No evento contemporâneo, as carnes chegam do frigorífico já resfriadas para corte e moagem, os adornos utilizados na decoração também são comprados prontos e a festa vai se encaixando de acordo com suas possibilidades.

Diante de tantas alterações, pode-se visualizar os elementos festivos a partir da concepção de residual e emergente proposta por Williams (1979). O autor destaca que a complexidade da cultura pode ser observada a partir das inter-relações dinâmicas e dos processos que englobam elementos variados e variáveis.

No âmago dos processos reais são encontradas, além de fases e variações, relações dinâmicas internas que podem ser analisadas a partir do conceito de elemento residual e emergente que, de acordo com Williams (1979), são termos significativos tanto em si mesmos como no entendimento da cultura dominante.

Embora o residual se diferencie do arcaico, é comum que tais ideias se confundam. Para Williams (1979, p. 125), “(...) O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. (...)”. Já o emergente é entendido, basicamente, pelos “(...) novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação [que] estão sendo continuamente criados.(...)”. Lefebvre (1967) lembra que o resíduo não é algo que sobra, mas que permanece ao longo do tempo-espço. Trata-se de um elemento forte, não redutível. O poder do Estado e o estatal, por exemplo, têm como resíduos o singular e as singularidades, a liberdade, assim como o individual é resíduo da burocracia.

Uma das possíveis aplicações dos termos “residual” e “emergente”, de Williams (1979), pode ser feita a partir de algumas festas populares. Muitas delas ainda possuem as folias – grupos de pessoas que fazem giros pelas áreas urbanas e/ou rurais de determinado espaço cantando temas religiosos para honrar algum santo ou entidade sagrada – e os banquetes, que podem ser caracterizados como elementos residuais da festa. Mas também incorporam elementos emergentes como a mídia e as relações comerciais, como é o caso de Martinésia.

É importante lembrar que os resíduos propostos por Williams (1979) se diferem da ideia do decadente, do elemento em processo de abandono ou algo pontual e arcaico. Ao contrário, o resíduo trata do elemento que teve origem no passado, mas que ainda resiste (e potencializa a festa) no presente se modificando e adaptando às necessidades e concepções contemporâneas. Certamente que para ser considerado um resíduo, tal signo deve manter algumas formas originais que o caracterizam.

Já ações como a comercialização de produtos e a inserção de novas mídias nas manifestações culturais podem ser considerados exemplos de elementos emergentes. O emergente caracteriza-se, portanto, pelo “de fora” que se insere e se reproduz na manifestação.

Pensando a dinâmica processual e circular da cultura, os elementos que um dia são emergentes podem, num segundo momento, passar a ser inerentes à festa e futuramente tornar-se resíduos dela. Verifica-se, então que se as práticas e reproduções culturais de determinado período histórico forem tomadas como referência por determinada geração de pessoas, seus descendentes podem perceber as manifestações dos antepassados como elementos residuais que

perduraram. Nessa perspectiva, o que define o residual e o emergente é o referencial pensado a partir do tempo e do espaço. Mas essa não é uma lógica única, pois os elementos residuais e emergentes se processam em contextos relativos e relacionais. As fornalhas de concreto construídas no barracão de Martinésia, por exemplo, podem ser considerados elementos emergentes (por sua constituição física) estabelecidos a partir de ideias residuais (fornalhas tradicionais de barro).

Martinésia vive o espetáculo, mas nele há uma dialética que agrega a festa produzida àquela autêntica. Os sujeitos que preparam o evento não o fazem desvinculados aos princípios tradicionais. Mesmo que novas tecnologias sejam inseridas, há uma permanência de práticas, valores e elementos. O tutu de feijão servido no jantar de encerramento da festa, por exemplo, não deixa de ser feito na festa contemporânea, mas a produção é diferenciada, assim como a demanda. Neste contexto, a festa só consegue manter-se a partir da apropriação de elementos modernos. Sobre isso, Santos (2008c, p. 178) destaca: “[...] Portanto, as tradições, misturadas e adaptadas às crenças nas divindades, redefinidas em função das conquistas tecnológicas, são manifestações de transformações das relações dos homens com a natureza e de suas novas carências.”

O espetáculo não se dá apenas pela proporção do evento, mas principalmente por seus usos. Em Martinésia tal processo não produz um simulacro. A festa é real, ainda que comercial. Seu caráter espetacular não anula a tradição.

Mais uma vez reforçamos a ideia da coexistência. Ao mesmo tempo em que o núcleo festivo segue rituais e práticas renovadas ano a ano, os jovens se divertem nas ruas do distrito com músicas da moda reproduzidas em carros de som. Os dois lados e cenários convivem simultaneamente.

É importante destacar, também, que os voluntários produzem o espetáculo e o tem com orgulho. As falas demonstram satisfação quando mencionam o alcance e importância do evento para toda a região. Trata-se de uma espécie de reconhecimento do distrito frente a algo particular, único – a festa.

O comércio e a mídia, apesar de fundamentais para a expansão do evento, atuam como elementos acessórios que modificam a estética e fluidez da festa, mas não sua essência. Esta permanece no indivíduo e nas práticas cotidianas. Vive no encontro, no mutirão, no poder do mito e na mediação das relações sociais e

sobrenaturais. Ao ser perguntado sobre como a festa estaria daqui a 50 anos, um dos entrevistados comentou:

Cinquenta anos é muito hoje. Talvez daqui uns 10 dá pra gente pensar. Eu acho assim... ela tá se transformando, mas acho que ela tem uma essência que deve permanecer, porque é uma coisa importante para as pessoas, então enquanto isso for importante pras pessoas ela permanece. Ela tá modificando... Antes ela... por exemplo, a festa na fazenda do meu pai era muito improvisado, você fazia quase com lona de circo, hoje não, tem uma infraestrutura... isso é interessante. A festa hoje ela tem um patrimônio já, tem uma cozinha, ela tem os tachos de cobre. Ela tem um patrimônio que é da festa, foi sendo doado, né? Enquanto que antes era mais improvisado, mas ela mantém uma essência. Agora tamos numa transmissão de geração: os filhos dessas pessoas que fazem a festa até agora não se manifestaram assim no sentido de dar continuidade. Mas, muitas vezes acontece dos filhos não se manifestarem, mas os netos se manifestarem. É uma coisa que pula uma geração, mas a outra recupera, então eu acredito que isso possa acontecer nesse caso aqui...⁴⁷

A festa se refaz dessa essência citada pelo Sr. José Adolfo. E nesse refazer ela reinventa procedimentos e se associa a novos sujeitos e instituições. Tanto a festa como o espetáculo permanecem. Há aqui uma relação simbiótica, isto é, uma dependência mútua entre dois elementos distintos. A possível supressão de um deles modificaria completamente a estrutura e reprodução do seu par.

Destaca-se, finalmente, que o espetáculo foi delineado a partir do momento em que a festa ganhou maior dimensão que a folia. Junta-se a isso o crescimento do evento que fez a comunidade perder seu controle e depender das locações e capital das instituições políticas, governamentais e religiosas.

Em resumo, a Festa de Santos Reis realizada em Martinésia não se tornou espetáculo pelo comércio, pela fixação ou pela atuação da mídia. Estes são apenas movimentos decorrentes e aparentes de todo o processo. A espetacularização daquele evento se deu, principalmente, pelas modificações sociais. A festa foi paulatinamente se adaptando ao contexto social, político e econômico do lugar.

⁴⁷ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, em janeiro de 2011, durante os preparativos para Festa de Santos Reis de Martinésia.

Assim, ela deixou ser uma comemoração em função do encerramento do giro da folia para se tornar uma manifestação mais abrangente, quase emancipada.



Não há uma única vez que não me emociono quando ouço uma folia. Os acordes penetram no fundo da minha alma. São momentos em que sinto meu lugar, um lugar abstrato, mas que fundamenta minha existência.

Aquelas músicas, normalmente incompreendidas, vêm ao meu encontro revelando minha humanidade. Nessas horas a pesquisa some, se transforma em plano de fundo e em pretexto para a busca e o encontro de mim mesma.

Luana M. Marques

CAPÍTULO 5 – OS SUJEITOS MÚLTIPLOS E SEU DIREITO À FESTA

A festa habita o interior de cada indivíduo. Enxergamos tal manifestação de forma particular, a partir de nossos valores e sentimentos mais íntimos. Enquanto estudante, encarei o desafio de tentar entender a festa com alteridade. O jogo de ver e viver a cultura com os olhos do outro, de sentir o diferente e fazer parte daquele cenário revelou nuances ao longo dos dias, semanas e meses de convivência. Mais que observar, participei.

A alteridade não pressupõe a supressão de uma identidade. Entender o mundo a partir do outro reforça a ideia de uma multiplicidade de sujeitos que coexistem no tempo e no espaço. Nesse viés, Costa (2008) traz uma narrativa sobre a experiência do trabalho com garis – pesquisa que só foi possível após a quebra das barreiras classistas e o consequente envolvimento do ser humano enquanto indivíduo subjetivo, pensante, valorativo e único.

Para conversar com alguém é preciso, então, reconhecer que ali existe alguém, alguém fora de mim, alguém que é um outro diferente de mim, mas que, nem por isso, deixa de ser alguém. Aí pode haver conversa. A experiência de alteridade – a experiência de reconhecer alguém num outro – e não qualquer coisa fora de mim, qualquer coisa diferente de mim, passa necessariamente pela certeza de que não estamos sós no mundo. [...] A habitação coletiva do mundo e melhor compreensão do mundo passam necessariamente pela experiência de alteridade. Se o *forasteiro* – homem que nada tem em comum com o *nativo* – dispõe-se ao diálogo (está aí para a conversa acerca do mundo), não perderam por isso cada um a sua identidade. Mas, pelo contrário, por isso é que agora podem entrar em alguma comunidade, podem viver um encontro: o mundo torna-se desde então, para o *estrangeiro* e para o *nativo*, um mundo comum. Mundo comum: não um mundo que enxergamos da mesma forma, que sentimos ou sofremos da mesma maneira, não um mundo cuja violência cai identicamente sobre um gari e um universitário, mas um mundo que reconhecemos habitar ao mesmo tempo (o mundo como um lugar que é o nosso lugar) e em que a perspectiva de um vivente enriquece e supera a do outro, enriquecem-se mutuamente e afinal superam as perspectivas solitárias, melhor atinando com este mundo comum e suas violências. [...] (COSTA, 2008, p. 150-1)

Nos primeiros dias de campo fui tratada como a estranha, estrangeira, “de fora”. Ainda que tentasse me aproximar e “quebrar o gelo”, era recebida com uma

formalidade estranha àquele lugar e àquelas pessoas. A mim só caberia observar e entrevistar alguns sujeitos. Este era o protocolo. Protocolo que foi quebrado. Sabia, por instinto e (pouca) experiência que a festa, as pessoas e as práticas só se desvendariam mediante a convivência e integração às práticas e ao lugar. Então fiz.

“_ Pode parar.” “_Foge daí menina!” “_Que que cê tá fazendo aí?!” “_Olha aqui gente, quem tá trabalhando...” “_Que bonitinho...” “Fia, não precisa fazer isso não.” Estas eram algumas assertivas dirigidas a mim quando ajudava nos trabalhos manuais (lavar louça, varrer o chão, fazer doces, etc). Ao longo do tempo, o estranhamento desapareceu (junto às recusas e protestos de ajuda). Já não me sentia mais totalmente estrangeira ou descontextualizada. E assim a festa, o lugar e as pessoas se revelaram.

Apesar de no início do estudo eu negar que os consumidores também fossem sujeitos da festa, o amadurecer das leituras, discussões e reflexões permitiu um reposicionamento. Desde o comerciante informal, passando por tipos como os jovens estudantes que não sabiam nem qual o tipo de festa estavam participando, até as senhoras doceiras que experimentaram uma vida toda de doação ao santo, todos são sujeitos da festa. Todos a modificam e são modificados por ela.

A festa é lugar de sujeitos múltiplos. Nela os voluntários e espectadores se encontram, compartilhando as práticas e símbolos. Não devemos pensar, ingenuamente, que tais sociabilidades se dão de forma homogênea ou pacífica. O subterfúgio do poder está nas ações. As coexistências são marcadas pelo embate (e até competição) por espaço, atenção e reconhecimento. Os territórios se fazem e desfazem cotidianamente e nesse embate os sujeitos se separam entre os “de dentro” e os “de fora”, conforme apontado pelo Sr. Renan Vieira:

[Luana Marques] No dia da festa as portas [que dão acesso ao interior do barracão] são fechadas?

[Renan Vieira] Dentro do barracão a gente mantém só o pessoal que trabalha, porque senão vira tumulto lá dentro e a gente não consegue fazer nada, e o pessoal todo tem uniforme, tem uma camiseta, pra quem trabalha.

[Luana Marques] Quem não tiver camiseta não entra?

Não, não trabalha. Pra assim... ter mais condições de regular o serviço, fica mais prático.

[Renan Vieira] Mas é só no dia da festa?

Só no dia da festa, só na hora do jantar só... na hora que tá terminando. Aqui tem acesso toda hora, não tem problema, depois

*das quatro horas [da tarde do dia da festa] a gente já evita a participação de muita gente lá dentro. Já tá fechada a rua, né? Pra não deixar carro, ambulante, essas coisa, pra fica mais acessível ao pessoal que chega.*⁴⁸

Na festa do “de dentro” o “de fora” tem acesso limitado. É uma segregação que, de certa forma, protege o voluntário “porque senão vira tumulto lá dentro e a gente não consegue fazer nada”, mas também (e principalmente) é o reconhecimento do trabalho doado à festa. Entende-se a camiseta – passaporte de acesso às áreas restritas – como um troféu que o voluntário carrega no corpo. Naquele dia ele existe enquanto o sujeito trabalhador (*Homo Faber*), que age pelo coletivo. É o herói que doa seu corpo e seu tempo para o outro.

Ganhar a camiseta da festa é sinal de merecimento. Constantemente ouvi relatos afirmando o seguinte: “tem muita gente que num trabalha dia nenhum, aí no dia da festa chega aqui cinco horas da tarde e qué ganhá a camiseta, aí num pode, né?!”.

Os sujeitos se observam. No coletivo a individualidade é vigiada numa tentativa de controle velado que fracassa mediante as manobras dos sujeitos. Assim se “roubam” almôndegas, cabulam-se os terços e ingerem-se bebidas alcoólicas durante os trabalhos. O *homo sapiens* (homem sábio) transita entre o *homo faber* (homem trabalhador) e *homo ludens* (homem que se diverte). Nessas relações têm-se as humanidades.

Embora todos os indivíduos que de alguma forma transitam pela festa sejam direta ou indiretamente sujeitos dela, há uns mais e outros menos envolvidos. Essa característica é vivida no cotidiano festivo. A festa para os que a fazem é diferente da festa para aqueles que a consomem. De certa forma, os sujeitos “de dentro” vivem a manifestação com maior amplitude. Para eles os elementos de formação do evento são tão importantes quanto a festa em si. O trabalho, a doação e as sociabilidades decorrentes da preparação da festa são a própria festa.

[Renan Vieira] A festa nossa, de quem tá ajudando, é do dia a dia, todo dia faz uma janta, todo dia a gente trabalha, todo dia a gente brinca, todo dia a gente joga um baralhim, e assim vai o dia a dia. Agora o dia da festa é o dia do povão, é o dia do povo de Martinésia, Pontal, de Uberlândia, certo? E ainda da região quase

⁴⁸ Entrevista realizada com Renan Vieira, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

*toda, então a participação do povo é uma média de umas 5000 pessoas que eu tô esperando nesse dia de hoje.*⁴⁹

*[José Adolfo] [...] o trabalho [voluntário] é uma festa já, e na verdade eu entendo que é o melhor da festa, que é quando você conhece melhor as pessoas, você é... conhece as histórias, há uma convivência entre as gerações. Então tem crianças, tem jovens, adultos e idosos, tudo no mesmo espaço e isso é um diferencial da festa. Então há uma troca mesmo... de gerações, de experiências, então é uma coisa pra mim muito rica.*⁵⁰

*[Miralva Calábria] O dia a dia no barracão é uma pré-festa, aí se reúnem as pessoas do local, visitantes que vem trazer prendas, donativos para a festa... é... qualquer espécie que chegue de doação a gente recebe, independente de quantidade, de tudo que chega é aceito... de muito bom coração. E no dia a dia a gente faz a comida pra quem tá trabalhando que, em princípio, são feitos os doces que vão ser servidos na festa, depois na semana da festa começa a se pensar no cardápio do dia da festa, que já virou tradição. É... [no dia da festa] todo mundo já chega procurando: é almôndega, macarrão com frango, o arroz, a carne moída com batatinha, farofa de carne moída e por aí vai as misturas da comida é essa, em grande quantidade. Depois do jantar vem a sobremesa que é o doce de leite, o doce de pau de mamão, o doce de casca de laranja, o doce de mamão lavrado e haja estômago porque vai sair mais gordim da festa. [Risos]*⁵¹

“A festa nossa, de quem tá ajudando é do dia a dia”, “nossa” significa o “de dentro”, quem ajuda, quem faz a festa. Este sujeito vive intensamente o preparo do evento e lá estabelece sua humanidade. As necessidades são suprimidas coletivamente. Come-se, bebe-se, reza-se, tecem-se redes sociais em volta dos tachos de doce e das mesas de desossa de carne.

“O trabalho é uma festa já, e na verdade eu entendo que é o melhor da festa”. Nesse tempo-espaço as pessoas se mostram e permitem as trocas. Trocam-se sorrisos, “farpas”, confidências, trabalho, fé... A troca é o instrumento fundante da festa. Trata-se do esteio que permite a mediação. É o fio que conduz a manifestação cultural através do tempo e do espaço. As trocas permitem as relações que fundamentam o lugar. Nessa perspectiva, Brandão (1989) aponta:

⁴⁹ Entrevista realizada com Renan Vieira, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

⁵⁰ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

⁵¹ Entrevista realizada com Miralva Calábria, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

Eis um sistema inicial de trocas entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Porque, cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela afinal não é mais do que uma seqüência cerimonialmente obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares cativos, o investimento do esforço pelo conhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial. Obedece-se ao mestre, ao festeiro, ao padre, ao chefe da torcida, ao maestro da banda. Cumprem-se promessas, votos feitos.” (BRANDÃO, 1989, p. 11)

Durante toda a pesquisa tentei decifrar a essência da Festa de Santos Reis de Martinésia. Um enigma tão complexo só pode ser entendido a partir da reflexão sobre as práticas, valores e falas dos múltiplos sujeitos. Afirmo que não há uma resposta única. A princípio pensava que o evento girava em torno das doações. Mas a essência da festa é imaterial, intangível e apesar de imprescindíveis, as doações não teriam poder suficiente para manter as práticas ao longo do tempo e do espaço.

Devoção é doar. Doar é trocar.

[Francisco Almeida - Calango] A pessoa tem muita devoção com Santos Reis, um dá uma vaca, outro dá um porco, outro dá um bezerro, outro dá uma galinha, outro dá um porco. É assim, é devoção, né?! É devoção... andar com os Três Reis Santo é devoção. Porque quando nosso cristo nasceu, os Três Reis Santos foi os primeiro a chegar, onde é que ele tava, levando os presente pra ele, né? Aí ficou essa tradição do povo andar com os Três Reis Santo, né?!⁵²

Percorrendo caminhos subjetivos, fazendo leituras nas entrelinhas de cada depoimento, observando as fotos, cenários e expressões dos sujeitos, percebi que a festa se dá em torno das trocas. Ao final de cada ação, existem pessoas, elementos e redes mediados pela troca. Sem ela não há festa.

A folia troca o canto pela sociabilidade, pela benção do santo e em alguns casos pelo retorno financeiro. Os doadores trocam as esmolas e prendas pelo direito à festa – comer, dançar, se deslocar e divertir no evento. Doar é trocar e por mais

⁵² Entrevista realizada com Francisco Almeida (Calango), em sua residência no distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

que essas práticas não sugiram nenhum tipo de retorno, ele indiscriminadamente virá. Cada ação gera uma reação.

Em relação à dinâmica e remuneração do trabalho, um dos entrevistados destacou:

[José Adolfo] Doação... é voluntário, né?! As pessoas vem e vão ficando. Uns ficam a semana toda, não se paga pra trabalhar. Não é uma coisa remunerada. Ela se mantém assim, com esse trabalho, com as pessoas que vem mesmo e se dedicam.⁵³

Os interesses, assumidos ou não, permeiam a festa. A doação é dada de “bom agrado”, mas pressupõe reconhecimento.

*[Luana Marques] O que que eles [voluntários] ganham com isso [trabalhar sem remuneração financeira na festa]?
[Miralva Calábria] Ganham reconhecimento de toda a comunidade, porque não existe salário estipulado para nenhum, é gratuito mesmo, eles vão por devoção.⁵⁴*

“Não existe salário estipulado”, mas o trabalhador ganha “reconhecimento de toda a comunidade”. O reconhecimento social é um apelo forte. Ele faz com que o doador se destaque entre a coletividade. Ganha-se o rótulo da dedicação, da generosidade.

É importante trabalhar para o santo, pois o retorno vem em forma de graça sobrenatural e de reconhecimento real frente à população. O sujeito se torna aquele que deixa as próprias obrigações para se doar ao outro. Troca-se trabalho por respeito e prestígio social. Essa é a essência das festas populares brasileiras. O indivíduo se impõe por sua crença e práticas. Aqueles são os sujeitos de Santos Reis, os sujeitos de Martinésia, os sujeitos da festa... Eles existem e modificam o espaço. São seres que fazem, que transformam, que são.

Troca-se também com o santo. Troca que é mediada pela festa. Em suma, a festa surge pela troca. A promessa se torna obrigação do não sagrado para com o sagrado. Nessa perspectiva, o religioso movimenta e alimenta o profano.

⁵³ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁵⁴ Entrevista realizada com Miralva Calábria, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

[Luzia Borges] A primeira festa de Santos Reis aqui na região, no distrito de Martinésia, foi em 1945. Foi uma família que vieram de Araxá, família Salvador... e a Sra. Maria Antonia tinha a intenção de cumprir a promessa da mãe, né?! **Tinha a intenção de cumprir a promessa que a mãe tinha... de fazer uma festa de Santos Reis.** Aí eles **se organizaram entre famílias, né? E fizeram a festa em 1945.** É... a festa foi assim, poucas pessoas, mais ou menos de 50 a 80 pessoas porque o povo não conhecia essa festa aqui na região, né?! Depois é que eles passaram a conhecer e começaram a gostar e hoje ela é uma festa que traz de três a cinco mil pessoas pra assistir.⁵⁵

As promessas mediam as trocas. Posso fazer a festa, andar com a folia, rezar para o santo, desde que ganhe a graça.

[Luana Marques] O Sr. recebeu graça?

[Francisco Almeida - Calango] Uma vez eu fiz um voto pra andá três dias com Santos Reis aqui dentro de Martinésia, porque eu sofri da coluna, não tinha jeito de miorá. Aí peguei, fiz um voto pra Santos Reis, fiquei bão.

Fica de um dia pro outro sara, conserta.

E fiz outro voto pra Nossa Senhora da Abadia, porque a minha menina mais véia deu uma feridade na cabeça, não ficou um fio de cabelo na cabeça, ficou igual a camiseta desse menino, vermeim, nunca vi desse jeito, aí fiz um voto de levá ela na Água Suja⁵⁶, levei ela na cacunda. Ela tinha dois ano de idade e sarvô ela, vê o cabelo dela hoje... não tinha um fio de cabelo na cabeça.⁵⁷

A fé se renova nas trocas...

[Alda Vieira] Eu tive um problema numa válvula do coração e... era época da festa de Santos Reis. [...] E chegando nos dias eu pedi pros Santos Reis: eu não vou estar aqui na época da festa, mas eu quero pedir que Santos Reis me abençoa, me ajuda, que me dê força, proteção pra eu poder trabalhar em muitas outras festas, ficar curada. [...] No dia da festa, Luana, que era 12 de janeiro – essa época foi dia 12 de janeiro – foi o dia que eu fui operada, **e lá à distância, internada na Beneficência Portuguesa, lá na cidade de São Paulo eu não esquecia da festa.** Naquele tempo a gente não tinha celular, não tinha telefone, não tinha como comunicar com as

⁵⁵ Entrevista realizada com Luzia Alves Borges, em sua residência, no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

⁵⁶ O município de Romaria, localizado em Minas Gerais, é popularmente conhecido como Água Suja, onde é realizada a festa de Nossa Senhora da Abadia, padroeira de Uberlândia.

⁵⁷ Entrevista realizada com Francisco Almeida (Calango), em sua residência no distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

*peessoas aqui, era só por pensamento e fé. Eu tenho certeza que Santos Reis não me abandonou.*⁵⁸

Mesmo à distância Dona Alda não esquecia a festa, porque tal manifestação representa a fé. “Eu tenho certeza que Santos Reis não me abandonou”. O santo intercede pelas causas difíceis. Assim, quando o humano encontra os limites da vida, recorre ao religioso, à fé que deposita nas divindades, e, assim age para transpor as barreiras do possível.

[Donizete Ferreira] E essa festa fizemo ela, uma que já era... a gente tinha vontade, e outra que nós fizemo um voto pro nosso filho, né? Que caiu de um cavalo, quebrou o fêmur e aí ele ficou bom, mas aí ele tinha parece que um medo de pisar e num dá conta, aí a gente fez a intenção de se ele ficasse bom a gente ia fazer a festa e foi no momento que a gente falou que ia fazer a festa ele ficou bom e graças a Deus nunca mais teve mais nada. Quem tem fé com Santos Reis num perde nunca, né?!⁵⁹

*[Augusto Ferreira] Esse ano mesmo a minha minininha, minha neta tava muito doente esses tempo pra traz, meu menino ficou mei desesperado com essa minha neta, aí minha muié pegô e **fez um voto pra ela, de andá nove casa com ela e no intento das nove casa ela pega dá a oferta dela pra Santos Reis [que é] nós cantá** e a menina cumpri o votim que ela tinha feito. **Graças a Deus foi valido.** E eu também já fiz voto de Santos Reis, **já fui abençoado,** graças a Deus, **por isso que eu tenho essa forte fé em Santos Reis,** Ele me livrou... e a pessoa quando não acreditar, se ele não acreditar, ele não abusa não, porque ele logo logo Santos Reis vinga dele, num dianta, Santos Reis é poderoso, mas é vingativo também.⁶⁰*

[Donizete Ferreira] Santos Reis é milagroso, mas ele é vingativo....⁶¹

Que santo é esse que pode curar, mas também pode fazer o mal? “Não abusa não, porque logo logo Santos Reis vinga dele, num dianta, Santos Reis é

⁵⁸ Entrevista realizada com Alda de Fátima Vieira, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁵⁹ Entrevista realizada com Benedito Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

⁶⁰ Entrevista realizada com Augusto Alves Ferreira, em sua residência no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

⁶¹ Entrevista realizada com Benedito Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

poderoso, mas é vingativo também”. É o santo humano, que se espelha nas relações sociais. É o santo da alteridade, que reage de acordo com o comportamento de cada sujeito. “Santos Reis é milagroso, mas ele é vingativo”. Há um sentimento de identidade que aproxima o santo do imaginário humano. O fiel é representado por uma entidade sagrada que entende suas súplicas, dificuldades e que, como o sujeito, também tem sentimentos negativos, se vinga, reclama, castiga. É o santo do imaginário, da idealização, da proximidade – entidade que carrega os embates de seus fieis, que os protege desde que haja merecimento. As trocas estão impregnadas nessas relações, ainda que nem sempre sejam explícitas.

As sociabilidades são fundamentais para a realização da festa. O crescimento do evento acompanha a necessidade da expansão da rede de relacionamento do festeiro. É essa rede que permite as trocas.

[Luana Marques] É difícil fazer a festa?

*[Renan Vieira] Eu não, eu acho fácilimo [risos]. É muito bom, é muito... é... gostoso de tá no meio do pessoal. É muito bom tê amizade, porque **se você não tiver amizade hoje em dia você não consegue fazer uma festa dessa.**⁶²*

Amizade. De acordo com o Dicionário Priberam (online), o termo “amizade” significa “Afeição recíproca entre dois entes.” Já o Minidicionário Aurélio (FERREIRA, 1993, p. 28) define a amizade como um “Sentimento fiel de afeição, estima ou ternura entre pessoas que em geral não são parentes ou amantes.” Mais que a amizade, a doação para a festa se fundamenta na dívida. O trabalho na festa pressupõe o pagamento de promessas ou intenções ao santo e o resgate de dívidas para com os sujeitos sociais, além da possibilidade do encontro. É certo que a amizade determina o momento e forma da quitação das dívidas. Quanto maior a popularidade e carisma do festeiro, mais facilidade ele terá em organizar um grupo de voluntários. Essa é a amizade citada pelo Sr. Renan Vieira.

“Estar no meio do pessoal” é estar fora do cotidiano do trabalho formal – rotina extenuante, obrigatória, que reduz o indivíduo a um vetor do sistema de produção. Na festa, o sujeito não surge apenas como mais um trabalhador em meio à massa. Lá ele se posiciona como indivíduo, ele existe e, enquanto ser humano, exerce seu direito à festa.

⁶² Entrevista realizada com Renan Vieira, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

[Luana Marques] Por que que você é festeiro?

*[Renan Vieira] Eu já fui festeiro há dez anos atrás. É... essa, como se diz, é a... é a doação que a gente dá. É devoção, a gente tem uma devoção a Santos Reis, então a gente gosta... gosta da participação. Eu participo todo ano, **eu ajudo todo ano**, corro atrás de alguma coisa, dou prenda todo ano. Então... eu gosto de tá aqui, e é uma confraternização com o povo. Isso não é só uma festa de Santos Reis, **é uma confraternização que a gente tem com todo mundo**.⁶³*

Para o Sr. Renan, a manifestação não deve ser entendida/reduzida apenas a uma festa, mas pensada como confraternização. É o tempo e o espaço das humanidades. Participar, ajudar, correr atrás de alguma coisa, doar... essas ações dão ao sujeito o direito à festa. Na roça há um entendimento que resguarda as benesses da vida. Usufruir delas requer merecimento. Ao que produz, é permitido comer. Ao que trabalha, é permitido se divertir. Tratam-se de relações de obrigação, reconhecimento, recompensa e reciprocidade que são transmutadas para outros lugares. As práticas permanecem, mas o lugar não. Elas são transpostas para os novos espaços (como os festivos) e lá devem ser respeitadas. Essa continuidade também concede o direito à festa.

A proposição anterior poderia excluir aqueles que não têm vínculo com a festa, como os visitantes que chegam ao distrito no dia do evento em busca de algumas horas de lazer gratuito. Todavia, eles também têm direito à festa, mas ela chega fragmentada, tendo em vista que a totalidade só pode ser vivida por aqueles que produzem o evento e vivem o cotidiano festivo por meio das sociabilidades.

O sujeito espectador não busca a totalidade da festa. Na verdade ele não conseguiria lidar com as vertentes dessa totalidade. Suas motivações são múltiplas e se estabelecem em temporalidades diferentes dos sujeitos voluntários. O dia da festa é o pior dia para o voluntário, pois é o momento do fim do período festivo. O dia da festa é o melhor dia para o espectador, pois é seu único momento, é o tempo da diversão.

⁶³ Entrevista realizada com Renan Vieira, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

5.1 Festa, identidade e pertencimentos

Embora a festa de Santos Reis tenha um caráter sagrado, pouco mais da metade dos espectadores (56%) afirmou ser devoto de Santos Reis. Ao serem questionadas sobre o nome de cada um dos Reis (Baltazar, Belchior e Gaspar), apenas 26% responderam corretamente, 17% lembraram parcialmente e a maioria (57%) se diziam devotos, mas não recordavam o nome de nenhum dos Três Reis.

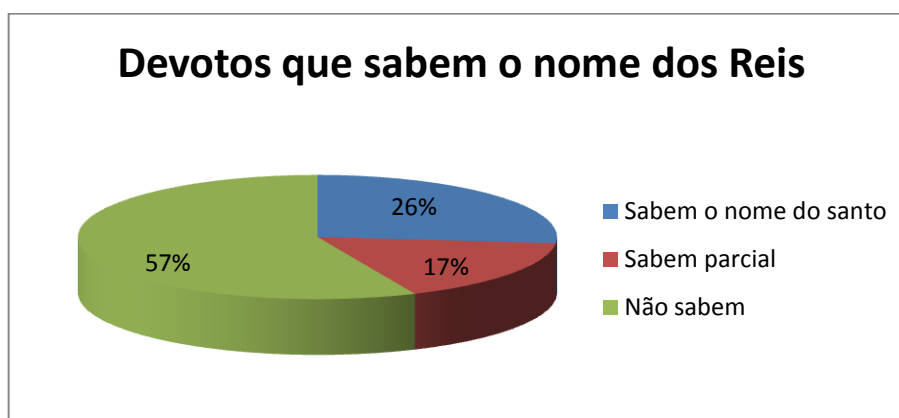


Gráfico 6: Devotos que lembraram o nome dos Três Reis Santos.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Cruzando os dados sobre a devoção e a faixa etária dos pesquisados, percebemos que os indivíduos mais velhos guardam maior devoção se comparados aos jovens. Isso pode ser entendido pelos valores sociais e princípios de cada geração.

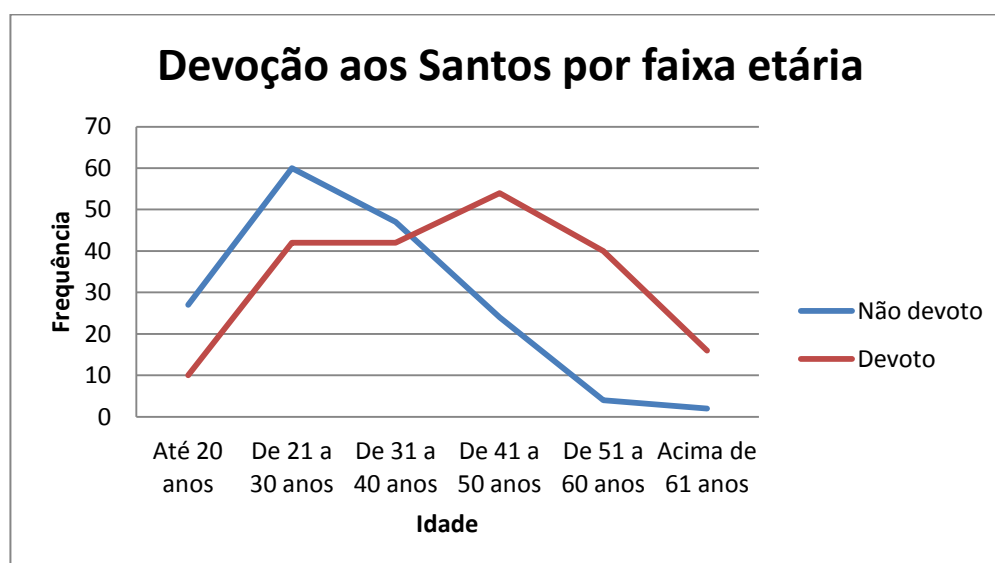


Gráfico 7: Devoção aos Santos Reis por faixa etária.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Sujeito voluntário e sujeito espectador. O “de dentro” e o “de fora”. Todos participam da festa. Apesar de suas ações e motivações serem diferentes, a festa só existe por seus sujeitos. Não há devoção sem o devoto, pois é o humano quem rege as relações. Ele é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Nesse conjunto de seres, a festa aparece como prática multifacetada que envolve devoção, diversão, doação... que permite a multiplicidade do uso. A festa é vivida de tantas formas diferentes quanto suas nuances, melodias e acordes da folia.

A festa é feita de invenções. O novo se conjuga ao antigo e imprime personalidade a cada evento. Nessa perspectiva, o festeiro se encarrega de reger o formato e as características principais das festividades do ano. A partir dessa definição, a festa ganha vida própria e se desdobra em uma série de ações materiais e imateriais.

[Lindalva Vieira] Uma das grandes... coisas importantes dessa minha festa, dos diferenciais da minha festa é que tive essa intenção de transformar essa festa numa festa religiosa, independente assim de muita alegria, de muita farra, de muito entrosamento, é... colocar a parte religiosa no meio da festa, por isso todos os dias eu convidei, desde a saída da folia, eu convidei as pessoas pra vir me ajudar a rezar o terço às 8 horas da noite e... eu recebi o chamado, está vindo um grupo grande, né?! pra rezar junto comigo, porque... inclusive até [eu] tinha avisado: ‘vocês não vão deixar eu rezar sozinha’. E... está vindo um grupo muito grande, então eu acho que tô conseguindo meu objetivo: transformar essa festa de Santos Reis um pouquinho mais uma festa religiosa.

Aí depois do terço é o momento de descontração, né?! É o jantar, é a farra, é a alegria, o entrosamento com os amigos, é um joguinho, né? De dourada que toda noite eles ficam aí jogando, me atrapalhando pra dormir mais cedo. (Risos).⁶⁴

A festa é coletiva, mas a fala indica uma propriedade: “minha festa”. A festa é minha porque eu sou a festeira e determino como se dará os festejos esse ano. Não consigo dormir cedo, me doo, trabalho, mas faço a festa de acordo com meu sonho. Sonho em deixar a festa mais religiosa, mas não descarto a diversão. Eu troco: se rezarmos o terço, podemos nos divertir: “Aí depois do terço é o momento de descontração”. Mas “vocês não vão deixar eu rezar sozinha”. A festa é minha,

⁶⁴ Entrevista realizada com Lindalva Mendes Vieira, festeira do ano, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

embora não a faça sozinha. Nessa perspectiva, a festa se torna uma realização do humano.

Cada grupo de festeiros se esforça para marcar o distrito com a melhor e maior festa da história. Todos buscam a superação e as novidades. O evento realizado no ano de 2010 foi muito comentado pela abertura dada à comunidade e pelas pequenas festividades realizadas ao longo dos dias de mutirão. Isso fez com que os organizadores do ano seguinte se preocupassem em manter o padrão e o alcance da festa de 2010.

Por outro lado, o que fica na memória dos sujeitos não é a grandiosidade de cada evento, mas as características que marcam subjetivamente cada indivíduo. É uma música, uma paisagem, um sabor, um encontro... Às vezes a junção de todos estes elementos. A memória é ativada pelos vínculos. Vínculos do presente e do passado, construção diária dos valores de cada ser.

[Luzia Borges] Eu era muito criança, né? O que eu me lembro bem foi... foi numa fazenda aí bem baixa... na beira do córrego é que foi a casa do festeiro, né? Da primeira festa, aí então todo mundo ia era de a pé. Os fazendeiros viam a cavalo e nós aqui de dentro do povoado ia de a pé, né? E a gente ficou... assim... aguardando com aquela sensação da chegada da folia - principalmente a gente que nunca tinha visto - aquela sensação de ver a chegada e ficamos assim encantados de ver eles cantarem a saudação que eles fazem no presépio, muito bonita. Era uma turma assim bem entonadinha, igual está essa turma agora e disso eu me lembro bem, me lembro do jantar que foi muito gostoso (risos).

[Luana Marques] O que que tinha?

[Luzia Borges] O principal arroz com feijão, né? É... frango com macarrão, carne de porco que foi feita assim com antecedência, guardada na manteiga, né?! Hummmm, deliciosa. E de sobremesa tinha... eles fizeram arroz doce, mas muito bem feito, muito gostoso, tava uma delícia...⁶⁵

O gosto do jantar ainda vive na memória da Dona Luzia. Ela ia a pé para a festa, mas isso não impedia o deslocamento. Da entonação da folia, ela se lembra bem “era uma turma assim bem entonadinha, igual está essa turma agora”.

⁶⁵ Entrevista realizada com Luzia Alves Borges, em sua residência, no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

As comparações do passado com o presente são inevitáveis. Sobre isso, Gabarra (2006, p. 420), baseada na ideia de memória de Aristóteles discutido por Yates (1996), afirma que “A memória é uma coleção de figuras mentais de impressões sentidas, mas que o tempo agrega a outros elementos. Portanto, as imagens da memória não dizem respeito somente ao tempo passado, elas buscam no passado, reconhecer o presente.”

O reconhecimento do presente a partir do tempo passado tece as comparações. Os discursos passam a enaltecer termos como “naquela época”, porque aquela época é diferente do hoje.

[Alda Vieira] Naquela época, há 33 anos, as folias chegavam na casa da gente, pedia janta, você dava janta e o pouso pra todos aqueles homens. Tinha que ser casas grandes, porque senão não cabia dez, doze homens, né? [...] Naquela época ainda não tinha freezer, não tinha nem energia n a casa da gente. Que que a gente tinha que fazer? O que tinha no terreiro.⁶⁶

Naquela época se fazia a festa possível. Não tinha freezer, consumia-se, então, “o que tinha no terreiro”. Hoje as famílias têm acesso aos refrigeradores, mas os pousos são raros, uma vez que as pequenas moradias já não comportam mais as companhias de Reis. Portanto, independente do tempo e do espaço, só se faz a festa possível.

A memória também filtra as adversidades. As lembranças positivas junto ao saudosismo tendem a recordar o que era bom ou até a mascarar as dificuldades lendo-as como algo realizador. O trabalho passa a ser visto como satisfação, mesmo que canse ou traga dores ao corpo. Dona Telma Ferreira se lembra do trabalho, mas esquece as adversidades vividas no tempo-espaço festivo.

[Telma Ferreira] É muita emoção, né? Passa um filme na cabeça da gente, da festa que a gente fez, como que era né?! O pessoal chegar, trabalhar naqueles dias tudo antes da festa, aquela alegria, todo mundo se doando, porque todo mundo ajuda de graça, todo mundo satisfeito, é muito bom.⁶⁷

⁶⁶ Entrevista realizada com Alda de Fátima Vieira, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁶⁷ Entrevista realizada com Telma Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

O tempo reduz as dificuldades vividas. Na memória de dona Telma (e também de outros entrevistados) restaram as lembranças positivas. O discurso aponta um consenso coletivo quando sugere “[...] aquela alegria, todo mundo se doando, porque todo mundo ajuda de graça, todo mundo satisfeito [...]”. Estariam todos realmente satisfeitos? Acredito que a festa do passado (assim como a do presente) gerava conflitos, mas eles foram reduzidos a detalhes quase insignificantes mediante ao saudosismo dos encontros e sociabilidades mediadas pela festa.

A memória define as ações do presente. Ela permite traçar as referências do sujeito, pressupõe vivência e construção do modo de vida. O ciclo familiar contribui diretamente com a formação do sujeito e de sua memória. As práticas vividas na infância são lembradas (e muitas vezes reproduzidas) na idade adulta.

[Isabel Pereira] Toda bandeira que passa aqui eu coloco uma rosa na bandeira. Essas roseira eu ponho pros Três Reis e dá o ano inteiro. Toda época que você chega aqui tem rosa, direto, eu gosto de... É um agrado pros Três Reis, desde o tempo de criança, minha mãe falava que eu gostava de pôr flor na bandeira, então eu cresci, casei e continuei...

[Luana Marques] A senhora anda com a bandeira pra benzer a casa?

[Isabel Pereira] É, eu gosto de abençoar a casa e a minha mãe fazia isso também, andar com a bandeira em todos os quartos, na casa inteira e em deus de criança minha mãe fazia. Então minha mãe passou pra mim e eu faço todas as vezes.⁶⁸

Assim como a cultura, a memória está em constante formação e transformação. Ela não é fixa, mas se constrói diariamente no imaginário de cada indivíduo que, direta ou indiretamente, seleciona o que quer lembrar e como quer lembrar. Nessa perspectiva, Gabarra afirma:

[...] A memória, pois, não é passado estático: ela é um olhar para o passado que confere sentido ao presente, mutável a cada nova experiência do contador. Aquele passado pode ser lembrado e reinventado, enfatizando outros aspectos antes desvalorizados a cada nova circunstância em que se encontram os indivíduos. (GABARRA, 2006, p. 397-8)

⁶⁸ Entrevista realizada com Isabel de Lourdes Dias Pereira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

O lugar como espaço vivido está diretamente ligado à memória. É nele que se constituem as sociabilidades. Isso me lembra uma fala do Sr. José Geraldo Pacheco: “Aqui é gostoso, cê conhece todo mundo...”. No lugar temos o controle imaginário da situação. Exercemos nosso direito de existir e nos relacionar. É no lugar que a festa se materializa.

Que lugar é esse que atrai uma multidão para celebrar? Por que participar da festa de Martinésia e não da festa da cidade? O sentimento de pertença está arraigado no interior de cada ser. Pertencemos a um lugar e, conseqüentemente, o utilizamos como referência. Martinésia é o lugar da Festa de Santos Reis, mas também é o lugar da Dona Luzia, da Dona Miralva e do Seu José Adolfo. Cada um desses sujeitos possui vínculos distintos com o distrito, e exercem nele o direito à festa.

*[Luzia Borges] Onde vou a festa é reconhecida, todo lugar que vou e falo que sou de Martinésia, o povo pergunta “É lá que tem uma festa muito boa?” Fico muito orgulhosa, porque sou daqui!*⁶⁹

*[José Adolfo] [...] Martinésia é um lugar íntimo assim... passei a infância aqui. Meus dois avós tinham fazenda aqui pra baixo, né? [...] Então a nossa infância era eu e meus primos aqui. Final de semana nessa igreja, brincando ao redor da igreja, né?! Então essas festas é uma coisa assim que a gente cresceu meio no meio delas. da folia de Reis... Era um momento muito especial.*⁷⁰

*[Miralva Calábria] [...] sou muito bairrista porque gosto de Martinésia, toda solenidade que tem aqui eu estou por dentro, eu quero participar, porque quase todas as festas são festas feitas por voluntários e nós estamos sempre reunidos, a comunidade nunca rejeita nada, sempre tamo participando.*⁷¹

Somos de um lugar. Pertencemos a ele e nele criamos vínculos. Cada indivíduo constrói uma relação diferente com o lugar. Dona Luzia, por exemplo, nasceu e viveu toda a vida em Martinésia. Ela se desloca no espaço, mas sempre volta para o distrito e se sente parte dele: “porque sou daqui”.

⁶⁹ Entrevista realizada com Luzia Alves Borges, em sua residência, no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

⁷⁰ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁷¹ Entrevista realizada com Miralva Calábria, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

Já o Sr. José Adolfo, professor universitário, morou em outros países, leciona em outra região e entende Martinésia como “um lugar íntimo”. Apesar de poder estar em diversos destinos, ele sempre retorna ao distrito e reforça seu vínculo, sua identidade espacial. Lá ainda vivem os parentes, mas também vive a infância guardada na memória. Memória que é vinculada ao lugar – “Então a nossa infância era eu e meus primos aqui. Final de semana nessa igreja, brincando ao redor da igreja, né?!”

Dona Miralva não nasceu em Martinésia, contudo elegeu o distrito como lugar de moradia, participando ativamente da festa e de outras manifestações sociais. Ela se diz (e é) bairrista. Vive no distrito há 14 anos. Escolheu seu lugar e o defende, participa. Nele Dona Miralva existe e exerce seu direito à vida, às humanidades. Lá ela sociabiliza, modifica o espaço e é modificada por ele.

É importante destacar que o lugar não é, necessariamente, a cidade natal ou o *locus* de origem de cada indivíduo. Como dito anteriormente, o lugar pressupõe vínculo, reconhecimento. Pode ser diariamente construído. Nesse caso, o sentimento de pertença se reforça diariamente.

No tempo da festa, Martinésia é visitada por diversos grupos e pessoas que o entendem como o lugar **da** festa (e por vezes o lugar **de uma** festa). Nesse caso, não se cria vínculo com o destino. As relações espaciais são superficiais. Se não há vínculo, é possível questionar o porquê da escolha deste distrito como área de lazer.

Foi possível verificar por meio das conversas informais e dos questionários aplicados durante a festa de 2010 que a maior parte dos visitantes nunca havia participado das Festas de Santos Reis realizadas no distrito.

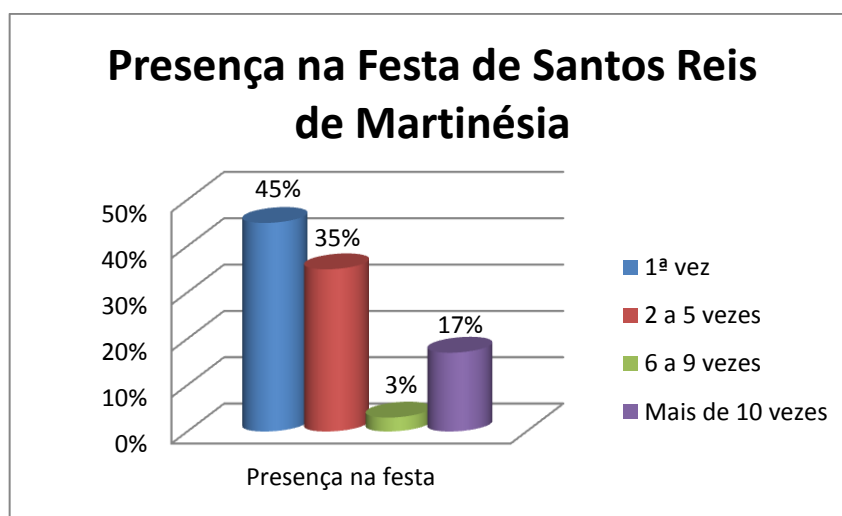


Gráfico 8: Frequência dos entrevistados na festa de Martinésia.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Em 2010 as pessoas escolheram Martinésia principalmente pela ampla divulgação midiática daquela festa. É certo que alguns grupos têm ligação com o distrito – 17% dos entrevistados, por exemplo, participam daquele evento há muito anos, mas quase metade do público chegou à festa pela primeira vez. Como tal grupo não se vinculou ao lugar, o evento não tinha nenhum sentido além do lazer, da diversão. Isso justificou um novo comportamento: a peregrinação pelas festas da região. Na data do evento de 2010 em Martinésia, por exemplo, foram realizadas mais duas festas semelhantes na região: uma na Fazenda Mata dos Dias e a outra no distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Como essas localidades são próximas, parte dos visitantes migrava de uma festa à outra em busca do lugar de maior identificação. Portanto, não se vive a manifestação – que já chega fragmentada a esse sujeito – e não se estabelece vínculos com o que é dado, apenas com o que já se tem. As trocas passam a ser ínfimas, pois o indivíduo está de passagem.

Pensando na abrangência da festa, perguntamos sobre o lugar de residência dos entrevistados. Conforme previmos, a grande maioria (90%) dos espectadores morava na área urbana de Uberlândia. Verificamos, ainda, que 4% residia na área rural sendo que metade dessa população vivia no distrito de Martinésia. Por último haviam as pessoas que residiam em outras cidades (5%) e em outros países (1%).

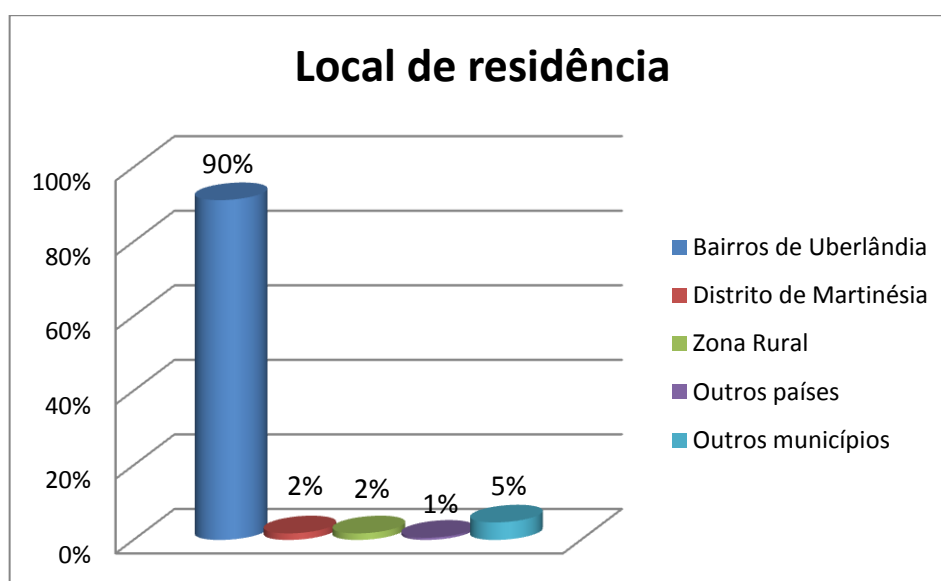


Gráfico 9: Local de residência da população amostral.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Embora 6% dos entrevistados residirem fora de Uberlândia, pode-se afirmar que a grande maioria não chegou à cidade em função da Festa de Santos Reis. De acordo com as conversas informais, esses visitantes se estabeleceram na casa de amigos e/ou parentes para participar das comemorações natalinas e acompanharam seus pares na festa de Martinésia.

Dentre os municípios citados nas respostas dos questionários estavam Goiânia, Goiatuba, São Paulo, Rio de Janeiro, Prata, Belo Horizonte, Luisiânia, Goiás, Patrocínio, Cachoeira Alta, Caldas Novas, Ituiutaba e Ribeirão Preto. Pode-se observar, portanto, que a maioria desses lugares está localizada em Minas Gerais e nos Estados de entorno (Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro).

Após verificarmos que 90% dos visitantes da festa de Martinésia residiam nos bairros de Uberlândia, decidimos mapear essa amostra. Isso permitiria apontar algum tipo de relação espacial entre os lugares e a festa. O resultado pode ser observado no mapa 4.

Origem dos participantes da Festa de Santos Reis de Martinésia

Legenda

Amostra de pessoas por bairro

Amostra de pessoas por bairro
0
1 - 5
6 - 10
11 - 15
16 - 20
>21

Sistema de Coordenadas Geográficas
Projeção: LAT/LONG
Datum: SAD-69
Fonte:
Base cartográfica Prefeitura de Uberlândia, 2010.
Base dados: coleta em pesquisa de campo, 2010.
Elaborado por: QUEIROZ, A. T.; MARQUES, L. M. 2010

Elaborado por: MARQUES, L. M.; QUEIROZ, A. T. , 2010.

Considerando que o distrito de Martinésia se localiza na região noroeste do município de Uberlândia, percebemos que os bairros dessa área emitem maior índice de visitantes. Destaca-se também que os bairros onde a população tem maior poder aquisitivo emitem menor quantidade de pessoas à festa. Exemplos disso são os bairros da zona sul da cidade.

Não se pode esquecer, ainda, do tamanho da população de cada bairro. O bairro que gerou maior fluxo à festa foi o Santa Mônica. Lá se localiza o maior campus da Universidade Federal de Uberlândia. Essa característica faz com que o lugar tenha se tornado residência de muitos estudantes e jovens que buscam as festas como opção de lazer. Já o bairro Luizote de Freitas é considerado o mais populoso de Uberlândia e por isso gera grande fluxo à festa. Portanto, observamos que os fatores espaciais, sociais e econômicos atuam diretamente na emissão do público à festa.

A partir da pesquisa empírica, pudemos entender que a Festa de Santos Reis, realizada em Martinésia no ano de 2010, atraiu um público relativamente heterogêneo. Isso pode ser verificado pela amplitude etária, pela escolaridade, pela motivação, pelo local de residência, entre outros fatores sociais, econômicos e culturais.

Em relação ao gênero, por exemplo, foram identificados 54% de homens e 46% de mulheres. Verificou-se, também, uma amostra com idade variada, entre 14 e 73 anos, com predomínio etário entre 19 e 50 anos e pico amostral em 22 anos.

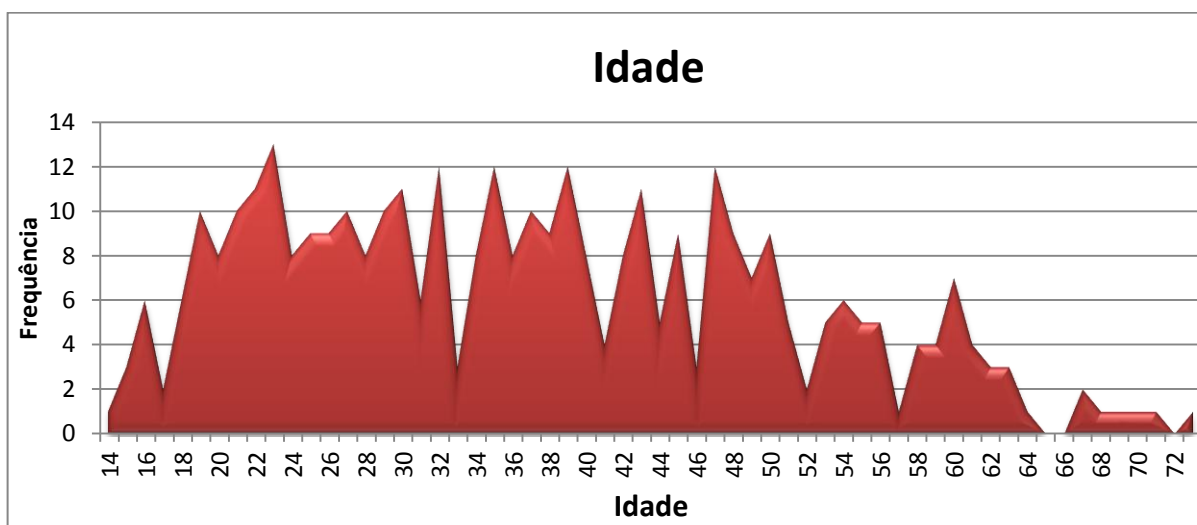


Gráfico 10: Idade dos entrevistados.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Destaca-se, ainda, que o evento tende a atrair um público de baixo poder aquisitivo. Trata-se de uma festa popular que continua sendo **entendida** como uma manifestação feita *pela* e *para* a população de baixa renda. Nessa perspectiva, verificamos que a maioria das famílias questionadas (72%) não recebia mais que 5 salários mínimos por mês. Considerando o salário do período de R\$465,00, a renda dessa parcela populacional era de até R\$2.325,00⁷².

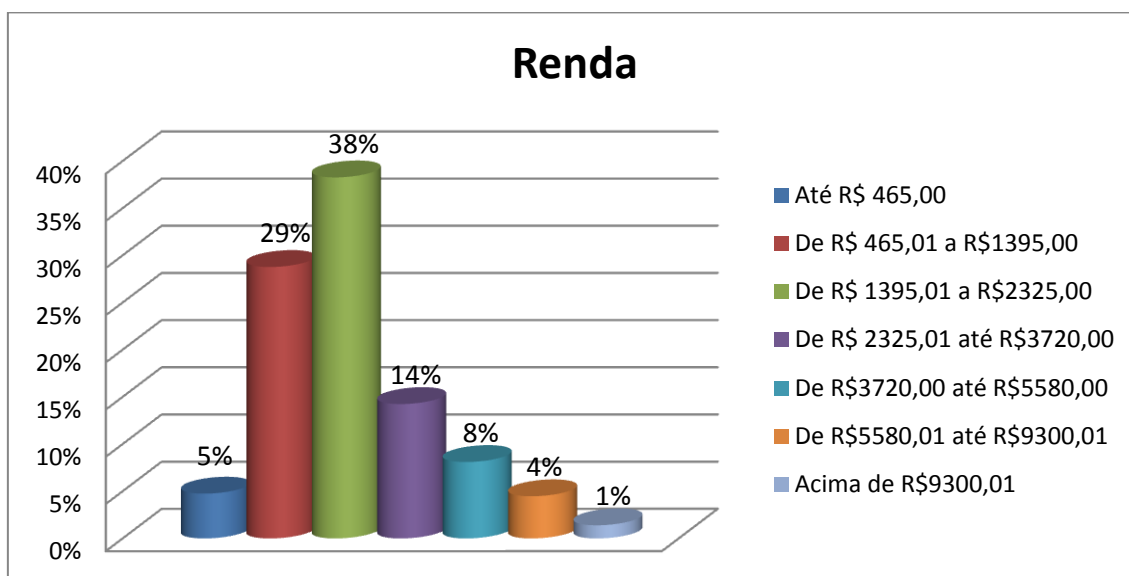


Gráfico 11: Renda dos entrevistados.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Em relação à religião, 76% dos entrevistados afirmaram ser católicos. Mas o público também foi composto por indivíduos de outras religiões como a espírita (7%), a evangélica (7%), outras como o candomblé (1%). Também obtivemos respostas daqueles que afirmaram não seguir nenhum grupo religioso (8%) e 1% dos pesquisados não responderam tal indagação.

⁷² Em janeiro de 2010 tal renda equivalia a US\$1.313,34 (um mil trezentos e treze dólares e trinta e quatro cents). (BRASIL, 2010)

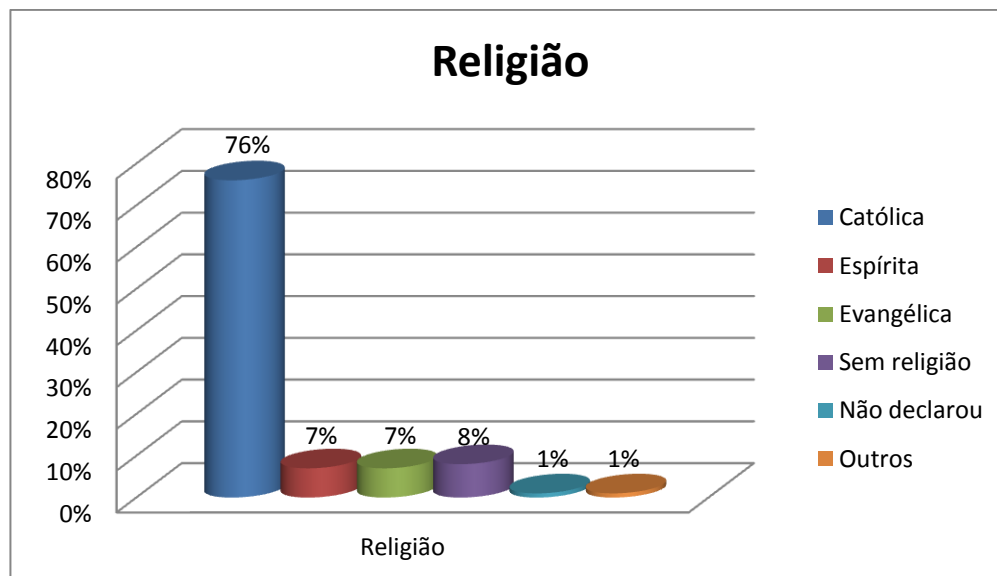


Gráfico 12: Religião dos entrevistados.

Fonte: pesquisa de campo. MARQUES, Luana Moreira, 2010.

Os sujeitos da festa são plurais. Católicos, espíritas, evangélicos, ateus, agnósticos, umbandistas, etc. convivendo e dividindo o mesmo tempo-espço sagrado e profano. A multiplicidade da festa atrai e, no caso de Martinésia, tem sido progressivo. De acordo com o Sr. José Geraldo Pacheco,

*[José Geraldo Pacheco] Ela [a festa] vem crescendo muito nos últimos anos viu Luana?! Isso é natural. A cada ano que passa eu acho que esse crescimento também ele vem em razão do nosso próprio município, a nossa cidade é... ela perdeu o controle, né?! Tivemos o Censo agora, não sei exatamente, mas sei que já passamos de 600 mil habitantes em Uberlândia, então isso é natural, conforme a nossa cidade vai crescendo, quer dizer, a cada participante que vem num ano, normalmente ele traz outras tantas pessoas no ano seguinte, então isso é natural, né?! As pessoas gostam de ver aquela tradição, o que é oferecido aqui... a janta, depois o doce, depois o baile, enfim... **você sabe que o povo gosta do movimento, aonde tem aglomeração ali, falou que é festa, independe do que é oferecido já tem uma participação grande das pessoas e tem aquelas pessoas que gostam mesmo, vão longe atrás de uma festa de Santos Reis.**⁷³*

Vimos anteriormente que a maior parte (42%) dos visitantes se sentiram motivados a participar da festa em função do baile, seguidos por 31% que declararam buscar a festa pela cantoria da folia, 21% pelo jantar servido

⁷³ Entrevista realizada com José Geraldo Pacheco, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

gratuitamente, 5% pela reza, e 2% por outros motivos. Durante a aplicação dos questionários era comum ouvirmos que as pessoas estavam ali pelo “movimento”. A festa é tempo e espaço das sociabilidades. O Sr. José Geraldo sintetizou a motivação do público quando disse que “As pessoas gostam de ver aquela tradição, o que é oferecido aqui... a janta, depois o doce, depois o baile, enfim... você sabe que o povo gosta do movimento [...]”. Movimento. O movimento é atração, é meio, e é também consequência. As humanidades – incipientes e frágeis – estão em constante transformação. Neste contexto, a festa é entendida como tempo e espaço do movimento, elemento que atrai. Enquanto isso, o humano se torna sujeito, objeto e veículo das metamorfoses cotidianas.

O direito à festa se dá à medida que ela se torna coletiva. Mas esse direito chega de forma diferente aos diferentes sujeitos. O “de dentro” transita em todo o espaço festivo. Já o “de fora” encontra restrições e recebe a festa fragmentada. Neste caso, os deslocamentos são restritos. Os territórios se mostram por meio dos cercamentos, grades e portões, mas todos participam da celebração.

A atuação da folia de Santos Reis é fundamental para a festa. Durante muitos anos a Companhia “Estrela de Belém” foi responsável pelo giro do evento de Martinésia. Mas por problemas de comunicação entre festeiros e capitão, outro grupo ficou responsável pelo giro de 2011. Tratava-se da folia “Renascer”, que tem como integrantes apenas moradores do distrito.

De acordo com os foliões, o nome Renascer remete à condição do grupo. Apesar de Martinésia ser o lugar da festa, as folias do distrito foram sendo desmanchadas ao longo do tempo. Para realizar o giro, era necessário convidar Companhias “de fora” e essa condição gerava um sentimento negativo, permeado pelo desamparo e certa desilusão – reforçado pelo ressurgimento da folia constituída pelos “de dentro”. A alteração dessa condição fez com que os discursos passassem a destacar a importância que o lugar e a identidade têm para os sujeitos.

[Silvio Ribeiro] A companhia dos Três Reis Santos teve falta, eles [festeiros] tavam buscado folião lá no estado de Goiás pra vir embaixar essa folia daqui. Agora a gente montou [uma companhia], inclusive, descobriu aí dois capitães, né? Que é meu irmão e o Dersão que tá embaixando muito bem. Já tirou várias folias, umas três ou quatro folias. Deu certo, saiu e chegou certim... Então agora o pessoal tá reconhecendo o trabalho deles e tá contratando eles pra sair com a folia daí. É um trabalho muito bonito, né? Dentro da

comunidade de Martinésia ter uma equipe dos Três Reis... O trabalho dos festeiro já vai diminuiu, né?! **Já é uma coisa que nasceu de novo aí dentro de Martinésia.** Eu mesmo passei 30 anos sem andar na folia de Reis, porque trabalhava, né? Na prefeitura, não tinha como. Agora eu aposentei e voltei a andar na folia de novo.⁷⁴

[Reyner Rocha] Esse ano, graças a Deus a gente já tá com a turma completa, **resgatando as raízes de Martinésia**, entendeu? Com dois capitães que tão fazendo bonito, que é o Augusto e nosso capitão Derso e... bom... é paixão, meu avô era folião, tocava cavaquinho, então **pra mim tá sendo um orgulho e é inexplicável, não tem como explicar a sensação que é ser folião, principalmente aqui na tradicional festa de Reis de Martinésia.**⁷⁵

Resgatar as raízes de Martinésia pressupõe ter um grupo de folia local na festa. É envolver o “de dentro” no movimento. A identidade coletiva se fortalece. Convidar o “de fora” para cantar no espaço do “de dentro” soa como desprezo aos foliões locais. Por isso “é um trabalho muito bonito, né? Dentro da comunidade de Martinésia ter uma equipe dos Três Reis...”

Ser folião dá orgulho, identifica o sujeito. Trata-se de uma função que alia o canto, o deslocamento, a fé, a paciência, a perseverança, a comunhão... Ser folião no próprio lugar é ainda mais especial. “[...] pra mim tá sendo um orgulho e é inexplicável, não tem como explicar a sensação que é ser folião, principalmente aqui na tradicional festa de Reis de Martinésia.” A fala mostra o orgulho, o contentamento do sujeito. O Reyner cresceu em meio à folia e tornar-se folião significa dar continuidade ao trabalho do avô. Para ele, a festa é tradicional porque perpassa o tempo.

Apesar de tradicional, a festa não se mantém idêntica. Alguns entrevistados entendem as mudanças como benéficas à manifestação, pois atraem mais visitantes, gerando reconhecimento. Um deles, durante a festa de 2010, afirmou que aquela “foi a festa mais bem organizada e mais bem preparada.” Durante a fala, o olhar do sujeito mostrava satisfação. Dessa maneira, oferecer o melhor possível torna-se uma prática comum entre os que fazem a festa.

Por outro lado, os sujeitos também percebem os problemas gerados pelas modificações do evento.

⁷⁴ Entrevista realizada com Silvio Ribeiro, durante os giros da folia, em dezembro de 2010.

⁷⁵ Entrevista realizada com Reyner Ferreira da Rocha, durante os giros da folia, em dezembro de 2010.

[Luana Marques] E a festa de Reis, tá mudando ao longo do tempo?
[Derso Dias] É... foi mudando porque antigamente era diferente, ês fazia uma festa antigamente, ês punha uma mesa assim ó, punha a janta tudo lá e o povo servia à vontade ali, só tem que hoje não pode fazer isso mais, porque o povo assim já chegou tumultuado, então já faz aquela fila que as pessoas vai servindo, porque antigamente cê punha uma mesa grandona, a pessoa servia lá à vontade... não tinha tumulto, não tinha nada. [Hoje] tumultua tudo, aí num tem jeito...⁷⁶

O crescimento da festa gera tumulto e regras. Não se pode mais servir o próprio prato e ter acesso livre a alguns espaços. A multidão tumultua e suprime alguns direitos e liberdades. A “mesa grandona” onde era permitido escolher o que comer e quanto comer ficou na memória, no passado, mas o jantar permanece e é nesse permanecimento que assenta a tradição.

Para os entrevistados a tradição é aquilo que permanece ao longo dos anos. A festa, a comida, a doação, a folia, os rituais... Há um consenso coletivo não formal que trata de manter as práticas tradicionais, sobretudo no seio daqueles sujeitos mais conservadores e saudosistas. Trata-se de princípios que alguns indivíduos carregam consigo e os transmitem aos seus pares.

[Donizete Ferreira] Essa fazenda aqui é herança do meu pai, eu nasci aqui, nós tamo aqui até hoje e isso aí é... tradição mesmo do meu pai que fez essa festa, ele foi festeiro, fez essa festa, essa tradição dessa folia – vim aqui com a bandeira, dar almoço, janta, o pouso – isso vem de herança do meu pai, toda a vida aqui é ponto e eu peguei essa herança e eu mais minha esposa nós fizemo essa festa em 2001. Nós fizemo essa festa e... essa tradição continuou. Ês não larga nós mesmo, todo ano ês têm que vim almoça ou... portanto não é só essa bandeira que vem aqui, as outras lá de baixo não deixa de vim aqui, porque a gente é devoto mesmo.⁷⁷

[Derso Dias] A gente nunca larga dessa tradição nossa, porque a gente conhece aí desde menino, né? Os folião mais véi já foram embora, já viajou, né? Aí então tem que incentivar os mais novo um pouquim pra continuá a fé nossa toda.⁷⁸

⁷⁶ Entrevista realizada com Derso Pereira Dias, em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

⁷⁷ Entrevista realizada com Benedito Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

⁷⁸ Entrevista realizada com Derso Pereira Dias, em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Tradição é o que passa de pai para filho, “tradição mesmo do meu pai que fez essa festa” “isso vem de herança do meu pai”. Mas para continuar, a festa não pode ser somente recebida, ela deve, também, ser reorganizada. “Nóis fizemo essa festa e... essa tradição continuou.”

A tradição vive de ciclos e continuidades. Assim como a cultura, ela também só resiste pela renovação, embora seja um termo que remeta ao antigo. Nessa perspectiva, a ideia de renovação se contrapõe ao senso comum que a tradição seja algo velho, arcaico, remoto, fixo no passado. Mas para entender a tradição no contexto de uma festa dinâmica, permeada por redes, fluxos e humanidades, não é possível pensá-la como uma prática ou patrimônio fixo no tempo e no espaço. A folia serve como um exemplo clássico: “Os folião mais véi já foram embora, já viajou, né? [faleceram] Aí então tem que incentivar os mais novo um pouquim pra continuá a fé nossa.” O apego ao passado, fundido à vontade de reproduzir o que já se foi, apenas engessa a festa e a extermina. A manifestação e a tradição só permanecem a partir do possível. E é esse possível que concede o direito à festa.

A folia, o giro, a forma do preparo e conservação dos alimentos, as pessoas, o transporte, etc. se renovam continuamente. Mas essas alterações constantes não pressupõem a morte da essência festiva. Perguntado sobre como é a preparação do almoço em dia de receber a folia, o Sr. Donizete e sua esposa, Dona Telma, que há pouco falavam sobre tradição, destacaram:

[Donizete Ferreira] No dia não é muita coisa não, porque minha esposa deixa os frango morto.

[Telma Ferreira] É tradição mesmo ela almoça aqui, sempre eu já deixo uma coisa guardada, os frango já mata, já guarda, porque sempre é bastante, um pouquinho mais de comida que a gente faz, né, e aí a gente prepara, tudo, põe o feijão cozinhar, isso é cinco e meia seis horas [da manhã], mas isso é pra ir devagar, a gente não sabe o horário que a folia chega, a gente quer que a folia chega e já tá pronto...

[Luana Marques] Mas o frango vocês matam no dia anterior?

[Telma Ferreira] É, esse já tinha uma semana que já tava guardada no freezer, porque no dia é corrido pra gente fazer tudo sozinha, né? Quase sozinha. Eu tenho minha nora que me ajudou, né?⁷⁹

⁷⁹ Entrevista realizada com Benedito Donizete Ferreira e Telma Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

O freezer modifica a rotina da família. Cria atalhos, facilita, permite. Ele é apenas um equipamento da vida moderna, mas se torna um símbolo das modificações motivadas pelo avanço da tecnologia. A energia chega na roça e enfraquece os mutirões. A mão de obra voluntária é substituída pelos eletrodomésticos. Barateia-se a produção ao mesmo tempo em que as sociabilidades são atenuadas. Apesar disso, Dona Telma Ferreira continua preparando o almoço para os foliões. A essência permanece.

[Luana Marques] Que que a Sra. fez hoje pro almoço?

[Telma Ferreira] Arroz, feijão, frango, uma carne de porco assado, molho de macarrão, purê de batata, salada de tomate e mandioca, né?! Sobremesa eu fiz um docim de leite e um café.

[Luana Marques] Por que que tem tanta fartura?

[Telma Ferreira] É porque eu acho que vem da gente, né? Os Três Reis... a gente gosta disso, de ver, de agradar, faz com prazer, fica gostoso.⁸⁰

A fartura permanece. É símbolo de generosidade e boa hospitalidade. Resquício de um tempo em que as famílias rurais não tinham muito dinheiro, mas a produção, em certos períodos do ano, era farta e representava abundância. Receber um convidado com a mesa farta se tornava questão de orgulho. Quitandas como biscoitos e pães de queijo eram guardados em latas, à espera das comadres e compadres para visitas não agendadas, mas previstas dentro das práticas sociais.

A maneira de se receber um convidado, de se comportar frente à sociedade, de se reproduzir práticas e rituais são aprendidos/assimiladas a partir do meio em que se vive. A família se torna uma instituição fundamental na constituição dos valores de cada sujeito. Se a cultura é uma compilação de comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados por cada ser (CLAVAL, 2001), pode-se afirmar que ela é uma construção social, embora não defina, necessariamente, as condições de reprodução e escolhas de cada sujeito. Um indivíduo pode, por exemplo, crescer em meio católico e, em determinada fase da vida, se converter ao espiritismo. Neste caso, as raízes do sujeito estão fincadas no catolicismo, mas elas não determinam suas opções ou preferências.

⁸⁰ Entrevista realizada com Telma Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

Durante as entrevistas era comum ouvir histórias sobre a influência da família nas práticas dos voluntários. Muitos lembravam que aquele tipo de trabalho era desenvolvido desde a infância, em companhia dos pais. Claval (2001, p. 65) afirma que “É também primeiramente na família que o adolescente é instruído sobre os rituais e mitos próprios da religião, à ideologia dos seus pais ou àquela que domina na sociedade da qual faz parte. [...]”

[Luana Marques] Tem quantos anos que a Sra. ajuda na festa?

[Ualda Januário] Ai, (risos), aí você quer saber minha idade, né?! Uns quarenta e... um punhado. Eu sou nascida e criada aqui. Deusde que minha mãe tava grávida a gente acompanha.... é tradição, né?! E aí passou, mas da família a única que sobrou fui eu. Os outros mudou de Uberlândia, eles num gosta muito, eu não, eu toda vida moro aqui, aí eu gosto de ajudá...⁸¹

[Benedito Ferreira] Mais vem de família, né? Tradição. Lá na de lá [na festa da Capela dos Martins – próximo ao Martinésia] que a minha irmã tá fazendo, dois sobrim meus tão... primeiro ano que eles tão andando na folia...

[Telma Ferreira] Tão cantando e tocando instrumento.⁸²

[Alda Vieira] Olha eu já fiz essa festa, minha irmã já fez, minha outra irmã já fez, o papai já fez, agora minha cunhada já fez, tá fazendo de novo. A gente não mede esforço pra fazer, você sabe o tanto que Santos Reis é lindo e maravilhoso na vida da gente.⁸³

A presença do jovem na festa desperta uma sensação de continuidade. É nesta época que se formam as identidades e reconhecimentos. A criança que acompanha/participa do fazer a festa crescerá com aquele conhecimento. Sabe-se que nem todos continuarão reproduzindo tais práticas, mas as conhecerão.

Entendemos que o lugar atua diretamente na continuidade das práticas. “Eu sou nascida e criada aqui. Deusde que minha mãe tava grávida a gente [a família] acompanha.... é tradição, né?! E aí passou, mas da família a única que sobrou fui eu. Os outros mudou de Uberlândia, eles num gosta muito, eu não, eu toda vida moro aqui, aí eu gosto de ajudá.” Eu ajudo porque sou daqui e moro aqui. Os outros

⁸¹ Entrevista realizada com Ualda Martins Januário, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁸² Entrevista realizada com Telma e Benedito Donizete Ferreira, em sua fazenda localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

⁸³ Entrevista realizada com Alda de Fátima Vieira, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

acompanhavam, mas mudaram e não ajudam. Eles não gostam, por isso não retornam. Nessa perspectiva, a festa só tem significado no lugar e a tradição só sobrevive num contexto específico.

Outros sujeitos, por sua vez, poderão crescer na festa e compô-la ativamente, como se consumissem uma herança familiar – caso da Dona Ualda, da dona Alda, do seu Donizete e de diversos foliões.

[Augusto Ferreira] Deusde a idade de 12 anos eu participo de folia de reis. Toda vida eu canto mesmo é na resposta de Reis... toda vida sempre na resposta e depois passei a ajudar o Dersão de capitão e to até hoje.⁸⁴

[Paulo Henrique Silva] [Quando criança] Eu comecei a tocá numa sanfona de tijolo, eu quebrava aqueles tijolão lá e comecei a tocar nessas folia aqui... nós tinha uma folia de rapaizim aqui, nós fazia festa e... depois passei pro pandeiro, depois comprei um cavaquim, falei: não, não vou mexer com cavaquim não, vou comprar um acordeom. O finado meu pai comprou uma 48 pra mim, depois comprei essa 80 – que tô com ela. Aí fui pelejando, pelejando, pedi Santos Reis pra me ajudá a aprendê um pouquim, aí aprendi um pouquim.⁸⁵

A noção do sobrenatural, da fé, do Deus e entidades intangíveis são projetadas na juventude. Na infância a criança observa os comportamentos e práticas dos familiares, utilizando-os como referência durante o restante da vida. Isso não significa que o modo de vida será reproduzido, mas é inegável que ele será entendido.

Durante uma das entrevistas o Sr. José Adolfo fez uma observação interessante. Para ele, a festa continua, pois é repassada de geração em geração. Todavia, ele lembra das possíveis rupturas, como o caso dos filhos não darem continuidade à manifestação – papel que acaba sendo exercido pelos netos.

[José Adolfo] Agora tamos numa transmissão de geração: os filhos dessas pessoas que fazem a festa até agora não se manifestaram assim no sentido de dar continuidade. Mas muitas vezes acontece dos filhos não se manifestarem, mas os netos se manifestarem. É

⁸⁴ Entrevista realizada com Augusto Alves Ferreira, em sua residência no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

⁸⁵ Entrevista realizada com Paulo Henrique Dias da Silva, o Boião, no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

*uma coisa que pula uma geração, mas a outra recupera, então eu acredito que isso possa acontecer nesse caso aqui...*⁸⁶

Observando Martinésia, a proposição do Sr. José Adolfo se torna consistente. Por outro lado, também devemos pensar no tempo livre desses sujeitos. As crianças e os avós aposentados tendem a dispor de um tempo de não trabalho maior, se comparados aos adultos em idade produtiva.

[Augusto Ferreira] **Meus filho até não participa não, masês acha bão, na moda do outro,ês é tudo católico e vai sempre na festa, masês nunca participo de se folião não, agora meu irmão ali é folião, é... toca toda vida saiu também com a folia... o meu irmão que mora em Goiânia também é de folião, os outros que morreu tudo participo também...**⁸⁷

[Derso Dias] [...] e nós tá continuando nessa folia, tem uns rapaizim mais novo aí que tá saindo com nós, aprendendo... é bom também. **Tem um neto meu ali que tá doidim pra sair também, tá querendo, também.**

[Luana Marques] Quantos anos ele tem?

[Derso Dias] Ele deve ter uns... não sei direitim... deve ter uns 14 anos, mas ele já tá aprendendo a tocar um violão, coisa e tal, aí...⁸⁸

[Reyner Rocha] Eu tenho 24 anos, recém chegado aos 24 anos e... sou muito devoto dos Três Reis Santos, **também venho de uma família de foliões, porque da família da minha mãe o meu avô – pai dela – era folião e até então desde criança ele sempre acompanhou, sempre gostou,** a minha mãe também muito devota, sempre gostou da folia de Reis e... eu vendo muito criança, por volta de 6, 7 anos vendo o pessoal, acho que foi quando eu entendi, comecei a entende e gostá, o que que era folia de Reis. Eu... apaixonei, de tal forma que também não imaginava tá num lugar de folião.⁸⁹

Ser folião representa agir pelo Santo. Para alguns, é um vislumbre, um sonho de menino, formado juntamente com sua própria identidade. Além disso, prática é

⁸⁶ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

⁸⁷ Entrevista realizada com Augusto Alves Ferreira, em sua residência no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

⁸⁸ Entrevista realizada com Derso Pereira Dias, em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

⁸⁹ Entrevista realizada com Reyner Ferreira da Rocha, durante os giros da folia, em dezembro de 2010.

tratada como sagrada, e sua reprodução normalmente é estimulada pela família. O folião costuma empreender sua jornada na juventude. Por vezes segue a vida toda cantando em alguma companhia, mas também há aqueles que interrompem a carreira por tomarem rumos destoantes da prática de cantar aos Três Reis. Alguns conciliam trabalho e folia. Todos crêem. Crêem no santo que carregam na bandeira, no coração e nos versos. São devotos que propagam a história de três sujeitos que seguiram uma estrela e encontraram o recém-nascido filho de Deus.

*[Rubens Moreira] Era uma **grande vontade** de entrar na folia de Reis, então um belo dia um folião – José Geraldo – ele viu eu e meu companheiro Reyner, cantando, sendo assim ele falou: esses cara dá certo em folia de reis. [...] Tem 5 anos que eu saio [...] eu encaixei na primeira e acho muito bom, porque é algo que não deve deixá morrê. É uma tradição milenar mesmo, chega arrepiada e a partir dessa oportunidade **realizou um sonho meu**, sabe? Eu via os folião chegando em casa assim e cantando... eu [pensava] “nó, um dia eu poderia estar ali”, hoje graças a Deus tô dando até uma entrevista, nem passava pela minha cabeça e... tô adorando estar com eles aí, e vamos continuar a tradição. Se depender de mim não vai acabar não, não tenho projeto de ser capitão, mas quem sabe eu ali na resposta, eu vou aprendendo, com certeza, e o dia que os Senhores forem [falecerem], vamos tentar prosseguir a religião... essa penitência muito bonita.*

[Luana Marques] E os seus pais?

*[Rubens Moreira] Ah, eles acham muito bom, porque eu fui criado na religião católica, a gente vê aí muitos pais nem levam os filhos nem numa igreja e eu sempre fui, desde novo, direcionado a essa religião que eu gosto tanto, sabe? E... a folia de reis englobou isso pra minha vida e **eles acham muito bom, porque sente orgulho, né?! Do filho tá chegando na própria casa, na nossa casa ou na casa deles, cantando...** eles não imaginavam isso, então eles ficam muito lisonjeados, sabe? Eles já me disse, eles acham muito bom.⁹⁰*

A fé da família se materializada na ação dos filhos “[...] sente orgulho, né?! Do filho tá chegando na própria casa, na nossa casa ou na casa deles, cantando [...]”. Mas o canto não é secular, é um canto sagrado que desperta lisonjeio, contentamento. O filho segue o caminho do bem, o caminho do santo.

Durante boa parte das minhas conversas com os sujeitos – tanto a preparação da festa, como em visitas aos moradores do distrito – um

⁹⁰ Entrevista realizada com Rubens Gonçalves Moreira, durante os giros da folia, em dezembro de 2010.

questionamento sempre aparecia: qual será o futuro da festa? Como o “de dentro” pensa aquela manifestação nos próximos anos e décadas? Dos mais velhos ouvi constantemente que o tempo deles está se esgotando. Os mais jovens, por sua vez, faziam promessas de continuidade. Quase todos acreditam na permanência.

[Luana Marques] E a Senhora vai [ajudar] até quando?

[Ualda Januário]: Ah! Não, eu to assim.... pra mim descansar. Como diz: vou tentá, aí a gente vai fazer assim, o que a gente vê que tá dando conta ainda, só que tá ficando pesado. Num vai muito tempo mais não.

[José Januário]: to pendo demissão já (risos).⁹¹

[Augusto Ferreira] E quero ver se consigo também até o fim da minha vida sempre ajudando aqueles que precisam sair na companhia de Santos Reis, eu vou participando até o fim da minha vida, se Deus quiser.⁹²

[Luana Marques] Você é novinho, você acha que continua?

[Reyner Rocha] Espero que sim, porque a minha vontade é continuar. Por mais que a gente encontre dificuldades, porque tamo começando agora, tem início de carreira... tudo, o profissionalismo entra em jogo também, mas é... a realidade é que eu quero viver é ser folião também, entendeu? Então é unir o útil ao agradável. É uma emoção e eu quero seguir sim. A gente não sabe o dia de amanhã, mas eu pretendo continuar.⁹³

[Luana Marques] Vai manter [a festa]?

[Elizângela Pinto]: Se eu tiver viva, mantenho sim, pode ter certeza. [...] Mas são muito poucos, são muito poucos [jovens] que tem essa disponibilidade, mais porque fica lá na cidade e fala: ‘ah, vou pra roça, ficar lá enfurnado, não... vou ficar na cidade divertindo’. São pouco, são raros que quer ter o prazer, porque como ela disse, vai tá se doando, não ganha nada em troca. São muito poucos que tem essa disponibilidade.⁹⁴

Os voluntários ajudam de acordo com a própria disponibilidade. Soube de muitas senhoras que ajudaram até o fim da vida. Anualmente estavam entre os

⁹¹ Entrevista realizada com Ualda Martins Januário e José Januário (Zequinha), durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁹² Entrevista realizada com Augusto Alves Ferreira, em sua residência no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

⁹³ Entrevista realizada com Reyner Ferreira da Rocha, durante os giros da folia, em dezembro de 2010.

⁹⁴ Entrevista realizada com Elizângela Moreira Pinto, na fazenda de seus sogros (Benedito e Telma Donizete Ferreira) localizada no entorno do Distrito de Martinésia, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

sujeitos da festa, trabalhando na cozinha, na decoração, na limpeza, e onde era necessário.

Alguns jovens, por sua vez, manifestam a pretensão da continuidade, mas no caminho estão diversas outras opções de utilização do tempo livre. Na época dos pais e avós desses sujeitos, as festas eram uma das poucas diversões possíveis, sobretudo no meio rural. Hoje, a comunicação e as redes estimulam que os indivíduos vivenciem o lazer urbano, da moda. “Ah! Vou pra roça, ficar lá enfurnado, não... vou ficar na cidade divertindo”. O campo ainda guarda uma conotação da vida pacata, sem diversão, ao contrário da cidade, onde teoricamente residem as grandes possibilidades.

Há também aqueles que lembram as dificuldades da permanência.

[Miralva Calábria] Eu... acho que já tá ficando difícil... porque os velhos já passaram por essa festa, já estão até repetindo e... a juventude acha difícil, porque é uma responsabilidade muito grande. Por isso que eu acho difícil, mas eu tenho fé em Deus e em Santos Reis que ela não acabe não, porque é muito bom essa festa. A gente trabalha mesmo com amor, procurando fazer o melhor e... por aí a fora.⁹⁵

[Luana Marques] Como que a senhora vê a festa do futuro?

[Luzia Borges] É, eu já até comentei isso com a minha irmã, porque todas essas senhoras que ajudam fazendo doce – porque não é fácil fazer um tacho de doce de 50 litro de leite, mexer aquilo uma tarde toda, né?! – e... eu acho que no futuro nós não vamos ter esse número de pessoas pra ajudar não. Porque as cozinheiras, as doceiras, as filhas delas já não estão ajudando, né? São elas mesmo, então acho que no futuro as pessoas vão ter que alugar um self-service pra fazer a janta pro povo (risos).

[Luana Marques] E a religiosidade?

[Luzia Borges] A religiosidade continua, só falta o jantar do dia da festa é que vai ser encomendado, (risos) num restaurante. Ai ai, isso é brincadeira, né? Sempre chega gente nova pra ajudar. Santos Reis ajuda que sempre aparece.⁹⁶

É certo que para a festa permanecer ela deverá se adaptar. “[...] eu acho que no futuro nós não vamos ter esse número de pessoas pra ajudar não [...] então acho que no futuro as pessoas vão ter que alugar um self-service pra fazer a janta pro

⁹⁵ Entrevista realizada com Miralva Calábria, durante os preparativos da festa, em janeiro de 2011.

⁹⁶ Entrevista realizada com Luzia Alves Borges, em sua residência, no Distrito de Martinésia, janeiro de 2011.

povo.” Para dona Luzia, a forma de preparar o jantar não anularia a essência da festa, apenas modificaria as técnicas utilizadas. Pensando a festa futura, ela acredita que a quantidade de voluntários não será suficiente para a continuidade das práticas culinárias artesanais. Contudo, a essência da festa, pautada na comida e na religiosidade, se manterá.

A adaptação não pressupõe a supressão da essência da festa, cuja qual está guardada junto aos sujeitos que vivenciam as práticas e manifestações da cultura no cotidiano social.

[Luana Marques] E o futuro da festa? Como o Sr. pensa que a festa vai ser daqui a 50 anos.

[José Adolfo] Cinquenta anos é muito hoje. Talvez daqui uns 10 dá pra gente pensar. Eu acho assim... ela tá se transformando, mas acho que ela tem uma essência que deve permanecer porque é uma coisa importante para as pessoas, então enquanto isso for importante pras pessoas ela permanece. Ela tá modificando... Antes ela... por exemplo a festa na fazenda do meu pai era muito improvisado, você fazia quase com lona de circo, hoje não, tem uma infraestrutura... isso é interessante. A festa hoje ela tem um patrimônio já, tem uma cozinha, ela tem os tachos de cobre. Ela tem um patrimônio que é da festa, foi sendo doado, né? Enquanto que antes era mais improvisado, mas ela mantém uma essência.⁹⁷

A doação como motivação de se fazer a festa continua presente na comunidade porque é importante para o sujeito. O jantar deve ser garantido, mesmo que seja industrializado. A reza também continua, mesmo que no espaço da igreja e com menor destaque. Essas são algumas das alterações e adaptações que permitem a continuidade da festa. Algumas falas também tratam da renovação.

[Reyner Rocha] Foi uma oportunidade que até uma pessoa muito querida nossa que é o José Geraldo, ele sentiu a vontade de tá renovando, sempre colocando coisas novas na folia de Reis, porque essa tradição ela vem seguindo a séculos, então pra continuá, [convidaram] duas pessoas jovens que era eu e meu companheiro Rubinho.⁹⁸

⁹⁷ Entrevista realizada com José Adolfo de Almeida Neto, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

⁹⁸ Entrevista realizada com Reyner Ferreira da Rocha, durante os giros da folia, em dezembro de 2010.

Parada no tempo, a folia se desfaz. Os novos integrantes substituem os foliões mais idosos que não conseguem mais fazer o giro. Isso permite a renovação e a continuidade da cantoria e da realização das jornadas.

Os jovens estão na festa. São poucos, mas valorizam e gostam do que fazem. Trabalhar para Santos Reis, na contemporaneidade, é uma escolha dentre inúmeras outras apresentadas numa sociedade cada vez mais dinâmica. Esses jovens aliam o novo e o velho, tocam na folia e também divulgam seu trabalho na Internet. O trânsito entre o rústico e o moderno é, para esses sujeitos, feito de forma natural, cotidiana.

Pensando no movimento e nos ciclos festivos, temos a fala do Sr. Renan Vieira:

[Renan Vieira] Mas não é só eu, isso é tradição, a festa passa, vou passar prum novo festeiro, aquele festeiro vai passar pra outro. Não é só minha família que faz, quem quer pegar a festa tá na hora de pegar a festa, só que ela não pode parar, tem que haver continuação.⁹⁹

A festa continuará se o sujeito também continuar, porque ela reside, primeiramente, no interior de cada ser. A permanência pressupõe amor, identidade, doação. Esses sentidos e suas consequentes ações garantem o direito à festa. Direito que só é usufruído mediante o reconhecimento da festa como tal – espaço e tempo de mediação, de trocas.

Observar as entrelinhas dos discursos e viver a festa foi fundamental para entender os sujeitos enquanto componentes dessa manifestação. Eles são múltiplos e, em sua multiplicidade produzem o autêntico, mesmo em meio ao esperado. Os cheiros, as cores, os sorrisos e sabores vivenciados nunca se repetiram, porque o fluxo não permite que as práticas, expressões e elementos sejam idênticos.

Nessa perspectiva, a festa muda cotidianamente, pois o sujeito é ser de transformação. O efêmero se conjuga com o constante/estável e juntos promovem um movimento dialético único e complexo. É o movimento dos fluxos que se manifestam em torno da essência. Cria-se um corpo único, dinâmico que mescla o passageiro e a tradição, o fluxo e o fixo.

⁹⁹ Entrevista realizada com Renan Vieira, durante os preparativos da festa em janeiro de 2011.

O direito à festa só se faz pelo possível. O sujeito “de fora” que chega apenas no dia do evento de encerramento com o intento de ajudar no mutirão não é aceito pelos “de dentro”, esse direito não foi construído ao longo do tempo. Já aquele que contribuiu com o trabalho ou é um visitante convidado pelos “de dentro” tem acesso livre ao barracão. Essa é a festa possível, que delimita territórios, que discrimina, mas também que acolhe. Na festa (e na vida) as ações geram reações.

O direito à festa é, portanto, concedido à medida que o sujeito (espectador ou voluntário) estabelece sua humanidade frente à manifestação. Existir enquanto indivíduo e estabelecer trocas pressupõem sua existência enquanto ser. E ser, enquanto ser, outorga o direito à festa, pois ela existe dentro e fora do sujeito, o modificando e sendo modificada por ele.



Olhares

Olhei a festa

Dela participei

Nela me encontrei

Encontrei meu eu

Minha geografia

Olhares passados

Olhares do presente

Olhares que delineiam o futuro

Olhares de uma geógrafa

Alguém que tenta olhar de uma forma diferente

A subjetividade do outro

Do indivíduo

A subjetividade única

Aquela que constrói o coletivo.

Luana M. Marques

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considere um desafio perturbador e prazeroso estudar as festas populares. Encantou-me perceber a leveza, fluidez, estética, sonoridade, cores e sabores destas manifestações. Durante toda a pesquisa, as festas me provocaram em suas contradições: fazem parte de um universo da representação, mas suas práticas são efetivamente reais; são livres ao mesmo tempo em que se prendem a redes sociais, econômicas e culturais; coexistem em diversos tempos e espaços... Estas características dão o tom das festas, proporcionando a elas singularidades, unicidades, sendo que estas riquezas e contradições fazem com que se reinventem e permaneçam ontologicamente. Pode-se afirmar, portanto, que as festas são unidades onde coexistem sujeitos, motivações, elementos, estruturas, poderes, tempos e espaços diferentes. Todos eles distribuem, relacionam, fundem e comunicam-se em redes.

Confesso que iniciei a pesquisa com a cética sensação de que a cultura popular e, conseqüentemente, a festa, estariam liquidadas em algumas décadas. As manifestações espontâneas tornar-se-iam produtos massificados divulgados pela mídia. Esta sensação me causava desconforto e até certa revolta.

Por vezes esperamos encontrar, inalterado, aquilo que foi conhecido em outro tempo, em outro contexto histórico, sem permitir-lhe transformação e re-adequação. Apesar de admitirmos que o desenvolvimento social possua uma dinâmica que produz e reproduz o espaço, com tudo que isso comporta, não é incomum esperarmos a imutabilidade daquilo que para nós é importante. Esperei encontrar a mesma festa da qual participei ainda criança; porém, em primeiro intento, desconsidere que eu mesma não possuo mais aquele olhar, que as relações que hoje possuo com o lugar, apesar de intensas e fartas, não são lentes como aquelas pelas quais vi e vivi a festa daquele tempo. De maneira conservadora, tradicionalista e, por vezes, antiquada, tendemos à exigência da permanência, da manutenção de valores e significado que nos são individuais, pessoais. Será que a “Festa de Parintins” é a mesma festa de trinta anos atrás? Será que ela possui o mesmo significado para todos os participantes? A festa deixou de ser apropriada pelas pessoas do lugar a partir do momento em que tomou contornos de espetáculo? A

festa não é mais festa, ou não é mais a mesma festa. E a Festa de Santos Reis, ela é menos festa, após tantas transformações?

Eu tinha a impressão de que as intensas mudanças contemporâneas poderiam atingir e eliminar as festas. Com um olhar imediatista, não refleti sobre as constantes modificações sofridas pela cultura ao longo das décadas e séculos anteriores. O que não entendi naqueles dias (e que somente agora percebo) é que o sentimento dos “de dentro” era diferente do meu. Eles não se incomodavam com o consumo da festa, ao contrário, a presença do “de fora” pressupunha reconhecimento ao trabalho doado. E reconhecimento gera sensações diferentes do assalto ao que era dado.

A festa foi feita para o consumo. Penso que todos sabiam disso, menos eu. As barracas, os comerciantes informais, a bugigangas, as músicas “exóticas”, entre outros elementos que, aparentemente, descontextualizavam a festa, na verdade estavam gerando movimento à manifestação e atraindo os sujeitos – inclusive aqueles que não conheciam o nome do santo. É por isso que a festa ainda existe. A existência – e resistência – reside na renovação, no fluxo que permite a indexação do “de fora” ao “de dentro”. Trata-se do movimento materializado pelas ações humanas.

Se tal cenário é bom ou ruim, não cabe juízo de valor, afinal as coisas são como são, re-existirão a partir da ocupação do seu lugar no mundo. Basta entender que o movimento induz a festa do possível, mediante as carências e motivações do sujeito. A festa do possível continua, ainda que diferente. Nem melhor, nem pior. Ela não é a festa da memória, mas o evento do presente que se torna lembrança do passado no futuro. Desse modo, a memória também é movimento, depende de referenciais. No tempo-espço ela se modifica, assim como seu sujeito.

Para entender esses movimentos foi imprescindível perceber a cultura como uma prática relacional, que não se encontra linearmente, mas se forma a partir de fluxos e nós numa rede complexa de sujeitos, lugares e ações. Percebi, então, que mesmo que a festa seja tomada, comercializada e se torne um simulacro, a cultura popular continua intrínseca ao homem, permanecendo viva enquanto ele existir. Por isso, sempre haverá reinvenções, ressignificações e metamorfoses envolvendo a cultura.

Fazemos parte de uma teia global e, embora pensemos que nossas ações, estudos e trabalhos não trazem contribuição efetiva para a humanidade, atuamos

direta e indiretamente para a (re)formação e expressão de valores éticos. Isso também faz movimentar a vida. Reforço que somos parte de uma teia. Nela agimos, ela modificamos.

Num contexto de fluxo, é importante perceber o fixo, pois é nele que se delineiam as tradições. A tradição é entendida como um “suporte para a memória”. Ela retorna ao passado para alimentar o presente. É o que fica do ontem no movimento do hoje. Nas festas de Santos Reis de Martinésia, por exemplo, ficaram as doações, os sujeitos, o mito (mesmo que parcialmente destituído de sua influência), as cores, a comida, a música, a fartura, as mediações, as territorialidades... Portanto, mesmo que transformadas, as relações permanecem. São essas permanências que mantêm a tradição e a essência da festa.

Por outro lado, o movimento também admite perdas. O momento se esvai, assim como o poder do sagrado, a estética espontânea, os sujeitos, o domínio da festa pela comunidade... No fluxo festivo as adições e supressões conferem singularidades e personalidade à manifestação cultural.

Como parte do fluxo o sujeito tem direito à festa. Nela o ser existe enquanto indivíduo que estabelece relações próprias no espaço, ao mesmo tempo em que compõe o coletivo. Transformamos a festa e somos transformados por ela. Trata-se de um ciclo que é influenciado pelo movimento do humano. O uso quer dizer que este ciclo é o ciclo humano, registro em que o tempo tende em transformá-lo.

“Pense numa fábrica de doces...” Essa fictícia reflexão foi tratada na apresentação deste texto dissertativo. Questionou-se se o doce ainda seria o mesmo. Espera-se que o interlocutor tenha chegado a uma conclusão. Acredito que o doce continua sendo o doce. É essencialmente a mistura e cocção de açúcar, água e frutas, ou açúcar e leite, ou outras composições. A família também continua trabalhando com esse produto. O que muda é a forma de fazer, é o tipo de produção, é o alcance daquele doce. O modelo artesanal em que todos detinham o conhecimento integral do processo foi abandonado e as práticas se tornaram especializadas. Mas o doce permanece como doce, mesmo que diferente do imaginário. O cenário já não é formado pela mãe que se doa ao serviço de transformação de açúcar, frutas, leite, entre outros ingredientes, em preparações culinárias, no entanto há um cenário e nele se produz o doce.

O doce continua, assim como a festa. Amanhã, depois de amanhã e enquanto existirem as humanidades, a festa permanecerá. Persistirá tecendo relações, redes

e mediando trocas no tempo e espaço. Sendo assim, a cultura não morre, porque modifica e é modificada pelo seu progenitor: é arte, música, dança, paixão, conflito, humano. Nesse misto de elementos e sentimentos a festa é vivida. Existem aqueles que se reconhecem na festa, pelo que se envolveu, pelo que se dedicou, estes se identificam com o movimento da festa. São os indivíduos que realizam a festa e a fazem acontecer, não estão sujeitos à festa do acaso, imprimem-lhe seus contornos, dão-lhe sabor, som e textura. É a partir do espaço de representação, que em última instância é a festa, que outros conceitos e ponderações, participações podem se anexar, sem, contudo, neutralizar o que seja a festa, o que seja o seu sujeito.

Diante disso, pode-se afirmar que a festa existe e existirá enquanto houver o significado para aqueles que estão dispostos a fazê-la realizar-se. Pois a festa comunga-se com o tempo e com o espaço. Tal elaboração foi sintetizada em uma fala despretensiosa do Sr. Francisco Almeida (Calango). Quando perguntei se a festa ainda duraria muitos anos ele afirmou: “Há... dura! Já tem muitos anos que ela anda aí.” Se há anos ela se renova e se recompõe na festa do possível, não há o que desabone sua permanência em novos tempos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauro William de. **Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares entranhadas nas ondas do progresso e da modernidade de Uberlândia (1980/97).** Uberlândia: UFU, 1999. (Monografia de História).

AFONSO, Eduardo. **Vídeo: Folia De Reis - Legítima – 1988, Uberlândia - Faz.**

Mario Giaretta. (Arquivo). Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=Jm1ogrGsRFI>>. Canal Youtube

<<http://www.youtube.com/user/eduardoarnolde>>. Acesso em 05 mar. 2011.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério".** 1998. Disponível em:

<<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 11 out. 2007.

AMARAL, Rita. Festas, festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. In: **Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades** – CIRS/CASO/CEFET. Natal, 2008.

ANDRADE, Solange Ramos de . O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 67. Dezembro de 2006. Disponível em <www.espacoacademico.com.br/067/67andrade.htm>. Acesso em 11 fev. 2011.

ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus: memória histórica de Uberlândia.** Uberlândia: EDUFU, 2003.

BETTANINI, T. **Espaço e Ciências Humanas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BÍBLIA SAGRADA - Edição Popular. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações.** São Paulo: Ática, 1992.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua.** Campinas: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Folia de Reis em Mossâmedes.** Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**. 18 (52), 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. (orgs.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BRASIL. Ato Declaratório Executivo Cosit nº 4, de 29 de janeiro de 2010. Divulga o valor do dólar dos Estados Unidos da América para efeito da apuração da base de cálculo do imposto sobre a renda, no caso de rendimentos recebidos de fontes situadas no exterior, no mês de fevereiro de 2010. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 2 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/AtosExecutivos/2010/COSIT/ADCosit04.htm>>. Acesso em 22 set. 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em redes**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS - FACULDADE GETÚLIO VARGAS (CPS/FGV). **Retratos das Religiões no Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/religiao/>>. Acesso em 23 ago. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

CHAUI, M. **Cultura e democracia**: O discurso competente e outras falas. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006a, p. 32-54.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural** - O Direito à Cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006b.

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo Livros, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DICIONÁRIO PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 30 de out. de 2010.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva S.A, 1979.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fonte, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares e a expansão do turismo**. São Paulo: ECA/USP, 2001.

FREIRE, Gilberto. Características gerais da colonização portuguesa no Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. In: **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 04-87.

FREITAS GIL, Ana Helena Corrêa de; GIL FILHO, Sylvio Fausto. A representação do cotidiano na festa de Parintins – uma abordagem sociointeracionista. In: KOSEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Expedição Amazônica**: Desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas. Curitiba: SK Editora, 2009.

FONSECA; MARTINS. **Curso de estatística**. São Paulo: Atlas, 1994.

GABARRA, Larissa Oliveira. **Congado de Uberlândia**: relíquias e memória. In: História e Perspectivas, Uberlândia (34): jan. jun. 2006.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço de Representação: Uma Categoria Chave para a análise cultural em Geografia. In: **I - Encontro Sul - Brasileiro de Geografia Mudanças Políticas e a Superação da Crise**. Curitiba: AGB, 2003.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2011. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 5 out. 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2004-2008**. 2008. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2004_2008/default.shtm>. Acesso em 5 out. 2011.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelabrasil111.shtm>> Acesso em: 05 out. 2011.

IBGE. **Censo Histórico**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/default_hist.shtm> Acesso em: 05 out. 2011.

ÍCONE BANDEIRINHAS. **Bandeirinhas**. In: Blog Pequenos Prazeres. Disponível em: <<http://pequenosprazeres-mara.blogspot.com/2010/06/dia-de-sao-joao.html>>. Acesso em 09 mar. 2011.

ÍCONE COROA. **Coroa**. In: Blog Piscateca. Disponível em:

<<http://piscateca.blogspot.com/2011/01/dia-de-reis.html>>. Acesso em 09 mar. 2011.

ÍCONE FLOR. **Flor**. In: Desk Style. Disponível em:

<<http://deskstyle.wordpress.com/category/icones>>. Acesso em 09 mar. 2011.

ÍCONE SANTOS REIS. **Santos Reis**. In: Prefeitura de Arez. Disponível em:

<<http://arez.rn.gov.br/noticia/282>>. Acesso em 09 mar. 2011.

ÍCONE VASSOURA. **Vassoura**. In: Blog Claudio Pavão. Disponível em:

<<http://claudiopavao.blogspot.com/2010/08/limpar-ficha-e-sujar-constituicao.html>>. Acesso em 09 mar. 2011.

JORNAL DO MOSAICO. **São João das Missões investe no turismo ecocultural e na proteção da Reserva Indígena Xakriabá**. Número 02, Segundo trimestre de 2010.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Relações da sociologia com a geografia. In: **Confin**

[Online]. 2010. Disponível em: <<http://confin.revues.org/6302>>. Acessado em 20 de fev. de 2011.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribucion a La teoria de las representaciones. Tradução de Óscar Barahona; Uxo Doyhambouke. Fondo de Cultura Economica: México, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **Campesinato e fronteiras**: história e espaços camponeses no povoamento pioneiro do Triângulo Mineiro (1780-1820). In:

Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes. Ouro Preto, 2001. Disponível em: < <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/PES/pes0402.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: Rosangela Patriota; Alcides Freire Ramos. (Org.). **História e cultura: espaços plurais**. 1 ed. Uberlândia: Aspectus, 2002, v. 1, p. 335-345.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Folia de Reis: liturgia do povo recriando o mistério da vida. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. (orgs.). **Histórias & Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

MACIVER, R. M.; PAGE, C. H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

MARIANO, Neusa de Fátima. A divina Festa do Espírito Santo: uma manifestação da religiosidade popular em Mogi das Cruzes, SP. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**. N°25. São Paulo, 2009. PP. 89 – 108.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo: Pioneira, 1975.

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: _____. **Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARTINS, Saul. **Folclore: teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MARX, Karl. **O Capital: Volume I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MENDES, Maria Dolores. **Caminho da roça: os tempos lentos como sedução turística em Estrela do Sul**. UFU: MG. Monografia, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: CARLOS; CRUZ e YÁZIGI. (orgs.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99.

MESQUITA, Adailson Pinheiro; SILVA, Hermiton Quirino da. **As linhas do tecido urbano**: o sistema de transportes e a evolução urbana de Uberlândia – MG. Uberlândia: Roma, 2006.

MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade**: as territorialidades do distrito de Tapuira (Uberlândia/MG) – 1975-2005. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

PIEPER, Josef. **In tune with the world**: a theory of festivity. Indiana: St. Augustine's Press, 1999.

PINA, José Hermano Almeida. **A influência das áreas verdes urbanas na qualidade de vida**: o caso dos Parques do Sabiá e Victório Siquierolli em Uberlândia-MG. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **População**. Disponível em: <www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso em 8 mar. de 2010.

PROGRAMA TERRA DA GENTE. **O distrito de Martinésia**. 1988. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-QTrJe5A1T4>>. Acesso em 27 de fev. 2011.

RASTRELO E SILVA, Renata. Campo e Cidade: uma experiência de interação – o distrito de Martinésia e a cidade de Uberlândia. In: **Campo-Território**: revista de geografia agrária. V.3, N. 5, fev. 2008.

RASTRELO E SILVA, Renata. **Proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia-MG)**: viver e permanecer no campo – 1964-2005. 2007. Dissertação. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RECINE, Elisabetta RADAELLI, Patrícia. Alimentação e Cultura. S/D. UnB. Disponível em: <<http://www.turminha.mpf.gov.br/para-o-professor/para-o-professor/publicacoes/Alimentacaoecultura.pdf>>. Acesso em 10 maio 2011.

RIBEIRO, Gilmar José. **A festa de Santos Reis e as manifestações culturais de Mutum** – Estrela do Sul – MG. UFU: MG. Monografia, 2004.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Triângulo Mineiro e a construção da identidade regional de autonomia e modernidade. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. 2º sem. 2008. Nº 39, ano 21, p. 19-30.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. In: **Campo-Território**: Revista de Geografia Agrária. v. 1, n.1, fev. 2006. Uberlândia, p. 82-106.

SANTOS, Jacinto dos Santos. Complexidade Do Ser E Definição De Mundo No Pensamento Eco-filosófico De Heráclito. 2008. In: **Rede Netsaber**. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/artigos_de_sebastiao_jacinto_dos_santos>. Acesso em 12 ago. 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008b.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo** – Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

SANTOS, Rosselvelt José. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado – Metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008c.

SANTOS, Rosselvelt José. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In: **Revista Sociedade & Natureza**, 11 (21 e 22) jan/dez, 1999.

SANTOS, Rosselvelt José; ALMEIDA, Daniela Gomes de; BRACONARO, Fernando; LIMA, Samuel do Carmo. Práticas rurais, turismo e lazer nas especificidades dos lugares. In: SANTOS, Rosselvelt José. (Org.). **Práticas sociais e reordenamento econômico das atividades de turismo e lazer no entorno das UHE's Amador Aguiar I e II**. Uberlândia: Composer, 2007.

SANTOS, Rosselvelt José; ALVES e LIMA, Roger. Turismo religioso e as festas rurais de Uberlândia (MG), o maior centro urbano da Bacia do Rio Araguari. In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rosselvelt José. (Orgs). **Gestão Ambiental da Bacia do Rio Araguari**: rumo ao desenvolvimento sustentável. Brasília: CNPq, 2004.

SILVA, Renata Rastrelo e. Martinésia e as festas de São João Batista. In: **Caminhos de Geografia**. V. 6, N. 14, Fev/2005. Disponível em: <<http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/>>. Acesso em 02 maio 2011.

SILVA, Renata Rastrelo e. **Memórias, vivências e festas religiosas em Martinésia**. 2004. 64f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M., **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TEIXEIRA, Larissa. Folia de Reis movimenta comunidade de Martinésia. In: **Jornal Correio de Uberlândia**. 06 jan. 2010. Disponível em: <http://www2.correiodeuberlandia.com.br/texto/2010/01/06/42713/folia_de_reis_movimenta_comunidade_de_martinesia.html>. Acesso em 27 fev. 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Francisco Soderó. Religiosidade popular católica. In: **Nossa Terra, Nossa Gente**. Disponível em: <<http://www.valedoparaiba.com/terragerente/artigos/art0132000.html>>. Acesso em 11 de fev. 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

UBERLÂNDIA. **BDI – Banco de Dados Integrados, 2010**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em 21 set. 2011.

VALVERDE, Rodrigo R. H. F. **A transformação da noção de espaço público: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca**. 2007. 255f. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VASCONCELOS, Volnei Freitas. **A reocupação do Cerrado e o caminho da cidade**. UFU: MG. Monografia, 2002.

VIEIRA, Sonia Maria. **Folia de Reis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1967.

WHITE, Leslie A. **O conceito de cultura**. Educ. e Ci. Soc.; Rio de Janeiro, ano 5, 8 (14): 18-56; jun. 1960. (mimeo).

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

REFERENCIAIS CONSULTADOS

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Turismo e a produção do não-lugar**. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F.A.; CRUZ, R. de C. A. Turismo: espaço, paisagem e cultura. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 25-37.

DEL PRIEORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora S. A, 1989.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. **Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002**. 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Do presépio à balança: representações da vida religiosa**. A. A. Mazza Edições, 1995.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: Luiz Cruz Lima (org.). **Da Cidade ao Campo: A Diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: Editora FUNECE/UECE, 1998.

Machado, Maria Clara Tomaz. Ainda se benze em Minas Gerais. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo – RS. 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/>>. Acesso em 02 maio 2011.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (Orgs.). **Caleidoscópio - de saberes e praticas populares**. Uberlândia: EdUFU, 2007.

VALVERDE, Rodrigo R. H. F. Transformações da feira de São Cristovão: recriando o lugar do migrante. In: **Revista Mercator**. Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 81-90, jan./abr. 2011.

ENTREVISTAS

Alda de Fátima Vieira, proprietária de fazenda no entorno de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Augusto Alves Ferreira, folião. Reside no distrito de Martinésia. Entrevista realizada em sua residência, janeiro de 2011.

Benedito Donizete Ferreira, proprietário de fazenda no entorno de Martinésia. Entrevista realizada em sua fazenda, durante o giro da folia Renascer, dezembro de 2010.

Cezimar dos Reis Januário, industrial. Reside na área urbana de Uberlândia. Entrevista realizada em Martinésia, durante a festa de 2010, janeiro de 2010.

Derso Pereira Dias, folião. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Elizângela Moreira Pinto, estudante e nora de Benedito e Telma Donizete Ferreira. Reside na área urbana de Uberlândia. Entrevista realizada na fazenda dos sogros, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

Francisco Almeida (Calango) (*in memorian*), alferes da folia. Residia no distrito de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Isabel de Lourdes Dias Pereira, proprietário de fazenda no entorno de Martinésia. Entrevista realizada em sua fazenda, durante o giro da folia, dezembro de 2010.

José Adolfo de Almeida Neto, professor universitário. Reside em Ilhéus, no Estado da Bahia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

José Geraldo Pacheco, funcionário público e proprietário de fazenda no entorno de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Lindalva Mendes Rosa Vieira, proprietária de fazenda no entorno de Martinésia e festeira do ano de 2011. Reside na área urbana de Uberlândia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Luzia Alves Borges, professora aposentada. Reside no distrito de Martinésia. Entrevistas realizadas em sua casa ao longo dos anos de 2009, 2010 e 2011.

Miralva Calábria, do lar. Reside no distrito de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Paulo Henrique Dias da Silva (conhecido como **Boião**), folião. Reside no distrito de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Renan Vieira, proprietário de fazenda no entorno de Martinésia, protético e festeiro do ano de 2011. Reside na área urbana de Uberlândia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

Reyner Ferreira Rocha, folião. Reside em Martinésia. Entrevista realizada durante os giros da folia Renascer na área rural do distrito, em dezembro de 2010.

Rubens Gonçalves Moreira, folião. Reside em Martinésia. Entrevista realizada durante os giros da folia Renascer na área rural do distrito, em dezembro de 2010.

Silvio Ribeiro, folião. Reside em Martinésia. Entrevista realizada durante os giros da folia Renascer na área rural do distrito, em dezembro de 2010.

Telma Donizete Ferreira, proprietário de fazenda no entorno de Martinésia. Entrevista realizada em sua fazenda, durante o giro da folia Renascer, dezembro de 2010.

Ualda Martins Januário, do lar. Reside no distrito de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

José Januário (Zequinha), aposentado. Reside no distrito de Martinésia. Entrevista realizada em Martinésia, durante os preparativos da festa, janeiro de 2011.

APÊNDICE

A. Questionário aplicado durante a pesquisa

PESQUISA DE PERFIL – DEMANDA DA FESTA DE SANTOS REIS DE MARTINÉSIA / 2010

1. Gênero ☐ Masculino ☐ Feminino
2. Qual sua religião? ☐ Católica ☐ Outra: _____
3. Você é devoto de Santos Reis? ☐ Sim ☐ Não
4. Qual o nome dos Três Reis? (Baltazar, Belquior, Gaspar)
☐ Sabe ☐ Não Sabe ☐ Sabe Parcial
5. Como ficou sabendo da festa?
☐ Cartazes ☐ Amigos e/ou parentes
☐ Pela Folia ☐ Outro: _____
6. Quantas vezes você participou da Festa de Reis de Martinésia?
☐ 1ª vez ☐ 2 a 5 vezes
☐ 6 a 9 vezes ☐ Mais de 10 vezes
7. Quantas vezes você participou de outras Festas de Reis (exceto as de Martinésia)?
☐ 1ª vez ☐ 2 a 5 vezes
☐ 6 a 9 vezes ☐ Mais de 10 vezes
8. O que você mais gosta nas Festas de Reis?
☐ O Baile – a confraternização, a festa, os amigos ☐ As rezas
☐ A comida
☐ A folia e sua cantoria
☐ Outro: _____
9. Já trabalhou na festa?
☐ Sim ☐ Não

Se sim, em qual(is) função(ões)?
☐ Cozinha ☐ Festeiro ☐ Folião
☐ Outro: _____
10. Você acompanhou a chegada da bandeira? *(Se acompanhou a procissão de chegada da bandeira na quadra hoje)*
☐ Sim ☐ Não
11. Você acha que a Festa de Reis pode ser um atrativo turístico?

() Sim () Não

12. Comprou ou comprará bebidas durante a festa? () Sim () Não
Se sim, de que tipo?

() Alcoólicas () Não alcoólicas () Ambas

13. Qual a quantia em dinheiro que você pretende gastar na festa? (*bebidas, comidas, produtos de camelô, etc*)

() Nada

() Menos que R\$10,00

() De R\$10,01 a R\$20,00

() De R\$20,01 a R\$30,00

() Mais que R\$30,01

14. Formação escolar (*Estudou até que série?*)

() Analfabeto

() Fundamental incompleto - até 7ª série

() Fundamental completo - até 8ª série

() Médio completo

() Superior completo

() Pós graduação completa

15. Profissão: _____

16. Qual seu local de residência? (*cidade e bairro*)

17. Quantas pessoas residem na sua casa (contando com você): _____

18. Idade: _____ anos

19. Renda familiar

() Até R\$ 465,00 (1 salário mínimo)

() De R\$ 465,01 até R\$1.395,00 (1,1 a 3 salários)

() De R\$1.395,01 até R\$2.325,00 (3,1 a 5 salários)

() De R\$2.325,01 até R\$3.720,00 (5,1 a 8 salários)

() De R\$3.720,00 até R\$5.580,00 (8,1 a 12 salários)

() De R\$5.580,01 até R\$ 9.300,00 (12,1 a 20 salários)

() Acima de R\$9.300,01 (20,1 salários)

20. Pretende voltar na festa em outros anos?

() Sim () Não () Não sabe

Agradeço a atenção e asseguro que as informações contidas nesse questionário são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

Mestranda: Luana Moreira Marques – 9678-7881

PESQUISADOR: _____